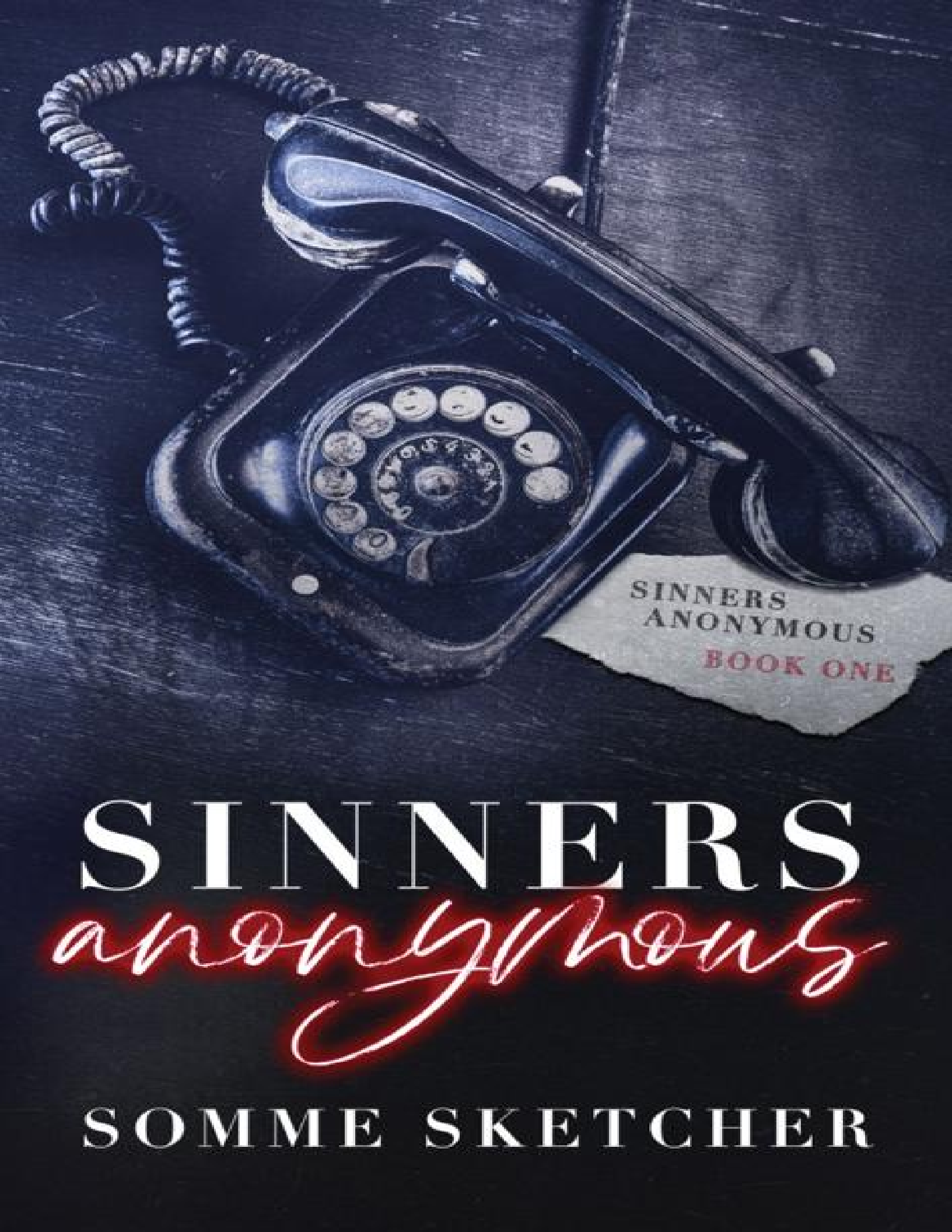


SINNERS anonymous

SOMME SKETCHER

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

O sobrinho do meu noivo conhece todos os pecados que cometi. Está prestes a se tornar o mais profundo e sombrio de todos.

Meu nome é Rory Carter e faço coisas ruins.

Há uma alma carbonizada sob esse exterior angelical e, às vezes, pergunto-me se minhas confissões semanais para a linha direta dos *Sinners Anonymous*[1] serão suficientes para curá-la.

Casar com o chefe da *Cosa Nostra* de setenta e poucos anos para salvar meu pai é a única boa ação que já fiz.

Estou queimando e amarga sob o riso falso e os vestidos justos, mas me controlando.

Estava. Até que o sobrinho do meu noivo aparece para jantar sem ser convidado.

Angelo "*Vicious*" Visconti.

Um belo mostro com maçãs do rosto tão afiadas como sua língua.

Dizem que não devo ter medo dele, porque nove anos atrás, ele se foi.

Quase não é mais o *Made Man,* mas digo, é o Visconti mais perigoso de todos.

Não só porque seu sorriso frio faz meu pulso latejar, ou a maneira como seu sotaque doce escorre pela minha espinha.

Não, ele segura todos os meus pecados em suas grandes e ásperas mãos. E os únicos pecados mais sombrios que os

meus, são os seus próprios pecados.

PRÓLOGO

NOVE ANOS ANTES

Angelo

Mulheres Visconti amam um concurso de mijo em funerais. Não importa se a falecida é sua mãe ou sua tia décima segunda, é sempre a porra de uma competição para ver quem consegue chorar mais.

Lamúrias, soluços, fungadas. Aqueles abafados por um lenço emprestado ou enxugados com um lenço de papel esfarelado, quase posso tolerar. São os gritos do outro lado da balança que me fazem querer mergulhar na lama com os mortos. Os gritos, os lamentos, os berros.

Arrasto meu olhar para longe do Bispo Francis e prendo a minha tia-avó Esme com um olhar furioso.

A porra dos gorgolejos.

— *Gesù Cristo.* — Meu primo, Tor, murmura do banco atrás de mim. — Cortei a garganta de um bastardo na semana passada. Ele fez exatamente o mesmo barulho.

Há uma ondulação na minha fileira e olho para a esquerda, para meu irmão, Rafe. Está mordendo o lábio inferior para reprimir uma risadinha. Ele chama minha atenção e ergue uma sobrancelha como se dissesse, o *quê? Foi divertido.* Ao seu lado, meu outro irmão, Gabe, olha para a frente, mandíbula de aço.

O bispo Francis continua falando, destruindo a liturgia. À medida que os gorgolejos de tia Esme ficam mais altos, uma prima de segundo grau que veio da Sicília, especialmente para a ocasião, decide que não ficará para trás. Solta um grito antes de se espremer para sair do banco, estalando seus saltos pelo corredor em direção ao altar e soltando um gemido que soa como um balão murchando conforme cai de joelhos na frente dos caixões.

Nem consigo lembrar o seu nome.

Desculpas murmuradas em italiano cortado. Olhares febris em minha direção. Um primo está em seu encalço e a arrasta de volta para seu assento, levantando a bainha de seu véu de renda para meio repreendê-la, meio para confortá-la.

O bispo Francis, porém, perdeu sua linha de pensamento. Agora está gaguejando sobre suas palavras e embaralhando papéis e, atrás de mim, posso sentir a mudança de humor.

Entendo. Os funerais católicos romanos são terrivelmente longos. Mais quando há dois corpos para enterrar, e um deles é um diácono. Os bancos de madeira estão ficando mais duros a cada segundo, e as mentes estão se afastando da dor e indo em direção ao *Grand Visconti Hotel* em *Devil's Cove*, onde o velório acontecerá.

Ninguém dá uma festa como um Visconti recém-falecido, muito menos dois deles.

O bispo olha para o banco da frente, encontrando meu olhar. Dou a ele um pequeno aceno de cabeça como permissão para encerrar. Ninguém nesta igreja quer sair daqui mais rápido do que eu. Ele pigarreia e volta sua atenção para o clero.

— Caríssimos, a família pede que se juntem a eles no pátio para o sepultamento.

Olhos cheios de pena e lágrimas não gastas pousam sobre mim. Meus irmãos e eu nos levantamos e, com um último olhar demorado para os caixões, engulo o nó na garganta, reviro os ombros e abro caminho para os fundos da igreja. Ando a passos largos através do mar de sussurros, os olhos fixos nas portas de ferro à frente.

Quase lá. Quase acabando.

Meu celular vibra no bolso do peito. Espero que seja minha assistente me avisando que o jato está reabastecido e pronto para me levar de volta a Londres.

Um coroinha abre as portas e, por um momento, fico parado nos degraus e fecho os olhos, sentindo o vento gelado bater em meu rosto, o gelo beliscando meu nariz. O clima sempre foi mais extremo aqui no penhasco do que na cidade abaixo; os ventos e a chuva mais fortes. Mama, sempre otimista, nos lembrava que, embora fosse mais frio no inverno, era também sempre mais quente no verão.

A vida é uma questão de equilíbrio, Angelo. O bem sempre anula o mal.

Quando abro os olhos, Rafe está de pé ao meu lado e Gabe do outro. Ambos seguem meu olhar até as nuvens baixas, suas nuvens cheias com a tempestade que se aproxima.

Rafe solta um silvo. — Que belo dia para enterrar nossos pais.

Gabe não diz nada.

Pegamos o caminho de cascalho que serpenteia pelas lápides, até estarmos apenas alguns metros da beira do penhasco. Há dois buracos retangulares cortados na grama enlameada. Meus punhos cerram.

Lado a lado. Juntos pela eternidade. Haverá uma versão higienizada de sua história de amor gravada em uma lápide conjunta. Penso em todos os corredores no meio da manhã e turistas rebeldes que param para lê-lo e acreditam que é seu lembrete diário de que o amor existe. Entretanto, a verdade pecaminosa está enterrada dois metros sob eles.

Não importa que prosa romântica seja esculpida em uma lápide de mármore, o amor verdadeiro não existe. Não é nada além de esperança de uma forma diferente. Um conceito para os pobres e impotentes se apegarem quando não há mais nada.

Meus olhos se voltam para a maré de ternos e rendas que se filtram pelo cemitério em nossa direção. Fez os homens saberem que o amor não existe. Tios e primos seguram os pulsos de suas esposas e namoradas em vez de segurar suas mãos. Oferecem conforto limitado na esperança de calar a boca, enquanto verificam seus relógios, calculando quando poderão escapar para suas prostitutas, afrouxar suas gravatas e esquecer seus deveres para com a *Cosa Nostra*.

Os homens Visconti em particular não se apaixonam. Porque a queda sugere que foi acidental, e tudo o que esta família faz é frio e calculado.

Uma mão trêmula agarra meu ombro. — Alonso adoraria este lugar de descanso. — Diz tio Alfredo, com a voz embargada pela emoção. — Agora, pode olhar para sua igreja e para baixo em sua cidade. Ele construiu os dois do nada, sabe?

Olhando para a pilha de terra que está prestes a pesar sobre minha mãe, ofereço a ele um breve aceno de cabeça. Ele me dá um tapinha nas costas e dá um passo para trás. Uma coisa digo ao tio Alfredo, ele sabe pegar palpite.

Mama é baixada primeiro e me encontro afundando com ela; a única mulher por quem me ajoelharei. Meus punhos cerrados desaparecem na lama. Outra mão repousa em meu ombro e, pelo brilho do anel de citrino, sei que é de Rafe.

— Pai Celestial, porque escolheu chamar nossa irmã Maria Visconti desta vida para si mesmo, nós entregamos seu corpo à terra onde terá seu lugar de descanso final — diz o bispo Francis, suas palavras rapidamente arrebatadas pelo vento.

O calor branco se infiltra em meu sangue, e há aquela amargura de novo, queimando o fundo da minha garganta. Tem gosto de segredo e pecado, e não importa quanto uísque eu beba no avião para casa ou depois disso, sei que nunca me livrarei dele.

— …Cinzas às cinzas, pó ao pó… — continua o Bispo.

Queima de incenso, tufos de fumaça se fundindo com a névoa da manhã. Depois vêm as rosas. Vermelho-sangue e cheia de espinhos, caindo com um baque surdo na tampa de mogno. Rafe se agacha ao meu lado, leva o punho à boca e sopra. Com um movimento de seu pulso, um par de dados se espalha pela tampa, rolando para fora da curva e caindo no espaço entre o caixão e o solo.

— Para minha dama da sorte — murmura, passando a mão pelo cabelo. — Boa sorte lá em cima, Mama.

Gabe também cai de joelhos. Em vez de jogar a rosa na mão, inclina-se, planta os lábios na madeira e murmura algo longo e sincero. É o máximo que o vi falar em anos.

As flores e os cartões param de cair, e os olhos se voltam para mim, cheios de expectativas.

Lentamente, tiro algo do meu bolso. A embalagem amassa em minha mão e a coloco com cuidado sobre o caixão para

não quebrar.

Há uma pequena risada ao meu lado. — Um biscoito da sorte — Rafe diz fracamente, um sorriso triste esticando seus lábios. — Por que não pensei nisso?

Mama acreditava no destino tanto quanto acreditava em Deus, mas enquanto ela estava contente por nunca ter visto ou ouvido o grande homem no céu, constantemente buscava provas de que o destino existia. Procurou por isso em todos os lugares. Leituras de tarô de cinco dólares feitas por ciganos na feira, o pequeno chaveiro de bola oito preso às chaves de sua casa. E malditos biscoitos da sorte. Mama vivia por eles; abria um depois do jantar todas as noites, tirando delicadamente a pequena tira de papel como se fosse um artefato precioso. Encontraria significado em qualquer profecia vaga que contivesse, então trabalharia para ajustar e moldar sua vida em torno disso.

Foi um biscoito da sorte que a trouxe de Nova York para *Devil's Dip*, Washington, em primeiro lugar.

Busque a esperança onde o ar é salgado e os penhascos são íngremes.

Ela amava esta maldita cidade porque achava que era seu destino começar uma vida aqui. Eu me pergunto, se curvada em uma carroça cigana ou balançando sua bola oito, viu que esta cidade também seria a sua morte.

Meu pai é baixado em seguida. Há um véu roxo sobre seu caixão e suas vestes verdes e douradas estão dobradas em cima. Os soluços recomeçam, mais altos do que eram para minha mãe. Eu me levanto e me viro para o mar, sentindo cada par de olhos de Visconti queimando minhas costas. Sei o que todos estão pensando. A morte do meu pai marca uma nova era para a *Cosa Nostra*, e começa comigo.

O novo capo do *Devil's Dip*.

Enquanto observo os barcos de pesca e os navios de carga balançando sobre as ondas abaixo, percebo que também posso sentir outros olhos em mim. Viro minha cabeça para a direita, meu olhar se estendendo pelo cemitério e para o outro lado da pequena via pública, onde uma multidão se amontoa sob o ponto de ônibus.

Minha mandíbula trava.

Malditos locais. Alguns estão sentados no banco, outros encostados na cabine telefônica com os braços cruzados. Todos estão assistindo meus pais serem baixados ao solo e, a julgar por seus olhares e roupas de cores vivas, nenhum deles está aqui para prestar suas homenagens.

Eu travo os olhos com um homem velho. Seu rosto é endurecido e desgastado pelo tempo, assim como todos os trabalhadores que passaram a vida lutando contra os elementos no porto abaixo. Está vestindo um casaco vermelho-tijolo e um cachecol amarelo, e depois de alguns momentos, puxa os lábios para trás para formar um sorriso de comedor de merda.

Meu pai sempre dizia que meu temperamento era diferente dos meus irmãos. A raiva deles queima lentamente como uma vela e é fácil de extinguir, enquanto a minha é como um fogo de artifício. Acenda meu fusível e explodo segundos depois, sem pensar no dano irreparável que causarei. *Você é cruel, filho.*

Uma grande característica para um capo ter. *Não.*

— Angelo, guarde essa maldita arma. — Tio Alberto sibila em meu ouvido, aparecendo de repente ao meu lado.

Nem me lembro de tirá-la da minha cintura, muito menos de apontá-la para o bastardo presunçoso do outro lado da rua, mas agora a multidão está se espalhando como um

bando de pombos abalado, murmurando palavras de pânico que se perdem no som das ondas quebrando e do vento.

Olho para trás. O bispo Francis parou de falar, as mulheres Visconti pararam de chorar e todos estão me olhando com simpatia, raiva ou confusão. Todos, exceto Rafe e Gabe, que estão com as mãos pairando sobre as armas na cintura. Rafe chama minha atenção e dá um leve aceno de cabeça.

Não é uma boa ideia, mano.

Apesar de estar a poucos metros de meus pais mortos com uma maldita arma na mão, solto uma risada.

Se Angelo pulasse do penhasco, você também pularia?

Mama costumava perguntar aos meus irmãos toda vez que os atraía para alguma merda estúpida quando éramos mais jovens. Queimando o velho celeiro na estrada, ou cortando os freios de nossas bicicletas para ver quem poderia ir de nossa casa no topo da colina até o lago no fundo o mais rápido.

A resposta deles não mudava. *Sim.*

— Estão aqui para se certificarem de que ele esteja realmente morto — rosno.

— Não, estão aqui para dar uma olhada no homem que irá substituí-lo. — Tio Alberto para a minha frente, bloqueando minha visão dos moradores se amontoando em caminhões e carros, e aperta meu queixo. Seus olhos são um coquetel de orgulho e tristeza. — Mal posso esperar para ver o que fará, Vicious. Vai deixar seu pai orgulhoso.

Meu músculo da mandíbula se flexiona contra seu polegar e, eventualmente, me solta. Com uma mão forte em meu ombro, ele me guia de volta ao túmulo, e o bispo Francis toma isso como um sinal para continuar.

Mais flores no túmulo. Tio Alfredo enfia uma garrafa de uísque *Smugglers Club* de edição especial e, ao meu lado, tio Alberto tira o Rolex do pulso e o joga. — Seu velho nunca foi bom no pôquer. — Estica o pescoço para olhar para Rafe. — Não sei de onde tirou esse talento, garoto.

É a minha vez. Não me ajoelho como fiz com minha mãe; em vez disso, inclino-me sobre o caixão, com seu rosário preto na mão. A corrente de contas está enrolada em meu pulso duas vezes, a cruz balançando ao vento como um pêndulo.

Ele nunca tirou. Até que tirei para ele.

Faço uma pausa, enrolo a cruz na palma da mão e coloco-a de volta no bolso da calça. Quando olho para cima, meu primo Dante está me olhando do outro lado do túmulo.

Terminada a interação, a terra cai sobre minha mãe com baques pesados, cada *tapa* soando mais final que o anterior. Volto-me para o mar, assim que começam a cair as primeiras gotas de chuva.

Tiro o rosário do bolso e levo-o aos lábios. — Perdoe-me, pai — murmuro no metal frio quando uma gota de chuva cai em minha bochecha — porque pequei.

Rafe aparece ao meu lado. Gabe caminha logo depois. Atrás de nós, todos estão correndo para a fila de carros que esperam, protegendo-se da chuva sob guarda-chuvas e hinários. Um relâmpago cruza o horizonte.

Deus tentando me derrubar.

— É como aquela cena em *O Rei Leão* — Rafe murmura na gola da camisa, enfiando as mãos nos bolsos. — O que quer que a luz toque é o seu reino agora, ou algo assim. É todo seu, mano.

Olho para o meu suposto reino. O porto barulhento à esquerda e a pequena cidade aninhada na depressão do

penhasco à direita. Então me viro para olhar mais abaixo na costa, para a escuridão de *Devil's Hollow* e depois para *Devil's Cove*, que, mesmo através da névoa e da chuva, está iluminada como a porra de uma árvore de Natal.

— Não quero.

— As palavras escapam da minha língua como sabia que aconteceria.

Rafe me dá um tapa forte nas costas, como se não estivéssemos parados na beira de um penhasco em uma manhã de muito vento. — Grandes sapatos para preencher, meu irmão, mas se alguém está pronto para o trabalho, é Vicious Visconti.

— Meu voo para Londres é em vinte minutos e não voltarei.

O silêncio atravessa o vento. É ensurdecedor. Eventualmente, encontro o olhar duro de meu irmão, endireitando minha mandíbula sob seu escrutínio. Ergue uma sobrancelha, os olhos procurando um traço de diversão em minhas feições, mas, ao contrário dele, não brinco. Gabe, como sempre, não diz nada.

— Você não voltará para *Devil's Dip*?

Não voltarei para esta vida.

Não explico. Em vez disso, aceno para o carro solitário ainda na beira da estrada. O motorista de Rafe abaixa a janela e nos encara com impaciência. Ao seu lado, a Harley de Gabe está estacionada sob uma árvore.

— Vá para o velório. Falo com você outra hora.

A veia na têmpora de Rafe lateja, seu olhar queimando com todas as perguntas que não fará. Voltando-me para o mar, enfio o rosário de volta no bolso e passo o dedo pela

barba molhada. Alguns momentos depois, o barulho encharcado do cascalho sob os pés me diz que meus irmãos foram embora. Somente quando o rugido da motocicleta de Gabe desaparece ao alcance da voz é que volto para os túmulos dos meus pais.

Um dos coveiros para de jogar terra em cima da minha mãe. Apoia o peso no cabo da pá e olha para mim com cautela.

Ao passar, bato um bloco de notas em seu peito enlameado.

— Desenterre-a — rosno. — Minha Mama não pertence aqui.

01

Rory

— Meu nome é Rory Carter, e faço coisas ruins.

O vento arranca as palavras dos meus lábios, levando-as para longe da beira do penhasco e sobre o mar agitado.

Gosto de fazer isso às vezes. Dizer em voz alta quando estou sozinha só para ver como é o gosto da verdade. Não sou um criminosa. Só faço *coisas ruins.* Coisas moralmente questionáveis, maldosas e vingativas. Não costumava ser assim, mas agora há uma mancha em minha alma tão escura e teimosa que não há nada que possa fazer para removê-la. Então, não me incomodo mais em tentar. Em vez disso, *confesso.*

Dou um passo mais perto da borda, prendendo a respiração quando seixos se espalham sob meus tênis e desaparecem no furioso Pacífico abaixo. O vento uiva como um lobo, como se me avisasse da tempestade que se aproxima. Daqui de cima, posso vê-lo aparecendo à distância, as manchas pretas e cinzas pairando sobre o mar.

Uma risada amarga me escapa. Sempre chegaria a isso. Eu, parada na beira do penhasco mais alto de *Devil's Dip* e pensando coisas ruins. O que é irônico, porque, pela primeira vez em três anos, estou fazendo uma *coisa boa.* Um ato completamente altruísta e abnegado que ninguém em sã consciência faria se não estivesse desesperado.

Giro o anel ao redor do meu dedo e engulo o nó na minha garganta.

Se eu fosse... *pular.* Como seria a sensação? Doeria? Tudo ficaria preto? Não acredito em Deus, nem no céu e no inferno, mas me pergunto - será que ainda gritaria uma confissão ao emergir na superfície da água, em uma última tentativa de salvar minha alma?

Fechando os punhos e enfiando-os nos bolsos do moletom, levanto o dedo do pé e avanço mais para a borda, até que não haja nada sob meu pé além de ar. A adrenalina desce pela minha espinha e, por um momento, fecho os olhos e coloco a língua para fora, provando o sal, a umidade e o perigo. Deixei o vento tomar conta do meu corpo.

Isso é o mais perto que chegarei de ser livre?

Então sinto o gosto de outra coisa. Algo grosso e amargo.

— Espera cair ou voar?

Oh, sparrow[2]*.*

Meus olhos se abrem e corro para longe da borda, me sentindo como uma colegial travessa pega fazendo algo que não deveria. Com o coração martelando, viro minha cabeça para seguir a voz, e meus olhos se fixam em um homem.

Ele está a menos de um pé de distância. Terno elegante e maçã do rosto ainda mais acentuada, pelo que posso ver em seu perfil. Fica ainda mais definido quando enfia um cigarro entre os lábios e dá uma tragada profunda. Fumaça. Isso é o que eu podia provar. Está olhando para o mar como se nunca tivesse dito nada. Talvez não. Jesus, há quanto tempo está aqui? E de onde veio? Lambendo meus lábios castigados pelo tempo, olho para a estrada atrás de mim, que corre paralela ao cemitério. Um carro esportivo preto está estacionado ao acaso, as rodas dianteiras subindo na borda de uma velha lápide.

O choque inicial perde o controle sobre meus ombros, deixando espaço para outro sentimento. Pânico. A última pessoa com quem deveria estar na beira de um penhasco é um homem que estaciona assim. Porque se ele não respeita os mortos, certamente não respeita os vivos.

Talvez ele seja o ceifador?

Não posso deixar de soltar uma risada com o pensamento estúpido.

Meus olhos se arrastam de volta para ele. Bem, *está* vestido todo de preto. Apenas um casaco de aparência cara em vez de uma capa, e segura um cigarro em vez de uma foice. A ponta brilha em vermelho contra o céu sombrio enquanto dá outra tragada profunda.

Enfio um cacho rebelde para trás sob o capuz do meu suéter e prendo o cordão sob o queixo. Tenho que ir. Não só porque esse homem me dá arrepios, mas porque Albert tem olhos e ouvidos em todos os lugares. Max, meu acompanhante, não é um delator, mas voltará a qualquer momento e...

— Porque se está esperando cair... — dá um passo deliberado em direção à borda e meu coração pula na minha garganta. Ele tem a confiança de alguém simplesmente olhando para a borda de uma piscina e não para o mar revolto a quarenta e cindo abaixo. — Você tem um longo caminho a percorrer.

Empurra-o.

O pensamento gira em minha cabeça, indesejado e desagradável, e gostaria de poder derramar ácido sobre ele. *O que há de errado comigo?* Em vez de ter pensamentos venenosos, devo lhe dizer para recuar ou agarrar seu braço, porque é isso que meus dedos estão se contorcendo para fazer, mas não. Talvez seja o medo congelando o sangue em

minhas veias, ou talvez seja a curiosidade mórbida assombrando minha alma, mas fico imóvel e em silêncio.

Encaro com uma fascinação doentia seu *wingtip*[3] de couro balançando na borda. Esse homem não apenas não respeita os mortos, como também não respeita a *morte.* Porque se ele der meio passo à frente, ou uma rajada repentina de vento soprar na direção errada, ele... *desaparecerá.*

Meus punham cerram. Meu pulso lateja em minhas têmporas tão alto que abafa o rugido do vento.

O que eu faria se ele caísse?

A pergunta sai da minha cabeça tão rápido quanto chega. Claro, já sei o que faria. Atravessaria o cemitério, contornaria a igreja e entraria na minha cabine telefônica favorita do outro lado da rua. Então, em vez de ligar para a Guarda Costeira, discaria o número que conheço melhor que o meu e confessaria que não fiz nada para ajudar.

Porque é isso que os pecadores compulsivos fazem.

Só quando finalmente dá um passo atrás é que percebo que estava prendendo a respiração. Deixei escapar uma baforada de ar viciado, aliviada por me *sentir* aliviada e não desapontada. Significa que meus pensamentos venenosos não venceram desta vez.

Olho para o seu perfil, assim que dá uma última tragada no cigarro e o joga no mar. E depois ele se vira e olha direto nos meus olhos, como se soubesse exatamente onde encontrá-los.

Meu coração se contrai. *Uau, falcão. Ele é bonito.*

Olhos verdes penetrantes e uma mandíbula quadrada tão afiada quanto as maçãs do rosto. Isso é tudo que meu cérebro

enlameado tem tempo de registrar antes que se vire ao meu lado, agora de costas para o horizonte sombrio.

Minha respiração é superficial. Ele está muito perto. Perigosamente perto e agora sinto que estou com um pé na borda novamente. Fico ao seu lado, ombro a ombro, tentando permanecer imóvel. Tentando não respirar com muita força ou ficar inquieta demais. Tentando ignorar como a pressão de seu braço queima minha capa de chuva, ou como o fantasma de seu cigarro entrelaçado com as notas de carvalho em sua loção pós-barba fazem meus mamilos endurecerem.

Ele se abaixa ao encontro do meu ouvido e me preparo para o impacto. — Suicídio é um pecado. — Murmura, sua barba raspando minha bochecha. — Mas o *Devil's Dip* tem um jeito de fazê-lo querer se jogar no precipício, não é?

E depois desaparece, seus *wingtips* triturando o cascalho em direção ao carro.

Meu peito sobe e desce à medida que meu coração luta para lembrar seu ritmo natural. Fico ali parada, estupefata e olhando para o mar, até que ouço o ronronar de um motor e o guincho de pneus. Então, com uma expiração trêmula, caio de joelhos na lama.

Quem diabos é ele, e o que diabos foi... Isso?

Uma vez que meu batimento cardíaco diminui e a adrenalina perde sua nitidez, meu cérebro abre espaço para outras observações. Como o tempo. Ah, e o fato de estar *congelando* aqui. Olho para o meu relógio e murmuro uma palavra de pássaro. Max me pegará na frente da velha igreja em menos de três minutos, então se eu quiser fazer meu telefonema de sempre, é melhor me recompor.

Viro as costas para a beira do penhasco e para o perigoso fascínio que exerce, e sigo pelo caminho coberto de mato que corta o cemitério. Passo pela igreja e atravesso a rua,

passando pelas marcas pretas de pneu no asfalto, e entro na cabine telefônica ao lado do ponto de ônibus.

Enfiando o fone entre o ombro e a bochecha, disco o número. A linha toca três vezes, e depois vai para o serviço de correio de voz.

— Você ligou para *Sinners Anonymous* — diz a voz robótica de uma mulher. — Por favor, deixe seu pecado após o sinal.

Após o longo bipe, respiro fundo e deixo minha alma sangrar.

02

Rory

Se estas paredes da sala de jantar pudessem falar, aposto que implorariam para Alberto Visconti calar a boca.

Assim como toda sexta-feira à noite, ele se senta ao meu lado na cabeceira da mesa, uma mão enrolada em torno de seu copo de uísque e a outra pesando em minha coxa como uma âncora.

Certa vez, ouvi um garoto da piscina se referir a ele como *Anecdote*[4] *Alberto.* Como chefe do *Devil's Cove Cosa Nostra,* já o ouvi chamar de muitas coisas - capo, chefe, Big Al - mas *Anecdote* Alberto definitivamente parece ser o mais adequado. Não demorei muito para aprender a abafar suas histórias, mas ainda assim, o barítono de sua voz vibra contra meus tímpanos.

Um criado lança uma sombra sobre o meu lugar. — *Merlot*, *signorina*[5]?

— Ela terá apenas uma esta noite. — Alberto rosna, encurtando sua história. — Não terei uma repetição da semana passada.

Silêncio. O tipo que se estende por colinas e desfiladeiros, não apenas pela longa mesa de jantar. Posso sentir o sorriso divertido de Tor aquecendo uma das minhas bochechas e o olhar ardente de Dante queimando a outra.

No jantar da última sexta-feira, descobri que, se meu vinho caísse abaixo da curva da taça, um garçom o completaria em menos de trinta segundos. A conversa foi tão

entediante que testei essa teoria muitas vezes e, depois da sobremesa, levantei-me, afivelei meus saltos altos e puxei a cortina de veludo em que me agarrei para não cair. Como se o corrimão de cobre da cortina batendo na minha cabeça não fosse punição suficiente, Alberto está limitando minha ingestão de álcool como se eu fosse uma criança.

Contorcendo-me sob a atenção, forço um sorriso e aceno para o garçom, como se concordasse totalmente com a decisão do meu noivo. Quando se foi, sufoquei um suspiro. A primeira e última vez que suspirei na frente de Alberto, ele puxou meu rabo de cavalo com tanta força que meus olhos lacrimejaram. Aprendi rapidamente que é melhor desabafar minhas frustrações silenciosamente, geralmente fechando os punhos até minhas unhas esculpirem meias-luas nas palmas das mãos.

Ah, e cuspindo em seu enxaguante bucal.

Alberto continua a nos deliciar com a história de quando desafiou o filho de Al Capone para uma luta de espadas, e me viro para olhar a extensão da mesa, deliberadamente evitando contato visual com todos sentados ao redor.

Hoje à noite, é apenas família imediata, mas a mesa está decorada como se houvesse uma chance de a rainha da Inglaterra aparecer para um aperitivo. Toalha de mesa preta e sedosa, mais talheres do que sei para que servem e arranjos de flores ornamentados que sentem o calor perto das chamas dançantes das velas. Em frente às portas envidraçadas que dão para a praia, um pianista senta-se silenciosamente atrás do piano de cauda, esperando que Alberto estale os dedos, o que sinaliza o início do serviço de jantar. *Como diabos vim parar aqui?*

Dois meses e meio atrás, ajoelhei-me na porta da mansão colonial branca de Alberto e implorei por misericórdia. Agora,

estou vivendo uma vida que não reconheço; interpretando um personagem secundário em uma história que não entendo.

Todos na *Devil's Coast* conhecem a família Visconti porque são donos de quase tudo nela. Todos os bares, hotéis, restaurantes e cassinos de Devil's Cove. A fábrica de uísque *Smugglers Club* em *Devil's Hollow*. O único canto desta costa que não alcançaram é minha humilde cidade natal, *Devil's Dip*.

E se Alberto cumprir sua parte do acordo, nunca o fará.

Tomando um gole de água, olho para cima e encontro os olhos de Dante Visconti. É o filho mais velho de Alberto, seu subchefe e o maior idiota da costa. Ele é alto, moreno e, por mais que odeie admitir, muito bonito. Tudo nele é esculpido, incluindo aquela carranca permanentemente esculpida em sua testa. Seu olhar escurece, e sei exatamente o que está prestes a dizer, porque diz isso em voz alta em todas as noites de sexta-feira, sem falta.

— A cabeceira da mesa é para o subchefe e o *consigliere* — rosna baixinho, ignorando o monólogo de Alberto. Aperta o guardanapo ao lado do prato. — Não o brinquedo do meu pai.

E aí está.

— Ah, pare com isso, mano. — O seu irmão Tor fala lentamente ao seu lado, atirando-me uma piscadela. — Aurora não é uma adolescente, ela tem vinte e um anos. Idade suficiente para beber, mas não idade suficiente para lidar com isso.

Na hora, meu Merlot chega em um copo pouco maior que um dedal. O embaraço rasteja pelo meu peito e, instintivamente, meus olhos caem para a faca de carne colocada ordenadamente a minha frente.

Tentador.

Em vez de usar porém os talheres dos Visconti como arma, faço o que me acostumei: engessar um sorriso falso e engolir minha amargura.

— Big Al mantendo você sob controle esta noite, *hmm*? — Tor diz, contraindo os lábios. Sem esperar por uma resposta, arranca um maço de cigarros de sua jaqueta, tira um e o enfia na curva da boca. Dando um tapa na coxa da loira ao seu lado, resmunga — Vamos, boneca, vamos fumar um cigarro.

Ele passeia pela sala de jantar e abre as portas francesas, deixando entrar um frio gelado que sacode as vidraças e provoca arrepios em meus braços. Seu par trota atrás dele como um cachorrinho perdido. Conhecia Tor Visconti muito antes de seu pai colocar uma pedra no meu dedo. Todas as garotas de *Devil's Coast* conhecem Tor, algumas mais intimamente do que outras. Lábios carnudos, cabelos despenteados e um sorriso que poderia derreter o Ártico. E então há aquele estúpido *piercing* no nariz que brilha toda vez que inclina a cabeça para trás para zombar de mim. Pareceria quase feminino se não fosse por toda a tinta e pelo fato de seus ombros serem da largura de um campo de futebol.

Tomo um gole de vinho e o observo pela janela. Reconheço seu para como uma garota do *Devil's Dip*. Ela coloca um sotaque polido e se agarra a sua bolsa de grife como se fosse uma tábua de salvação, mas posso ver através de seu ato. Observo enquanto ela enrola seu longo cabelo loiro em torno de seu dedo, rindo de tudo o que ele está dizendo.

Entendo. Desde a maneira como fuma o cigarro até a maneira como veste o terno - colarinho desabotoado e gravata frouxa - há um ar de rebelião nele que faz as garotas quererem tirar a calcinha. É claro que ajuda o fato de ele administrar a vida noturna em *Devil's Cove*, então, mesmo no caso improvável de não querer estar na sua cama, pelo menos

quer estar em seus clubes. Além disso, vejo a maneira como ele olha para seus encontros. Olhando para eles por baixo daqueles cílios grossos e escuros conforme passa os dentes sobre o lábio inferior. É como uma promessa silenciosa de que lhes dará o mundo, mas isso é tudo o que essas garotas são: encontros. Nunca o vi trazer a mesma garota para jantar duas vezes.

— Posso pegar alguma coisa para você, *Signor*[6] Visconti? — um garçom murmura para Alberto, aproveitando uma pausa em sua mais nova anedota.

— *Smugglers Club,* com gelo.

Sim, *pedra.* Tipo, um cubo de gelo. No pouco tempo que conheci pessoalmente os Visconti, aprendi duas coisas sobre eles. A primeira é que não são apenas uma família poderosa, são, na verdade, a máfia. *Siciliano-americanos* de coração frio e sangue quente que vivem e morrem com as *Glocks* enfiadas na cintura de seus ternos Armani. A segunda é que tudo o que querem, eles conseguem. Incluindo um cubo de gelo em seu copo baixo.

— Vão chama-la de *Signora* em breve.

Viro-me para Amelia, que está sentada à minha esquerda. — Desculpe?

Seu sorriso largo suaviza suas feições afiadas. — *Signora.* Veja, *Signorina* é o título de uma mulher solteira, como "Miss" em inglês. Em apenas um mês, estará casada e então se tornará a *Signora.* — Enfia uma mecha sedosa atrás da orelha e sorri. — *Signora* Aurora Visconti. Tem um toque e tanto, não acha?

O nome coagula como leite no meu estômago e, se mais alguém ao redor desta maldita mesa o tivesse pronunciado, saberia que estavam apenas tentando me irritar, mas Amelia Visconti: é diferente. Ela fala mansamente e é gentil e agora

que penso nisso, realmente delirante. Está sentada nesta mesa por escolha própria - casou-se com Donatello Visconti, segundo filho e *consigliere* de Alberto. Senta-se do outro lado dela, vasculhando a papelada e, ao contrário de Dante, não se importa que eu tenha tomado seu lugar à mesa.

Donatello é limpo em todos os sentidos do mundo. Terno elegante, cabelo curto e preto, e é provavelmente o único Visconti relacionado ao sangue que não tem uma passagem só de ida para o inferno. Ele e Amelia se conheceram na *Devil's Coast Academy* quando eram adolescentes, se casaram no momento em que completaram dezoito anos e, aparentemente, estão colados um ao outro há dez anos. Tenho a sensação de que realmente não se importa com a persona dormindo com os peixes que Alberto e Dante colocam. É formado em administração pela Harvard e Amelia é contadora de profissão. Juntos, administram os negócios legítimos em *Devil's Cove*. Depois de muitos uísques, Alberto uma vez me disse que deixa Amelia se safar de ter as bolas de seu filho em um vício porque ela faz a família ganhar muito dinheiro.

Acredito nisso. O *Guia Lonely Planet*[7] chama o *Visconti Grand Hotel* de "o *Burj Al Arab*[8] do noroeste do Pacífico" e há mais restaurantes com estrelas Michelin em *Devil's Cove* por quilômetro quadrado do que em qualquer outro lugar do mundo.

— Não falta muito para o Grande Dia — Amelia sussurra animadamente, me cutucando com o cotovelo.

A inquietação afunda na boca do meu estômago como um balão de chumbo. Amelia pode ter se casado com um Visconti por amor, mas tenho certeza que é muito mais fácil quando seu marido se parece com um Ryan Reynolds italiano. Basta olhar para o meu noivo para perceber que não estou fazendo o mesmo.

Alberto Visconti. Claro, teria sido bonito em seu auge, e se sua imaginação não pode se estender além da pele coriácea, cabelo branco emaranhado e barriga enorme, então tudo o que se precisa fazer é olhar para os seus filhos para obter uma ideia de como seria. Tenho certeza de que sua primeira esposa se casou com ele por amor, inferno, talvez até mesmo sua segunda e terceira esposas também, mas chegar aos setenta anos, ter uma riqueza implacável e viver uma vida com um alvo nas costas o arruinaram.

Ah, e o fato de ele ser o homem mais cruel da Costa.

Coloco meus olhos no papel de parede acolchoado acima da cabeça de Dante, outro suspiro fermentando silenciosamente sob minhas costelas. Minha vida não era para ser assim. Na noite anterior ao meu aniversário de dezoito anos, sentei-me no cais no final de nossa cabana e criei um quadro de humor para meu plano de cinco anos, usando recortes das revistas antigas de minha mãe. Cortei um boné e um vestido de formatura e, ao lado, coloquei uma fotocópia da minha carta de aceitação para a *Northwestern Aviation Academy*. Aquela garota... estava cheia de esperança e tinha um coração puro. Não tinha pensamentos ruins e não fazia coisas ruins. Não precisava ligar todas as semanas para a linha direta dos *Sinners Anonymous*.

O que ela pensaria se me visse agora? Jantando com monstros. *Um monstro em pessoa.*

Acho que não posso nem culpar Alberto pelos meus pecados. Eu me tornei desagradável anos antes de conhecê-lo.

Tomo um gole de vinho e olho para as portas francesas, seguindo a risada tilintante de Tor. A brisa ainda serpenteia pelas frestas das portas, trazendo consigo o cheiro de fumaça de cigarro. De repente, estou de volta à beira do penhasco

com vista para *Devil's Dip*. Meu corpo à mercê do vento, meu tênis direito pairando sobre nada além do ar.

Espera cair ou voar?

— Oh, *sparrow*! — Uma dor aguda corta minha coxa. Olho para baixo e vejo que Alberto virou a mão e arrastou a joia facetada de seu anel pela minha pele. — O que...

— Aurora, Dante lhe fez uma pergunta — Alberto diz com os dentes cerrados. Seus olhos piscam como sinais de alerta. — É falta de educação ignorar alguém quando está falando com você.

Pisco, deixando cair meu olhar de volta para minha coxa. O sangue se infiltra na superfície e escorre em um pequeno riacho em direção à bainha do meu vestido. Desta vez, faço mais do que olhar para a faca de carne. Meus dedos se contorcem em sua direção.

Não. Não assim. Lembre-se porque está aqui, Rory.

Forçando a raiva no fundo do meu peito, pego um guardanapo, aperto-o na minha ferida recente, em seguida, volto minha atenção para Dante. Sua diversão está espalhada por todo o rosto e meu pescoço, como odeio a maneira como seus lábios se curvam em um sorriso de escárnio toda vez que ele é forçado a olhar para mim. Joga o braço nas costas da cadeira vazia de Tor, erguendo uma sobrancelha.

— Estamos construindo um retiro de spa no promontório norte.

— Vistas ininterruptas do mar e nada mais por quilômetros. Os turistas russos adoram essa merda, principalmente no inverno — acrescenta Alberto, antes de esvaziar o copo e estalar os dedos para pegar outro.

Dante o ignora. — Está uma bagunça lá em cima. Floresta densa que levará meses para limpar antes que possamos

pensar em estabelecer as fundações. — Toma um longo gole de uísque, os olhos brilhando para mim por cima da borda. — Mas a questão principal são aquelas aves. Gritam o tempo todo, o que não combina com a atmosfera pacífica que estamos procurando. Esperançosamente, assim que destruirmos seu habitat e seus ninhos, se fodam por conta própria, mas se não o fizerem…

Ele para, deixando sua insinuação pairar sobre a mesa. — Então precisaremos de uma maneira mais… *certa* de nos livrarmos deles. Fumaça ou colocar veneno no chão da floresta, talvez. Já que é tão *apaixonada* pela vida selvagem, Aurora, pensei que talvez pudesse ter outras sugestões?

O calor branco queima em minhas veias, apesar do frio chegando. Inspiro uma lufada de ar pelas narinas. Limpo novamente minha coxa ensanguentada.

— Que pássaro é esse? — Pergunto o mais calmamente que consigo.

Ele enfia o celular embaixo do meu nariz. — Não sei. Um dos meus homens me enviou uma foto dele. Talvez o reconheça.

Olho para a imagem granulada em seu telefone, e sinto o sangue fugir do meu rosto.

— Dante — resmungo. — Isso é uma pomba de frutas.

— Parece exótico.

— Exótico? Estão perto da extinção! Uma espécie protegida - não pode derrubar a floresta lá em cima! Na verdade, precisará ligar imediatamente para o *Fish and Wildlife Service*.

Ele se recosta na cadeira, um sorriso triunfante curvando seus lábios. Conseguiu exatamente o que queria de mim - uma reação, mas não me importo; minha mente está

correndo, tentando descobrir como poderia haver pombas de frutas em *Devil's Cove*. A raça em particular na foto é nativa do sul da Austrália e da Polinésia, regiões com climas úmidos, mas também sei que podem ser encontrados em florestas secundárias – bosques que cresceram novamente após a exploração da madeira. Conheço a área sobre a qual está falando e me lembro de meu pai me dizendo que costumava ser uma fazenda de toras, muito antes de os Visconti se mudarem para Cove e transformá-la na resposta do Noroeste do Pacífico a Vegas. Isso, mais os manguezais nas cavernas perto de *Devil's Hollow*...

— Não.

— Olho pra cima. — Huh?

Dante me lança uma expressão aborrecida. — Não, não entrarei em contato com a Fish and Wildlife. São um bando de hippies que abraçam árvores como você...

— Não pode estar falando sério?

— Já interferiu demais em nossos planos de construção, não acha? Se dependesse de você, toda a *Devil's Coast* seria um maldito pântano.

Antes que possa morder de volta, há um estrondo no pátio. Dante fica de pé, a mão roçando a arma enfiada na cintura. Amelia grita e agarra o braço do marido. Do outro lado da mesa, Vittoria solta um suspiro alto e volta para o seu telefone.

As portas francesas se abrem e Tor passeia por elas, o braço de seu acompanhante pendurado sobre os ombros. Está rindo, cambaleando sobre os pés, com os olhos semicerrados. Alberto murmura algo baixinho em italiano.

— Desculpas a todos — diz Tor através de uma risada. — Skyler caiu. Diz que seu pé ficou preso nas ripas do pátio —

diz enquanto roça os lábios em seu cabelo — mas eu digo que ela tomou muitos martinis sujos.

Com uma risadinha, Skyler cambaleia na direção de um banheiro, e Tor afunda de volta em seu assento.

— Skyler — Dante murmura sombriamente no fundo de seu copo. — *Gesù Cristo.* Esse é o nome de uma *stripper*, se é que já ouvi um. — Olha para as portas de vaivém. — Ela foi ao banheiro três vezes e ainda nem comemos nossos aperitivos.

— Ela provavelmente está nervosa por estar em um encontro com um galã — Tor dispara de volta, dando-me uma piscadela. A única coisa que torna Tor um pouco menos insuportável do que Dante é que pelo menos ele me inclui em suas piadas, mesmo quando não sou o alvo delas.

— Mais como se estivesse tentando ver quanto pó consegue colocar no nariz antes que os bolos de caranguejo sejam servidos. Espero que ela saiba que colocou sua coca com tranquilizante para cavalos, porque não tirarei o corpo dela do banheiro de hóspedes.

O punho de Tor bate na mesa, a raiva brilhando em seu rosto. — Vá se foder. Meu golpe é mais limpo do que o histórico do navegador de uma freira.

— *Basta* — Alberto sibila. Sua voz é baixa e tranquila, mas corta a sala de jantar como uma faca quente na manteiga. Sua mão encontra o caminho de volta para minha coxa, e o calor de sua palma faz minha ferida queimar. — Já tive o *suficiente.* Esta família não consegue passar por um maldito jantar sem discutir. Se sua mãe ainda estivesse aqui...

— Se nossa mãe ainda estivesse aqui, não haveria uma caçadora de capo sentada à minha frente.

Silêncio.

Tor solta um assobio baixo. Os dedos de Amelia roçam suavemente meu antebraço, e Alberto geme. Deveria tomar um gole do meu vinho e alisar meu cabelo e deixar o comentário passar por cima da minha cabeça, mas ser *aquela garota* não é fácil para mim.

— Uma caçadora de capo? — Meus olhos disparam para a faca de carne, então para a carranca de Dante. — O que isso significa?

Donatello deixa cair seus arquivos sobre a mesa com um baque forte.

— Dante, não...

— Significa que está se casando com meu pai porque é a única esperança que tem de sair de sua cidade camponesa. Há um monte de garotas como você em *Devil's Dip* — dispara, apontando o polegar na direção do saguão. — Aposto que a prostituta de Tor é da mesma favela que você. — Apoiando os cotovelos na mesa, fecha a distância entre nós. A maneira como seus olhos dançam com puro ódio me apavora e me excita ao mesmo tempo. — São todas iguais. Peitos maiores que o seu QI e um sorriso igualmente falso. Sabe o que acho engraçado? Nunca infringiu uma lei na vida, mas fica feliz em olhar para o outro lado e abrir as pernas, desde que seu Amex não tenha limite, certo?

— Dante — Alberto rosna. — Se você disser outra palavra, eu...

— Vai fazer o quê? — Dante diz amargamente, os olhos nunca deixando os meus. — Encontrar outra pessoa para fazer o seu trabalho por você?

Alberto salta sobre os pés e Dante o segue, enfrentando-o.

Jesus. Ainda estou enfrentando toda essa coisa de hierarquia da máfia, mas até eu sei que quebra todos os códigos da *Cosa Nostra* para enfrentar o capo do clã. Mesmo que seja o subchefe que praticamente dirige todo o negócio, e mesmo que o capo seja seu pai bêbado e mulherengo.

O ar gira quente e pesado com queixas não ditas e egos inflados. Isso é maior do que eu. Fechando meus punhos, cavo minhas unhas em minhas palmas e grito mentalmente uma palavra de pássaro. Estou sóbria demais para isso e, o que é pior, *o jantar ainda nem começou*.

Será uma noite longa.

Eventualmente, Donatello quebra a tensão. — Tudo bem, tudo bem — suspira, arrastando a cadeira para trás e contornando a mesa para se colocar entre eles. — Vamos todos nos acalmar e conversar sobre isso amanhã. — Arranca o copo de uísque de seu pai de sua mão e o coloca sobre a mesa. — Todos nós já bebemos demais e dissemos coisas que não queríamos.

Os três abaixam a voz e começam a resmungar em italiano áspero entre si. Tor chama minha atenção e sorri, então se esgueira para fora para fumar outro cigarro.

Há uma cutucada contra a minha perna. — Aurora? Está bem?

Eu me viro para encontrar o olhar gentil de Amelia e percebo que não. *Esta não sou eu.*

Não sou a loira burra e garimpeira que todos nesta família pensam que sou, e estou farta de fazer esse papel. Estou farta desses estúpidos saltos altos e vestidos curtos que Alberto me obriga a usar. Estou farta dos escárnios e olhares revirados e dos insultos de pessoas que não fariam xixi em mim se estivesse pegando fogo. As escoltas e os itinerários e as noites em claro olhando para o teto dourado do quarto de Alberto,

imaginando se sua barriga gorda me sufocará quando finalmente subir em cima de mim na nossa noite de núpcias.

Odeio os Visconti. E odeio não ter escolha a não ser engolir isso e sorrir.

— Aurora?

E estou farta de ser chamada de Aurora. Meu nome é Rory.

— Vamos abaixar isso, vamos? — Amelia desliza a mão sobre a minha e gentilmente arranca a faca de carne da minha mão. Ela me dá um sorriso de pena e diz — Não dê ouvidos a Dante. Ele e o pai têm seus próprios problemas e está apenas arrastando-a para a lama.

Antes que consiga reunir aparência suficiente para responder com um sorriso forçado e uma dispensa educada, as portas de vaivém se abrem e um segurança com um fone de ouvido passa por elas. Vai direto para Alberto e sussurra algo em seu ouvido. Imediatamente, Alberto, Donatello e Dante arrancam suas armas de suas cinturas e atravessam as portas sem dizer uma palavra.

— Oh, porra — vem um silvo do pátio. Eu me viro para ver Tor jogar seu cigarro meio fumado na escuridão e atravessar a sala de jantar, também desaparecendo no átrio com uma arma na mão.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam. — O que está acontecendo?

— Seu palpite é tão bom quanto o meu — Amelia sussurra.

Algumas batidas pesadas passam, antes de uma voz rouca e uma explosão de risadas cortarem a tensão. Ao meu lado, sinto Amelia relaxar, afundando na cadeira e tomando um gole de vinho. O barulho coletivo é leve e alegre, e volta para a sala de jantar, trazendo consigo os homens Visconti.

— Olha quem veio jantar! — Alberto ruge, com o rosto rosado de prazer.

Antes que possa me virar para ver quem é, uma mão gentil descansa em meu ombro e olho para cima para encontrar o olhar de um garçom. — *Signorina, o signor* Visconti pediu para movê-la para o outro lado da mesa para dar lugar ao seu convidado.

Olho para o outro lado da mesa, onde Vittoria e Leonardo, os gêmeos adolescentes de Alberto, estão olhando melancolicamente para seus telefones. Há uma cadeira vazia à direita de Vittoria, e ao seu lado está Max. Ele chama minha atenção e sorri.

Ótimo. Faço uma careta para ele, mas então dou de ombros. Tanto faz, estou mais do que feliz por me afastar do brilho de laser de Dante e do alcance do anel de rubi de Alberto.

Mais criados me cercam, arrancando meus talheres e substituindo-os por um novo cenário com a velocidade de uma equipe de *pit stop* de Fórmula 1. Quando me acomodo ao lado de Max, cutuca meu ombro e sorri. — Bem, esta não é uma boa surpresa. Agora, não preciso apenas admirá-la de longe. — Seus olhos brilham, percorrendo meu vestido vermelho e parando no meu peito. Sua garganta balança. — Está linda esta noite, a propósito.

Estou grata que o garçom que cuida deste lado da mesa não tenha recebido o memorando sobre minha proibição de álcool. Enche meu copo com vinho tinto e tomo um gole desesperado antes de me virar para Max. — Sabe que estou noiva do seu chefe, certo?

— Você me conhece — ronrona, pressionando o joelho contra o meu debaixo da mesa. — Gosto de viver a vida no

limite. — A maneira porém como seus olhos se voltam febrilmente para a cabeceira da mesa sugere o contrário.

Max não é um Visconti, mas com certeza gostaria de ser. É o que chamam de associado - não tem uma gota de sangue italiano nas veias, mas mesmo assim trabalha para a máfia. É apenas uma espécie de lacaio, fazendo quaisquer trabalho com os quais os *made men* não querem sujar as mãos, incluindo escoltar a noiva do capo ao *Devil's Dip* duas vezes por semana.

Max faz meu sangue ferver. Tem olhos maliciosos e mãos tateantes e me lembra os meninos que *me fizeram assim.* Frequentou também a mesma escola que eles, a prestigiosa *Devil's Coast Academy*, por isso sei que ele ouviu os rumores. É apenas um ano mais velho do que eu, com grandes olhos castanhos e cabelos soltos que abana quando fica nervoso. A única razão pela qual ainda não fiz *nada de mal* a ele é porque temos um acordo. Tolero seus comentários obscenos e olhares demorados em troca de duas horas de tempo a sós quando chegarmos ao *Devil's Dip*. Ambos sabemos que ele teria sérios problemas se Alberto descobrisse que não estava me seguindo o tempo todo, então é nosso segredinho.

Clink, clink, clink.

O som de talheres batendo na lateral de um copo de cristal. Claro que o barulho vem de Alberto - a única coisa que ama mais do que moças e anedotas é um discurso longo e enfadonho. Olho para ele enquanto limpa a garganta e, imediatamente, meus olhos são atraídos para o homem que tomou meu lugar na mesa.

Uma sensação estranha se arrasta pelo meu corpo, uma que meu cérebro está correndo para entender. Começa na base da minha coluna e sobe até o pescoço, antes de se estabelecer em volta da minha garganta como um estrangulamento. Eu me forço a engolir em seco e me

concentro no perfil do homem. Aquela maçã do rosto pontiaguda, a barba por fazer em seu maxilar...

E então, como se pudesse sentir olhar fixo no lado do seu rosto, ele se vira e me encara.

Oh, flamingo.

É ele, o homem da beira do penhasco. Aquele com o cigarro e wingtips, e o tom indiferente.

O suicídio é um pecado.

Ele me prende com um olhar desinteressado, e depois seu olhar escurece. Desvio o olhar, mexendo no guardanapo no meu colo com as mãos trêmulas. Meu coração está batendo como se tentasse escapar de sua gaiola, e posso sentir o suor se acumulando sob minhas coxas, fazendo-me afundar ainda mais na cadeira. No momento em que encontro coragem para trás, ele voltou sua atenção para Dante. Quieto e silencioso, escuta-o falando com uma expressão neutra em suas feições perfeitas.

Alberto pigarreia, batendo no vidro com mais força. A sala finalmente se acomoda.

— Atenção todo mundo — explode. Com um sorriso de tubarão, se vira para o convidado do jantar e levanta o copo. — Temos um visitante inesperado, mas muito bem-vindo. Então, um brinde ao meu sobrinho favorito, Vicious Visconti!

Sobrinho. Vicious.

Estou me afogando nos aplausos que inunda a sala.

Levo a taça de vinho aos lábios e mergulho até a última gota do líquido vermelho-sangue, depois a estendo para reabastecer.

Tenho uma sensação incômoda de que precisarei.

03

Rory

A excitação na sala de jantar finalmente se acalma e a briga entre Alberto e Dante parece há muito esquecida.

Com um estalar dos dedos do meu noivo, o jantar começa.

Uma versão preguiçosa de *Ave Maria* sai do piano, servindo de pano de fundo para a conversa fácil. Vinho e uísque fluem, tanto no meu copo quanto no de qualquer outra pessoa, mas não faz nada para atenuar o mal-estar que se forma sob minha pele.

Não consigo tirar os olhos dele.

A princípio, observo todos os seus movimentos porque estou esperando o momento em que diz a Alberto que me reconhece. A garota de calça de moletom equilibrando-se com um pé perigosamente a beira de um penhasco. *Sozinha.* Estou esperando que Alberto me prenda com aquele olhar feroz, rangendo os dentes, como fez na sexta-feira passada, quando o envergonhei baixando as cortinas. Desta vez, as consequências serão muito mais severas do que um tapa na cara ou um forte puxão no meu rabo de cavalo, mas quando a quarta taça de merlot aquece a boca do meu estômago, o medo dá lugar à curiosidade.

Ele mal disse uma palavra, mal se moveu. Quando o aperitivo chegou, tirou o paletó e dobrou-o cuidadosamente sobre as costas da cadeira, revelando um suéter creme que abraça seu corpo como uma segunda pele. Desde então, está

sentado com uma coluna de aço, os punhos cerrados de cada lado de seu prato intocado, enquanto Alberto e Dante falam.

Não olhou para mim uma vez. Talvez seja o choque inicial passando, ou talvez seja o vinho trabalhando em meu sistema nervoso, mas começo a me permitir acreditar que imaginei seu olhar sombrio quando Alberto o apresentou. Foi passageiro, provavelmente estava apenas em sua linha de visão. Quais são as chances de ele me reconhecer, afinal? Só olhou para mim uma vez no penhasco, quando estava se virando para sair, e eu estava com o capuz o tempo todo.

Sim. Está certo. Ficará tudo bem.

— Eu a deixo nervosa?

Não passa de um sussurro e quase não o ouço. Afasto meu olhar da cabeceira da mesa e olho para Max.

— *Huh*?

Ele lambe os lábios. — Está balançando a perna e não tocou na comida. Sentar tão perto de mim a deixa nervosa?

Se não precisasse que ele visitasse meu pai duas vezes por semana, cortaria os freios do carro.

Em vez de responder, volto minha atenção para a minha esquerda, onde Vittoria está sentada. Está empurrando uma perna de caranguejo de um lado do prato para o outro, seu cabelo preto e sedoso cobrindo o rosto.

— Vittoria?

— Estou me tornando vegetariana — anuncia, dando um empurrão enojado no membro. — Os caranguejos gritam quando são cozidos. Sabia disso?

— Ainda bem que estão fritos, então. — Leonardo diz secamente do seu outro lado, sem tirar os olhos de seu

iPhone.

— Idiota. — Murmura baixinho, colocando o garfo para baixo.

Ela e Leonardo são gêmeos e, com apenas dezesseis anos, odeiam esses jantares quase tanto quanto eu.

Toco levemente seu braço e baixo minha voz. — Uh, é seu primo?

Ela joga um guardanapo sobre o caranguejo massacrado e olha para cima, mal-humorada. — Angelo? Sim, não o vejo há séculos.

Angelo. Pelo menos o seu nome não é realmente Vicious. — E faz parte do clã *Hollow*? Não o vi antes.

Atravessar o limiar desta mansão foi como cair em uma cena de *O Poderoso Chefão.* Aprendi a árvore genealógica muito rapidamente, mas ainda tenho apenas uma vaga noção de quem é o dono do quê. Alberto e seus filhos costumam ser chamados de clã *Cove*, enquanto seu irmão, Alfredo, dirige o clã *Hollow*, em *Devil's Hollow*, a apenas vinte minutos de distância. Têm sua empresa de uísque lá, assim como outras empresas que conheço pouco, mas encontrei os filhos de Alfredo algumas vezes, e esse cara novo certamente não é um deles.

— *Nah*, ele é de Dip.

Pisco. — Dip?

Ela me olha como se eu fosse estúpida. — Angelo é do clã *Devil's Dip*. Sabe, a cidade de onde é?

Meu sangue se transforma em gelo. — Não há nenhum clã em *Devil's Dip* — quase sussurro.

Não. Não pode haver. Não há presença Visconti em *Devil's Dip*; esse é literalmente o ponto principal deste acordo.

— Não há, não mais. Ele deveria assumir quando o tio Alonso morreu, mas nunca assumiu.

— Tio Alonso? Alberto tem outro irmão?

— *Tinha.* Como eu disse, morreu.

— Então, por que Angelo não assumiu?

Ela suspira daquele jeito alto e malcriado que adolescentes mimados fazem. — Por que simplesmente não lhe pergunta? Ele está tipo, bem ali.

— *Shh* — sibilo.

Persigo essa nova informação com um gole de vinho, mas isso não a torna mais fácil de engolir. Olho para a cabeceira da mesa por cima da taça. *Angelo Visconti.* Então, o misterioso idiota tem um nome. Meus olhos o seguem obsessivamente enquanto ele finalmente se move pela primeira vez desde que os aperitivos foram servidos, apenas para se recostar na cadeira e esfregar as mãos de uma forma que faz seu enorme bíceps flexionar.

Ele parece entediado.

Os criados limpam os pratos e completam meu vinho. A conversa flui, mas soa distorcida, como se eu estivesse ouvindo debaixo d'água. A brisa entra pela fresta das portas francesas e gentilmente faz cócegas em meu pescoço, provocando-me, atormentando-me com a ideia de fugir desta sala de jantar assassina e nunca mais ter que ver um Visconti.

Lentamente, meu desgosto por esta família se volta para um membro em particular. Meus olhos queimam o lado da bochecha de Angelo.

O suicídio é um pecado, mas Devil's Dip tem um jeito de fazê-lo querer se jogar da borda, não é?

Meu próximo gole de vinho azeda na minha língua. Agora que consegui me convencer de que ele não me reconhece, meu medo de que contasse a Alberto que eu estava sozinha no *Devil's Dip* se transforma em algo mais sombrio: ódio. Pensou que eu pularia, mas... não fez nada além de me dizer que a queda é longa. Ele me deixou lá, na ponta dos pés. Nem sequer olhou para trás.

Se os últimos dois meses me ensinaram alguma coisa, é que os Visconti são cruéis, mas este? Santo *Crow*[9], não há um pingo de humildade naquele corpo esculpido. Talvez seja por isso que Alberto se referiu a ele como Vicious.

Talvez seja por isso que Alberto se referiu a ele como *Vicious*[10].

— Aurora? Uh, talvez deva desacelerar. Está parecendo um pouco embriagada.

— Cale a boca, Max.

Meu pulso lateja em meus ouvidos em um ritmo inquietante. Desisti de fingir que não olhava, e agora meus olhos estão cravados na lateral de sua cabeça. *Que imbecil.*

De repente, ouço meu nome.

— O quê?

Sei que escapou dos meus lábios alto e impetuoso, porque todo mundo parou suas conversas para me olhar. há um raspar de um garfo. Alguém tosse.

— Estava apenas dizendo a Angelo que você é do *Devil's Dip* — Alberto diz cuidadosamente, me fixando com um olhar cauteloso. Um olhar *de não-se-atreva-me-envergonhar.* —

Angelo também cresceu lá. Tenho certeza de que ambos terão muito o que conversar.

Angelo verifica seu relógio, depois seu olhar volta para o papel de parede acima da cabeça de Dante.

— Não há muito o que falar — fala lentamente. — Aquele lugar é um buraco de merda.

Tor solta uma gargalhada alta e, ao seu lado, Dante sorri em seu copo.

— Por que voltou então?

Silêncio. Está quente e pesado e minha resposta está pendurada na sala de jantar como uma pintura feia.

Oh, sparrow. O que acabei de fazer?

Não só falei mal na frente de Alberto, como deixei escapar que tinha visto o seu sobrinho em *Devil's Dip*. O que implica que não estou sendo escoltada apenas para ver meu pai e voltar como deveria. Meu coração acelera, minha garganta fica seca e gostaria de poder engolir essas palavras tão rápido quanto as solto. Especialmente quando Alberto estala os nós dos dedos e sibila algo em italiano.

De repente, me ocorre que algo está errado. Sou a única olhando para a reação de Alberto. O resto? Seu foco coletivo está em Angelo. É quase como se estivessem esperando ansiosamente para ver o que ele fará a seguir. Obrigo-me a olhar para Angelo também e percebo que agora está olhando diretamente para mim. Seu olhar é pesado e frio. Indiferente. Como se estivesse olhando para um cardápio de dólares do McDonald's em vez da garota que acabou de desafiá-lo.

Os próximos segundos se estendem pelo que parece uma eternidade. Então leva o uísque aos lábios, toma um gole preguiçoso e se vira para Dante.

— Rafe disse que está reformando o *Grand*. Parece caro.

E assim, a tensão se dissolve em uma conversa sobre o último empreendimento dos Visconti. Todo mundo se esqueceu do meu pequeno ato de rebelião, mas não consigo me livrar da sensação de que as consequências da minha boca bêbada e esperta mostrarão sua cabeça feia mais tarde.

Depois que os criados retiram a sobremesa, Alberto dá um tapinha em sua barriga gorda, bate palmas e anuncia — Hora de festejar!

Ótimo.

Cadeiras arrastam para trás e todos passam pelas portas de vaivém e descem para o porão. Em vez de seguir o exemplo, me afasto e cambaleio em direção ao banheiro de hóspedes ao lado do escritório de Alberto, aquele em que o encontro de Tor presumivelmente estava cheirando coca da pia dourada. Só preciso de um momento para organizar meus pensamentos. Para ficar um pouco sóbrio. O vinho subiu direto à minha cabeça e mal consigo ficar de pé com esses saltos agulha idiotas que Alberto insista que eu use. Só preciso de um momento longe desta família. Para sentar em uma sala silenciosa, então molharei meu rosto e... — *Ouch!*

Há um súbito aperto em meu pulso. Gira-me e me empurra contra a parede do corredor. Apesar da escuridão e da embriaguez nublando minha visão, posso sentir o cheiro do coquetel de charutos e bebidas alcoólicas no hálito quente de Alberto. Viro minha cabeça, ofegando com o peso de seu corpo enorme preso contra o meu.

É assim que será a nossa noite de núpcias?

— Alberto!

Sou interrompida por sua mão gorda apertando minha mandíbula. — Nunca mais me envergonhe assim de novo —

sussurra, abaixando-se para que seus lábios molhados rocem meu nariz. — Se quer agir como uma pirralha, vou puni-la como uma pirralha. — Seu aperto aumenta, ameaçando quebrar minha mandíbula. — Tirarei a equipe de cuidados de seu pai e interromperei suas visitas. Entendido? — Apesar da dor, não posso deixar de sentir uma pontada de alívio. Ele não percebe que vi Angelo em *Devil's Dip*; está apenas zangado com a conversa fiada. Empurro minha cabeça em suas mãos, porque mal tenho espaço para acenar com a cabeça. — Bom — ronrona, aparentemente feliz com a minha obediência repentina. Acho que vai me liberar, mas não libera. Em vez disso, empurra mais para dentro de mim.

Isso é... *Santo crow.* A protuberância agora pressionando contra a minha coxa sugere que está *mais* do que feliz. A bile sobe na minha garganta e luto contra o desejo de conectar meu joelho à sua ereção.

— ou talvez, não esperarei até a nossa noite de núpcias para pegar o que é meu.

Meu coração para. A ameaça de Alberto está carregada como uma arma, e a deixa marinar no pequeno espaço entre nós. Sua respiração queima minha bochecha, ficando cada vez mais difícil no silêncio.

— Entendido — resmungo.

Nunca perde uma festa, ele sai de cima de mim e pisando duro no corredor. — Vista e não ouvida, Aurora. — Resmunga por cima do ombro. — Aprenda a manter essa boquinha bonita fechada.

Fico lá, congelada na parede, até que o som de passos pesados batendo contra o mármore se dissolva no nada. Corro para o banheiro e tranco a porta atrás de mim. Ofegante, inclino meu peso contra a pia e olho para o meu reflexo.

Três anos fazendo coisas ruins. Talvez a confissão semanal para um serviço de correio de voz anônimo não seja suficiente? Talvez também tenha que me arrepender dos meus pecados. Talvez ter que me olhar no espelho todos os dias e não reconhecer a garota que me encara seja o meu castigo.

Quem é essa garota? Silenciosamente pergunto ao espelho. Porque não a reconheço com a maquiagem grossa e o cabelo liso como pôquer. Apesar de ter assinado meu nome com sangue na linha pontilhada do contrato de Alberto, nunca serei Aurora Visconti. Sempre serei Rory Carter de *Devil's Dip*. A Rory que usa o cabelo cacheado e vive de *Lululemon* e tênis. Que pode começar um incêndio com uma lata de refrigerante e identificar mais de trezentos pássaros apenas por seus piados.

Eu me permito um suspiro. Um longo e desesperado. Isso tira tudo dos meus pulmões e gira ao meu redor como um abraço. Jogo-me na beirada do vaso sanitário e coloco a cabeça entre as mãos. *Santo sparrow, meu maxilar dói.*

Quando fiz um acordo com Alberto Visconti, ele me prometeu tudo o que pedi em troca de minha mão em casamento e o espaço intocado entre minhas pernas. Ser cortada com seu anel e agredida em cantos escuros não estava em nenhum lugar do contrato. Estou muito envolvida.

Inalando uma lufada de ar, esfrego as manchas de vinho em meus lábios com um lenço de papel, aliso meu vestido e me preparo para o porão.

Lembre-se porque está aqui, Rory.

Lembre-se porque está aqui.

04

Rory

O Basment bar está inundado com pouca luz, conversas alegres e novos convidados considerados não importantes o suficiente para comparecer ao jantar real. A música mudou do clássico para o jazz, passando pelos alto-falantes atrás do bar revestido de carvalho.

Atrás das cabines e sofás de veludo verde, portas do chão ao teto abrem para a área do pátio, onde Tor e Donatello conversam profundamente sob uma lâmpada de aquecimento.

Odeio que imediatamente procure por Angelo. Quando examino o mar de rostos e não o localizo, ou meu noivo nojento, aliás, o pânico sobe em zigue-zague pela minha espinha. E se Angelo o puxou para a sala de charutos, ou a sala de jogos, e está contando o que viu? Porque certamente, depois da minha explosão, fez a conexão agora. Olho na direção da sala de charutos e vejo Dante parado do lado de fora da porta fechada, com uma das mãos no bolso e a outra envolvendo o copo de uísque. Está andando.

Dante Visconti não é o tipo de homem que anda de um lado para o outro.

Engolindo em seco, impulsiono meu caminho em direção ao bar e deslizo ao lado de Amelia. O barman se vira, fixa os olhos em mim e ri. — Rory Carter — ronrona, enrolando um pano no interior de um copo de cerveja. — Ouvi dizer que estava saindo com os Visconti esses dias. Não acreditei.

Aperto os olhos sob o brilho âmbar e percebo que é Dan. Ele trabalha com meu amigo Wren no *The Rusty Anchor*, o bar do porto em *Devil's Dip*.

Instintivamente, deslizo a mão com meu anel de noivado para fora do bar. — Dan, oi. O que está fazendo aqui?

— Pegando algumas horas extras trabalhando em um bar particular. — Joga o pano sobre o ombro e estreita os olhos. — Não tinha você como uma dessas garotas.

Minhas têmporas latejam. *Uma dessas garotas.* Nem preciso olhar ao redor do bar para saber de que garotas está falando. Há uma piada corrente em *Devil's Dip* de que o objetivo de vida de toda garota é sair ou se casar com um Visconti. E se não consegue um Visconti, então pelo menos um dos homens muito ricos que podem se dar ao luxo de frequentar os estabelecimentos de propriedade Visconti em *Devil's Cove*.

Eu estava sempre no primeiro grupo de meninas; meu objetivo era sair assim que completasse dezoito anos. Acho que a vida nem sempre acontece do jeito que quer.

— O que posso pegar para você?

Qualquer coisa que me deixe entorpecido. — Gin tônica, por favor.

— Faça dois — Amelia entra na conversa, vindo ao meu lado. — Essas noites de sexta são tão chatas, não são? Posso aguentar o jantar, mas essas pós-festas... — abafa um bocejo. — Simplesmente duram para sempre.

— Eu sei — gemo, curvando-me para esfregar a bolha recente em meu calcanhar. — O que eu daria para estar de pijama fofo assistindo *Grey's Anatomy* agora.

Seu olhar rola sobre mim em descrença. — Não me parece o tipo de garota que possui pijamas fofos. Aposto que dorme

com o Chanel nº 5 e sai para sua corrida matinal com um vestido Versace.

Meu bufo é feio, e se Alberto tivesse presenciado, teria arrastado seu anel sobre mais da minha carne. Quero lhe dizer que tudo o que ela vê à sua frente é feito à imagem de Alberto. Que esta maldita tanga está cortando minha bunda ao meio, e perdi a conta de quantas vezes prendi minha pele em zíperes muito apertados, mas embora Amelia seja meu único vínculo com o mundo normal dentro dos portões desta mansão, ela ainda faz parte da família. Por isso, sorrio e balanço a cabeça, minha bufada derretendo na linda gargalhada que consegui aperfeiçoar nos últimos dois meses.

Tomamos nossas bebidas e encontramos um sofá perto das portas do pátio. Assim que sentamos, Donatello e Tor passam pelas portas, ambos com grandes sorrisos em seus rostos.

— Senhoras, estamos aceitando apostas. Querem entrar? — Tor pergunta.

Amelia olha para o marido com uma carranca. — Juro por Deus, Donnie. Quantas vezes já lhe disse para parar de se envolver com essas apostas estúpidas? Sua família é um bando de golpistas, nunca ganhará.

Donatello se abaixa para acertá-la sob o queixo. — Relaxa, *mio amore*[11]. Estamos apostando em quanto tempo Dante ficará do lado de fora da sala de charutos antes de arrombar a porta.

Olho para cima. Dante ainda está andando, e agora murmura algo baixinho.

Tor ri. — Ele está chateado por não ter sido convidado para a reunião.

— Que reunião? — Amélia pergunta.

— Papai está lá com Angelo. Aparentemente, queria uma conversa particular. — Tor enfia dois dedos na boca e assobia. Dante olha para cima e para ele, mas quando acena, ele vem.

— O quê? — Grita.

Tor aperta a mão em seu ombro. — Sabe o quão patético parece parado aí, mano? Como se estivesse no ensino médio e sua garota estivesse em *sete minutos no céu* com outro cara.

Há uma onda de risadas, e o calor enche meu estômago sabendo que, pela primeira vez, não é às minhas custas.

— Papai sempre foi obcecado por ele — Dante rosna, roubando outro olhar para a porta. — Sobre o que diabos têm para falar? Ele mal é um *Made Man* hoje em dia. — Engolindo o líquido marrom restante em seu copo, bate na mesa mais próxima e rosna — Foda-se. Vou entrar.

Nós o observamos irromper em direção à porta da sala de charutos. Tor verifica o relógio, sorri e estende a mão. Donatello resmunga e puxa um clipe de dinheiro do bolso da camisa. Pede *desculpas* a Amelia, que parece querer dar um soco nos dois.

— Ele tem trinta e dois malditos anos — Tor ri, contando as notas em sua mão. — E ainda está ressentido com isso.

— Sobre o quê? — Eu me pego perguntando.

Tor me olha e sorri. — Angelo fodeu com seu par do baile.

— Por que?

Olha para Donatello e, em uníssono, dizem — Porque ele é Vicious Visconti.

Os cabelos da minha nunca se arrepiam. — Vicious?

— Sim, ele é um filho da puta desagradável — Tor ri. — Bem, era antes de se endireitar. — Cutucando as costelas de Donatello, acrescenta — Lembra quando ele estourou a rótula do motorista porque fez a curva errada?

Donatello assente. — *Mmm*. E quando trancou todos aqueles trabalhadores portuários em um contêiner e o explodiu, tudo porque havia um registro de barco que não podiam explicar. — Balança a cabeça em descrença. — De todos os *made men* para se endireitar, nunca pensei que seria Vicious.

Tor dá um tapa nas costas de Donatello. — Falando em encontros, provavelmente deveria encontrar Sarah.

— Skyler — Amelia o corrige revirando os olhos. — Seu nome é Skyler.

— Como quiser. Faz um tempo que não a vejo. Provavelmente está com as mãos na porcelana da família. — E com isso, Tor corta os foliões e desaparece. Lançando um sorriso de desculpas para Amelia, Donatello segue o exemplo.

— Toda vez — Amelia murmura, espetando um cubo com seu canudo.

Não estou ouvindo, no entanto. Em vez disso, observo Dante bater com o punho na porta da sala de charutos. Abre-se e revela a silhueta iminente de Alberto. Eles têm uma discussão curta e acalorada antes de Dante se virar e me fixar com um olhar furioso.

Congelo, minha bebida a meio caminho dos meus lábios, e quando vem em minha direção, minhas palmas começam a suar. *Isto não é bom.*

— É você. — Rosna, parando a apenas alguns centímetros de onde estou sentada. — Ele quer falar com você.

Meu coração pula uma batida. — Eu? — Murmuro.

Dante porém, já está a meio caminho do bar, e Amelia agora está batendo furiosamente em seu celular. Meu estômago revira e, por um breve momento, considero sair pelas portas do pátio e desaparecer na praia, mas a carranca impaciente estampada no rosto de Alberto me diz que minha presença não é negociável.

Abandono minha bebida e sigo para a sala de charutos, meus saltos ameaçando ceder no tapete macio. Alberto dá um passo para o lado, passa o braço em volta da minha cintura e planta um beijo frio e escorregadio na curva do meu pescoço, como se não tivesse a mão apertada em volta do meu queixo enquanto borrifava meu rosto com saliva e menos veneno há menos de dez minutos.

Ele me empurra para dentro da sala. Quando Greta, a governanta chefe, me mostrou a mansão Visconti pela primeira vez, ela me disse que mulheres não eram permitidas aqui. *É para os homens,* mas não tenho perdido muito - é apenas uma versão menor do escritório de Alberto. Armários de mogno e poltronas macias, tudo sob uma pesada nuvem de fumaça de tabaco.

Parece ainda menor com Angelo Visconti levantando-se da poltrona junto ao fogo.

— Aurora, não tive o prazer de apresentá-la formalmente a Angelo durante o jantar.

Atrás de mim, a porta se fecha, mergulhando-nos em um silêncio ensurdecer.

No pouco tempo em que estou noiva do chefe da *Cosa Nostra*, fiz essa dança inúmeras vezes. Homens diferentes, ternos iguais. Beijos nas costas da minha mão, um sorriso congelado nos lábios, mas desta vez, parece diferente. Sinto que não consigo respirar. Por que? Porque, por alguma razão

inexplicável, prefiro me jogar do penhasco em *Devil's Dip* do que dançar com Angelo Visconti. *Vicious* Visconti.

Respirando fundo para ganhar coragem, forço-me a erguer os olhos do tapete.

Um peso pressiona meu peito quando encontro seu olhar pesado. *Oh, santo crow, ele é bonito.* Talvez seja porque não está mais perigosamente perto da beira de um penhasco, ou talvez seja a maneira como se reclina naquela poltrona, com um sorriso irritado no rosto, mas não acredito que nunca percebi que ele era um Visconti. Olhos verdes brilham contra sua pele bronzeada, e cabelos pretos que parecem seda brilham sob os holofotes embutidos no teto baixo. Essa mandíbula e maçãs do rosto; são tão afiados quanto me lembro deles, e ainda têm o efeito de arrancar o ar dos meus pulmões. Ele é lindo da maneira mais intocável. Não que queira tocá-lo. E mesmo que *o fizesse,* a julgar pelo desdém em seu rosto e pela reputação que o precede, ele arrancaria meus dedos se tentasse.

— Angelo, conheça minha noiva Aurora, e Aurora, conheça Angelo. Ele é meu sobrinho favorito. Claro — acrescenta com uma risada — não diga a Raphael ou Gabriel que te disse isso.

Não sei quem são e não me importo de perguntar. Em vez disso, desvio meu olhar de Angelo, porque o mal-estar subindo pelos meus braços está me dizendo que algo ruim acontecerá se não fizer isso, mas então minha teimosia movida a álcool me obriga a fazer o oposto. Engulo o nó na garganta e inclino o queixo mais alto, reforçando o contato visual.

— Noiva — fala lentamente, recostando-se em sua poltrona. Seus olhos perfuram os meus e não posso deixar de notar que ele é o único homem que Alberto me apresentou formalmente que não imediatamente voltou sua atenção para

meu peito ou pernas. Também não posso deixar de notar que, por algum motivo desconhecido, isso me faz desprezá-lo ainda mais. — Estou perdendo a conta de quantas esposas teve, Tio Al.

Pisco. Nunca ouvi ninguém além de Dante falar assim com Alberto. O calor pinica minha pele, mas antes que possa recuperar alguma compostura, Alberto passa o braço ao redor da minha cintura e se joga em uma poltrona, me fazendo cair em seu colo.

Ofego. Angelo parece levemente enojado.

— Esta esposa é especial — Alberto bufa, seu braço me prendendo em seu colo como um cinto de segurança. — Ela é virgem.

Oh meu goose. Ele realmente acabou de dizer isso?

Minha cabeça gira em descrença e o calor queima minhas bochechas. É difícil lutar contra a vontade de dar uma cotovelada no seu estômago, mas sei que estou muito bêbada e meus saltos altos demais para fugir dele se fizer isso. Em vez disso, interrompo o contato visual que estava determinado a manter e escolho a segurança da fotografia pendurada na parede atrás de Angelo.

Depois de alguns segundos, percebo que estou olhando para uma fotografia aérea da *Devil's Coast*. Foi nomeado assim por causa das falésias irregulares e quedas íngremes; parece que o próprio Diabo deu uma mordida na terra. No topo, *Devil's Cove* brilha como as joias da coroa. As luzes brilhantes dos hotéis e cassinos piscam para cima e para baixo no perímetro do semicírculo arenoso. Abaixo está *Devil's Hollow*, a paisagem tão negra que é quase azul-marinho. Toda a emoção de *Hollow* está enterrada nas profundezas do solo, em majestosas cavernas onde os Visconti envelhecem seu uísque em barris e organizam festas ilícitas para ricos e

depravados. Um pouco mais longe da costa, pode ver a grande estrutura que é a *Devil's Coast Academy*, que é praticamente *Hogwarts* para a superelite.

E depois há *Devil's Dip*. *Lar.* Senta-se na pequena curva de terra bem no fundo da costa. Meu coração dói ao olhar para a visão panorâmica do pequeno porto e das ruas estreitas e de paralelepípedos, ambas tendo como pano de fundo a extensa e arborizada *Devil's Preserve*. É uma loucura que eu esteja a menos de quarenta minutos de casa, mas posso muito bem estar a um milhão de quilômetros de distância.

Um beliscão no meu quadril me traz de volta a sala. Aperto minha mandíbula dolorida e digo — Minhas desculpas, não ouvi. O que disse, querido?

Querido. Talvez meu jogo com a fantasia doentia de Alberto me livre de outro castigo. Eu me viro para ele e abro meu sorriso mais doce. Parece funcionar, porque o fogo em seus olhos fervilha e segura minha mão.

— Mostre a ele o anel.

Engolindo em seco, encontro o olhar de Angelo novamente, lentamente colocando minha mão no espaço entre nós. Está tremendo. *Deve ser todo o vinho.* Ele considera minha mão como se toda a ideia de ter que olhar para o meu anel de noivado fosse mais chata do que uma longa viagem de ônibus em um dia chuvoso. Depois bebe um gole preguiçoso de uísque, demorando para colocá-lo na mesa lateral. As conchas das minhas orelhas estão quentes e o silêncio prolongado é sufocante.

O relógio sobre a lareira toca. O peito de Alberto arfa as minhas costas. Com um pequeno e repentino assobio, inclina-se para a frente e desliza a mão ao redor do meu pulso.

Minha respiração é superficial. Não esperava que ele *me tocasse.* Olho para seus dedos em volta do meu pulso. São tão longos que a ponta do polegar encontra a junta do dedo indicador. Minha mão fica minúscula em sua palma, parecendo ridiculamente infantil. Não gosto disso. Parece errado. *Perigoso.*

— Parece pesado.

A indiferença em sua voz envia estática pela minha espinha, e uma estranha sensação de euforia se instala depois disso. O diamante é *enorme.* Pesa no meu dedo anelar como uma âncora e Amelia uma vez brincou que a claridade é tão alta que não capta apenas a luz, mas também a escuridão. Todos os homens que Alberto me forçou a exibi-lo se entusiasmaram com isso, e ainda assim...

Angelo não dá a mínima para a pedra de um milhão de dólares no meu dedo. Por mais que não goste dele, o pequeno ato de rebelião contra o todo-poderoso Alberto me excita.

Alberto pigarreia. — Não tenho certeza de quanto tempo ficará na cidade, mas a festa de noivado é na próxima semana e adoraríamos tê-lo lá. Levante-se. — Para meu horror, Alberto me deu dois tapas na bunda, me jogando de pé como se eu fosse uma mula recusando-se a trabalhar. — Vamos, Angelo. Há algo que quero mostrar a você.

Ele passa por mim e desaparece pela porta. O som da festa preenche brevemente a sala antes que a porta se feche e nos leve de volta ao silêncio. Estamos sozinhos e o calor é sufocante.

Seu olhar queima em mim. Eu me forço a olhar de volta para ele.

Seus olhos piscam com algo que não posso dar um nome enquanto ele esfrega os dedos sobre os lábios.

— Aurora Visconti — murmura atrás deles.

Meu peito aperta. Já ouvi esse nome em voz alta antes, mesmo há poucas horas na mesa de jantar, de Amelia, mas a maneira como isso sai de sua língua e entra no silêncio entre nós soa... *inapropriado.*

E, no entanto, meus ouvidos anseiam por ouvi-lo novamente.

Ele se levanta, desenroscando-se da cadeira e esticando-se em toda a sua altura. Apesar de usar esses saltos estúpidos, meus olhos estão nivelados com o grosso tronco de sua garganta. Estou paralisada pela visão de seu pomo de Adão balançando sob a sombra de sua mandíbula.

— Pesado o suficiente para pesá-la.

Meus olhos se erguem para os dele. — Com licença?

Ele baixa o olhar para a minha mão, em seguida, arrasta os dentes sobre o lábio inferior. Calor inunda minhas coxas, indesejado, mas imparável. — Seu anel. Parece pesado o suficiente para pesá-la se optar por cair.

Meu coração colide com minha caixa torácica e minha respiração para. O único barulho que posso ouvir na sala é meu sangue batendo contra minhas têmporas. Estou hiperconsciente de sua presença, sentindo cada passo pesado enquanto se move ao meu redor para ir em direção à porta.

Então ele para bem ao meu lado, assim como fez no penhasco. A barba por fazer de sua mandíbula arranha minha bochecha, e seu cheiro agora familiar faz minha cabeça girar.

— Foi um prazer conhecê-la, Aurora.

O delírio que acompanha o desconhecido me transporta de volta à beira do penhasco.

E pela primeira vez, realmente gostaria de ter pulado dele.

05

Rory

— Um duplo Smugglers Club. — Digo asperamente para Dan, incapaz de olhá-lo nos olhos. — Sem gelo.

Ele solta um assobio baixo e desliza um copo baixo de cristal pelo bar. O uísque quente atinge o fundo da minha garganta, escorre pelo meu coração acelerado e depois se junta à amargura na boca do estômago. Não faz nada para esfriar a febre que queima meu corpo.

Enquanto o fantasma do aperto de Alberto em meu queixo dói, a lembrança da mão de Angelo em volta do meu pulso *queima.*

— Outro — exijo. Dan ergue uma sobrancelha, mas completa de qualquer maneira.

Viro-o, limpo minha boca e cambaleio no meio da multidão, indo direto para Max.

Ele está sentado em uma cabine, sozinho, bebendo uma cerveja. Se não desgostasse muito dele, sentiria pena, porque dedicou sua vida a uma família que não daria a mínima para ele.

— Diga-me tudo o que sabe sobre Angelo Visconti.

— O que precisa saber? — Max ronrona, seu hálito de cerveja fazendo cócegas em meu pescoço.

Vamos começar com: por que ele me deixa tão nervosa?

— O que eu disse. Tudo.

Ele se aproxima, e o calor de sua coxa empurrando contra a minha faz minha pele arrepiar. — Quanto vale?

— Sua vida, Max. Ele me viu sozinha em *Devil's Dip*. Sabe, quando você deveria me escoltar o tempo todo?

Demora alguns momentos para a ficha cair. — Vicious viu? Foda-se — geme, passando as mãos pelos cabelos. — Alberto me matará.

Aprendi que quando alguém diz isso por aqui, quer dizer literalmente, não figurativamente.

— Dante disse que nem é mais um *Made Man*. Pensei que os homens Visconti eram *Made Man* por padrão?

Max dá um gole em sua cerveja, dando um suspiro nojento quando a coloca de volta na mesa. — Tudo bem, aqui está o resumo de Angelo. Seu pai, Alonso, era o capo da equipe *Devil's Dip*. Administrava as importações e exportações do porto. Negócio super lucrativo - o que arrecadava em *Dip* faz *Cove* parecer uma favela.

Franzo a testa, pensando em todos os hotéis cinco estrelas e cassinos chamativos que se alinham em *Devil's Cove*. Então, uma imagem do porto *Devil's Dip* vem à mente. Nada mais do que um velho cais rangente, alguns barcos de aparência lamentável e um contêiner abandonado transformado em bar. — Realmente? O que negociou?

— Qualquer coisa e para qualquer um. Ele tinha cocaína vinda dos colombianos, armas indo para os russos. Nada estava fora dos limites.

Balanço minha cabeça. Sem chance. O problema de morar em uma cidade pequena é que cresce conhecendo todo mundo e suas mães. Conheço muitos trabalhadores portuários - Bill, o melhor amigo de meu pai, *Old* Riley, que se casou com a mãe de Wren - e *nunca* se envolveriam com algo

ilegal como esse. Não, a única coisa que entra e sai do porto do *Devil's Dip* são lagostins e comida enlatada.

Quando conto isso a Max, ele ri e bate de brincadeira com o ombro no meu. — Agora, espere. Ainda não terminei o resumo, não é? — Estende a mão e tira uma mecha do meu cabelo do meu ombro. Um movimento que faz meus ossos estremecerem. — Alonso era muito, muito inteligente. Conhece a igreja no penhasco? — Por um momento, posso sentir o gosto do ar salgado, o vento soprando em meus cachos. Sentir o cheiro da fumaça do cigarro. Concordo. — Quando os irmãos Visconti chegaram à *Devil's Coast*, Alonso imediatamente comprou aquela igreja, foi ordenado e se estabeleceu como diácono paroquial. — Recosta-se e cruza os braços. Suas sobrancelhas estão levantadas, como se estivesse esperando que eu ligasse os pontos.

— E?

Ele suspira. — E, por que vai à igreja?

— Uh, para rezar?

— Para *confessar*. Alonso conhecia os segredos mais profundos e sombrios de *Devil's Dip*. Com aquela munição pairando sobre suas cabeças, fariam qualquer coisa que ele quisesse, ilegal ou não.

Há um zumbido estranho em meus ouvidos enquanto processo o que ele está dizendo. — Jesus — murmuro. — Isso é…

— Genial.

— Cruel, era a palavra que eu estava procurando.

— Isso também — diz com um encolher de ombros.

De repente, arrepios se espalharam por meus braços como uma erupção feia e o calor pinica minha bochecha

esquerda. É instintivo me virar, e é aí que me vejo olhando nos olhos de Angelo Visconti. Está encostado no balcão, segurando um copo de uísque tão frouxamente que parece que vai derrubá-lo. Dante está em seu ouvido, falando animadamente enquanto permanece imóvel e silencioso. O contraste entre eles é como fogo e gelo.

Nossos olhos se encontram e seu olhar é frio o suficiente para me deixar gelada. *O que há com esse cara?* Quando alguém é pego olhando, geralmente desviam o olhar - se não por constrangimento, pelo menos para ser educado, mas ele está me olhando como se tivesse todo o direito, como se eu fosse uma pintura pendurada na parede ou uma estátua no saguão.

Apenas não um que ele goste da aparência.

Então seus olhos deslizam para a minha direita. Para Max. A tempestade que obscurece sua expressão me faz desviar o olhar.

Limpo minha garganta e murmuro — Deixe-me adivinhar: a razão pela qual não assumiu como capo foi porque não concordava com as táticas de chantagem decadentes de seu pai.

Ele não percebe meu sarcasmo.

— Não. É porque ele viu a mãe e o pai morrerem na mesma semana.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam. — Foram assassinados?

— Não. Maria teve um ataque cardíaco e, alguns dias depois, Alonso teve um sangramento súbito no cérebro. Somos grandes em família por aqui, sabe? Ele levou à sério. Após o funeral, em vez de ser empossado como capo, pegou um voo de volta a Londres e vive limpo desde então.

— Limpo?

— Acho que foi isso que Dante quis dizer sobre ele não ser mais um *Made Man*. Antes da morte de seus pais, ele administrava um negócio de agiotagem muito bem-sucedido na Inglaterra, esperando até que seu pai se aposentasse e assumisse o controle, mas depois? Não voltou. Em vez disso, escolheu ficar na Inglaterra e tornou todo o negócio legítimo. Há rumores de que nem carrega mais uma arma.

Quando me viro para olhar novamente para Angelo, é com uma luz um pouco mais brilhante. Observo enquanto inclina a cabeça e lentamente gira o líquido em torno de seu copo com um giro preguiçoso de seu pulso. Uma centelha de simpatia acende em meu estômago, e a culpa se instala em minha pele como poeira.

Eu realmente sou uma pessoa horrível. Perder minha mãe já foi difícil o suficiente, mas o câncer se arrastou por seu corpo tão devagar quanto xarope, pelo menos nos dando tempo para dizer adeus. Não consigo imaginar perder minha mãe e meu pai na mesma semana.

Há uma pontada afiada no meu peito. *Isso não é inteiramente verdade.* Quando minha mãe morreu, uma grande parte do meu pai morreu com ela.

— E seus irmãos? — Digo de repente, lembrando-me da piada de Alberto para Angelo na tabacaria. *É meu sobrinho favorito, mas não diga a Raphael e Gabriel que disse isso.* — Por que não assumiram o *Devil's Dip*?

— Rafe e Gabe? — Pergunta de uma maneira alegre que sugere que são os melhores amigos, o que duvido muito. — Não. Vai contra a tradição passar a posição de capo através da linhagem. A única exceção é a morte ou o encarceramento. Além disso, os irmãos Dip... — enfia o dedo na cerveja, pega um pouco de espuma e chupa. *Nojento.* — São ferozmente

leais. Apenas alguns anos entre eles, mas pensaria que eram trigêmeos pela maneira como se comportam.

— Eles também moram em Londres?

— Não, não. Rafe possui a maior parte do horizonte de Las Vegas. Deve ter visto ele por aí – sempre vem a *Cove* para jogar pôquer com Tor e os irmãos *Hollow*, mas Gabe? — Ri. — Não deve tê-lo visto.

A zombaria que pontua sua frase desperta meu interesse. — Por que? O que ele faz?

— Não sei. Não tenho coragem de perguntar.

Antes que continue meu interrogatório, Vittoria desliza para o banco à nossa frente e deixa cair a cabeça na mesa. — Deus, prefiro medir meus olhos com uma colher enferrujada do que estar aqui.

Max levanta sua cerveja morna em um brinde. — Espere até seus vinte e um. Estar bêbado torna essas festas um pouco mais suportáveis.

— *Estou* bêbada. — Diz Vittoria, me interrompendo. — A namorada de Tor não é tão inútil quanto parece. Ela continua me deslizando doses de vodca de seu cantil. Pelo menos, *acho* que é vodca.

— Oh não — murmura Max, levantando-se. — Se seus irmãos descobrirem que eu sabia que você estava bêbada... — sai correndo para a multidão, não antes de me lançar um olhar suplicante. — Você não me viu, está bem?

Reviro os olhos e volto minha atenção para Vittoria. Depois de alguns momentos, ela sai de debaixo de sua cortina de cabelo preto e olha para mim com olhos injetados.

— Meu vestido é muito apertado. Meus pés doem. — Ela se senta ereta e pega o colar de pérolas em volta do pescoço.

— E essa porra de coisa está coçando. — Com um movimento rápido, o arranca do pescoço e o joga sobre a mesa. — E... — de repente empalidece, franzindo os lábios. Sem outra palavra, desliza para fora da cabine e sobe as escadas do porão.

Meu olhar pousa no colar e murmuro uma palavra de pássaro baixinho. Ela o arrancou do pescoço como se fosse feito de macarrão com barbante. Enoja-me que mesmo o membro mais jovem desta família não tenha noção de sua riqueza ou privilégio. Crescerá e se tornará uma criança mimada, assim como o resto deles.

Varro meu olhar sobre a sala. Depois, quando tenho certeza de que ninguém está olhando coloco o colar no sutiã.

A festa continua, uma tempestade de música e risadas. Às vezes, estar perto dos Visconti parece que é dia de Natal, e estou espiando pela janela da sua sala de estar tremendo em uma tempestade de neve. Um forasteiro que nunca será convidado a se sentar perto do fogo. Isso sempre me deixa triste, mas só por um momento. Porque sei que prefiro sentir muito frio e perder todos os dedos dos pés para o congelamento do que me juntar a eles.

Enquanto examino a sala, Amelia chama minha atenção. Ela sorri e se aproxima. Quando está a apenas alguns metros de distância, Donatello estende o braço e agarra o seu pulso.

— *Baby*, a vila que acabamos de comprar na Toscana, nem gostou, né?

A mandíbula de Amelia se projeta. Suas narinas se agitam. Então, respira fundo e varre seu olhar sobre mim com um sorriso congelado. — Aurora, querida, poderia nos dar licença por um momento? Só preciso lembrar ao meu marido que se ele continuar fazendo apostas com os irmãos, logo

estaremos morando em uma caixa de papelão embaixo do cais.

— Verei como está Vittoria — murmuro, levantando-me com dificuldade.

Quando os deixo brigando na cabine, a familiar pontada de saudade me tira o fôlego. Eles têm a mesma coisa que meus pais tinham - amor verdadeiro. Sempre prometi à minha mãe que me casaria por nada menos, e mesmo enquanto pairava sobre a linha pontilhada do contrato de Alberto, o fantasma de sua voz suave sussurrou um lembrete em meu ouvido. Quebrar essa promessa a ela é um pecado que me pesa desde então, e não importa quantas vezes tenha confessado, é muito pesado para abalar.

Jesus, estou bêbada. O chão resplandece enquanto as luzes âmbar brilham baixas e nebulosas. Cada passo no mar de ternos e saltos altos é instável e imprudente; será preciso apenas um passo em falso para ceder a esses saltos estúpidos, e não preciso dar a Alberto outra desculpa para me punir.

A quietude do saguão é como tirar meu sutiã depois de um longo dia. Solto uma lufada de ar e volto para as sombras de um corredor de conexão, pressionando minhas costas contra o frio painel de mogno. A festa zumbe sob meus pés, como se os residentes do inferno estivessem batendo no teto, tentando escapar.

Aproveito a tranquilidade por um tempo, antes de decidir que provavelmente devo dar uma olhada em Vittoria. Uma grande parte de mim não se importa que uma Visconti – mesmo a mais jovem e inocente – possa estar engasgando com o próprio vômito, mas acho que ainda há uma pequena fração de mim que não é um monstro.

Aliso meu vestido e respiro fundo. Quando viro o corredor, colido com algo grande e parecido com uma pedra. A princípio, acho que me virei muito cedo, colidindo com uma das estátuas berrantes que espreitam nas alcovas, mas então uma mão dispara e agarra meu antebraço, impedindo-me de cair para trás.

Angelo Visconti.

Fixamos os olhos. Então o choque arrebata o ar dos meus pulmões, e arranco meu braço de seu aperto como se queimasse.

Ele enfia a mão com que me agarrou no bolso; a outra segurando um celular no ouvido. Obviamente, saiu da festa para atender uma ligação privada. Há um leve zumbido de conversa do outro lado da linha, mas não parece estar ouvindo. Não mais.

Oh, cara!

Aqui é quando murmuro um pedido de desculpas. Quando dou um passo para o seu lado e corro de volta para a festa, onde as risadas, a música e um copo de bebida fresca aquecerão o frio na minha pele, mas não posso, *não posso* fazer nada além de ficar parada olhando para ele.

Jesus, ele era tão alto e largo no penhasco? Talvez este corredor seja mais estreito do que me lembro, ou talvez seja a escuridão. Os monstros são sempre maiores e mais assustadores no escuro.

Engulo o nó na garganta e balanço a cabeça. *Controle-se, Rory.* Angelo Visconti não é um monstro. Dante disse que mal é um *Made Man*, e Max disse que nem carrega uma arma, mas quando desliga sem dizer uma palavras, e enfia o telefone no bolsa, dando um passo à frente, dou um passo atrás. Crescer na *Preserve* aguçou meus instintos, e ficar em um corredor escuro com esse homem me dá a mesma

sensação de desconforto de ouvir uma folha esmagando no chão da floresta ou um uivo à distância.

Pode não ser um *Made Man*, mas parece que estou cara a cara com um predador.

O silêncio que servia de trégua há poucos minutos agora é sufocante, esmagando meu peito como um tijolo. Eventualmente, seus olhos soltam os meus, descendo pelo meu pescoço e parando no meu peito. Seu olhar queima ainda mais do que seu toque. É tão *descarado,* tão sem vergonha. Como se meu corpo pertencesse a ele, em vez de mim.

— É falta de educação encarar. — A réplica voa da minha boca, altiva e arrastada, antes que eu possa detê-la. *Oh, swan.*

Sei que não devo falar assim com um Visconti, especialmente duas vezes na mesma noite. O que é pior, ele é o Visconti que deveria tentar bajular, ou pelo menos evitar. Nada o impede de dizer a Alberto que me viu em *Devil's Dip*, *sozinha,* cambaleando à beira do penhasco. Quantas vezes Alberto sibilou em meu ouvido, *não se atreva a me envergonhar.* Tenho certeza de que todo mundo descobrir que sua noiva supostamente prefere se jogar no mar a se casar com você é a humilhação final. Não tenho dúvidas de que cumpriria suas ameaças. Tirar a equipe de cuidados do meu pai. Parar minhas visitas.

Por isso, deveria me desculpar. Deveria abaixar minha cabeça, usar meu charme de cidade pequena e agir como se não tivesse duas células cerebrais para esfregar uma na outra. Isso é o que ele e o resto de sua família pensam de mim de qualquer maneira, certo?

No entanto, estou quente, febril. Estupefata sob a intensidade de sua atenção. Enquanto arrasta seu olhar de

volta para o meu, minha pele fica mais quente, como se estivesse em frente a uma fogueira. É perigoso, mas *tão atraente.*

Ele dá mais um passo à frente e eu, outro passo atrás. Já no vasto vestíbulo, os vitrais das janelas da entrada projetavam um caleidoscópio de cores sobre seu rosto. Verdes, azuis, rosas, aquecendo suas feições frias e suavizando sua nitidez.

Ele passa o polegar pelo lábio inferior. Dá um leve aceno de cabeça. Depois estende a mão em direção ao meu peito, os nós dos dedos roçando o tecido de seda cortando a curva dos meus seios.

O que...

Olho para baixo e meu sangue congela. Antes que possa protestar, seu polegar e indicador agarram a pérola solitária saindo do decote, e puxa. Pérola por pérola, o colar de Vittoria se desenrola do meu sutiã para a sua mão. Apesar do pânico começar a se infiltrar em minhas veias, não posso ignorar como cada gota fria passa pelo meu mamilo conforme puxa lentamente. Não posso ignorar a chama tremeluzindo entre minhas pernas, ou a maneira como minha respiração fica superficial sob seu toque.

Quando o fecho finalmente sai do meu peito, segura o colar pela ponta da pérola, da mesma forma que as pessoas seguram um saco de cocô de cachorro que não é deles. Ele também está me encarando como se eu fosse um cachorro – com um sorriso de escárnio que aprofunda a fenda de seu queixo e olhos frios e estreitos. O nó na minha garganta é grande demais para engolir, e sei que é tarde demais para sorrisos falsos e desculpas tímidas. Deveria cair de joelhos e implorar para ele não contar a Alberto, e se fosse Tor, ou mesmo Dante, isso é exatamente o que eu faria.

Por alguma razão inexplicável contudo, esse homem me faz querer ser teimosa. Tenho vontade de enfrentá-lo cara a cara, para provar que não serei aquela que recuará da beira do penhasco antes dele, não importa quantas pedras desmoronem sob meus tênis, ou quão forte o vento sopre.

Aborrecimento pisca em suas íris, como se eu fosse uma mosca que não pode afastar. — Se você parecesse mais entusiasmada ao sentar no colo do seu noivo, talvez lhe comprasse um colar de pérolas.

As cores em seu rosto mudam conforme fecha a distância entre nós. Paro de respirar.

Sua silhueta paira sobre mim como uma nuvem de tempestade, e tenho uma sensação estranha e conflitante girando em torno de meu corpo. Não sei se quero virar as costas e correr para me abrigar ou inclinar a cabeça para trás, fechar os olhos e abraçar a chuva.

É toda a bebida no meu sistema. Tem que ser. Acordarei com a cabeça latejando e o peito cheio de arrependimentos. E provavelmente alguns ferimentos mais sérios quando contar a Alberto o que eu...

Sua mão encontra meu pulso, parando todos os meus pensamentos acelerados. Agora, tudo o que posso focar é a faixa de fogo queimando na minha pele; como uma pulseira venenosa. Puxa minha mão para o meu lado, e ambos olhamos para ela. Ele vira meu punho. Instintivamente, desenrolo meus dedos para revelar minha palma.

Para minha surpresa, solta um pequeno silvo, como se algo sobre minha ação o incomodasse. Então coloca o colar na palma da minha mão, criando um pequeno e cuidadoso rolo de pérolas, e fecha minhas mãos em um punho. Posso sentir seu olhar, um fardo pesado, contra minha bochecha,

mas não levanto meus olhos de sua mão em volta da minha. É tão *grande.* Dedos grossos e um toque pesado e quente.

Pigarreia e, quando finalmente fala, sua voz é rouca. — Roubar é pecado, *Aurora*.

Estremeço com a forma como envolve seus lábios ao redor das vogais do meus nome.

Então, com um roçar pesado de seu ombro no meu, ele se foi. Atravessa o saguão, o vitral criando arco-íris contra o paletó, e desaparece nas sombras.

Assim como no penhasco, nem olhou para trás.

Fico ali na escuridão, com um colar de pérolas roubado e um coração palpitante.

06

Angelo

O Rusty Anchor Bar e Grill. *Tanto faz.* Tenho coisas mais importantes a fazer do que espionar a prostituta do meu tio.

A placa colocada acima da porta está sem a maioria das vogais, e aposto que o interior do meu *Bugatti* também está negligenciado. Desde criança sempre foi o tipo de conjunto que dá vontade de enxugar os pés na saída.

Essa é a coisa sobre *Devil's Dip*. Os lugares, as pessoas. *A porra do tempo.* Nada sobre esta cidade de merda nunca muda. Saindo da tempestade e entrando no contêiner, imediatamente provei que estava certo. O mesmo bar cheio de lascas feito de madeira lavada; mesmos veteranos sustentando-o. Até o buraco de bala no telhado ainda está lá, de onde meu pai disparou sua pistola para o alto para restaurar a lei e a ordem entre os descontentes trabalhadores portuários.

E a mancha de sangue no tapete de quando um dos bastardos estúpidos não levou a sério sua ameaça.

Olho para a água da chuva espirrando no balde com desgosto. Dante deve ter colocado algo no meu uísque ontem à noite, porque não consigo ver nenhuma outra razão lógica para concordar em encontrá-lo aqui, ou por que teria concordado em encontrá-lo.

A poltrona perto da lareira range quando me afundo nela. Torcendo minha cabeça em direção ao bar, sinalizo para a

garota atrás dele vir. Ela se assusta, aponta para o peito e a boca, *eu?*

Sim, acho que o serviço de mesa não é feito em bares feitos de contêineres abandonados.

No momento em que espanei a chuva do meu casaco e passei a mão pelo cabelo molhado, ela está pairando sobre mim, torcendo as mãos. — S-sim?

— *Smugglers Club* com gelo.

Há um silvo do outro lado da sala. Olhando para cima, encontro os olhos de um velho debruçado sobre uma mesa feita de caixote. Conheço o seu tipo. Velho demais para ainda jogar carga no cais, mas vem aqui todos os dias para afogar as mágoas com cerveja barata, vendo o porto correr bem sem ele através da janela encharcada de chuva. Por aqui, homens como ele não têm mais nada para fazer.

A garota me dá um sorriso de desculpas. É loira, cheia de sorrisos radiantes e energia nervosa. — Desculpe por isso. Uh, a fábrica *Smugglers Club* fica na cidade, e as pessoas por aqui não gostam muito da família que a possui.

Eu a ignoro para manter o olhar do homem. Passo meus dentes sobre meu lábio inferior. Estalo meus dedos. Seria tão fácil dar dois passos até ele, colocar minha mão em volta de sua garganta e me certificar de que nunca mais vai sibilar de novo.

Interrompo o meu olhar furioso e volta para a garota do sorriso ensolarado. — Ele também terá um. E faça o dele duplo.

Acho que não sou tão leal ao nome Visconti.

Ela muda o peso de um pé para o outro, depois sai correndo. Desaparece em uma sala dos fundos, o som de remexer e tilintar ainda mais alto do que a chuva martelando

no telhado de zinco. Eu me pergunto qual é a sua história. Garotas com os maiores sorrisos colhem os segredos mais obscuros. Além disso, deve se arrepender de *alguma coisa* se está trabalhando nesta espelunca.

— Você.

Meus olhos se movem preguiçosamente para a esquerda. Outro velho, me olhando com fascinação ao invés de uma carranca.

— É realmente você? Um dos anjos de *Devil's Dip*? Não o vejo há anos, garoto.

Sim, e não ouço esse apelido há anos. Solto uma risada, uma que tem gosto de nostalgia amarga, e volto minha atenção para a desculpa patética de um incêndio.

Os *Angels of Devil's Dip*. Era assim que os locais costumavam chamar a mim e aos meus irmãos enquanto crescíamos, porque éramos filhos do diácono. Isso e o fato de sermos pálidos, loiros e de aparência angelical. Naquela época, não parecia que tínhamos um pingo de sangue siciliano correndo em nossas veias, mas à medida que crescíamos, nosso cabelo ficou mais escuro e nossa pele mais bronzeada, apesar de morar em uma cidade que viu cerca de trinta minutos de sol por ano.

— É uma honra vê-lo de volta à cidade, garoto. — Diz o homem, tirando o gorro da cabeça e apertando-o contra o peito. — Seu pai era um grande homem.

Garoto. Poderia lhe dizer que não sou mais uma criança do caralho. Sou um homem de 36 anos, fundador e CEO de uma empresa de investimentos multibilionária; também poderia lhe dizer que meu pai *não* era um grande homem, mas não. Posso ser fodido. Entrar em brigas com os locais sempre foi algo que me desagradou e não é esse o motivo da minha visita.

A garota do bar traz uma garrafa empoeirada desenterrada das profundezas do depósito, despeja o líquido marrom em um copo e o coloca sobre a mesa de três pernas à minha frente.

Olha para o meu Rolex. — Se você está procurando por *Devil's Cove*, saiu dos dois cruzamentos interestaduais muito cedo.

— Wren — sibila o homem de gorro — esse é o filho de Alonso Visconti.

Não desvio meu olhar do fogo. Não preciso, porque posso ouvir as engrenagens girando em seu cérebro. Ela murmura um palavrão, seguido por um murmúrio de desculpas, então corre de volta para a segurança do bar.

Eu me viro para o homem que sibilou. Agora há um copo grande de uísque produzido por Visconti ao lado de sua cerveja pela metade. Com um sorriso desagradável espalhado em meu rosto, ergo meu copo para ele, então tomo um grande gole.

Ele não está mais carrancudo. Tanto ele quanto o bastardo de olhos de corça que está enfiado na bunda do meu pai. Eles representam toda a população de *Devil's Dip, ou* amava ou odiava meu pai e, no raro caso de ser imparcial, com certeza sabia quem ele era.

Ele e seus dois irmãos foram a primeira geração da *Cosa Nostra* siciliana a cruzar o Atlântico. Nova York estava superlotada e Boston era dominada pelos irlandeses, então viajaram para cima e para o oeste até encontrarem a isolada *Devil's Coast*. Não tinha nada além de três cidades de merda ao longo de sua extensão. Tiraram a sorte para decidir quem ficava com qual território, e meu pai ficou com o *Devil's Dip*, aparentemente o pior de um bando ruim. As águas eram mais agitadas, os penhascos eram mais rochosos e as pessoas

eram mais... *simples* do que na costa, mas o porto? Era perfeito para carga do mercado negro.

Ninguém atraca em *Devil's Dip* a menos que seja necessário. As ondas são implacáveis e o penhasco se curva para abraçar o cais, tornando-o invisível para os navios que chegam e que não deveriam estar lá. É pequeno, indefinido e não chama a atenção das autoridades locais. Além disso, possui rotas comerciais fáceis ao longo da Costa Oeste, bem como do Canadá e até da Rússia.

As menores cidades têm os maiores segredos, Angelo. Isso é o que meu pai sempre dizia quando eu era criança. Quando olhava para as luzes brilhantes de *Devil's Cove* ou via meus primos em *Devil's Hollow* fechando negócios de sete dígitos em reuniões de negócios com investidores de Nova York e perguntava por que ele ainda está aqui.

E quanto maiores os segredos, mais poder temos.

Sobre a borda do meu copo, estudo ambos os homens. Um com os olhos brilhantes de nostalgia, o outro rosnando no fundo de sua cerveja. Sem dúvida, um se beneficiou do reinado de meu pai, enquanto o outro vivia com medo dele. Em outras palavras, um tinha um segredo maior que o outro.

Atrás de mim, a porta se abre e a voz de Dante chega com o frio intenso. Ambos serpenteiam pela parte de trás da minha lapela da maneira mais desconfortável.

— Chegou cedo, Vicious.

Reviro os olhos com o apelido, bebo minha bebida e aceno na direção do bar pedindo outra. Vou precisar, mas então, outra voz ameniza meu humor.

— Encontrei.

— Encontrou o quê? — Dante grunhe.

— O lugar mais deprimente do mundo. Aposto que até as baratas se foderam.

Meus lábios se curvam ao som da voz arrogante de Tor. Viro-me para vê-lo se aproximar do bar e bater com o punho contra ele. — *Bastardo* — murmura, levantando a mão para examiná-lo. — Tenho a porra de farpa.

A garota do bar aparece na sala dos fundos, segurando a garrafa do *Smugglers Club,* o sorriso congelado no rosto não fazendo um bom trabalho em esconder o pânico em seus olhos. Pode não ter me conhecido, mas com certeza conhecerá Tor e Dante.

— Oh, olhe, é o Bom Samaritano.

— Eu tenho um nome, sabe.

— Sim, sim, apena nos dê isso. — Tor grunhe, avançando e pegando a garrafa dela.

— Uh, tudo bem. Hum, mais alguma coisa?

— Sim, uma vacina contra o tétano.

Balanço minha cabeça, levemente divertido.

— Não posso levá-lo a lugar nenhum.

Não tinha notado Dante afundar na poltrona em frente. Inclina-se para trás, olhando para mim. Como sempre, seu sorriso tenso não chega aos olhos. Assim como seu pai, representa tudo o que odeio em estar ligado ao nome Visconti. A *Cosa Nostra* corre em suas veias como um vírus desagradável, e se veste como se tivesse acabado de sair do set de um filme de *Marlon Brando*.

Tor se aproxima e bate a garrafa na mesa entre nós. — Bom vê-lo, *cugino*[12]. Costuma agraciar a Costa apenas no Natal e nos funerais, então fiquei surpreso ao vê-lo aparecer

para jantar ontem à noite. Está aqui para o serviço fúnebre dos seus pais? Porque faltam mais de duas semanas.

— Não — Dante diz calmamente. — Ele quer voltar para casa.

Atrás da borda do meu copo, mordo de volta um sorriso. Então *é* por isso que insistiu tanto ontem à noite em me encontrar hoje. Quando todo mundo estava me perguntando por que estava na cidade, minha resposta de "apenas visitando" não foi convincente o suficiente para ele. Está errado. Prefiro cagar nas mãos e bater palmas do que voltar para o *Devil's Dip* e assumir meu lugar de direito como capo, mas a maneira como seu olhar humorado se move em torno de minhas feições, a maneira como aperta o copo, me faz perceber que está nervoso. Então, vou deixá-lo suar um pouco mais.

Tor assobia. — É finalmente o retorno de Vicious Visconti?

Minha mandíbula trabalha. Assim como *Angels of Devil's Dip*, Vicious Visconti é um apelido de uma vida diferente. Nos últimos nove anos, não houve nada de cruel em mim, mas não posso negar — ouvir Tor me chamar é uma descarga de adrenalina na minha espinha.

Era *bom* ser cruel.

— Não voltarei. Como eu disse ontem à noite, estou apenas de visita.

Mentira. Você teria que ser lobotomizado para visitar *Devil's Dip* sem uma agenda. Tor está certo, volto para o Natal e funerais e muito pouco entre eles. Fico apenas o tempo suficiente para apertar a mão de meus tios e bater com os punhos em meus primos. Beijar as tias no rosto e deixá-las beliscar a minha enquanto me contam como cresci. Estar nesta cidade por muito tempo me faz sentir como se estivesse

perdendo células cerebrais. Além disso, há tantas vezes que posso ouvir a pergunta: *Quando voltará?*

Todo mundo sempre quer saber quando voltarei.

Não gosto de Dante nem perto o suficiente para lhe dizer que estou aqui por causa de um maldito biscoito da sorte.

Alívio pisca em seus olhos, e tenho o desejo imediato de distingui-lo.

— Mas quando decidir assumir o *Devil's Dip* novamente, será o primeiro a saber — acrescento. — Obrigado por mantê-lo quente para mim.

Ele quase engasga com o uísque. Alisando a camisa - italiana, sem dúvida - abaixa o copo e me encara com raiva. — Esquentar? Eu o transformei completamente. Reformulei a infraestrutura, comprei toda uma frota de embarcações de uso privado. Contratei segurança 24 horas por dia para patrulhar a cidade. Inferno, tenho os funcionários do porto em volta do meu dedo mindinho e assegurei novas rotas comerciais para o México e o Oriente Médio. — Suas narinas dilatam. — Fiz mais do que mantê-lo aquecido. — Rosna.

Sua explosão paira no ar como um cheiro ruim. Aproveitando o calor de seu olhar furioso, lentamente giro meu pulso, girando o líquido marrom em volta do meu copo. Eu o deixei suar. Então, quando a tensão é deliciosamente espessa, encontro seu olhar com o meu.

— Então, quando eu decidir voltar, vai me mostrar como se faz.

— Voltar? Deve ser bom ter o luxo de ir e vir quando quiser enquanto mantenho seu território para você.

E aí está, uma das muitas razões pelas quais Dante me despreza. As zombarias e os comentários carregados têm sido uma barreira entre nós desde que me lembro, e estar em um

continente inteiro separado por quase uma década não mudou nada. Tudo começou quando éramos apenas crianças; ele sempre achou que eu e meus irmãos éramos infantis por causa do jogo especial que jogávamos. E então esse desdém se transformou em ciúme quando nosso jogo significava que matamos um homem muito antes que ele pudesse pegar uma arma. Oh, e depois fodi a sua namorada no baile de formatura. Não consigo lembrar por que, no entanto.

Agora, no momento em que piso na costa, sinto sua hostilidade. Odeia que eu tenha ido contra sua amada tradição, e odeia que seja a mesma tradição que o impede de assumir completamente o *Devil's Dip* e ter acesso total e sem precedentes ao porto.

Eu levanto meu copo e pisco. — É para isso que serve a família, certo?

O silêncio arde mais quente que o fogo. Sua mandíbula aperta e sua garganta balança enquanto engole a resposta amarga que estava prestes a cuspir. Nós olhamos um para o outro, e posso sentir aquela escuridão familiar girando na boca do meu estômago. A adrenalina zumbindo nas bordas do meu cérebro. Lambo meus lábios, ignorando o barulho de Vicious Visconti tentando escapar de sua jaula. Desde que me endireitei, tentei perseguir o barato com carros velozes e putas que não têm a palavra “não” em seu vocabulário, mas nada chega perto da sensação de ser um filho da puta cruel.

Troquei esta vida por um escritório de cobertura e salas de reuniões e *planilhas de merda,* mas não tem sido fácil. Pelo menos posso entrar no meu lado sombrio uma vez por mês. Essa é provavelmente a única razão pela qual não estou enfiando meu punho na sua cara.

Tor limpa a garganta e se levanta. — Vou fumar. Vamos, talvez ficar na chuva mijando comigo esfrie ambos os cachorros.

Sem dizer uma palavra, Dante e eu seguimos Tor pelo bar até o pátio nos fundos. A varanda não passa de quatro ripas de madeira amarradas com corda de pescador, e as únicas coisas que nos protegem da tempestade são alguns caixotes que formam um telhado improvisado. Tor lança os olhos para cima, murmura algo sobre OSHA baixinho e acende o cigarro.

Encravado alguns metros na encosta do penhasco, o pátio do *Rusty Anchor* oferece uma vista ininterrupta do porto. Apesar do meu desdém por isso, não posso negar que está mais brilhante do que quando eu era criança. O porto tem o dobro do tamanho, as passarelas e as rampas foram totalmente restauradas. Inferno, até o escritório do capitão do porto foi reformado - costumava ser apenas uma cabana velha e rangente que gemia com o vento e agora é feita de tijolos e até tem janelas.

Tor me oferece seu maço de cigarros, mas balanço minha cabeça.

— O que estão passando aqui agora?

— Ainda o que concordou. Munição sai. Coca e pílulas de festa chegam. Junto com os suprimentos habituais de restaurantes e hotéis para *Cove*, é claro. — Sopra a fumaça na chuva e me sorri de lado. — Não se preocupe, se decidirmos começar a traficar prostitutas russas, faremos questão de passar por você primeiro.

— Parece lucrativo.

— Parece que quer um corte — Dante rosna. Olho para vê-lo encostado nas paredes de ferro corrugado do contêiner, com as mãos enfiadas nos bolsos. — Sobre o que estava conversando com nosso pai ontem à noite?

Não mordo. Em vez disso, viro as costas para o mar tempestuoso e olho para a esquerda, observando as luzes brilhantes de *Devil's Cove* à distância. À sua frente, *Devil's*

Hollow aparece como uma sombra escura, e nossa velha escola, a *Devil's Coast Academy* fica em cima dela como uma cereja venenosa em cima de um bolo. Estico meu pescoço diretamente para cima, os olhos pousando na igreja do meu pai. Em seguida, concentro-me no promontório em frente a ela, onde, quarta-feira de manhã, encontrei a última prostituta do meu tio parada muito perto da borda. Mal tive um vislumbre dela, apenas uma mecha de cabelo loiro espreitando sob seu moletom e um breve olhar para seu rosto quando me virei para sair. Normalmente, não seria suficiente reconhecê-la do outro lado da mesa de jantar, como fiz ontem à noite, mas então, quando olhou para mim do outro lado da sala, reconheci instantaneamente aqueles olhos. São da cor do uísque quente.

Enfio as mãos nos bolsos do casaco, virando as costas contra o vento uivante. Jogo justo para o velho bastardo - ela é um show de fumaça com certeza. Aquele maldito vestido vermelho que vestiu; *Jesus,* qualquer homem com pulso ficaria de pau duro com aquele visual.

— Falando em seu pai, vejo que já tem outra prostituta garimpeira — digo lentamente, preguiçosamente arrastando meu olhar de volta para as rochas até Tor. — Elas ficam mais jovens a cada ano.

Solta uma risada. — Sim, mais jovens e mais gostosas. Foda-se sabe-se lá onde a pegou.

— O que significa?

— Normalmente as garotas de Big Al são ratas de clube. Sabe, vagando pela área VIP em meus clubes tentando encontrar um vale-refeição, mas Aurora? Nunca a tinha visto antes. — Joga a guimba do cigarro na chuva e enfia o queixo na jaqueta. — Confie em mim, teria visto aquele pedaço de bunda gostosa a um quilômetro de distância — murmura.

Mastigo essa pepita de informação por um momento. *Interessante.* Claro, ela tem todos os mesmos componentes que as outras que vieram antes dela - cabelo loiro, seios grandes e pernas longas como uma segunda-feira - mas é definitivamente diferente. Uma boca mais inteligente. Um sorriso formigou em meus lábios quando me lembro de puxar o colar de pérolas de Vivi para fora de seu amplo decote. *E uma pequena ladra suja.*

Olho de volta para a beira do penhasco e um pensamento indesejado se infiltra em meu cérebro. *Por que ela quis pular?* Livro-me disso tão rápido quanto chega, no entanto. Realmente não dou a mínima para a última sanguessuga do meu tio. E, além disso, também me mataria se minha única saída de *Devil's Dip* fosse entregar minha virgindade a um desprezível de setenta anos.

O celular de Tor vibra em seu bolso. Puxa para fora, olha para a tela e geme. — Trabalho. — Resmunga, antes de mergulhar de volta para dentro. Agora somos só eu e Dante, e percebo que tem estado muito quieto nos últimos minutos.

Travamos os olhos e seu brilho escurece. — Por que está realmente aqui, Angelo?

Voltando minha atenção para o mar, arrasto uma junta de minha barba e endureço minha mandíbula.

— Dante?

— Sim?

— Cuide da porra da sua vida.

Sem olhar para trás, passo por ele, entro no bar e caminho em direção à porta. Quando passo, Tor agarra meu braço, afasta o celular da orelha e fala, *aonde vai?*

Pego uma pilha de cartas do bolso da camisa e jogo na tigela de gorjetas. — Encontro com o clã *Hollow* para o

almoço.

— Diga a Benny que ele me deve quarenta mil do jogo de pôquer da semana passada, sim?

Aceno, e então continuo andando.

— Vem amanhã para o almoço de domingo? — Chama atrás de mim.

Um gemido ecoa em meu peito. O clã *Cove* adora uma maldita reunião. Prefiro enfiar meu pau na porta de um carro, mas em vez de dizer isso a ele, levanto minha mão em um meio aceno e saio para o estacionamento.

Entrando no carro, deixo escapar um assobio de respiração. A chuva cai em lâminas contra o para-brisa e o vento ameaça arrancar os espelhos laterais. *Caramba, esse clima.* Ligo o carro e atravesso a tempestade, serpenteando ao longo da estrada cortada na face do penhasco, que pegarei até chegar ao ponto mais alto de *Devil's Dip*. Para chegar a *Devil's Hollow*, deve subir até o topo dos penhascos e atravessá-los, antes de pegar a estrada estreita e sinuosa que leva até a cidade abaixo. Os locais a chamam de estrada *Grim Reaper*, porque a menor virada fará com que o próprio homem apareça por cima do seu ombro.

Este deve ser um passeio divertido.

O motor geme na subida e o rádio estala enquanto se esforça para encontrar um sinal. Bato meus dedos contra o volante e tento me lembrar da última vez que vi os *Hollow* Visconti - não os vejo tanto quanto meu irmão Rafe. Parece que está festejando com eles a cada duas semanas.

Ah, sim, foi há alguns meses. Festa de noivado de Castiel. Ele se casará com uma russa mal-humorada que o odeia tanto quanto ele a odeia. Ela é a herdeira da empresa *Nostrova Vodka*, portanto, outro acordo comercial. Sem

surpresas - as únicas pessoas nesta família burras o suficiente para se casar por amor são Donatello e Amelia.

E minha mãe.

No topo do penhasco, um edifício familiar surge à distância, aproximando-se a cada movimento dos limpadores. Um gemido escapa dos meus lábios. *Claro.* Esqueci que tenho que passar pela igreja do meu pai no caminho para *Hollow*, e não posso ser fodido para lidar com todas as memórias que isso traz à tona agora. Quando cheguei ao litoral na quarta-feira, resolvi fazer o que sempre faço: ir direto para a igreja antes mesmo de descarregar as malas no hotel *Visconti Grand*. Tire toda a raiva e a nostalgia amarga do meu sistema antes de mergulhar nas reuniões de família, nos beijos no ar e na conversa fiada, mas então uma certa pessoa já estava no meu lugar habitual, e provou ser uma grande distração.

Ao contornar o cemitério, noto um carro estacionado na entrada. Estranho. As únicas pessoas enterradas aqui no século passado são Visconti, e a única razão pela qual um local visitaria um túmulo de Visconti é mijar nele. Talvez seja o instinto territorial em mim, remanescente de quando realmente me importava com este lugar, mas desacelero, depois paro completamente sob o salgueiro. Aumentando a velocidade dos limpadores, olho através do para-brisa e dos galhos baixos, tentando descobrir quem está no carro. Os faróis estão acesos, lançando um brilho amarelo sobre lápides tortas que estão afundando na lama, e um pequeno rastro de fumaça escapa pela abertura na janela do lado do motorista. A mão de um homem aparece, jogando cinzas de cigarro no cascalho.

Agarrando o volante, franzo a testa e me inclino para mais perto, tentando ver melhor quem está no carro, e percebo que a cabeça está virada, como se estivessem olhando para a direita. Sigo o seu olhar pela estrada. O ponto de ônibus está

vazio, mas a cabine telefônica ao lado não. Minha carranca se aprofunda. *Jesus, quem diabos usa uma cabine telefônica hoje em dia?* A lâmpada bruxuleante embutida no teto ilumina uma silhueta. Uma mulher com longos cabelos loiros e uma figura esbelta.

Deixando escapar um sopro de ar, caio de volta no assento e murmuro baixinho. *Deve estar me sacaneando.* É a garota de Alberto, Aurora. Claro, seu cabelo está diferente - cachos selvagens em vez de fios retos - e está de moletom e tênis em vez daquele vestido vermelho sexy, mas é definitivamente ela. Desligo o rádio crepitante, como se isso fosse magicamente me ajudar a ouvir o que está dizendo, e a observo por um momento. Enrola o fio do telefone nos dedos e fala animadamente no bocal. Quem está do outro lado da linha claramente não tem muito a dizer, já que quem fala é ela.

Que possa está fazendo aqui, garota? E com quem está falando?

Balançando a cabeça, meus dedos roçam a chave na ignição. Não dou a mínima para com quem está falando. É claramente alguém que ela não quer que meu tio saiba, senão usaria o celular. Qualquer que seja. A *sugar baby* de Alberto não é da minha conta, e não poderia me importar menos com o que ela faz pelas suas costas.

Estou prestes a ligar o motor quando ela desliga abruptamente, se vira para o carro e bate na porta de vidro da cabine telefônica. As luzes do carro se apagam e a figura sai pelo lado do motorista, segurando um guarda-chuva. Atravessa a rua apressado, abre a porta e segura o guarda-chuva acima da cabeça dela com uma mão, depois enrola a outra em volta da sua cintura. Enquanto a guia pela estrada, dou uma boa olhada nele.

É aquele garoto, o lacaio. Max, ou qualquer que seja o seu nome; deve ser seu acompanhante. Meus dedos ficam brancos sobre o volante e o aborrecimento pinica minha pele. Ele a está segurando perto, muito perto, e pelo jeito que olha para ela sob as luzes da rua, posso dizer que não é só porque está tentando mantê-la seca.

Não é da minha conta. Não é por isso que estou aqui.

Não consigo porém me livrar da irritação que coça sob meu colarinho como uma erupção cutânea. Deve ser outra coisa instintiva, assim como ser territorial sobre a igreja do meu pai. Posso não ser o maior fã de Alberto ou de sua vida amorosa desprezível, mas ainda é uma família.

Vou esperar. Só por um minuto.

Eles chegam ao carro e, para minha surpresa, Aurora não entra. Em vez disso, têm uma breve conversa, Max entrega a ela o guarda-chuva - os dedos roçando nos dela - então ele entra no carro e vai embora.

Um assobio baixo escapa dos meus lábios. Deixar a noiva de *Don Corleone* sozinha na beira da estrada? Em um buraco de merda como *Devil's Dip*? Aquele garoto está pedindo uma bala na cabeça.

Se eu fosse um homem melhor colocaria este carro em marcha e a levaria para casa. Pena que não sou. Em vez disso, observo conforme ela fica parada, os olhos seguindo o carro até que as luzes desapareçam na névoa, antes de voltar sua atenção para o cemitério.

Congelo, e um pensamento gelado escorre em meu cérebro, mais lento que xarope.

A beira do penhasco. Ela terminará o que interrompi?

Tenho um nó na garganta e não sei como foi parar ali, ou como minha mão se moveu do volante para a maçaneta da

porta. Já vi pessoas se matarem dezenas de vezes. Inferno, forcei algumas delas a escrever suas notas de suicídio. Meus dedos caem da maçaneta para o meu colo. *Não é problema meu – já tenho o suficiente. Não sairei do carro.*

Ela dá um passo à frente, em direção ao caminho que corta o cemitério e o promontório do penhasco.

Foda-se, estou saindo do carro.

Assim que puxo a maçanete, ela para abruptamente, então se vira e desce a estrada.

— Puta merda, garota. Decida-se — resmungo para mim mesmo. Antes que possa me convencer do contrário, ligo o veículo, apago as luzes e rastejo pela rua atrás dela.

Não sou um homem paciente, nunca fui. E como dono da maior coleção de supercarros da Europa, não estou acostumado a dirigir nessa velocidade, também não estou acostumado a seguir mulheres jovens por estradas vazias sem que saibam. Não é realmente minha bolsa.

Depois do que parece uma eternidade, ela se afasta, e percebo que está indo para Preserve. Primeiro a cabine telefônica, depois a floresta. Que porra esta garota está fazendo?

Não pretendo esperar. Digo a mim mesmo apenas mais alguns minutos, mas uma hora se passa e ainda não me movi. E então a vejo. Ela sai de trás das árvores, depois o carro de Max rasteja de volta pela rua para cumprimentá-la. Ele sai, dá um beijo em seu pescoço e a leva de volta ao carro.

Enquanto se afastam, percebo que estou rangendo o maxilar. Há algo amargo na minha língua, um sabor que não reconheço. Fortalecendo minha coluna, ligo meu carro e giro meu volante para travar totalmente para seguir na direção que acabei de vir, toda furtividade pela janela.

Então, ela é uma garimpeira e uma ladra.

Ela representa tudo que odeio nesta vida. Para o meu tio, não passa de um pedaço de boceta bonita e algo para se gabar em um jogo de pôquer. Para ela, meu tio é um *Amex* ambulante e falante, com um limite de gastos pelo qual vale a pena abrir as pernas.

07

Rory

O vestido que Greta está tentando me espremer é dois tamanhos menor, mas ela não é o tipo de mulher que desiste de um desafio. As mulheres que usam saias lápis de *tweed* e óculos meia-lua, e prendem o cabelo no coque mais apertado possível, nunca são. Dobra minha carne com uma mão e puxa o zíper com a outra.

— Oh, *flamingo*. — Murmuro, olhando para ela no espelho de corpo inteiro. Ela olha para cima e me alveja com um olhar próprio.

— Precisa parar com todos os doces. — Diz, curvando-se para puxar minha bainha. É inútil; o vestido ainda mal cobre a curva da minha bunda. — Acha que não vejo todas aquelas embalagens no lixo? Enfiados dentro de suas bolsas? Corte-os e sua cintura agradecerá.

— Ou pode parar de me comprar vestidos feitos para uma menina de 12 anos. — Retruco.

Claro, com seu decote profundo, seria *muito* inapropriado para uma menina de doze anos; também é incrivelmente inapropriado para o almoço, mas não estou me sentindo muito argumentativa hoje; nunca estou aos domingos. Faz a ponte entre o sábado e a quarta-feira, que são os dias em que posso ver meu pai. Além disso, esses almoços de domingo são muito mais civilizados do que os jantares de sexta. Todo mundo está mais quieto, mais manso, especialmente se festejaram muito na noite anterior.

A mão de Greta aperta meu ombro enquanto acena para a penteadeira. — Sente-se.

Meu coração afunda. — Ah, vamos lá. Não posso apenas almoçar onde não preciso...

— Aurora, sente-se na cadeira e fique de boca fechada.

Com as narinas dilatadas, lentamente afundo em frente ao espelho

— Não sei por que sempre insiste em discutir. — Murmura, abrindo a gaveta da cômoda e tirando de lá seus instrumentos de tortura: a chapinha e a escova de cabelo. — *O Signore* Alberto gosta do seu cabelo liso. Não pede muito de você, mas lhe dá muito em troca. O mínimo que pode fazer é usar o cabelo como ele gosta. — Pontua sua frase arrastando a escova pelos meus cachos. Um milhão de fios do meu cabelo gritam por socorro. Respiro profundamente e aperto meus dedos sobre a bainha do meu vestido. — Não percebe o quão sortuda é.

— Case-se com ele, então.

Minha resposta é recebida por uma *pancada rápida* na minha cabeça com as costas da escova. Aperto os olhos e murmuro baixinho uma palavra de pássaro. A amargura gira na boca do meu estômago, e meus dedos doem com a necessidade de fechar o punho e conectá-lo com seu rosto estúpido, mas Greta é a governanta chefe de Alberto e a seguidora que mais sofreu lavagem cerebral, então sei que ela relata tudo para ele sem falhas. Prefiro uma fissura na cabeça do que algo mais sinistro de Alberto.

Ela trabalha para ele há tanto tempo que fala carinhosamente em trocar as fraldas de Dante. É óbvio que ela também está apaixonada por ele há tanto tempo. Meu palpite é que está amargurada porque em algum lugar entre todas as esposas, ela nunca teve chance. Talvez tenha tido a

chance quando era mais jovem, mas agora passou do prazo de validade aos olhos de Alberto e perdeu a janela.

— Não se mexa, preciso pegar o *antifrizz*. — Gira e entra no banheiro anexo ao camarim. Naturalmente, meus olhos caem em seu relógio *Cartier* na penteadeira, que ela sempre tira ao lidar com meu cabelo. Com um olhar superficial para a porta do banheiro, puxo um alfinete de uma almofada de costura e arranho a ponta pontiaguda no mostrador do relógio. Já pensei em roubá-lo várias vezes porque tenho certeza de que vale uma boa quantia, mas foi um presente de Alberto, então tenho certeza que ela notaria.

Eu me encaro no espelho e dou um suspiro. Coisas ruins, *pequenas* coisas ruins, são o que me impedem de enlouquecer em minha nova versão confusa da realidade. Pequenos atos de vingança me mantêm calma. Isso e doces.

Pego minha bolsa na penteadeira e procuro um doce. Sempre tem *alguma coisa* aqui, seja um chiclete de mirtilo ou um pacote de *Nerds.* Meus dedos roçam um copo de manteiga de amendoim *Reece meio derretido.* Isso servirá. Ao puxá-lo para fora, um cartão pequeno e brilhante cai no meu colo. Distraidamente, pego-o e o viro.

Sinners Anonymous. As letras são gravadas em ouro e, embaixo, o número é impresso em numerais pretos sedosos. O cartão sofreu uma surra; há um vinco no meio onde uma vez me sentei com ele no bolso de trás da minha calça jeans, e as bordas se enrolam, como se estivessem protegendo meu segredinho especial. Não sei por que ainda carrego o cartão comigo depois de todo esse tempo, porque seria capaz de recitar o número dormindo. Se acredito ou não no destino, não sei, mas sei que foi mais do que apenas uma coincidência ter encontrado este cartão no dia mais sombrio da minha vida.

Lembro-me como se fosse ontem.

Uma boca cheia de sangue, nem todo meu. Contusões frescas em forma de dedo se formando em minha garganta e uma dor entre minhas coxas que não pedi. Saí cambaleando da *Devil's Coast Academy* e entrei no estacionamento. Entrei no meu carro e dirigi, até não conseguir mais ver as torres góticas da escola pelo espelho retrovisor. Cheguei até a igreja em *Devil's Dip* antes que a realidade do que fizeram comigo - *o que fiz com eles* - me atingisse como um tsunami. Não conseguia respirar. Não tinha certeza se queria; se merecia. Cambaleei para fora do carro e para a chuva, apenas para sentir algo diferente da sensação de esmagamento no meu peito. Encostada no abrigo do ônibus, soluçando, levantei os olhos e foi aí que o vi. O pequeno cartão preso ao quadro na cabine telefônica oposta.

Sinners Anonymous.

Tinha ouvido falar disso - todo mundo em *Devil's Coast* tinha. Alguns anos antes, esses cartões começaram a aparecer em potes de gorjetas em cafés e bares. Preso nas paredes dos banheiros dos clubes, junto com a conta nos restaurantes. Quando ligava para o número, levava-o direto para um serviço de correio de voz automatizado, que o levava a confessar qualquer pecado ou segredo que estivesse pesando em sua mente. Era tão misterioso, e a empolgação de tudo isso ondulou pela costa por um tempo, até que empolgação se assentou como poeira e, eventualmente, os *Sinners Anonymous* simplesmente se entrelaçaram no tecido da área.

Naquela primeira ligação, fiz de joelhos, o telefone enfiado entre o queixo e o ombro enquanto juntava as mãos como uma oração. Agora tornou-se parte da minha vida. Assim como as pessoas religiosas vão à igreja para se confessar todos os domingos, ligo para a linha direta dos *Sinners Anonymous* duas vezes por semana da mesma cabine

telefônica da igreja. Confesso tudo que já fiz, do levemente cinza ao escuro.

Greta volta apressada para o camarim e me traz de volta aos dias de hoje. A próxima hora se arrasta em uma dolorosa tempestade de puxões e murmúrios e a ocasional marca de queimadura em meu pescoço. Quando Greta dá um passo atrás e bate palmas, sou a garota que Alberto quer que eu seja novamente. Maquiagem esfumada nos olhos, batom vermelho-sangue e um vestido que se agarra às minhas curvas como uma segunda pele.

Hora do almoço de domingo.

Recusando-me a dizer mais uma palavra a Greta, passo por ela e entro no corredor, mas pouco antes de descer a escada de mármore, uma voz abafada me arrepia os cabelos da nuca. Duas vozes, e algo no tom da conversa me faz congelar, meu pé pairando sobre o primeiro degrau.

— É um contrato padrão. Basta adicionar a porra da cláusula e pronto.

Prendendo a respiração, espio por cima do corrimão e vejo uma silhueta familiar em um canto do saguão. *Alberto.* Não consigo ver o homem com quem está falando, mas assim que fala, meu sangue gela.

— Ela já assinou. Sabe que não posso mexer em contrato assinados, Alberto.

É o Mortiz, o seu advogado. Aquele que soprou sobre mim no escritório de Alberto enquanto eu assinava minha vida.

— Oh, por favor. Nós dois sabemos que ela é burra demais para ter lido. Basta redigir um novo contrato, adicionar a assinatura dela no final e terminaremos com isso.

Há um silêncio estagnado, seguido por um suspiro anasalado. — Dê-me alguns dias para encontrar outro

caminho. Enquanto isso, leia a nova cláusula e deixe-me saber se há mais alguma coisa que gostaria de acrescentar. — Há um som arrastado e ouso me inclinar sobre o corrimão apenas o suficiente para ter um vislumbre de Mortiz entregando a Alberto uma pasta marrom. Depois, limpa a garganta. — Entende, não é, Alberto? Se ela perceber que o contrato não é o que assinou, pode processar. E sabe que o Tribunal Superior não é seu maior fã no momento...

Alberto o interrompe com uma gargalhada tão alta que ecoa no teto abobadado. — Aquela garota não tem duas moedas para esfregar. Não é ninguém, Mortiz. Além disso, quem acreditaria nela? Todo mundo sabe que o seu pai é um velho charlatão, então seria fácil convencer todo mundo de que ela não caiu longe da árvore.

Meus ouvidos começam a zumbir tão alto que não consigo ouvir o resto da conversa. Eu me escondo em uma alcova, tentando me impedir de ofegar como um maldito cachorro. *Que diabos Alberto está aprontando? Mudar os termos do nosso contrato?*

O calor formiga sob minha pele e o doce de manteiga de amendoim de *Reese* em meu estômago ameaça fazer uma aparição. *Sabia* que não deveria ter confiado nele, mas ele está certo. Não sou ninguém, especialmente neste mundo. Não venho de dinheiro ou poder. Se ele quiser me ferrar, os trezentos dólares em minha conta bancária não farão nada para detê-lo. Ele e sua família são donos de tudo e de todos nesta costa; ninguém ajudará.

Sobre a batida do meu pulso, ouço os passos estrondosos de Alberto na direção de seu escritório, e olho para baixo bem a tempo de vê-lo saindo de novo, de mãos vazias. A decisão é uma fração de segundo, alimentada pela raiva e determinação. Dou uma olhada rápida no saguão, depois desço as escadas desajeitadamente e entro em seu escritório.

Lá dentro, o ar está carregado com o cheiro de charutos velhos e livros mofados. Pesadas cortinas nas janelas salientes impedem a entrada da luz do sol e guardam todos os segredos, e embora esteja tão escuro aqui que mal consigo ver a mesa, não ouso acender a lâmpada. Em vez disso, vasculho cegamente os arquivos, levando-os ao nariz para ler as primeiras linhas. Abro gavetas. Até dou um chute frustrado no maldito cofre embaixo da mesa. Nada.

— Bisbilhotar é um pecado, Aurora.

A voz se dissolve nas sombras como manteiga em um dia quente, colando-me ao lugar. *Oh, santo crow.* Forçando-me a olhar para cima, meus olhos pousam em uma silhueta na poltrona, uma mais escura do que o canto que está ocupando. *Angelo.* Cristo, por que ele ainda está aqui?

Inalando uma respiração instável, enrijeço minha coluna e tento manter a oscilação da minha voz. — Não estou bisbilhotando, meu noivo me pediu para buscar algo para ele — digo, tentando um tom alegre. Continuo a vasculhar papéis com os quais não me importo.

A tábua do assoalho range quando ele se levanta. Odeio como estou hiperconsciente de sua presença, como posso sentir cada passo pesado que dá em minha direção em meu peito, como a batida de um tambor. Apoia as palmas das mãos na mesa e olha para mim com olhos semicerrados e preguiçosos. — Jura?

Uma palavra simples, carregada como uma arma. Engulo o nó na garganta. — Sim.

Deslizo um quadril em uma tentativa de parecer natural. É instintivo torcer um cacho em volta do dedo quando fico nervosa, mas quando estendo a mão para o meu cabelo, encontro nada além de mechas retas. Sem jeito, deixei minha

mão ficar mole ao meu lado. — Espreitar em cantos escuros não é pecado, mas ainda é estranho *pra* caralho.

Seus olhos brilham com diversão sombria. Enquanto me irrita, eu o divirto levemente, e é uma sensação que faz a chama do aborrecimento piscar mais forte em meu estômago. Levemente divertido. Como uma reprise de uma sitcom tocando ao fundo conforme faz o jantar, ou uma criança acenando no carro ao seu lado na rodovia.

Por alguma razão, quero ser qualquer coisa, menos seu entretenimento moderado. *Qualquer coisa, menos suave para ele.*

— Você tem razão. Não é um pecado, mas sabe o que é? — Ele se inclina mais perto, fechando a distância entre nós. Minha respiração fica superficial, mas não ouso me afastar. Não me atrevo a dar-lhe a satisfação. — Trair seu noivo, mas trair Alberto Visconti com um de seus lacaios? Isso é um desejo de morte. — Seu olhar cai para os meus lábios, e luto contra a vontade de lambê-los. — Você realmente *gosta* de viver a vida no limite, hein?

Suas palavras contêm muita informação para processar. Trair com um lacaio? Deve estar se referindo a Max, e isso significa... ele nos viu ontem em *Devil's Dip*. E ao viver a vida no limite, se refere à primeira vez que nos conhecemos, no penhasco. Minhas bochechas ficam mais quentes a cada segundo, e sinto como se estivesse queimando e com bolhas sob um sol escuro, mas me recuso a correr de volta para a sombra.

— Para alguém que odeia tanto o *Devil's Dip*, tem certeza que vai lá com frequência — resmungo.

Ele está parado e silencioso, o olhar se movendo sobre minhas feições como se estivesse esperando por mais.

Odeio que dê a ele.

— Alberto sabe que passo os sábados e às quartas-feiras no Devil's Dip, Max é meu acompanhante. — Minha voz está quase implorando. — Não estou traindo-o.

— E você não está bisbilhotando.

— Exatamente, não estou bisbilhotando.

Ouço passos no saguão. Ficam mais pesados e mais próximos, até ficarem tão próximos que sacodem os enfeites dourados na mesa entre nós. O rosto de Angelo é uma rede de linhas duras, mas, mesmo na penumbra, posso ver seu olhar dançando loucamente.

— Bem, vamos perguntar a ele.

A maçaneta gira e a luz do saguão inunda a sala. Largo a pilha de papéis na minha mão, dou um passo para trás da mesa e me viro para encarar a silhueta escurecendo a porta.

Juro que ouço a risada de Angelo.

Alberto faz uma pausa quando me vê. Seus olhos se estreitam, depois se voltam para Angelo e voltam. — O que está fazendo aqui?

Oh, flamingo. Meu cérebro e minha língua não conseguem se conectar rápido o suficiente para chegar a uma resposta. Ele levanta uma sobrancelha espessa, sua mandíbula estalando enquanto espera pela minha resposta, mas só consigo pensar nos hematomas no pulso, nos cortes na coxa; queimam com o fantasma de sua violência, que piora a cada dia. Existem tantos drinques que posso cuspir, tantos documentos legais importantes que posso roubar e enfiar debaixo da torneira do banheiro.

Alberto dá um passo à frente. — Aurora...

— Eu a peguei no caminho para o almoço — Angelo fala lentamente, arrastando as mãos para fora da mesa e

desenrolando a coluna em toda a sua altura. Ele se eleva sobre seu tio e faz seu escritório parecer menor que uma caixa de fósforos. — Tinha algumas perguntas sobre Dip.

Dou uma olhada para ele, mas está olhando para seu celular, inexpressivo. Como se já estivesse entediado com a conversa. Entediado comigo.

Meus ouvidos zumbiam com sua mentira, e minha mente dispara com todas as razões pelas quais se incomodaria em mentir por mim. E então uma pequena dose de adrenalina desce pela minha espinha. Saiu tão facilmente de sua língua, como se mentir fosse uma segunda natureza para ele, e algo sobre isso... Ignoro o calor que se espalha entre minhas coxas. *Não seja tão ridícula, Rory.*

— Bem, espero que tenha conseguido o que precisava. — Diz Alberto alegremente. — Agora, se não se importa, gostaria de bater um papo rápido com você antes do almoço. — Olha para mim incisivamente. — *Sozinho.*

Não consigo sair de lá rápido o suficiente. Antes que a porta se feche atrás de mim, sinto o calor do olhar de Angelo me seguindo.

A claridade do saguão parece uma lufada de ar fresco. Levo um momento para acalmar minha respiração e alisar meu vestido, antes de ir para a sala de jantar com as pernas bambas. Risos e conversas alegres saem por baixo das portas de vaivém, mas outra voz dirige minha atenção para a direita.

Na cozinha, Vittoria está parada com os braços cruzados, um garoto magrelo, mais ou menos da mesma idade, à sua frente. Seu terno é muito grande, seu cabelo muito solto. Ele bufa e diz — Aquele colar me custou toda a minha mesada semanal, Vivi. O que quer dizer com perdeu?

Ela revira os olhos de uma forma que sugere que esta é a milionésima vez que ele pergunta. — Não sei, Charlie, estava

bêbada. Além disso, tenho dezesseis anos. Que garota de dezesseis anos conhece que usa pérolas?

Jesus. Preciso começar a fazer um diário de todos os meus pecados, porque acabarei esquecendo o que preciso confessar.

Entro na sala de jantar e as risadas ficam mais altas. Hoje, a decoração é menos *The Adam's Family*[13] e mais *Architectural Digest*[14]. Uma toalha de mesa de renda branca percorre toda a extensão da mesa de jantar, adornada com guardanapos de seda xadrez e redomas cheias de abóboras e abobrinhas cuidadosamente empilhadas. Do lado de fora das portas francesas, o céu está claro e o sol do outono brilha, fazendo o oceano Pacífico brilhar.

Há apenas uma pessoa na mesa, e quando me sento ao seu lado, dá um aperto em minha coxa.

— Oi linda — murmura Max.

— Jesus — murmuro, afastando a sua mão. — o que eu te disse? Não toque.

Ele apoia os cotovelos na mesa. — Sobre essa regra de não tocar...

— Não comece...

— Ouça-me. — Ele olha para a cabeceira da mesa e, quando percebe que somos apenas nós, volta sua atenção para mim. — Angelo não disse nada a Alberto sobre eu deixá-la por conta própria no *Devil's Dip*, disse?

Aceno minha cabeça. Não me incomodo em lhe dizer que ele também nos viu ontem.

— Bom — ronrona. — Mas toda essa provação me fez pensar. Deixá-la sozinha com seu pai é um grande risco, sabia? Se Alberto descobrir, ele me matará.

Torcendo um guardanapo em meus punhos, lanço a ele uma carranca. — Onde quer chegar?

— Meu ponto é que grandes riscos merecem grandes recompensas. — Arrasta os olhos para o meu peito, depois um sorriso comedor de merda divide seu rosto em dois. — Preciso de mais de você, Aurora.

Leva alguns momentos para sua insinuação clicar, mas, quando isso acontece, a raiva sai de minhas entranhas, atravessa meus braços e desce até minha mão, que se fecha em punho e vai direto para o seu queixo. Percebo o choque em seu rosto antes que ele pegue minha mão.

— Que porra é essa? — Grita.

Eu tento puxar minha mão de volta, mas ele se recusa a soltá-la. — Vocês são todos iguais — sussurro de volta, sentindo minha mão tremer contra a palma da sua mão. Puxo-a de volta, mas ele enrola seus dedos com mais força em volta dos meus ossos. — Todos vocês, rapazes daquela escola estúpida, são todos iguais.

— Aurora, que diabos...

— Solte-me. — Exijo, não me importando que minha voz esteja ficando mais alta, ecoando pela sala de jantar vazia.

De repente, as portas se abrem e Angelo entra. Ele faz uma pausa. Olha para mim, para Max, então para nossas mãos entrelaçadas entre nós. Max guincha algo inaudível e solta minha mão como se estivesse queimando-o, mas é tarde demais. Deslumbrado com o peso da minha explosão, seguro o olhar de Angelo enquanto ele fica tão escuro quanto uma tempestade que se aproxima.

Não é o que parece, quero gritar. Não posso permitir que ele conte a Alberto o que acabou de ver, ou que expresse sua

suspeita de que estou dormindo com Max. Porque inferno, este homem já tem o suficiente sobre a minha cabeça.

Sob o silêncio pesado, estudo a toalha da mesa e gostaria de poder retirar minha explosão. Não é apenas Max sendo um idiota, é também Alberto sendo uma maldita cobra sobre este contrato, e é Angelo sendo... bem, *Angelo.*

Vou me afogar nas ações desta família.

Antes que ele possa dizer qualquer coisa, as portas se abrem novamente e Alberto entra, dois homens entrando atrás dele.

— Bebidas — Alberto grita para ninguém em particular, mas é claro, apenas alguns segundos depois de ele afundar em seu assento, um criado aparece segurando uma bandeja com uma garrafa de *Smugglers Club* e quatro copos. Angelo se senta no meu lugar habitual e os dois homens se sentam ao seu lado.

— Aurora, estes são meus outros dois sobrinhos, Raphael e Gabriel. — Alberto diz sem olhar para mim.

Através de olhares cansados, me viro para observá-los. Não estou com humor para gentilezas. Max estava certo, e reconheço Raphael porque anda com Tor e os irmãos *Hollow*. Ele tem os mesmos olhos verdes brilhantes e cabelos pretos e sedosos de seu irmão, mas parece que foi colocado sob imensa pressão e saiu do outro lado como uma versão brilhante e diamantada de Angelo. Pele lisa e bronzeada, e quando me dá um sorriso deslumbrante, covinhas marcam suas bochechas, dando a ele um encanto malicioso. Parece mais jovem que Angelo - veste-se também de maneira mais jovem. Seu terno é elegante: um corte justo e um alfinete de colarinho com dois dados de diamante de cada lado, em vez de uma gravata. Quando leva a bebida aos lábios, suas abotoaduras iguais brilham para mim.

— Um prazer, Aurora — fala lentamente sobre a borda do copo. Ele pontua com uma piscadela que aposto que faz a maioria das mulheres largar a calcinha.

Forço um sorriso educado e mudo minha atenção para o outro irmão, Gabriel. Instantaneamente, um arrepio percorre minha espinha. Ele tem o mesmo olhar frio e implacável de Angelo, mas há algo mais sombrio por trás dele. Mais sinistro. Não sei... talvez seja a barba espessa, a cicatriz raivosa esculpida em seu rosto, ou as tatuagens rastejando por baixo de seu suéter de gola rolê, mas eu definitivamente não gostaria de esbarrar com ele em um beco escuro.

Ele não diz uma palavra.

Lentamente, o resto dos Visconti chega, mais alguns extras, como o adolescente de terno grande demais, que segue Vittoria até a sala de jantar com ar de um cachorrinho recém-chutado e, para minha surpresa, a mesma garota que Tor trouxe para jantar na noite de sexta-feira.

E assim começa o almoço de domingo.

O pianista toca jazz leve, os criados trazem presuntos assados no mel e cordeiro em crosta de ervas, acompanhados de legumes glaceados e batata *Dauphinoise*. Coquetéis de uísque e cidra de maçã fluem, e os recuso toda vez que passam, decidindo que provavelmente é melhor permanecer sóbria hoje, especialmente considerando meu humor. Um golpe do Visconti errado e receio que ataque a faca de trinchar.

Sou atraída pelo zumbido no topo da mesa e, através da cortina do meu cabelo, observo Raphael comandar a corte. Está contando uma história, tão emocionante que nem Alberto interrompe com uma piada. Meus olhos se voltam para Angelo, bem a tempo de vê-lo jogar a cabeça para trás e rir.

Meu coração para. *Uau.* É profundo, gutural e genuíno. O tipo de risada que marca sua memória. Sinto uma dor repentina e incômoda sob minhas costelas e, brevemente, permito-me imaginar como seria ser o destinatário disso.

Droga, Rory. Pare com isso

Goose. Essa família não só me afogará, como também me enlouquecerá. Uma cotovelada em minhas costas me traz de volta à realidade. — Bem?

Desloco meu olhara para Max. — Bem o quê?

— Pensou sobre o que eu disse?

Minha mandíbula enrijece, aquela raiva fermentando novamente em meu estômago. Abaixo minha cabeça e arrasto meu assento para mais perto para sussurrar em seu ouvido. A última coisa que preciso é chamar a atenção de Alberto. — A única maneira de tocá-lo é quando eu colocar as minhas mãos ao redor da sua garganta sufocá-lo durante o sono.

Ele recua chocado. Olha para mim por alguns segundos atordoados. — Está bêbada?

— Não, só estou cansada de você. Todos vocês.

— Todos nós?

— Homens. Tudo é uma maldita troca para vocês. Novidade - quando uma mulher quer algo de vocês, ela nem sempre deveria pagar com seu corpo. O que aconteceu com um bom e velho favor? Sabe, como daquela vez quando implorei ao Alberto para não derrubar a *Devil's Preserve*, poderia ter apenas concordado, em vez de me ancorar a ele com este maldito anel no meu dedo. E quando te pedi para me dar um pouco de paz e sossego por algumas horas no *Devil's Dip* duas vezes por semana, poderia apenas ter concordado, em vez de decidir que é um pedido digno de apalpar meus peitos na parte de trás do seu *Lexus*.

Eu me afasto dele e olho para o teto dourado, respirando fundo e deliberadamente. *É isso? Cheguei no meu limite?*

Enquanto minha atenção volta para a mesa, travo os olhos com Angelo. Ele não está mais rindo da história do irmão, nem está comendo. Em vez disso, está olhando diretamente para mim, seus punhos cerrados em ambos os lados de seu prato intocado. Assim que me aclimato ao frio de seu olhar, percebo o que ele vê. Eu e Max, ombro a ombro, cabeças juntas e tendo uma conversa particular e acalorada no final da mesa.

O pânico agarra minha garganta, e imediatamente coloco alguma distância entre nós.

— Aurora...

— Agora não, Max — murmuro, pegando pedaços de presunto.

— Mas...

Ting, ting.

Seu apelo é interrompido pelo som de uma faca atingindo o cristal. Um som que passei a conhecer muito bem desde que tive a infelicidade de ficar noiva de *Anecdote* Alberto. Com um suspiro abafado, olho para cima e me preparo para um longo discurso, mas Alberto ainda está sentado e olhando para a esquerda.

É Angelo quem está de pé, segurando o copo de uísque em uma das mãos e a faca na outra.

— Posso ter a atenção de todos, por favor.

Sua voz é baixa, mas autoritária, e desencadeia silêncio imediato.

Ele se aquece por alguns segundos, então muda sua atenção para mim. — Aurora, não é?

Meus olhos se estreitam. Sei que esse idiota sabe meu nome, porque a maneira como sai de sua língua está gravada em minha memória, mas com um olhar cauteloso para Alberto, aceno.

— Aurora. Fique de pé.

Uma risada suave ondula pela sala, o tipo tingido de incerteza. *O que ele está jogando?* Com todos os olhos em mim, sei que não posso causar uma cena, então, a contragosto, arrasto minha cadeira para trás e lentamente me levanto.

— Perfeito. Agora, dê três passos para a esquerda.

Minhas bochechas ficam quentes e as risadas de todos ficam mais altas, como se ele estivesse contando uma piada e eu fosse a única idiota que não percebesse que sou a piada. Com um bufo, dou um passo para trás para ficar atrás do assento de Vittoria, depois dou três passos deliberados para a esquerda.

— Feliz?

Se Angelo responde, porém, não ouço.

Há um brilho em sua mão direita. Então o *estrondo* é muito alto. O cheiro de pólvora é muito forte e o gosto de sangue respingado em meus lábios é muito picante.

A bala entra em Max bem entre os olhos e sai pela parte de trás de seu crânio, levando metade de seu cérebro com ela. Sua cabeça bate na mesa com um baque forte, seu sangue tornando a toalha de mesa de renda carmesim.

Há alguns suspiros. Um grito do encontro de Tor, Skyler. Vittoria resmunga, “Oh, pelo amor de Deus”, no mesmo tom

que usaria se tivesse perdido o ônibus, mas leva menos de cinco segundos para que o silêncio se instale em torno da mesa.

Com meus ouvidos zumbindo, olho para Angelo. Calmo como um dia de primavera, ele se senta, coloca a arma ao lado do guardanapo e enfia uma garfada de presunto na boca. Mastiga. Toma um gole de uísque. Depois chama a atenção de Alberto e acena com o garfo em sua direção.

— O garoto está vendendo seus planos de negócios para os russos. — Depois, olhando preguiçosamente ao redor do resto da mesa, acrescenta — Coma, sua comida vai esfriar.

Raphael ri.

Tor solta um assobio baixo.

A palavra *cruel* pisca atrás das minhas pálpebras.

E desmaio.

* * *

Quando volto, estou deitada no sofá da sala de estar. A forte luz do sol entra pela janela e, do outro lado, os galhos de um salgueiro arranham o vidro, como se estivessem tentando me acordar gentilmente. Um pássaro canta. Sem olhar, sei que é um *Chickadee* capa preta. São coisinhas resistentes que nunca migram para o inverno. Nunca fogem de suas cidades natais, mesmo quando as coisas ficam frias, difíceis e incertas. Não, ficam com suas famílias e fazem o que for preciso para sobreviver.

Sempre gostei dos *Chickadees* capa preta.

— Se quer fazer parte desta família, não pode realmente ser tão melindrosa.

Viro a cabeça para o lado e vejo Leonardo, o gêmeo de Vittoria, esparramado na poltrona em frente. Está digitando preguiçosamente em seu telefone, seu cabelo solto escondendo um de seus olhos.

— Huh?

No entanto, a memória volta e me levanto, ignorando a dor na parte de trás da minha cabeça. *Angelo atirou em Max.* Olhando para baixo, há uma mancha vermelha no meu vestido. Levanto uma mão trêmula aos meus lábios, e com certeza, quando puxo meus dedos para trás, estão cobertos de sangue que não é meu.

— Oh, meu Deus. — Arfo, cavando meus dedos no tecido de veludo, tentando escalar meus pés. — *Oh, meu Deus.*

A porta se abre e Amelia entra apressada. — Não, não. Fique aí, querida. Teve uma queda feia e preciso verificar sua cabeça. — Toca meu braço. Afunda no assento ao meu lado. — Isso dói?

— Ele matou Max.

Não é uma pergunta, e Amelia não responde. Em vez disso, gentilmente inclina minha cabeça para frente e afasta meu cabelo do ponto sensível na parte de trás da minha cabeça. Estava vivo, em um segundo, comendo cordeiro com crosta de ervas e bebendo coquetéis de cidra com uísque, e no seguinte...

Jesus. A última coisa de que me lembro antes de meu mundo escurecer é a imagem de seu corpo caído sobre a porcelana fina da família. Através da dor de cabeça, uma voz pequena e mesquinha no fundo do meu cérebro fala comigo. *Eu fiz isso?*

No entanto, rebato isso. É um pensamento estúpido e egocêntrico. Angelo Visconti não faria xixi em mim se eu estivesse pegando fogo, assim como não me agarraria se pulasse do penhasco. E mesmo que realmente acredite que eu estava traindo seu tio com Max, não me parece o tipo de pessoa que derrama sangue por algo que não lhe diz respeito.

— Fique parada — Amelia murmura. Estremeço sob o toque de seus dedos frios. Eventualmente, ela se afasta e dá um tapinha no meu colo. — Sem sangue, apenas um grande galo. Vá com calma nos próximos dias, está bem? Ah, e se começar a sentir sono, avise alguém.

Observo seu sorriso triste e comportamento calmo. — Está falando sério?

— Sim, concussão não é brincadeira.

Pestanejo. — Amelia, Max acabou de levar um tiro; morto. Tipo, literalmente não está mais vivo. E você...

— Ouviu o que Angelo disse — diz baixinho, olhando para Leonardo, que agora está sorrindo sob seu cabelo. — Ele era um traidor.

Lentamente, balanço minha cabeça. — Não — murmuro — Max não...

— Bem, ele fez — interrompe em um tom mais firme. Então seus olhos suavizam, como se ela se arrependesse de ter sido tão dura. — Sinto muito, Aurora. Eu me lembro da minha primeira vez como se fosse ontem... — bufa, deixa cair os ombros. — Mas fica mais fácil, prometo. Tem que se lembrar que o mundo Visconti é diferente daquele a que estamos acostumados. — Com um último tapinha na minha perna, se levanta. — Estou aqui se precisar conversar. Enquanto isso, tente descansar.

Ela atravessa o tapete, despenteando o cabelo de Leo ao passar. — Como sabia porém que Max era um traidor? Ele nem mora no continente, muito menos no litoral.

A pergunta escapa dos meus lábios antes que perceba que estou pensando nisso.

Ela faz uma pausa, segurando-se no batente da porta. — Da mesma forma que ele sabe tudo. — Então sai do quarto, seus saltos estalando no mármore ao longe.

Eu me viro para Leo. — O que isso significa?

Com um suspiro, ele tira sua atenção do telefone e olha para mim. — Os irmãos Dip têm esta linha direta. Qualquer um pode discar e confessar seus segredos. Max provavelmente ligou. Cobras como ele costumam ter a consciência pesada.

Não. Não, não, não.

— Uma linha direta? — Sibilo.

— Sim, provavelmente já viu os cartões por aí. — *Por favor, Deus, não.* — Chama-se *Sinners Anonymous*.

Não pela primeira vez hoje, meu mundo escurece.

08

Angelo

Igreja Saint Pius, *Devil's Dip*.

É um prédio pequeno e modesto, exceto a torre altaneira que pode ser vista de *Devil's Cove* em um dia claro. Fica estupidamente perto da beira do penhasco, e as pedras estão erodidas pelo ar salgado do mar e anos de abandono. Na sua frente, lápides cobertas de hera lotam o cemitério, incluindo as de meus pais.

De pé na frente da porta de carvalho apodrecido, aperto com mais força o pé de cabra e respiro fundo. Nove anos atrás, joguei a chave do lado do penhasco e não posso ser fodido para descobrir se algum dos meus tios tem uma sobressalente. Em vez disso, empurro a barra entre a madeira e a fechadura de ferro e, sem surpresa, a podridão facilita a abertura com um bom empurrão.

O cheiro de mofo me atinge primeiro, seguido por uma onda de amarga nostalgia.

Porra do inferno. Não piso nesta igreja desde o funeral dos meus pais. Lentamente, ando pelo corredor, meus passos ecoando nas vigas quebradas do teto. Meus dedos passam pelos bancos, juntando um tapete de teias de aranha enquanto passo. É um buraco de merda aqui, e sou o único responsável por isso. O clã *Cove* se ofereceu para mantê-lo, assim como fazem com o porto, mas insisti que queimassem tudo.

Nós nos comprometemos fechando-o.

Ocupo meu antigo assento – na ponta do banco dianteiro esquerdo e espero. Não demora muito para que o vento leve o ronronar do motor de um carro. Ouço passos. O gemido da porta. Então a risada estrondosa do meu irmão enche a igreja, um som que me traz de volta à minha infância.

— De todas as igrejas do mundo, escolheu esta.

— Eu estava no bairro.

É fascinante ver Rafe desbloquear um milhão de memórias. Nenhuma das suas está envenenada como as minhas. Com as mãos nos bolsos, caminha pelo corredor, com um sorriso torto no rosto enquanto olha para os tetos abobadados, bebidas no altar e finalmente procura o confessionário no canto direito.

Ele dá um pequeno aceno de cabeça e para ao meu lado. — Fazemos isso há nove anos e, no entanto, nunca nos encontramos aqui — murmura, incrédulo. — Inacreditável.

Ele está certo, *é* inacreditável. Abadia de *Westminster* em Londres, Basílica de São Pedro no Vaticano. *La Sagrada Família* em Barcelona. Nos últimos nove anos, nos encontramos em uma igreja em algum lugar do mundo no último domingo de cada mês, mas nunca naquela em que crescemos. Irônico, porque foi nessa mesma igreja que nosso jogo começou.

Eu tinha doze anos, Rafe dez e Gabe oito quando meu pai nos sentou na sacristia e nos disse que era hora de nos tornarmos homens. Há meses ouvíamos confissões, rastejando para o espaço entre a parede de pedra e o confessionário e nos esforçando para ouvir todos os pecados e segredos mais sombrios das pessoas da cidade. A maioria era patética - homens casados pagando prostitutas, alunos da *Devil's Coast Academy* colando nos exames de admissão da escola - mas alguns me deixaram mal do estômago.

Entre todas as velas, vestes e pilhas de Bíblias empoeiradas, nosso pai nos disse que a partir de então, no último domingo de cada mês, teríamos que decidir qual era a pior confissão que ouvimos. E depois tínhamos que fazer algo a respeito.

Nosso jogo especial uniu meus irmãos e eu como cola. Embora os locais nos chamassem de *Angel's of Devil's Dip*, não sabiam que também éramos o juiz, o júri e os carrascos desta cidade, e durante toda a nossa adolescência zumbimos com nosso poder secreto.

Continuamos com esse ritual até os meus dezoito anos, quando deixei a costa para estudar administração na Universidade de Oxford, na Inglaterra. Rafe e Gabe não queriam continuar a tradição sem mim, por isso se transformou em nada mais do que uma boa lembrança que trazíamos sempre que voltávamos para casa nas férias.

E depois nossos pais morreram. Alguns meses depois do funeral, Rafe apareceu no meu escritório em Londres sem avisar. Estava bêbado e com os olhos turvos, recém-saído de um jato de Las Vegas.

— Sinto falta de nós — disse arrastado, encostando-se na minha mesa para se impedir de balançar. — Sinto falta do jogo.

Sinners Anonymous foi sua ideia. Uma versão maior e mais brilhante do jogo que nos forçou a nos tornarmos homens. Traçou todo um plano enquanto voava milhares de pés acima do Atlântico, alimentado por bebida e nostalgia. Um serviço de correio de voz - anônimo - em vez de um confessionário de igreja. Um alcance que tocou os quatro cantos do globo - não apenas as ruas de paralelepípedos de *Devil's Dip*. Não nos reuníamos na igreja de *Saint Pius* no final de cada mês, mas em uma igreja diferente em qualquer lugar do mundo a cada vez.

Meu primeiro instinto foi silenciá-lo porque quis dizer o que disse quando saí do *Devil's Dip* - estava me endireitando, mas a dor de ser ruim latejava sob minha pele, e experimentava abstinência semelhante a um viciado em crack. E quando se está suando, tremendo e olhando para o teto do seu quarto às 3 da manhã, sempre encontra uma maneira de justificar seus maus hábitos.

Os meus vieram na forma da expressão favorita de nossa mãe. Ironicamente, é a razão pela qual fui direto em primeiro lugar. *A vida é uma questão de equilíbrio, Angelo. O bem sempre anula o mal.*

Claro, jogaria o jogo do meu irmão, e não apenas porque precisava coçar a coceira, mas porque devia isso à nossa mãe para compensar o mal.

Disse a Rafe que estava dentro.

Agora, ele afunda no banco ao meu lado, e posso ouvir os estalidos de seus dados enquanto os rola entre o polegar e o indicador no bolso. Nosso jogo de infância o moldou muito mais do que a mim. Na verdade, toda a sua vida é um jogo - é dono de metade dos hotéis e cassinos de Las Vegas e recebe proteção dos que não tem. Ganha quando os outros perdem e, quando os outros ganham, bem, é melhor torcer para que não seja porque trapacearam. Não há nada que Rafe odeie mais do que um trapaceiro. Meu irmão é um maldito tubarão. Todo dentes brancos perolados e charme, mas ninguém sobrevive a sua mordida.

Alguns momentos se passam, então o ronco de uma *Harley Davidson* se infiltra pela porta aberta e segue pelo corredor.

— Aqui está ele. — Murmura Rafe, um sorriso malicioso dividindo seu rosto.

Os passos pesados de Gabe fazem os velhos vitrais tremerem.

— Foda-me, irmão. — Rafe ladra pelo corredor. — Possui algum calçado que não seja botas com bico de aço? Anda por aí como o Lobo Mau de *Chapeuzinho Vermelho.*

Gabe paira sobre nós como uma nuvem de tempestade e faz uma careta para Rafe. — Tudo de melhor para chutar sua cabeça, meu querido. — Grunhe.

— Puta merda, isso é o máximo que ouvi você falar durante todo o ano — Rafe atira de volta com um sorriso fácil. — Bom vê-lo, irmão.

Gabe resmunga algo ininteligível, então muda seu olhar para mim. — Bela acrobacia no almoço de hoje.

— Obrigado.

— Não nos dirá por que puxou isso?

— Não.

Ele concorda com a cabeça e tira um iPad de dentro da jaqueta.

— Vamos continuar com isso então.

O olhar de Rafe aquece o lado da minha bochecha. — Segure essa porra. Está me gozando, certo? Mata um lacaio no almoço de domingo do Big Al, segue com alguma desculpa idiota sobre os russos e não nos contará o porquê?

Bufo uma lufada de ar e arrasto um dedo pela minha barba. A verdade é que não sei por que diabos fiz isso. E a razão pela qual *acho* que fiz isso é totalmente insana.

Ela.

Gostaria de poder dizer que entrei na sala de jantar e vi a mão daquele garoto agarrada com força em seu pulso e o medo em seus olhos. Que estava protegendo a honra do meu tio, ou pelo menos, impedindo que sua noiva fosse maltratada por seu lacaio, mas isso seria besteira, porque já havia pegado a arma no escritório de Alberto e enfiado na parte de trás da minha cintura antes disso, quando a única informação que sabia, ou achava que sabia, era que ela estava transando com ele pelas costas de Alberto.

Contudo, enquanto almoçava, ouvindo Rafe descrever seu último jogo de pôquer com o clã *Hollow*, eu os observava - a maneira como estava em cima dela como uma erupção cutânea, como ela se contorcia desconfortavelmente sob cada toque - e percebi que estava errado, mas ia matá-lo de qualquer maneira.

Como eu disse, completamente louco.

— Meu dedo no gatilho coçava — digo lentamente, checando a hora preguiçosamente. — Podemos continuar com isso? Tenho merda para fazer.

— Merda para fazer em *Devil's Dip*? — Rafe brinca de volta. — É assim que sei que está falando besteira.

Eu o ignoro e volto para Gabe. Desbloqueia o iPad e o levanta para que possamos ver a tela. — Sabe o que fazer. Cada um de nós escolheu quatro interlocutores. — Ele aperta o grande botão "Gerar números aleatórios" na tela. Aparece uma planilha preenchida com doze nomes, cada um com um número entre um e doze ao lado. — Para você, Rafe.

Rafe ri e tira os dados do bolso. — Minha época favorita do mês. — Murmura, levando o punho até a boca e soprando. Com um movimento do pulso, solta o dado, deixando-o se espalhar e quicar sobre as tábuas do piso de madeira e a grade de ferro.

Silêncio. Então Gabe dá os três passos para inspecioná-los.

— Seis.

— Sim! — Rafe sibila. — A sorte nunca me decepciona, baby.

— Então, quem temos? — Pergunto.

Rafe pega o iPad e olha para a tela. — Philip Moyers. Algum velho bastardo em *Connecticut.* Ligou para confessar um atropelamento.

— Grande coisa — murmuro, revirando os olhos. — De todas as ligações que ouviu este mês, essa foi a melhor que conseguiu encontrar?

— Estava fora de si com coca. Não percebeu que ela estava enrolada em seu para-choque até que a arrastou por três quarteirões. Quando finalmente ouviu os gritos, ele a desengatou e a deixou para morrer. — Pega seus dados, dá um beijinho neles e os enfia de volta no bolso. — O relatório do legista disse que não foi o acidente que a matou, mas a exposição de ser deixada na terra durante a noite por sete horas. Oh — acrescenta, levantando-se e me fixando com um olhar ácido. — Ela estava grávida de oito meses.

Gabe estala os nós dos dedos. — Meu.

Mudo meu olhar para ele. — Seu?

Ele concorda. Enfia o iPad de volta no bolso e sai da igreja sem dizer mais nada. Alguns momentos depois, o motor de sua motocicleta ganha vida, então se dissolve no uivo do vento enquanto parte.

Rafe e eu ficamos lado a lado, olhando para a porta aberta.

— O que aconteceu com ele, cara? — Rafe diz, mais para si mesmo do que para mim.

Não respondo, porque, como ele, não tenho resposta.

Gabe é um maldito mistério. Desde que voltou para a costa em um Natal, pouco antes de nossos pais morrerem, com uma personalidade totalmente nova e uma cicatriz recente que ia da sobrancelha ao queixo. Ele não compartilhará sua merda. Tudo o que reunimos vem de sussurros chineses e boatos incompletos. Alguns dizem que está construindo e testando novas armas em uma base militar siberiana. Outros dizem que trabalha como assassino de aluguel para o time de Palermo. Tudo o que sabemos com certeza é que, no último domingo de cada mês, aparecerá em qualquer lugar do mundo que pedir.

Jogando os ombros para trás e estalando o pescoço, Rafe se vira para mim. — O que realmente está fazendo aqui, irmão? — Quando abro a boca, acerta um soco no meu ombro. — E não minta para mim, porra. Não sou Dante.

Grunho com seu golpe e ele tem sorte de eu não desconectar sua mandíbula do resto de seu crânio por aquele golpe barato. Em vez disso, dou alguns passos pelo corredor e me viro para olhar de volta para a antecâmara. Posso praticamente ver nosso pai parado atrás dela, batendo o punho contra o altar, sua voz retumbando pela nave.

Se ele estivesse realmente ali e eu tivesse uma arma, colocaria uma bala entre seus olhos, assim como fiz com Max horas antes.

— Irmão?

Meus olhos caem de volta para Rafe. — Não mentirei para você. — *Só não lhe direi a verdade.*

— Eu sei.

— Por isso, não direi nada.

Sinto seu olhar queimando entre minhas omoplatas enquanto caminho em direção à porta. Pouco antes de sair para o vento forte, paro e me viro. Ele ainda está de pé na frente do altar, os braços cruzados sobre o peito.

— Nosso pai não era o herói que pensava que ele era. — Digo baixinho.

Ele permanece em silêncio, sua mandíbula dura como aço. — E a Mama?

Levanto a gola, enfio as mãos nos bolsos e me preparo para o frio do outono.

— A Mama era a porra de uma santa, e nunca se esqueça disso.

09

Rory

É terça-feira à noite e estou praticamente rastejando pelas paredes da mansão Visconti. Cada segredo e pecado cometido dentro delas, incluindo o meu, enfraquece seus alicerces, deixando-os um passo mais perto de desmoronar em cima de mim.

Estou muito preocupada. Não como desde o almoço de domingo. Ainda sinto o gosto do sangue de Max no canto dos lábios, ainda vejo seu corpo sem vida caído sobre a louça. Acontece porém que sou ainda mais egoísta do que pensava, porque a morte de Max é o que menos me preocupa.

Angelo é dono de Sinners Anonymous. Passei os últimos dois dias tentando me lembrar de cada palavra que pronunciei nessa linha, cada pensamento, sentimento e ação ruim que confessei. Não só desprezo o fato de que ele agora tem esse poder sobre mim, como também estou com medo de que conte a Alberto o que eu confessei. Por que há uma confissão em particular que será suficiente para me matar num piscar de olhos.

E depois, o que acontecerá com meu pai?

Momentos de calma são passageiros, mas quando passam por mim, de alguma forma consigo me convencer de que talvez tudo fique bem. É *Sinners Anonymous.* Um serviço de correio de voz anônimo que, em teoria, não deveria ter como rastrear quem ligou. E nunca usei meu próprio celular, e mesmo depois que Alberto o tirou de mim, nunca liguei do pequeno telefone descartável que ele insiste que eu carregue.

Aprendi rapidamente contudo que não é estranho um Visconti voltar atrás em sua palavra. Alberto já está tentando mudar os termos do nosso contrato - mais um estresse que pesa sobre mim.

Passei os últimos dois dias deprimida nos últimos degraus da entrada, um olho na porta da frente para o caso de Angelo escurecer a porta com minhas confissões nos bolsos, e o outro olho na porta do escritório de Alberto, tentando ouvir suas conversas. Neste tempo, ouvi várias trocas silenciosas entre Dante e ele, algo sobre se Angelo voltar, isso arruinará todos os planos de Dante.

Parece que não sou a única abalada por sua aparição repentina.

É final de tarde de terça-feira e o sol está apenas começando a se pôr do outro lado dos vitrais do saguão. Estou encolhida no último degrau, encostada na grade de ferro forjado, segurando um livro que serve apenas como suporte. Alberto está ao telefone em seu escritório, ladrando em italiano rapidamente para alguém que considera menos importante do que ele. Tor sai da sala de família, pasta em uma das mãos e um casaco de lã pendurado no braço.

Ele para na minha frente.

— Puta merda, garota. Já cansei de você se lamentando como um cachorrinho chutado. Era apenas *Max,* pelo amor de Deus. — Passa a mão pelo cabelo e balança a cabeça. — Levante-se.

— O-o quê?

Ignorando-me, se vira e entra no escritório do pai sem bater. Trocam uma rápida conversa em italiano, depois se vira para mim e balança a cabeça. — *Levante-se.* Você vem comigo.

Pisco. — Para onde?

— Trabalhar.

— Em *Devil's Cove*?

— Não, em Marte. — Corre em direção à porta da frente, chamando por cima do ombro. — Última chance.

Meu coração bate acelerado em meu peito, um plano se encaixando. — Apenas pegando minha bolsa — grito, antes de subir as escadas de dois em dois até meu closet.

Quando saio pela entrada circular da frente, fico aliviada ao ver que Tor não foi embora sem mim. O motor de seu Bentley está ligado e está encostado na porta do motorista, fumando um cigarro. Seu olhar cai para a minha bolsa. — Realmente precisa de tudo isso?

Congelo. Enrole meus braços protetoramente ao redor da minha bolsa grande. — Uh, sim. Tenho minha maquiagem e minha carteira...

Paro, minha mentira demorando em um sopra de condensação no ar frio, mas Tor apenas dá uma última tragada em seu cigarro, revira os olhos e joga a bituca na grama. — Mulheres — murmura baixinho. — Vamos, entre.

Agarro minha bolsa com força enquanto serpenteamos para fora dos terrenos de Visconti e entramos na estrada costeira que corre paralela à praia. Morei na *Devil's Coast* minha vida inteira e, no entanto, toda vez que dirijo por *Devil's Cove*, sempre me surpreendo com o quão glamoroso é. Um contraste completo com *Devil's Dip* e *Hollow*. Pela janela do meu lado, é a imagem da tranquilidade; o céu azul-marinho se funde com o mar negro e uma faixa de areia branca em primeiro plano permanece intocada. Os turistas não vêm exatamente a *Devil's Cove* para tomar sol em uma praia gelada e dar um mergulho no oceano agitado. Não, a

atração de *Cove* pode ser vista da janela de Tor - a fileira de hotéis e cassinos cintilantes e restaurantes com estrelas *Michelin*. Um passeio os conecta, pavimentado com mármore que fica perigosamente escorregadio na chuva e palmeiras resistentes que lutam para sobreviver aos invernos rigorosos.

Tor desacelera o carro e estica o pescoço para olhar para o céu. — Bastardo atrevido. — Ri. Sigo seu foco, até um avião solitário cortando o céu. — Vicious está tramando algo.

Meu coração para ao som do apelido de Angelo. — Huh?

Ele levanta o queixo. — É o jato dele. — Ergue a sobrancelha para mim, diversão dançando em seus lábios. — Teria seu jato voando de Londres se estivesse *apenas visitando?*

Minha cabeça gira com a ideia de que a presença de Angelo em *Coast* possa ser permanente. Não consigo imaginar ter que ver seu rosto carrancudo no jantar de sexta à noite e no almoço de domingo. Sentindo seu olhar pesado me seguindo pelo *Basement* Bar. Segurando meus segredos sobre minha cabeça como uma nuvem de chuva. Descanso meu rosto queimando contra a janela fria e fecho meus olhos. Uma percepção pior de repente me sufoca. O que acontece com *Devil's Dip* se Alberto devolver as rédeas a Angelo? Este acordo estúpido teria sido em vão?

— Se vai passar mal, me avise para que encoste. Esses assentos são de couro napa — Tor fala lentamente, sem tirar os olhos da estrada. Depois, solta uma risada baixa e acrescenta — A porra de um *Bombardier Global Express*. Por que ele precisa de um jato tão grande, nunca saberei.

— É um *Gulfstream* — pego-me sussurrando.

Tor arrasta seu olhar para mim e faz uma careta. — O quê?

— Aquele jato, é um Gulfstream e não um Bombardier. O nariz e as asas têm uma forma diferente.

O silêncio gira no carro por alguns momentos, depois ele solta um assobio baixo. — E lá estava eu pensando que era louca por pássaros. É obcecada por qualquer coisa que voe, garota?

Engulo o nó na garganta e me arrasto para cima. — Eu tinha uma vaga na *Northwestern Aviation Academy*.

— O quê? Escola pilotos?

— Uh-huh.

Ele acha isso tão hilário que bate no volante com o punho. — Está me sacaneando. E escolheu se casar com meu pai em vez de ir?

— Não, eu me inscrevi há três anos, quando tinha dezoito anos.

— Mas e daí? Decidiu esperar por um *sugar daddy*?

Enrijeço minha mandíbula, sentindo minhas narinas dilatarem com seu golpe. Quando assinei aquele contrato estúpido, Alberto me avisou que só Dante sabia o motivo pelo qual concordei em me casar com ele, e não contar a ninguém. Disse que é puramente comercial, mas depois de conhecê-lo por alguns meses, agora percebo que é uma coisa de poder. Ele quer que as pessoas acreditem que poderia genuinamente conquistar uma jovem como eu, apesar de ser velho e nojento. Não está enganando ninguém, em vez disso, todo mundo pensa que sou uma garimpeira.

— Não é bem assim — digo de volta.

— O que aconteceu, então?

O que aconteceu? O cheiro de livros velhos e giz invade meu nariz. O fantasma de mãos fortes me prendendo ao quadro-negro. O som de gritos saindo da sala de aula ecoa em meus ouvidos.

Balanço a cabeça e murmuro — Eu queria ficar m *Devil's Dip*.

— Ah. *Devil's Dip* é o beco sem saída dos sonhos, garota. — Quando não respondo, olha para mim. — Ah, vamos, sua vida poderia ser pior. Meu pai manteve sua última esposa trancada na casa de praia. Era tecnicamente minha madrasta e a encontrei duas vezes, uma no Natal e outra quando chutou a janela de vidro e fugiu. Bem, três vezes, se contar com o caixão aberto. — Desacelera o carro e entra em um beco. — Aqui estamos.

Olho para a janela e percebo que estamos ao lado de um prédio inacabado, sustentado por andaimes e coberto com lonas. Estreito meus olhos na direção de Tor. — Alberto pediu para me matar? — Estou apenas meio brincando.

Ele se inclina e abre minha porta. — Ainda não.

Por dentro, o prédio é escuro e úmido; o cheiro de serragem e cimento gira no ar. Tor lidera o caminho, guiando-me sobre tábuas quebradas e sob vigas baixas. A cada passo que dá, fica cada vez mais agitado. — *Bastardo* preguiçoso — rosna. — Esta espelunca era para ser fechada há uma semana.

Entramos em uma sala que parece pertencer a um prédio totalmente diferente. Uma sala de jogos, com cinco mesas de pôquer de veludo e um bar totalmente abastecido no canto. O grupo de homens reunidos em torno de uma das mesas se levanta, derrubando as cartas e copos.

Algumas batidas de silêncio. Depois um deles se atreve a falar. — Chefe...

Tor porém não o deixa terminar. Num piscar de olhos, atravessa a sala, saca a arma da cintura e acerta o rosto do homem com a coronha. — Para que eu te pago, hein? — Rosna, agarrando-o pela base do pescoço. Desvio o olhar, me contorcendo ao ver o sangue do homem escorrendo por sua têmpora. — Porque sei que não é para ficar sentado como um bando de idiotas e...

— *Calmati, cugino*[15]. — Uma porta dos fundos se abre e uma figura de terno entra por ela, imediatamente esfriando o ar da sala. — Perdeu bastante dinheiro na última hora; ele também não precisa perder a vida.

Tor faz uma paus. Deixa cair o homem como uma saco de tijolos. — Rafe! Ainda está aqui?

Acena para a porta atrás de mim. — Benny e eu estamos planejando um torneio de pôquer nas cavernas *Hollow* na próxima semana.

— *Bastardi*[16]... sem mim?

— Quando fazemos alguma coisa sem você?

Tor se diverte; murmura algo alegre baixinho. Rafe vira seu olhar para mim, e me mexo desconfortavelmente sob seu sorriso *megawatt.* — Trouxe companhia.

— Sim. — Tor acena em minha direção. — Pensei que talvez ela quisesse ver algo diferente do interior do quarto de Big Al.

Rafe não ri de sua piada de baixa qualidade. Em vez disso, me encara com olhos verde-mar muito parecidos com os de Angelo, mas não é apenas a semelhança com o irmão que me incomoda. Por trás do charme e do sorriso, há algo assustadoramente estoico nele. Exala poder por todos os poros perfeitos, enchendo a sala com sua presença. Hoje à noite, veste um terno azul-marinho, camisa listrada e um

broche de ouro rosa, completo com uma pequena corrente. Tem aquele mesmo ar intocável como seu irmão. Não consigo imaginá-lo fazendo nada normal, como ficar na fila do *Starbucks* ou dirigir seu carro em um lava-rápido. Ele volta sua atenção para Tor e começam a falar de negócios. Fico ali por alguns instantes, segurando desajeitadamente minha bolsa, esperando uma pausa na conversa.

Eventualmente, chega. — Hum, Tor? Precisa da minha ajuda com alguma coisa?

Ele me lança um olhar irritado. — Sim, se souber rebocar paredes, seria ótimo. — Quando recebido com meu olhar vazio, revira os olhos e acrescenta — Estou brincando. Desapareça um pouco, mas esteja pronta quando eu quiser partir.

Antes que mude de ideia, corro de volta pelos corredores de entulho e saio na faixa principal de *Devil's Cove*. Respiro o ar salgado do mar em uma tentativa de estabilizar meu batimento cardíaco e viro à direita, começando a caminhar, meio correndo pelo calçadão. Turistas saem de restaurantes e bares requintados, e pego o final de risadas despreocupadas e anedotas em línguas estrangeiras conforme passo, minha bolsa apertada contra o peito e o queixo enfiado na gola da jaqueta. Depois de alguns minutos, chego ao meu destino.

Quando entro no *Devil's Ink*, a companhia toca, anunciando minha chegada. Além do nome acima da porta, não dá ideia de que este lugar seja uma loja de tatuagem.

É pequeno e de aparência clínica, como a sala de espera de um dentista sofisticado. Luzes brancas embutidas refletem em pisos brilhantes e tudo brilha como se fosse estéril. No meio, Tayce está sentada em uma cadeira, curvada sobre o bíceps protuberante de um homem com uma pistola de tatuagem na mão.

— É apenas com hora marcada — retruca, sem olhar para cima.

Seu cliente se vira para me fazer uma careta. — Não a distraia. Esperei três anos por isso.

— Fique quieto, Blade.

Expiro. — Tudo bem, mas realmente não posso voltar mais tarde.

O zumbido da pistola de tatuagem para. Tayce levanta a cabeça e seus olhos se arregalam no momento em que pousam em mim. — Oh meu Deus, Rory! — Arfa, pulando da cadeira e correndo para me dar um abraço.

Aperto meus olhos na curva de seu ombro, respirando o cheiro familiar da minha amiga. Deus, se eu chorasse, este seria o momento em que minhas lágrimas cairiam. Ela agarra meus braços e dá um passo atrás, estudando meu rosto. — Você está bem? Está bem, certo?

Meus olhos disparam por cima do ombro para seu cliente. Cada centímetro de seu corpo está tatuado, desde o dragão deslizando pelo lado de sua mandíbula, até o rosário tatuado em torno de seu tornozelo. Tayce é a melhor tatuadora do continente. Alguns argumentariam o mundo. Sua lista de espera é tão longa quanto a Bíblia e as pessoas se sobrepõem para entrar nela. Incluindo os membros das famílias mafiosas mais poderosas do mundo.

Aqueles que têm nomes com “Blade”.

Sentindo minha inquietação, Tayce torce o pescoço para encarar seu cliente. — Blade, precisa voltar amanhã.

— Está brincando comigo, certo? Estou na lista de espera desde sempre...

— Portanto, para sempre e um dia não vão matá-lo. Fora.

Ele grunhe, controla seu ataque, mas Tayce não vacila. — Algo a dizer?

Engole sua réplica e balança a cabeça. Depois se levanta e, com uma carranca persistente em minha direção, relutantemente sai da loja, meio *Grim Reaper* gravado em seu bíceps.

Tayce o segue até a porta e a tranca atrás dela. — Oh, meu Deus, Rory. Estou tão feliz em vê-la. Nunca ligou. — Dá um passo à frente, a fúria substituindo o alívio em seus olhos. — Por que *diabos* não ligou?

Com um suspiro pesado, afundo na maca de tatuagem, enrolando meu corpo em torno da bolsa. Já se passaram dois meses e meio desde que invadi as portas do *Devil's Ink* e disse a minha melhor amiga que me casarei com Alberto Visconti.

Seu primeiro instinto foi me dar um tapa na cara. O próximo envolver seus braços ao meu redor e me implorar para reconsiderar. Ela conhece bem a família - não há uma tatuagem em nenhum centímetro da pele de Visconti que não tenha sido tatuada por sua pistola - e é exatamente por isso que não pude lhe contar por que estava abrindo mão de minha vida. Eu sabia que só a arrastaria e a seu negócio para a escuridão comigo.

Tayce porém não se intrometeu, porque sabe o valor de um segredo. Nós nos conhecemos há três anos, quando acabei de recusar minha vaga na escola de aviação e consegui um emprego em uma lanchonete em *Dip*. Ela apareceu em uma tarde chuvosa de quinta-feira, tudo o que possuía em uma pequena mochila em seus *Doc Martens*. Com o cabelo preto preso na testa e a maquiagem pesada escorrendo pelas bochechas, parecia uma garota que acabou de deixar uma vida para trás.

Servi-lhe uma xícara por conta da casa e perguntei seu nome. Parou por muito tempo antes de dizer que era Tayce e, quando perguntei se estava visitando, seu olhar mudou desconfortavelmente em direção à porta.

Nunca me esquecerei o que ela me disse então. — Por favor, não me faça perguntas, porque estou cansada de contar mentiras.

E por isso, não perguntei. Avanço rapidamente três anos e ela tem sua própria loja de tatuagem, apesar de não ter uma única gota de tinta em sua própria pele de porcelana. A tatuadora sem tatuagens, como a imprensa a chama.

— Não pude ligar porque Alberto pegou meu telefone e não confio no pré-pago que me deu. — Digo simplesmente. Cerro minha mandíbula, tentando ignorar a dor no meu peito. Oh, *goose*, como adoraria contar tudo a Tayce, mas que bem isso faria?

— Jesus, Rory, está tremendo.

Com uma olhada no relógio acima da caixa registradora, enfio minha bolsa em seu peito. — Escute, não tenho muito tempo. Preciso que faça algo por mim.

— Qualquer coisa. Sabe disso. — Espia dentro da bolsa e estreita os olhos. — O que diabos é isso?

É a coleção de coisas que roubei dos Visconti nos últimos meses. O colar da Vittoria, um relógio *Audemars Piguet* que consegui tirar do pulso do Alberto enquanto dormia. Muitos talheres. Qualquer coisa de valor que pudesse colocar em minhas mãos sem levantar suspeitas.

— Tayce, se alguma coisa acontecer comigo, preciso que venda tudo isso. Use o dinheiro para levar meu pai para algum lugar, *qualquer lugar,* que não seja em *Coast*. —

Encontro seu olhar e engulo o soluço subindo pela minha garganta. — Para uma casa de repouso.

Ela solta um soluço. Estuda-me com tristeza nos olhos. — Posso perguntar por quê?

O sorriso em meus lábios parece agridoce. — Não — digo suavemente. — Porque estou farta de contar mentiras.

Sua boca abre e fecha com a mesma rapidez. Eu repetindo seu próprio apelo de três anos atrás é o suficiente para comprar sua cooperação.

— Tem minha palavra.

— Obrigada — arfo, sentindo como se pelo menos parte do peso tivesse sido tirado do meu peito. Quando me levanto, Tayce dá um passo desesperado em minha direção.

— Não pode ficar? Só por um tempinho? Tenho uma garrafa de vodca lá atrás. Poderíamos colocar os maiores sucessos de Whitney e dançar pela loja como costumávamos fazer. — Quase sussurra. — Lembra quando fazíamos isso? Odeio Whitney — acrescenta com uma risada amarga.

A emoção espreita nos cantos dos meus olhos. *Não chorarei. Eu não chorarei.*

— Não posso, mas farei o possível para vê-la em breve.

Viro-me para ir, mas Tayce agarra meu braço. — Espere, e quanto à abertura do clube no *Halloween*?

— O quê?

— Tor esteve aqui algumas semanas atrás para um retoque. Ele me convidou para a abertura de seu novo clube no próximo fim de semana. Será seu enteado em breve. — Nós duas recuamos com o pensamento. — Então estará lá, certo? Vejo você então?

Minha mente salta alguns quarteirões rua abaixo, para o clube inacabado, ainda sustentado por suportes de metal. Será um milagre se estiver aberto no próximo fim de semana, mas não digo isso a Tayce. Em vez disso, aceno com a cabeça e dou a ela um sorriso tenso. — Farei o possível para vir, mas não sei...

Deixei o resto da minha frase balançar entre nós, não dita. *Não sei se o Alberto deixará.* Ela acena com a cabeça, compreendendo, e me puxa para um abraço. — Nada acontecerá com você, Rory. E se acontecer, cuidarei do seu pai, está bem?

— Obrigada. — Sussurro em seu pescoço. Comprei-lhe o perfume que está usando no Natal, e cheira a tempos felizes. Quando me afasto, ela apenas me agarra com mais força.

— E se alguma coisa *acontecer* com você — diz, baixando a voz para um sussurro ameaçador em meu ouvido. — Queimarei todos os seus hotéis, restaurantes e bares. Tudo.

Um arrepio percorre minha espinha. Há tanto que sei sobre Tayce, mas tanto que não sei. Uma coisa que sei, porém, é que ela é mortalmente séria. Antes de desmoronar em seu chão brilhante e estéril, corro de volta para as luzes brilhantes de *Devil's Cove* e corro de volta para o clube inacabado. Quando viro a esquina para o beco, Tor sai de trás de uma lona e quase se choca contra mim.

— Aí está você. — Espana seu terno afiado. — Pensei que talvez tivesse tido o bom senso de fugir.

— Não acho que seu pai ficaria muito feliz com isso.

— Absurdo. Apenas substituiria você por uma modelo mais gostosa. — Olha para minhas mãos vazias. — Onde está sua bolsa?

Oh, swan. Minha mente corre com um milhão de mentiras, nenhuma delas convincente o suficiente para testar o irmão mais inteligente do clã Cove. — Eu...

Uma luz amarela rasteja pelas paredes do canteiro de obras e pousa no rosto de Tor. Ele franze a testa, levantando a mão para proteger os olhos. — Alguém tem um desejo de morte — grita.

Eu me viro para seguir a luz e vejo um carro rastejando em nossa direção. Seus faróis altos estão acesos, iluminando o beco.

O motor desliga, mergulhando-nos de volta na escuridão e no silêncio. Então uma figura solitária e imponente sai e a carranca de Tor se transforma em seu sorriso característico. — Dois dos três irmãos Dip em uma noite? Devo estar sonhando.

Meu coração pula em minha garganta. *Angelo.* É instintivo querer fugir, e olho para fora do beco, para o calçadão e para o oceano escuro, imaginando o quão longe chegaria na praia antes de ser pega, mas não me mexo. Em vez disso, contento-me em olhar para os meus pés.

— Rafe está aqui?

— Bem, não será Gabe. Acho que depois do almoço de domingo, rastejou de volta para a sua caverna.

— Gosto de você, Tor, mas sabe que não tenho nenhum problema em deslocar sua mandíbula.

A calma na voz de Angelo forma um gelo ao longo da minha espinha. Roubo um olhar para ele. Está sob um poste de luz. O brilho amarelo reluz em seu cabelo escuro e lança uma sombra escura sob suas maçãs do rosto salientes. Faz seus olhos verdes brilharem como esmeraldas. Hoje à noite, está vestindo uma jaqueta de lã preta, com um suéter cinza

de gola rolê aparecendo por baixo da gola. Parece caloroso, forte. *Assustador.*

Nós nos olhamos e imediatamente volto minha atenção para a estrada de cascalho.

— Veja — Tor fala lentamente, puxando um maço de cigarros do bolso. — Essa não é a atitude de um homem que paga seus impostos. — Acende um isqueiro e o cigarro enfiado no canto da boca. — Belo tiro no domingo, a propósito. Ainda tem.

— Como andar de bicicleta — retruca Angelo, parecendo entediado. — Nunca se esquece.

Uma mistura de aborrecimento e nojo gira em meu estômago como uma intoxicação alimentar, mas mantenho meu rosto neutro. Este homem tem minha vida em suas mãos e agora não é hora de chamar a atenção para mim, ou irritá-lo mais do que já fiz.

Tor solta uma nuvem de fumaça e estende a caixa para Angelo.

— Eu não fumo.

Meus olhos disparam para cima, travando nos dele. *O quê?* Estava fumando no penhasco; foi assim que soube que ele estava lá em primeiro lugar.

Olhamos um para o outro. Sua expressão é desinteressada como sempre, mas por trás de seus olhos algo escuro brilha. Um desafio. Como se estivesse silenciosamente me incitando a contestar sua mentira. Inclino meu queixo para cima e ele levanta uma sobrancelha, como se dissesse, *continue. Atreva-se.*

Os cabelos da minha nuca se arrepiam, mas estranhamente não de medo. Sinto-me... entusiasmada. A

mesma adrenalina que senti no escritório de Alberto, quando Angelo me cobriu. Um segredo entre inimigos.

Bem duvido que ele pense em mim como sua inimiga. Duvido que pense em mim.

— Rafe daria sua bola esquerda para que voltasse a Dip — diz Tor, interrompendo meus pensamentos acelerados.

Angelo sorri. — Ele disse isso a você?

— Ele é o meu melhor amigo, e me conta tudo. Parece que está pensado sobre isso.

— Sim?

— Sim. Percebi que está tendo reuniões com meu velho.

— Hum.

— E vi seu *Gulfstream* voando mais cedo.

— Uh-huh.

— Não tirarei nada de você, vou?

— Não.

Tor deixa cair a bituca do cigarro e a tritura no cascalho. — Espero que pense sobre isso. — *Eu não.* — Sei que vive uma vida chique em Londres, mas pense nisso, certo? — Bate o punho contra o de Angelo, depois bate em seu ombro com a outra mão. — Mesmo que seja só para irritar Dante.

— Tentador.

Tor caminha em direção ao seu Bentley, acenando por cima do ombro. Corro atrás dele, não querendo ficar sozinha com o próprio Diabo. Estar sozinho em um beco escuro com um monstro nunca é uma boa ideia.

— Boa noite, Aurora.

O barítono em sua voz envia uma onda de calor pelo meu corpo. As conchas das minhas orelhas queimam e percebo que fecho os olhos, apenas por um breve momento.

O banco do carona do carro de Tor parece um refúgio, mesmo quando engatou a marcha e saiu do beco.

Não deveria olhar no espelho lateral, mas olho.

Angelo está sob o poste de luz. Antes de virarmos a esquina, vejo o acendedor do isqueiro. Uma nuvem de fumaça sai de seus lábios entreabertos.

Oh, swan. Estou em cima da minha cabeça.

10

Rory

— Alberto, por favor.

Cavo minhas unhas nas palmas das mãos, que estão ficando mais suadas a cada segundo. Enquanto mudo desconfortavelmente de um pé para o outro no tapete persa, Alberto nem ergue os olhos de seus arquivos. Em vez disso, afasta-me como uma mosca.

— Você não tem mais acompanhante.

— Não é minha culpa.

— Também não é minha.

— Tínhamos um acordo, Alberto!

A raiva em minha voz o faz largar sua caneta *Mont Blanc* e me olhar com uma carranca de advertência. — Aurora — diz baixo e firme. — Não lhe direi novamente. Não vai ao *Devil's Dip* sozinha hoje, e todos no local estão ocupados demais para levá-la. Tentarei encontrar alguém para sábado. — Toma um gole de uísque, sem se importar que não sejam nem 9 horas da manhã, no meio da semana. — Sem garantia, no entanto — acrescenta sobre a borda do copo.

Eu me viro para encarar a estante. As primeiras edições que nunca tiveram a lombada rachada me encaram, e me esforço para não chorar. Parece que tenho uma bela arte hoje em dia.

Estou sendo punida pela cabeça quente do seu sobrinho e isso *não é justo*. Max era o único lacaio de Alberto que me

agradaria. Ninguém mais na família desistiria de seu precioso tempo para me levar até *Devil's Dip* e esperar por uma hora enquanto visito meu pai. E mesmo que o fizessem, certamente não me deixariam vê-lo sozinha. Cristo, não consigo imaginar como ele ficaria assustado se eu aparecesse ladeada por um italiano de aparência amarga com uma arma enfiada na calça.

Inspiro profundamente, tentando pensar em uma solução que não envolva eu bater na cabeça de Alberto com um daqueles pesos de papel em sua mesa. Então me lembro da noite passada. Na cama. A maneira como sua protuberância pressionou contra a parte inferior das minhas costas conforme se pressionava contra mim. A maneira como seu hálito quente de uísque fazia cócegas em minha orelha ao mesmo tempo que m dizia que mal podia esperar pela nossa noite de núpcias.

Meus olhos se voltam para o lustre e murmuro baixinho uma palavra de pássaro sob minha respiração.

Que outra escolha tenho?

Rolando meus ombros para trás, enrijeço minha mandíbula e me viro para encará-lo. Em três passos estou em sua mesa, inclinada sobre ela. Sua atenção cai para o decote em “V” da minha blusa, e solta um grunhido suave.

— Alberto. O que devo fazer para ver meu pai hoje? — As palavras parecem pegajosas na minha boca. Odeio o quão desesperadamente se espalham no espaço entre nós. — Porque, talvez possamos chegar a um… *acordo.*

Ele se reclina em sua poltrona de couro, e me lança um olhar faminto, mas depois, seu rosto obscurece. — Seria muito mais tentadora se não estivesse vestida como uma maldita vagabunda. — Recuo com o veneno das suas palavras. — Por que deixa seu cabelo tão frisado assim?

Parece um ninho de pássaros. E a mataria passar um pouco de batom?

A raiva lateja em minhas têmporas e, institivamente, meus olhos disparam para o peso de papel. Oh meu *goose,* como é tentador pegá-lo e bater contra o seu crânio.

A atenção de Alberto se volta para o meu ombro esquerdo. — Angelo. — Pigarreia e se levanta, ligeiramente envergonhado.

Só pode estar brincando comigo.

Fico alguns instantes ali, de olhos fechados, apoiando todo o peso na mesa. *Esse cara está sempre à espreita?*

Inalando profundamente, me viro e me preparo para o peso do escárnio desgostoso de Angelo Visconti. Nos poucos dias que tive a infelicidade de conhecê-lo, passei a esperar por isso. Na verdade, diria que quase me acostumei com o calor; como isso deixa minha pele febril e torce meu estômago em nós desconfortáveis.

No momento porém em que levanta seu o olhar de Alberto para mim, sei que estou mentindo a mim mesma. Estou tudo *menos* acostumada com isso. Hoje, seu olhar é indiferente, desdenhoso. Como se tivesse entrado em *seu* escritório e encontrado empregados no meio de uma rixa de um amante, mas não consigo tirar os olhos dele e, como o observo tão intensamente, tiro suas camadas e percebo algo mais intenso por trás de seu desdém. A pulsação latejante em sua mandíbula, a dilatação de suas narinas.

Ele está zangado. Empurra o batente da porta e dá três passos para dentro da sala. Larga um arquivo sobre a mesa. Não passa de um pedaço de papel, mas parece uma tonelada.

— Os nomes que queria.

A cadeira de couro de Alberto range à medida que muda de posição. — *Grazie*[17].

Angelo não se mexe. Em vez disso, muda sua atenção para o rosto de Alberto e o fixa com um olhar tão sombrio que fico imediatamente aliviada por não ser o assunto. Está parado e silencioso, inabalável em sua intimidação enquanto paira sobre seu tio como um pesadelo. Meu olhar se move entre eles, meu batimento cardíaco aumentando a cada segundo tenso que passa dolorosamente.

Não ouso respirar.

Esta é a primeira vez que vejo Alberto parecer… *pequeno.* A sombra de Angelo o envolve e, de repente, não é o chefe da máfia gigante que se senta à cabeceira da mesa, exigindo obediência com sua voz estrondosa e sua enorme silhueta. Por um breve instante, não se parece com o Alberto Todo Poderoso que me mantém de joelhos, acorrentada a ele com um contrato que sei que ele quebrará.

Por um breve momento, não estou come medo dele.

É ele quem atravessa a tensão. Olha para a porta e a confusão aparece em seu rosto. — Está tudo bem, garoto?

Uma batida pesada passa, depois Angelo arrasta os nós dos dedos sobre a mesa e retorna a sua altura máxima.

A sala crepita com estática; também sinto uma coceira quente embaixo do meu colarinho. É louco; Já estive em cem quartos com cem *made men* e, no entanto, nunca me deixaram tão *nervoso* quanto Angelo. Parece que estou parada na beira do penhasco e posso sentir o perigo novamente.

— Aurora. — Pulo ao som do meu nome. — Vou levá-la para *Devil's Dip*.

Meus ouvidos zumbem. — V-vai?

Olho de esguelha para Alberto e noto um rubor constante subindo por seu pescoço.

— Vou para aquela direção.

Angelo sai pela porta sem olhar para trás. Fico sem jeito, suspensa no limbo entre ambos os homens, cada um segurando pedaços quebrados da minha vida em suas mãos.

Alberto tem o poder de arruinar a vida do meu pai.

Angelo conhece todos os meus pecados.

Eu me viro para Alberto e estudo seu rosto. É instintivo querer pedir permissão, mas engulo a pergunta em um pequeno ato de desafio. Ele olha para Angelo por alguns momentos, antes de olhar para mim. Então, acena com a cabeça. É tão pequeno que, se piscasse, teria perdido.

— Obrigada. — Murmuro, mas está quieto e estou a meio do caminho da porta, por isso duvido que tenha ouvido. Com o coração disparado, corro pelo saguão, atravesso a porta da frente e paro na escada.

Angelo está encostado no capô do carro, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Está olhando intensamente para algo distante, e a decepção começa a diminuir a minha excitação.

Ele quis dizer isso? Ou sou apenas um peão nesse estranho jogo de poder entre ele e Alberto?

Antes que possa criar coragem para perguntar, ele empurra o capô e caminha para o lado do passageiro. Mantém a porta aberta. — Entre.

Não tem que pedir duas vezes. Desço os degraus correndo e passo por ele, sentindo a queimação de seus olhos estreitos enquanto me seguem, e deslizo para o banco do passageiro antes que mude de ideia. Ele bate à porta com força demais, deixando-me em silêncio. Tento ignorar o cheiro sexy e

masculino que me envolve - um coquetel de couro novo e sua loção pós-barba de carvalho. A maneira como isso aumenta meus instintos, arrepiando os cabelos da minha nuca e aguçando meus sentidos.

O perigo é iminente.

O carro afunda conforme ele desliza para o lado do motorista e me arrependo ainda mais da minha pressa. O interior é elegante e esportivo e parece infinitamente menor no momento em que bate à porta. Em retrospecto, talvez pudesse ter esperado até sábado para ver meu pai. Até que Alberto encontrasse outra pessoa para me escoltar, alguém mais... *apropriado.*

Engulo o nó na garganta.

O motor ganha vida sob meu assento, ronronando como um tigre. Apertando as mãos no colo, mantenho os olhos treinados à frente, na solitária gota de água serpenteando pelo meio do para-brisa. Não me atrevo a olhar de soslaio para Angelo; sua raiva irradia dele tão quente e pesada que o vapor começa a se acumular nas janelas.

— Sabe, ser uma prostituta é...

— Um pecado — deixo escapar, minha voz muito alta para o pequeno espaço entre nós. Encolho-me e limpo minha garganta, diminuindo meu volume enquanto acrescento — Sim. Eu sei.

Silêncio. Posso sentir meu rosto ficando vermelho. Então, ele viu minha tentativa desesperada de flertar com Alberto no escritório, o que significa que também viu o quão venenosamente me rejeitou. *Goose, que vergonha.* Concordou em me escoltar para me tirar da minha miséria? Ele não parece ser do tipo que sente vergonha alheia.

Engancha os polegares no volante e acelera, saindo do terreno Visconti com a velocidade e o controle de um piloto de Fórmula 1. Mordo meu lábio e tento manter minha postura neutra, como se estivesse totalmente acostumada a viajar a um milhão de quilômetros por hora o tempo todo.

— Ia dizer, pouco atraente.

Frustração se agarra à minha garganta, ameaçando cortar meu suprimento de ar, se não deixá-lo sair. — Não sou uma prostituta.

— Também não é atraente.

Congelo. O quê?

Só quando meu coração decide bater de novo, olho para ele. Está olhando para a estrada à frente, a mandíbula cerrada com força demais para que qualquer palavra errada tenha escapado dela. Imaginei isso. Devo *ter* imaginado. Não era nada além do som de um galho baixo raspando no para-brisa ou de um carro passando com o rádio muito alto.

Foi tudo menos um elogio distorcido dos lábios de Angelo Visconti, mas seu próximo comentário, embora nada mais que um murmúrio, ouço alto e claro.

— O que diabos ele tem sobre você?

Olho para frente, olhos fixos nos portões de ferro forjado se abrindo, revelando a estrada costeira atrás deles.

O que diabos ele tem sobre você? De repente, ocorre-me como um novo dia; Angelo tem mais sobre mim do que meu noivo. E preciso descobrir exatamente o que ele sabe.

Endireitando minha coluna e enxugando as palmas das mãos suadas em minhas leggings *Lululemon, me aproximo do assunto.*

— Você também tem coisas sobre as pessoas.

Ergue uma sobrancelha, esperando que eu elabore. Luto contra meus nervos e acrescento — Ouvi falar do seu serviço de correio de voz. É por isso que matou Max, certo?

Um sorriso se curva em seus lábios, aprofundando o ângulo de suas maçãs do rosto. — Desculpe se sujei seu lindo vestidinho de sangue. — Fala lentamente. Então muda seu olhar da estrada para mim. Corre um olhar frio sobre o cacho que estou enrolando entre o polegar e o indicador, depois abaixa a linha dos olhos, até a curva dos meus seios. Seu olhar termina tão rápido quanto começou, mas me deixa sem fôlego.

Voltando a estrada, virando à direita em direção a *Devil's Hollow*. — Parece que só se arruma assim quando quer alguma coisa, *Magpie*[18].

Paro. — *Magpie*?

Outro sorriso. *Oh, certo.* Ele acha que me sinto atraída por coisas brilhantes, como o testamento do meu noivo e o colar de pérolas de Vittoria, mas não mordo, porque não posso deixar que o aborrecimento latejando em minhas veias me tire do caminho.

— *Sinners Anonymous*, certo? — Digo. — Como isso funciona então?

Ele franze a testa. — Por que?

— Só pensando. Vi os cartões e...

Ele me interrompe com uma risada baixa. É suave e escura. A delicadeza sustentada por más intenções. — Tem ligado para o número.

Minha cabeça gira. Oh, *Swan*.

Quando ri de novo, percebo que disse isso em voz alta. — Não se preocupe. Nenhum pecado seu será interessante o suficiente para sinalizar meu radar.

— Talvez não seja tão inocente quanto pareço. — Retruco. Imediatamente, me arrependo da minha explosão. *Droga.* Por que não posso ficar aliviada por ele não saber da minha obsessão pela linha direta? A maneira contudo como me olha de forma tão condescendente, como se eu fosse uma criança, faz minha pele coçar com o desejo de provar que não sou.

— Deixe-me ver. É uma virgem de 21 anos que pragueja usando trocadilhos de pássaros. A pior coisa que fez foi roubar o colar de Vittoria, e eu já sabia disso. E, no entanto, sua consciência está tão pesada que quer se jogar de um penhasco.

Meus punhos cerram. — Não é verdade.

Seu olhar queima minha bochecha, quente e implacável. Quando me viro para encontrá-lo, meu coração para.

— É uma garota má, Aurora?

Engulo. Seus olhos dançam com diversão sombria, mas seu tom é mais sinistro. Pingando com uma insinuação que acende uma chama entre minhas coxas.

— Às vezes.

O carro rola para uma parada preguiçosa do lado de fora da igreja. O motor desliga, nos mergulhando no silêncio. Tudo o que ouço são minhas respirações superficiais; tudo o que sinto é o caminho que seus olhos traçam até meus lábios.

Qualquer indício de humor neles, desapareceu há muito. — Gosta de ser má?

Nossos olhares colidem. Faço um pequeno e lento aceno de cabeça.

Ele solta uma lufada de ar pelos lábios entreabertos e passa os dedos pelos cabelos. A ação revela um centímetro de carne tonificada e bronzeada acima de suas calças. É um visual que de repente me faz pensar no que mais há por baixo daquele terno de aparência cara. Meu estômago revira.

— Volto em uma hora — diz asperamente.

Com o rosto queimando com um coquetel de frustração e constrangimento, solto meu cinto de segurança e agarro a maçaneta da porta. — Insistirá em vir comigo?

— É uma garota má; pode lidar com isso.

Faço uma pausa, rangendo os dentes para me impedir de morder de volta. Quando abro a porta, sua mão se fecha em meu pulso.

Oh, santo crow.

A capacidade de respirar me escapa e me forço a olhar para ele. Seu olhar é turbulento, brilhando como uma tempestade elétrica contra um céu sem estrelas.

— Poderia ouvir todos os segredos que tem com um toque de botão.

Meu sangue esfria. — Mas não ouvirá.

— Mas poderia. — Inclina a cabeça na direção da cabine telefônica. Minha cabine telefônica. — Sei exatamente de onde liga. Seria muito fácil rastrear.

Minha respiração acelera. Estou dividida entre lhe implorar para não ouvir meus pecados e me afastar de seu toque.

Seu aperto aumenta ao redor do meu pulso. Acho que isso *elimina minha segunda opção.* Cavo minhas unhas em minha palma livre e engulo. — O que quer de mim?

— Um pecado.

Pestanejo. — O-o quê?

— Diga-me um pecado, Aurora — arrasta. Seu tom escorre em melado, espesso o suficiente para me afogar. Fecho meus olhos brevemente com o prazer distorcido.

— Está falando sério?

— Mortal.

Revirando meu cérebro confuso, mordo meu lábio inferior. Por alguma razão, tenho vontade de lhe dizer algo importante. Nada *muito* ruim, mas apenas o suficiente para mostrar que não sou a garotinha leviana que substitui palavrões por trocadilhos de pássaros.

— Na semana passada, entrei no armário de Alberto e abri um buraco no bolso de cada terno. — Meus olhos disparam para seu rosto inexpressivo. — Pequenos, do tamanho de uma moeda de dez centavos, mas grande o suficiente para ele perder as chaves do carro quatro vezes nos últimos sete dias.

O silêncio é sufocante, estendendo-se como se houvesse um vazio sem fim entre nós. Dentro dele, tudo o que posso ouvir é meu batimento cardíaco batendo contra minha caixa torácica e todo o sangue do meu cérebro frito correndo em volta dos meus ouvidos.

E então, sua risada. Uma risada deliciosa e gutural que ilumina minha pele como um fio elétrico. Não consigo parar de *olhar* para ele. Na maneira como as linhas duras de seu rosto se suavizam, exceto a covinha no queixo, que se aprofunda sob o peso de seu sorriso largo. É a mesma risada da mesa de jantar, momentos antes de ele atirar em Max - aquela que eu ansiava por ouvir novamente.

Ele é tão bonito que faz meus dentes doerem.

Tenho que sair deste carro antes que perca a cabeça. Quando me solto de seu aperto, ele me solta e mergulho na estrada, sentindo seu olhar me seguir pelo para-brisa enquanto me dirijo para a floresta.

11

Angelo

Tenho um livro de regras tão grosso quanto meu pau quando se trata de mulheres, mas todas as regras podem ser resumidas em uma palavra:

Não.

Não enfie o pau em loucas. Não as deixe passar a noite.

E *definitivamente* não deixe que elas esqueçam algo que querem que você devolva no dia seguinte.

Uma gota de chuva grossa cai no meu para-brisa, seguida por outra. Eventualmente, se fundem e obscurecem minha visão da bunda perfeita de Aurora naquelas leggings de ginástica enquanto corre para longe do meu Bugatti.

Ah, e não cobice a noiva do seu tio.

Uma risada amarga escapa dos meus lábios. Tem gosto de descrença.

Big Al é um filho da puta sortudo e nem percebe isso. Acontece que seu último aperto é mais do que um show de fumaça - é uma consciência culpada trancada em um corpo rígido e teimoso. Se não fosse tão porra gostosa, o fato de ela pensar que pequenos furtos e ser um pouco feliz com a tesoura justifica uma confissão aos *Sinners Anonymous* seria meio adorável.

Olho para a cabine telefônica em frente à igreja e depois para o meu celular no console central. Poderia encontrar suas ligações para a linha direta em segundos. Certamente

passaria o tempo enquanto espero ela sair do que diabos ela está fazendo na *Preserve*.

Girando meu iPhone entre o polegar e o indicador, considero a ideia por alguns minutos. Meu pau se agita com o pensamento de ter algo, não importa o quão trivial, para pendurar sobre sua cabeça. Talvez possa convencê-la de que expiar seus pecados é melhor do que confessá-los. Talvez me deixasse puni-la dobrando-a sobre meu joelho, puxando para baixo aquelas leggings de ginástica obscenamente apertadas e dando uma boa surra naquela bunda.

Ou talvez possa arrancar dela outras confissões triviais enrolando meu punho naqueles cachos dourados que meu tio parece odiar tanto, e...

Jesus, porra, Cristo. Bato no volante em uma tentativa de tirar esses pensamentos do meu cérebro. Meu pau está doendo agora, lutando contra minha calça como se eu fosse um maldito colegial que não consegue controlar seus impulsos.

Controle-se, Angelo. Sou um homem de trinta e seis anos, perscrutando uma garota com quase metade da minha idade. Não sou meu maldito tio, e gosto de pensar que pulei o gene sádico que todos os *Cove* Visconti têm. Para eles, as mulheres são uma moeda, algo para comprar e vender, trocar e negociar. Quão orgulhoso Alberto ficou ao me dizer que a última em sua longa linha de noivas era virgem, assim a faz valer a pena. O triste é que todos os outros velhos fodidos em seu *Rich Boys Club* teriam ficado impressionados com isso. Invejosos, até.

A imagem do meu tio transando em cima de seu corpo minúsculo na noite de núpcias é o suficiente para causar um curto-circuito no meu tesão. *Porra.* Agora estou todo excitado de uma maneira diferente. Um aborrecimento quente e irritante espreita sob meu colarinho como uma brotoeja. Até

nove anos atrás, provavelmente teria começado uma guerra civil Visconti apenas com esse sentimento, mas agora sou diferente.

Não faço mais parte deste mundo; estou apenas visitando. Estou aqui para atar uma ponta solta.

Não persigo a emoção da violência ou planejo uma vingança muito maior do que o crime. Não explodo por quase nada e causo danos irreparáveis.

Não sou mais Vicious.

Em chamas, tiro minha jaqueta e a jogo no banco do carona. Afrouxo minha gravata. Apesar da chuva torrencial, abro todas as janelas para deixar entrar um pouco de ar frio e também para expelir o doce aroma de seu perfume de baunilha. *Cristo, ela é irritante* pra *caralho.*

Se os Visconti são sádicos por tratar as mulheres como moeda, então o que isso faz de mim?

Eu as trato como se fossem nada. Um buraco molhado para mergulhar meu pau. Uma boca para foder, mas pelo menos não pretendo que sejam mais do que isso.

Os minutos passam no relógio digital no meu painel. Verifico e-mails de acionistas, mensagens de texto de meus assistentes - mensagens em pânico me perguntando quando estarei de volta. Folheio as anotações feitas em reuniões que deveria ter presidido. Através do meu celular, *Visconti Capital* continua sem mim, e meu escritório de canto com vista para o *Hyde Park* em minha sede em Londres parece muito mais distante do que apenas do outro lado do Atlântico.

Quando vejo os cachos loiros de Aurora surgindo entre as árvores, jogo meu celular no console e giro a chave na ignição. Ela tem uma mola em seu passo, praticamente quicando em seus tênis enlameados enquanto atravessa a estrada. Ainda

está chovendo e, se fosse um homem melhor, sairia com minha jaqueta para protegê-la, mas não sou. Em vez disso, observo como as gotas tornam transparente o top branco sob o moletom aberto, revelando o contorno do sutiã.

Rosa. *Renda.* Claro que é. Aposto também que a sua calcinha sempre combina. Na verdade, aposto que toda a sua coleção de roupas íntimas é tão doce e boba quanto seus pecados estúpidos. A garota não reconheceria um pecado de verdade mesmo que fosse um tapa na sua cara.

Deus, não suporto garotas como ela.

Quando se aproxima do carro, nos olhamos e ela diminui a velocidade até parar. Fica lá sob o brilho dos meus faróis, arrastando os pés de um para o outro, como se tivesse acabado de se lembrar de que sou sua carona e estivesse pensando se é mais seguro correr de volta para *Cove*.

Duro três segundos antes que a impaciência tome conta de mim e debruço sobre a buzina. Ela grita, então murmura um de seus trocadilhos estúpidos de pássaros, e escondo meu sorriso atrás das costas da minha mão quando abre a porta do passageiro e corre para dentro.

Sim, é muito má garota.

Os pneus do carro cantam quando viro o volante todo e volto na direção de *Devil's Cove*.

— Seu pai é *Stig Dump*?

Ao meu lado, sinto-a imóvel. — O quê?

Olho no meu espelho retrovisor, assim como a floresta desaparece atrás de uma curva. — Ele mora na floresta. Ninguém mora na porra da floresta.

— Como saberia se alguém mora na floresta? Não é exatamente o prefeito de *Devil's Dip*. — Ela se mexe em seu

assento. — Aposto que nem sabe quem é o prefeito de *Devil's Dip*.

Outro sorriso formigando em meus lábios, e mastigo o interior da minha bochecha para impedi-lo de se formar. A única coisa ruim sobre essa garota é sua mordida.

— Beija meu tio com essa boca?

— Infelizmente.

Algo cintila na boca do meu estômago. Algo que não quero nomear. Limpo minha garganta. — Mulheres espertas não funcionam muito bem na *Cosa Nostra, Magpie*.

— Notei isso. — Murmura.

O tom de sua voz me incita a olhar para ela, e imediatamente desejo não ter feito isso. Está olhando para frente, minha jaqueta pendurada em seu colo e suas mãos acariciando distraidamente o tecido de lã. Esqueci que tinha jogado no banco do passageiro, e ela não mencionou nada quando entrou no carro. E agora está sentada ali, usando a porra da minha jaqueta como um cobertor como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Minha mão paira sobre o botão do aquecedor, mas então faço uma pausa. Movo minha mão de volta ao volante sem girá-lo. Minha mandíbula está rangendo com tanta força que meus dentes doem.

— Ele é um guarda florestal.

— O quê?

Aurora remexe em sua bolsa e tira uma barra de chocolate. Retira a embalagem de alumínio e, me observando com grandes olhos de corça, dá uma mordida. Se está fazendo isso de propósito, está funcionando *pra* caralho. Mexo-me no meu assento para parar o inchaço do meu pau.

— Meu pai. É o guarda florestal da *Devil's Preserve*. Bem, era. Está aposentado agora, mas ainda mora na cabana à beira do lago.

Franzo a testa. — Um guarda floresta de quê? Algumas árvores de merda e um pântano?

— Está falando sério? — Gagueja. — *Devil's Preserve* é uma reserva natural de renome mundial. Possui mais de trezentas espécies diferentes de árvores e é o lar de treze pares de *American Bald Eagles*[19]. Conhece o único lugar no mundo que tem mais ninhos de *Bald Eagles* relatados do que *Devil's Dip*? *Yellowstone*[20]. Ah, e sabe o que mais? — Inclina-se para a frente, fechando o punho em volta do tecido da minha jaqueta. *Minha* jaqueta. — É também o lar de outras aves raras. O Cisne Trompetista; *Ospreys*[21], *Marbled Murrelets*[22]. Sem mencionar todos os outros animais - lontras, pumas, lobos colombianos britânicos. — Recostando-se na cadeira e dando uma mordida raivosa no chocolate, acrescenta — É muito mais do que algumas árvores e um pântano.

A chuva martela no para-brisa. A estática do rádio estala entre nós.

E de repente, tudo faz sentido.

— Alberto quer construir um hotel na Preserve.

Aurora enrijece, então se vira para olhar pela janela do lado do passageiro. Sua respiração superficial embaça o vidro e usa a palma da mão para limpá-lo.

Deixando o silêncio crescer entre nós, volto minha atenção para a estrada, com a cabeça latejando. Alguns meses atrás, Big Al ligou para meu escritório, solicitando uma reunião urgente. Tenho certeza de que não voava de volta para a costa sem nenhuma maldita razão, então veio até mim

em Londres, plantas debaixo do braço, Dante mordiscando seus calcanhares como um cachorro leal. Desenrolou os planos sobre minha mesa e enfiou um dedo gordo e coberto de anel no meio da extensa floresta da *Devil's Preserve*.

Um resort na floresta, disse, cuspindo praticamente de entusiasmo. *Turista russos e sauditas adoram coisas assim*.

Dei uma olhada nas plantas, outra olhada no meu relógio, então lhe disse e a Dante que não estava interessado. Claro, não dou a mínima para *Devil's Dip*, mas sei como são Alberto e seu filho nojento. Dê a eles um centímetro, eles pegarão um metro. Um hotel em Dip se transformará em dois, e antes que perceba, *Devil's Dip* será território do Clã *Cove*, assim como Dante sempre quis.

E daí se fosse? Nunca mais voltarei aqui. O certo seria entregar a terra para o Alberto e seus filhos, deixá-los fazerem o que quiserem com ela.

Não tenho motivos para dizer "não", exceto que sou um bastardo malicioso e teimoso.

Alguns dias atrás, Alberto voltou a falar sobre a ideia na sala de charutos. Disse que ainda estavam avançando - não em *Devil's Dip*, é claro - mas no promontório norte em *Devil's Cove*.

Balancei a cabeça e resmunguei em todos os lugares certos, mas não poderia dar a mínima para o que Alberto faz dentro das fronteiras de *Cove*. Pensando bem, *era* estranho que não fosse mais longe. Que não tentou me pressionar, oferecendo-me o mundo até que eu concordasse em lhe dar o que queria, o que notei ser sua tática usual nos negócios.

Não, ele apenas deixou passar. E agora percebo o porquê. Enganou Aurora fazendo-a acreditar que a Preserve é *seu* território, e está balançando sobre a sua cabeça como uma desculpa para ficar entre suas pernas.

Meus dedos ficam brancos sobre o volante. Poderia derrubar todo esse noivado com uma frase de verdade. Minha mente vai para um lugar mais sombrio: se ela se casará com Alberto porque acha que isso salvará sua preciosa reserva natural. O que ela faria por *mim* se dissesse que sou eu quem detém o verdadeiro poder?

A estática percorre todo o comprimento do meu pau. *Porra.* Não perderia tempo com merdas mesquinhas como a pretensão de casamento. Em vez disso, colocaria aquela boca esperta para trabalhar.

De repente, seus olhos se voltam para mim. — O que é engraçado? — Rebate.

Percebo que soltei uma risada. Um nadando em descrença.

Faço uma pausa, passando a língua pelos dentes. O que meu tio faz não é da minha conta. Além disso, sejamos realistas - se ela não lhe der o que ele quer, com contrato ou não, ele simplesmente a abandonará de qualquer maneira. Essa garota não precisa ouvir minha opinião, mas isso não a impede de sair da minha boca.

— Você se casará com Alberto Visconti para impedi-lo de cortar algumas árvores na Preserve. Jesus Cristo — passo meus dedos pelo meu cabelo, balançando minha cabeça. — É ainda mais estúpida do que parece.

Espero que ela morda de volta, mas sua resposta não vem. Com o canto dos olhos, observo sua boca rosa abrir e fechar com a mesma rapidez. Depois torce as mãos e volta sua atenção para o calçadão de *Devil's Cove* passando em um borrão do lado de fora da janela.

Que seja. Não dou a mínima para o que essa garota faz. Seja se casar com meu tio de setenta e poucos anos ou se jogar de um penhasco.

O calor pinica sob meu colarinho e abro o botão de cima. Nunca abro meu maldito botão superior.

Conduzimos em silêncio pesado até chegarmos aos portões da mansão à beira-mar de Alberto. Então Aurora se senta um pouco mais ereta. Começa a enrolar aquele cacho no dedo novamente.

Limpa a garganta. — Então, uh, temos um acordo?

Meu olhar desliza preguiçosamente para o seu. — Acordo?

— Hum, minhas ligações... não vai ouvi-las, certo? Foi isso que disse?

Puxando para a frente, desligo o motor e olho para ela. *Realmente* olho para ela pela primeira vez, não apenas com olhares furtivos da cabeceira da mesa de jantar ou por cima do meu copo de uísque no bar do porão. Olhando assim, nunca poderia ser uma pecadora. Seus olhos são muito grandes. Cada um de seus lamentáveis segredos gira em suas íris, que são da cor de uísque quente. Sua pele é muito pálida e perfeita. O menor pecado a faz com que seu rubor se torne um lindo tom de rosa. Meu olhar cai para seus lábios carnudos e entreabertos. *E essa porra de boca.* O único som dentro do carro é a respiração curta e superficial que lhe escapa.

Um sentimento familiar gira em minhas veias como um vírus desagradável. Ameaça envenenar a bússola moral que tentei tanto construir nos últimos nove anos, mas não estou enganando ninguém. Minha bússola moral: é tão fraca quanto um castelo de cartas, e se Aurora soltar *mais uma maldita respiração assim,* vai derrubá-la.

Porra. Meu painel diz que está oito graus lá fora, mas está a porra de uma fornalha aqui. Gostaria que meu *Bugatti* não fosse tão pequeno. Talvez então não sentisse o calor saindo dela, ou cheirasse a doçura de seu perfume.

Fechando minhas mãos em punhos, desvio meu olhar e olho para o logotipo do carro em relevo no centro do meu volante.

— Um acordo vale para os dois lados, Aurora. — Sua respiração quente e superficial para. *Graças a Deus.* — O que ganho em troca?

— O quê?

Seu sussurro vai direto para o meu pau. — Nada é de graça nesse mundo. Como comprará meu silêncio?

O ar está tão denso que poderia colocar minha língua para fora e prová-lo. *Que porra está fazendo, Angelo?* Não deveria jogar esses jogos com a noiva do meu tio. Deveria pular sobre ela, chutar a porta e lhe dizer para sair. Livrar o carro da porra do seu cheiro de baunilha e chocolate, da sua respiração pesada e daqueles cabelos loiros brilhantes que sei que encontrarei em todos os lugares nos próximos dias.

Depois, porém, sua voz sai em um sussurro e sensual. — Bem, o que quer?

Porra.

Arrasto meus olhos do volante de volta para o seu rosto. Seu rosto estúpido de menina e aqueles grandes olhos cor âmbar, que agora estão mais largos do que o normal.

O calor rasteja sob minha pele como um comichão que não consigo coçar. Aperto outro botão. Esfrego minha mão sobre minha mandíbula. Então rio um pequeno ruído amargo que não me pertence. *Isto é ridículo. Como* garotas como Aurora no café da manhã. Só que não, porque não jogarei isso na namorada do meu tio. Mesmo que esse tio seja o Alberto, e mesmo que a sua namorada pareça...

Isso.

Não vou agarrá-la pela base de sua nuca, puxá-la para mais perto e ver o gosto daqueles lábios macios. Não enrolarei meu punho naquele cabelo e rasparei meus dentes ao longo de seu pescoço até que ela gema todos aqueles seu segredinhos bobos em meu ouvido.

— Saia.

Aurora não se move, mas se eu ficar sentado neste carro com ela por mais tempo, cederei ou enfiarei o punho no painel; ou ambos. Então abro a porta, saio e caminho em direção à casa. A chuva cai sobre mim, chiando contra a minha pele, mas não fazendo nada para me refrescar. Atrás de mim, ouço a porta de um carro bater.

— Espere! — A voz suave de Aurora é levada pelo vento, e ouço o barulho do cascalho sob seus tênis enquanto tenta me acompanhar. — Angelo, por favor, não... — Olhando para cima, percebo o que a interrompeu. A porta da frente se abrindo e seu noivo, meu tio, escurecendo a porta. Seus olhos me olham, depois para Aurora e vice-versa. Cruza os braços sobre a barriga enorme e franze a testa.

— Jesus Cristo, garoto. — Murmura. — Poderia ter dado uma guarda-chuva à garota.

A garota. Encaro o brilho âmbar do *foyer* atrás dele e me inclino contra o pilar que sustenta o telhado da varanda. — Não sou seu lacaio, Alberto.

Seu olhar desliza sobre mim com cautela. — É claro, é claro. Bem, aprecio sua ajuda em um aperto. Ela teria reclamado a semana inteira se eu não a tivesse deixado ver o pai.

Aurora sobe os degraus, ofegante. Olha para Alberto, depois para mim, o pânico nublando seus olhos. Deslizo minhas mãos nos bolsos e sustento seu olhar.

— Querida, está de volta. — Alberto sai de debaixo da porta e puxa seu corpo esguio contra o dele. — Dê um beijo no seu noivo, então.

Meu coração bate contra minhas costelas, mas mantenho minha expressão neutra. Sossegado. Aurora dá um passo atrás, mas o aperto de Alberto só aumenta.

— O quê? — Diz, com uma risadinha tilintante.

— Um beijo, Aurora.

Seus olhos disparam para mim, e me recuso a recuar de seu olhar. Recuso-me também a ajudá-la. *Você se meteu nessa maldita confusão, saia dela.*

Alberto se inclina e pressiona seus lábios enrugados contra os dela. Meus punhos se fecham nos bolsos, mas me forço a observar. Parece que observar é um castigo pelos meus próprios pecados. Ela recua sob o peso dele, segurando as mãos no ar em um ângulo estranho enquanto ele coloca sobre ela. Parece uma foda eterna até que ele se afasta.

Tenho uma vontade repentina de socar alguma coisa, e se não sair desta varanda agora, será a cara do meu tio. E isso causará uma guerra na qual não posso entrar.

Empurro o pilar e desço os degraus. — Deixarei os pombinhos sozinhos. — Digo friamente.

— Obrigado novamente, garoto. — Toda vez que ele me chama, quero arrancar os seus dentes.

A chuva escorre pelo meu colarinho desabotoado enquanto caminho em direção ao carro. E então, antes que possa me conter, paro. Giro e prendo meu tio com um feroz através da chuva.

— Vou levá-la ao Devil's Dip todas as quartas e sábados.

Ele ergue o olhos dos seios de Aurora. — O quê?

— Sua noiva, vou levá-la para ver o pai.

Seus olhos se estreitam. — Por que?

Olho para o céu cinza, pairando sobre a mansão Visconti como um pesadelo. — Há algumas coisas que preciso cuidar em *Devil's Dip*. Ela é local, então pode me mostrar o lugar. Em troca, vou deixá-la na casa do pai duas vezes por semana.

Ele franze a testa para mim por alguns segundos, então um sorriso malicioso se estende em seu rosto. — Voltará, garoto?

Um gemido ecoa no fundo do meu peito. *Inferno não,* mas não digo isso. Em vez disso, inspiro profundamente o ar úmido e endureço o maxilar. — Pensando nisso.

Sua risada rasga a tempestade, suja e distorcida. Com um pequeno aceno, se vira e volta para a casa. Eu me viro também, meus dedos roçando a chave do carro no bolso. Ao passar, deslizo a chave entre o polegar e o indicador e a arrasto pelo lado do motorista do *Rolls Royce Phantom* de Alberto.

Quando entro no meu carro e ligo os limpadores a toda velocidade, olho para cima e vejo Aurora ainda parada na varanda. Está escurecendo, e o brilho do *foyer* a transforma em nada mais do que uma silhueta escura, mas quando viro o carro, meus faróis a iluminam.

E pela primeira vez desde que nos conhecemos, vejo seu sorriso.

Acho que gosto quando ela sorri.

12

Angelo

O momento em que saio do elevador e entro na caverna, a nostalgia me atinge. Do tipo que deixa um buraco no estômago e um pequeno sorriso no rosto. É o cheiro; úmido e metálico, me lembra de brincar de esconde-esconde aqui quando éramos crianças, muito antes de Castiel e os outros irmãos *Hollow* transformá-la em um dos clubes de maior prestígio do mundo.

Whiskey Under the Rocks. É um segredo enterrado nas profundezas das cavernas de *Devil's Hollow*, muito longe da chamativa faixa de clubes em *Devil's Cove*. Lá, o dinheiro compra a entrada em qualquer clube ou cassino, mas esse lugar é apenas para convidados. Uma vez por mês, Rafe, Tor e Benny se reúnem para uma noite de pôquer. É uma parceria que funcionou perfeitamente ao longo dos anos. Tor traz os maiores gastadores de seus cassinos em *Devil's Cove*. Rafe tem uma reputação que faz qualquer jogador implorar por uma vaga em um de seus jogos. E Benny, o segundo irmão *Hollow* mais velho, é um mediador. Das melhores prostitutas russas à mais pura cocaína peruana, não há nada que ele não possa ou não queira comprar para divertir seus convidados.

Hoje não é a noite normal de pôquer, mas Rafe decidiu organizar uma no último minuto, porque nosso encontro na igreja de nosso pai significava que estaria na cidade durante a semana, de qualquer maneira. Não sou muito de jogar, e não estou aqui apenas para apoiar meu irmão e os primos de quem realmente *gosto.* Não, estou aqui porque os clãs *Cove* e

Hollow querem conversar. Sem dúvida querem renegociar os termos de uso do porto.

Desço o túnel estreito, passando os dedos pelas paredes escarpadas e me lembrando de todas as horas que passamos aqui quando crianças. Quando chego à entrada da sala principal, solto uma risada. É diferente *pra* caralho. As paredes expostas da caverna ainda pingam umidade, mas agora, os candelabros embutidos nos tetos irregulares iluminam todos os meus antigos esconderijos. Estandes se alinham nas paredes e um bar foi construído na alcova mais distante, vendendo todos as bebidas alcoólicas de primeira linha disponíveis, incluindo, é claro, o uísque feito a apenas algumas cavernas.

Ouvindo um eco familiar ecoar pelo clube vazio, viro minha cabeça para a esquerda, um sorriso preguiçoso se formando em meus lábios. Tor já está aqui, agindo como o chefe da boate, papel que desempenha tão bem. Atrás de mim, o elevador apita e uma voz russa alta sai dele.

— Bem, o que diabos devo fazer nas próximas três horas, Castiel?

Olho por cima do ombro e vejo uma loira de pernas compridas em um vestido incrivelmente justo. Na sua frente, meu primo Cas avança, um rosto como um trovão. Chama minha atenção, murmura algo em italiano e vira. — Aqui — dispara, tirando um maço de notas do bolso e jogando nos saltos altos da mulher. — Vá jogar.

Ela grita com ele em russo e sai furiosa. A julgar pelo olhar cansado em seu rosto, Cas já está acostumado.

Empurro meu queixo para cima. — Briga de amantes?

Ele aperta a ponta do nariz. — Guerra de amantes, mais ou menos. Meu pai está em seu leito de morte e não me deixará assumir o *Smugglers Club* até encontrar uma esposa.

Ele parece pensar que aquela cadela russa estúpida é a mais adequada.

— Foi o que ouvi. — Digo lentamente, passando meus dentes sobre meu lábio inferior em diversão.

— Então também ouviu que se eu não me casar com ela antes que ele morra, a fábrica vai para o conselho de investidores. — Balança a cabeça. Aperta as abotoaduras. — Nesse ritmo, estarei morrendo antes dele.

Bato no seu ombro. — Por falar no tio Alfredo, deveria ir vê-lo em algum momento antes de partir. Ele sempre foi bom para mim.

— Sim — resmunga. — Se você pudesse colocar um travesseiro sobre o seu rosto enquanto estiver lá, seria ótimo.

Por mais que odeie admitir, o calor se espalha pela boca do meu estômago. Cas é o irmão *Hollow* mais velho; Sempre gostei dele e admirei sua perspicácia nos negócios. É calmo, preocupado com dinheiro e sozinho transformou o uísque *Smugglers Club* de "suco da máfia" em uma marca global. Tem alguns apelidos ao longo da costa, sendo um deles *The Silver Fox*[23] – obrigado George Clooney – bom aspecto e cabelo grisalho, e o outro sendo *Mister Moonshine*[24]. Está sempre experimentando novas misturas de bebidas e fazendo homens de todo o mundo enlouquecerem por isso. Possuir uma garrafa de edição especial *Smugglers Club*, fabricada pelo próprio Castiel Visconti, é o símbolo de status definitivo.

Caminhamos em direção ao bar e ele nos serve dois uísques. Brindamos com copos, e sobre a borda do seu, seus olhos brilham com travessuras. — Quando finalmente voltar para a costa e assumir o controle de *Devil's Dip*, você mesmo precisará de uma esposa.

— Sim, não acontecerá.

— Voltar ou arranjar uma esposa?

— Ambos.

Ele ri, mas estou falando sério. Mal posso tolerar uma mulher ficando mais tempo do que leva para ela me fazer gozar, muito menos ter uma por perto permanentemente. Além do conceito de amor ser uma besteira absoluta, acho as mulheres... *chatas.* Fracas de vontade e de mente, sempre parecem concordar com o que digo e fazer o que quero. É para isso que servem os assistentes e empregados. Preciso de uma mulher com força de vontade, dentro e fora do quarto, mas especialmente no quarto. Gosto de foder com força, mas força é chato quando ela se deita e apega.

Uma imagem não solicitada de Aurora curvada sobre meu joelho, nua e com o rosto vermelho, surge em minha cabeça. Eu me pergunto se ela se deitaria e aceitaria, ou se ela se contorceria sob a palma da minha mão. Se gritaria do jeito que eu gostaria.

Porra do inferno.

Uma voz estrondosa me salva de meus pensamentos sujos.

— Não consigo encontrar uma esposa para a vida toda, mas posso lhe dar uma esposa para esta noite.

Cas geme. Eu me viro para ver Benny, o irmão *Hollow* do meio, entrando no clube, um bando de mulheres seminuas em seus braços. Dispara-me uma piscadela. — Qual é o seu tipo, *cugino?*

Cabelos cacheados e indisponíveis, mas não respondo. Em vez disso, bebo o resto da minha bebida e me inclino contra o bar. Afrouxo minha gravata. Desde quando as cavernas são tão quentes? Estou contudo apenas me enganando. Sei o que está deixando minha pele ardente como se eu estivesse com

febre - o pensamento de espancar a noiva do meu tio. Talvez *devesse* transar esta noite. Encontrar uma gata loira de cabelos cacheados e ouvi-la resmungando trocadilhos sujos de pássaros no meu ouvido.

Cas levanta uma sobrancelha. — O que é tão engraçado?

Não tinha percebido que estava rindo. Balançando a cabeça, viro meus olhos para o teto irregular. — Nada, cara.

Não se trata de Aurora, é apenas a *Coast*. Sempre me fazendo perder o rumo.

Cas olha por cima do meu ombro em direção ao elevador. — Os convidados estão começando a chegar. Venha, tenho uma sala particular preparada e podemos esperar pelos outros lá dentro.

Eu o sigo. A sala é uma alcova fora do clube principal, com pouco, mas um aglomerado de poltronas profundas em torno de uma mesa baixa e um bar privado no canto. Sento-me e, alguns momentos depois, Rafe entra, seus homens formando uma parede ao seu redor.

— Foda-se, Rafe — Tor fala lentamente, invadindo atrás dele e dando um tapa em suas costas. — É apenas família; não precisava trazer a cavalaria.

— Sou um homem importante, *cugino*. — Rafe responde, piscando para mim enquanto se senta ao meu lado. Acena para seus homens, que ficam de guarda na porta. — Não espero que entenda.

Antes que Tor possa responder, ouve-se um estranho ruído gorgolejante e o clique de uma trava de segurança. Quando olho para cima, um dos homens de Rafe tem um braço grosso em volta do pescoço e uma arma na sua têmpora. É de ouro, com um dragão gravado ao longo do

cano. Enquanto todos na sala pulam e sacam suas próprias armas, sorrio no fundo do meu copo de uísque.

Eu reconheceria aquela maldita Glock feia em qualquer lugar.

A voz rouca de Gabe vem das sombras. — Sua cavalaria é patética. — Larga o homem como um saco de merda e empurra os outros para fora do caminho.

Rafe afunda de volta em sua cadeira, olhando para Gabe enquanto toma seu lugar ao meu lado. Rafe se inclina sobre a mesa e sibila — *Grazie,* idiota. Realmente teve que me envergonhar assim na frente de toda a família?

Não me lembro da última vez que vi Gabe sorrir, mas juro que os cantos de sua boca se erguem antes de ele pegar meu copo de uísque e o engolir de uma só vez. Um garçom se apressa e imediatamente o enche de volta.

— Sempre uma gargalhada quando os irmãos *Devil's Dip* vêm à cidade, não é? — Olho para cima para ver Dante entrando, parecendo um miserável como sempre. Donatello está ao seu lado, com um enorme sorriso no rosto e uma grande pilha de arquivos debaixo do braço.

Meus olhos disparam atrás deles. — Onde está o tio Al?

O olhar de Dante escurece. — Em casa. Provavelmente tateando sua isca de prisão. — Alisa a camisa e afunda na cadeira oposta. — Sabe, eu cuido da maioria das coisas hoje em dia. Daqui para frente, deve esperar lidar comigo.

— Papai finalmente lhe deu as chaves do reino? — Rafe pergunta zombeteiramente. — Ou apenas emprestou a você um assento elevatório para que possa se sentar à mesa esta noite? Não se preocupe, ficarei de olho no relógio para garantir que não perca o toque de recolher.

Todos ao redor da mesa riem, exceto Dante. A tensão entre ele e meu irmão crepita como estática. Ninguém nesta terra odeia Dante mais do que Rafe, porque ele jura que o pegou trapaceando em um de seus jogos de pôquer anos atrás. A única razão pela qual não colocou uma bala na sua cabeça é porque é irmão de Tor. O sentimento é mútuo, mas não por causa daquela noite fatídica. Não, Dante odeia Rafe porque ele é tudo o que gostaria de ser. Por mais bem-sucedido que *Devil's Cove* seja, nunca será Las Vegas e, por mais cruel que seja Dante, nunca será tão poderoso quanto Rafe.

— Tudo bem, tudo bem — Donatello interrompe, lutando contra um sorriso. — Vamos começar a trabalhar para que possamos jogar. Tenho *muito* dinheiro para arrancar de vocês, idiotas. Vou primeiro. — Abre seus arquivos e os estuda. — Angelo, tudo que preciso é da aprovação para abrir uma rota comercial para o Japão. Um navio por semana, a única carga é peixe.

Tor bufa, murmurando algo sobre ele ser um perdedor. Donatello provavelmente é o único nesta mesa que não sabe como é tirar a vida de um homem.

Donatello fica rosa e endurece sua mandíbula. — É baiacu. Fugu. Não posso voar porque é um dos pratos de sushi mais venenosos e raros do mundo e altamente ilegal de se preparar se não for totalmente treinado...

Eu o cortei com um aceno preguiçoso da minha mão. — Permitirei seu pequeno carregamento de peixe, Don. — Eu me viro para Castiel e Benny. — E o que o *Hollow Clã* quer do Papai Noel este ano?

Cas limpa a garganta. — Bem, não tem nada a ver com o porto, na verdade. — Inclina a cabeça para a parede do fundo da alcova. — Existe uma rede de cavernas que queremos

acessar alguns quilômetros adiante, mas ela se enquadra no território Dip...

— Feito. Alguém mais?

— Espere — Dante rosna. — Está dando a eles acesso às terras *Dip*? No entanto, quando meu pai e eu queríamos ter acesso à Preserve, você se recusou terminantemente?

— Que porra farei com uma caverna?

— Que porra você fará com uma floresta?

Nada. E se fossem os irmãos *Hollow* que tivessem pedido a terra, provavelmente teria dado a eles, mas agora que sei que Alberto quer manter sua jovem e gostosa noiva, não há a menor chance de eu considerar isso. Escureço meu olhar e me reclino na poltrona.

— Sabia que há treze pares de *American Bald Eagles* naquele parque? É mais do que apenas algumas árvores de merda e um pântano.

— Por que se importa? — Seus olhos se estreitam. — Parece aquela cadela da Aurora.

Cadela. Uma quantidade desnecessária de fúria corre pelas minhas veias. Lavo com um gole de uísque. — Eu me preocupo com o meio ambiente.

Tor dá uma risada. — Diga isso ao seu jato particular.

O olhar ardente de Dante não vacila. — Tudo bem, o que quer? — Seus olhos se movem para Rafe. — É o seguinte. Vou deixá-lo construir um hotel e um cassino em *Cove*. Há um grande terreno no promontório sul. Tem vista panorâmica para a praia.

A risada de Rafe é profunda e sinistra. — Construir um hotel e cassino Raphael Visconti em seu terreno? Não saberia

como lidar com o aumento repentino do turismo.

Dante bate com o punho na mesa. Os homens de Rafe saem das sombras. Eu me levanto e coloco a mão no ombro do meu irmão. — Já chega! Dante, pensarei no seu pedido. — *Mentira.* — Agora, há mais alguma coisa que vocês, sanguessugas, querem de mim antes de se afogarem em uísque, dívidas e prostitutas?

Um coquetel de música e risos se infiltra por baixo da porta, sinalizando que os jogos estão em pleno andamento. O ombro de Rafe se contrai sob a palma da minha mão e, quando olho em volta, percebo que todos estão olhando para a festa.

— Então digo que esta reunião está oficialmente encerrada.

Todos saem da sala. Todos, exceto Dante, que afunda na cadeira e brinca com uma caneta que Donatello deixou para trás. Somente quando a porta se fecha atrás de Gabe, silenciando a música novamente, ele fala.

— Há algo mais que quero de você, Angelo.

Inalando uma lufada de ar, me sento e sinalizo para o garçom atrás do bar para outro reabastecimento.

Será uma longa noite.

* * *

Os jogos de pôquer estão em pleno andamento. *Croupiers* distribuem cartas com o talento de mágicos de perto, e relógios chamativos piscam sob os candelabros enquanto os jogadores pegam suas fichas. Garotas de lingerie e renda

trabalham na sala, ziguezagueando entre as mesas à procura de seu próximo *John*.

Observo enquanto os olhos de Rafe seguem uma pequena ruiva, então se inclina contra o bar e assobia. — Ela se sairia bem na pista, aquela.

— Está pagando?

Ele me olha de lado. — Quando já me viu pagar por uma prostituta? — Olha por cima do meu ombro e seu olhar escurece. — O que Dante queria?

— Você não quer saber.

— Ah, mas eu quero.

Rolo o copo na minha mão, observando o líquido marrom espirrar pelas laterais. — Ele quer os registros de todas as ligações feitas para *Sinners Anonymous* na costa. Eu matando aquele lacaio idiota no almoço de domingo deu a ele a ideia. Parece pensar que isso ajudará a eliminar traidores e obter informações sobre parceiros de negócios.

Ele solta uma risada. Passa um dedo sobre o lábio inferior. — Será que ele não percebe que venho fazendo isso há anos? Espero que tenha dito a ele para se foder.

— Palavra por palavra, irmão.

Embora em silêncio, posso sentir a raiva saindo de seu corpo enquanto observa Dante do outro lado da sala. Está conversando profundamente com Nico, o irmão *Hollow* mais novo, que acabou de se formar em *Stanford* e ainda está aprendendo o que significa ser um *Made Man.*

— Deus, odeio aquele filho da puta — Rafe sibila, antes de afundar seu uísque e bater o copo vazio no bar. — Juro, se quiser assumir *Dip*, estarei de volta aqui dentro de uma hora,

desenhando hotéis e cassinos que farão *Cove* parecer *Coney Island*.

— Vamos dar um passeio.

— Espere. — Rafe se vira para o bar, tira um punhado de cartões de *Sinners Anonymous* do bolso do paletó e os joga no pote de gorjetas. — Muito bem — diz com uma piscadela. — Vamos.

Andamos pelo clube, observando silenciosamente os diferentes jogos. Observamos Donatello perder seu *Omega Seamaster* para Benny no vinte-e-um e parar atrás de uma das mesas de pôquer, no momento em que o *dealer*[25] inicia uma nova rodada.

— Meu dinheiro está em Gabe — murmura Rafe, acenando para o nosso irmão no lado oposto da mesa. Sua jaqueta de couro está pendurada nas costas da cadeira e está usando seus aviadores exclusivos. Não que precise deles - ninguém tem cara de pôquer como nosso irmão.

Meu olhar se desloca ao redor da mesa. Dante e Nico sentam-se à direita de Gabe, e dois jovens que nunca vi antes estão de costas para nós.

O de cabelo loiro e de terno grande demais se inclina para o amigo. — Cara. Jogar contra Dante Visconti te deixará totalmente louco.

Rafe e eu trocamos sorrisos. Como diabos essas crianças entraram nesta festa, nunca saberei, mas pelo menos fornecerão um nível de entretenimento.

— Eu sei — o outro sibila de volta. — Todos os Visconti devem ter crescido com uma dieta de leite integral e esteroides. São *enormes pra* caralho.

— E todos parecem lutadores de MMA.

— Ei, gosto dessas crianças — Rafe murmura para mim com um sorriso torto. — Talvez possa contratá-los para me seguir e beijar minha bunda.

Aceno para os guardas de qualificados contornando o perímetro da sala. — Tem o suficiente deles?

Ele solta ima risada e recuamos.

— Devem estar carregados — o garoto loiro suspira, sacudindo uma ficha de pôquer entre o polegar e o indicador. — Sempre pegam as garotas mais gostosas.

— Até o velho. E deve ter agora uns setenta anos.

— Uh-huh. Viu com quem ele se casará?

Minhas orelhas erguem, mas forço meu rosto a permanecer inexpressivo.

— Oh, sim, aquela garota, Rory? De *Devil's Dip High?* — Solta um assobio baixo, arrastando os pés para mais perto de seu amigo. — Sabe que ele pensa que ela é virgem?

O menino loiro olha para Dante e coloca a mão na frente do rosto, mas atrás dele, ainda posso ver e ouvir o que sussurra. — Eu sei. Hilário. Lembra quando ela deixou Spencer e sua equipe dirigirem um trem nela?

— Quem poderia esquecer? Nem frequentou a *Devil's Coast Academy* e, no entanto, todos sabem o seu nome. Spencer e seus amigos eram os garotos mais ricos da escola, então obviamente ela é uma daquelas garotas que faria qualquer coisa para garantir um salário.

— Literalmente, *qualquer coisa.*

Seus sussurros continuam, mas não consigo mais ouvi-los por causa do sangue latejando em minhas têmporas. O fantasma do uísque agora tem um gosto amargo na minha

língua e meus dedos se contorcem. Tanto que enfio a mão no bolso da calça e a fecho em punho. Então, Aurora é uma prostituta. Muito longe da virgem que finge ser para o meu tio. Passo a língua pelos dentes e respiro lenta e profundamente. Rafe está em silêncio agora, e posso sentir seu olhar aquecendo minha bochecha.

E o que me importa? Por que essa revelação me faz sentir todo quente e com coceira, me faz sentir como se quisesse conectar meu punho a uma mandíbula só para ouvi-la estalar?

E então percebo porque esses garotos idiotas me irritam.

No carro de volta para a casa de Alberto ontem, ela me deixou acreditar que era diferente, mesmo que só por um momento. Deixou-me acreditar que não era como todas as outras garotas de *Dip*, apenas procurando por um contracheque Visconti. Que seu motivo para se casar com um homem com três vezes a sua idade era completamente altruísta.

Bufo uma risada no fundo do meu copo. Para impedir Alberto de derrubar a floresta. *Okay, certo.* Aquele discurso apaixonado que deu sobre todos os malditos pássaros e lontras - sabia exatamente o que estava fazendo. Fez-me comer na palma da sua mão, e agora não sou melhor do que meu velho tio sujo, acreditando em suas mentiras.

Claro, ela pode não ter dito nada, mas me enganou. Aqueles grandes olhos de corça, pele afobada e pecados patéticos me enganaram.

— Todos façam suas apostas — diz o *dealer* lentamente, estendendo as mãos sobre as cartas e virando-as para cima, mostrando à câmera acima da mesa que não tem nada nas mangas.

Pilhas de lascas douradas e prateadas deslizam pelo veludo verde. Meu olhar cai para a parte de trás da cabeça do garoto loiro.

— Angelo, não...

A voz de Rafe porém soa como se estivesse na caverna. Antes que ele ou meu bom senso possam me impedir, dou um passo à frente, passo por cima do ombro do garoto e bato minha mão em cima de suas fichas de pôquer.

Ele grita de surpresa, recuando da mesa. Então estuda minha mão, meu relógio. O anel de citrino no meu mindinho. Engole em seco, antes de relutantemente arrastar seus olhos para encontrar os meus.

Ao contrário do resto da minha família, não sou muito de apostar, mas aposto todas as fichas que ele acabou de se irritar. — Eu vi isso.

A mesa fica em silêncio. O olhar do garoto se alarga, então se move ao redor da mesa e de volta para mim novamente. — O-o quê?

— Tirou essas fichas do seu bolso. — Disparo um olhar carregado na direção de seu amigo falador de merda. — Vocês dois fizeram.

Ele empalidece e seu lábio inferior treme. — Não! Eu não, juro...

Pego uma de suas fichas, interrompendo seus protestos. São feitos de ouro puro de 24 quilates, com o brasão da minha família gravado no meio. Ignorando o calor da atenção de todos, eu o seguro na luz baixa e solto um silvo. — Sim, falsificado.

— Não é! Não pode ser, peguei de lá! — Aponta um dedo trêmulo na direção do caixa. A garota atrás dele levanta as

mãos em protesto. Ela não quer se envolver nesse show de merda e não a culpo.

— Vamos perguntar ao cara que os criou. — Jogo a ficha atrás de mim para Rafe. Ele a pega com uma mão. — O que acha, irmão? Isso parece real para você?

Rafe me lança um olhar furioso. Sua mandíbula trava e balança a cabeça tão levemente que sei que é só para mim, mas me mantenho firme e espero. Alargando as narinas, finalmente olha para baixo, sacudindo a ficha entre o polegar e o indicador.

O silêncio se estende sobre os cânions. Eventualmente, olha para mim com os olhos semicerrados e passa os dentes pelo lábio inferior. — Mais falso que uma nota de três dólares.

O clube volta à vida. Cadeiras raspam contra o chão da caverna, e os *cliques* das travas de segurança se soltando ecoam no teto baixo. Os homens de Rafe emergem das sombras e colocam as mãos nos ombros dos meninos e os arrastam para longe. Posso ouvir seus gritos durante todo o caminho até que sejam colocados no elevador no final do longo túnel.

— *Bastardi* — Tor rosna, espanando o paletó e afundando de volta em seu assento na mesa de *Blackjack*. — Eles trabalham na *Delirium* e constantemente me pedem um convite para um jogo de pôquer privado. — Seu brinco de diamante no nariz brilha quando balança a cabeça. — Mal têm cabelo no pau, muito menos bolas grandes o suficiente para tentar uma façanha como essa.

A música recomeça e, lentamente, o incidente assenta como poeira e todos voltam a se divertir. Sentindo um calor nas costas, me viro e vejo Rafe parado nas sombras, me olhando. Quando passo, ele tira a mão do bolso e agarra meu braço.

— Vicious Visconti está de volta — murmura em meu ouvido. Olho para a frente, com espinha de aço, até que me solta e se move para a multidão.

Talvez Vicious nunca tenha realmente ido embora.

13

Rory

— Não se mexa.

— *Estou* parada.

— Não, está inquieta como um homem inocente em julgamento. — Greta enfatiza seu ponto batendo a mão ossuda no meu ombro e apertando. — Se eu te esfaquear com essa agulha, não vá correndo até o Alberto chorando, porque a culpa é sua.

Mais uma vez, escolheu um vestido muito pequeno - tão pequeno, na verdade, que o zíper traseiro não passa da curva do meu quadril. Em vez de me deixar usar outra coisa, a solução de Greta é me costurar fisicamente nele. Provavelmente também terei que dormir com ele, porque não tenho ideia de como tirarei isso esta noite.

— Está nervosa.

A observação de Greta percorre minha espinha como um raio laser. Travo os olhos com ela no espelho e engulo. Implorando silenciosamente para minha pele não corar. — Por que eu ficaria nervosa? É apenas um jantar de sexta à noite.

Ela franze a testa para mim como se eu tivesse enlouquecido. — Nervosa sobre o próximo sábado, sua garotinha estúpida. — A ponta de sua agulha arranha minha carne. — Sua festa de noivado.

— Oh.

Observo enquanto ela olha para a minha mão esquerda segurando meu estômago. Mais especificamente, na pedra em meu dedo anelar. — Não sabe o quão sortuda você é — murmura baixinho.

Meus olhos se fecham. — Foi o que disse, Greta. Milhares de vezes.

No momento em que entrar no *Visconti Grand Hotel* de braços com Alberto no próximo sábado, a contagem regressiva para o casamento começará. Começará com a festa de noivado, depois a prova do vestido de noiva e a degustação do bolo, reuniões com o pastor e jantares com a família estendida, e então terminará em exatamente duas semanas comigo caminhando pelo corredor.

Ou, mais provavelmente, sendo arrastada pelo corredor. Potencialmente chutando e gritando. Uma semana e um dia. É todo o tempo que me resta para fingir que isso não acontecerá de verdade.

— Antes de sair, lembre-me de colocar mais pó no nariz. — Greta fica de pé em toda a sua altura e estreita os olhos. — Por que está tão brilhante? — Dá um passo para trás. — Está doente?

Solto um suspiro pela abertura em meus dentes e aliso a frente do vestido. — Estou bem.

Não estou bem e não estou bem desde o passeio de carro com Angelo na quarta-feira. Desde que parei na varanda e observei suas luzes traseiras sumirem no horizonte cinza, tem havido um desconforto espesso escorrendo sob minha pele. Como se estar em um carro pequeno com ele em um dia chuvoso tivesse transformado meu sangue em xarope. É uma sensação desconfortável, semelhante à quando saio logo de manhã e, embora o céu esteja claro e a previsão do tempo preveja sol, sei que está prestes a chover. É inexplicável.

Sinistro. Isso arrepia os cabelos da minha nuca e a tensão se acumula entre minhas omoplatas, mas não consigo identificar o porquê.

É só chuva. E Angelo é apenas um homem. Um que nem *gosto.*

Sento-me em um silêncio abrasador enquanto Greta brinca com meus cachos. O coquetel de cabelo queimado e spray queima minhas narinas e minhas têmporas ardem sob o impacto de seu pente. Quando termina, dá um passo atrás e me dá um sorriso cerrado.

— Parece a Marilyn Monroe.

Seria um elogio se o seu tom não fosse tão amargo.

Meus olhos caem preguiçosamente para o meu reflexo. Geralmente não me incomodo com o rosto irreconhecível olhando para mim, mas tenho que admitir, esta noite estou particularmente impressionante. O vestido prateado brilha sob as luzes brancas da penteadeira, e meu cabelo, pela primeira vez, não é liso e sem graça. Greta o estilizou em ondas grandes e soltas, que caem em cascata pelas minhas costas nuas e saltam quando ando.

Reprimo meu sorriso porque *nunca* daria à velha bruxa miserável a satisfação de ser feliz. Saio da sala sem olhar para trás.

Esta noite, o pianista começou cedo; um jazz animado sai por baixo das portas de vaivém da sala de jantar e preenche o teto abobadado. Desço as escadas devagar, porque, como sempre, meu vestido é muito apertado e meus saltos muito altos para fazer qualquer coisa com pressa. Olhando por cima do corrimão, noto que há mais convidados do que o normal. Vários dos irmãos *Hollow* apareceram, aglomerando-se no foyer e passando *amuse-bouche*[26] nas bandejas que passavam sem interromper o ritmo de suas conversas.

Estudo todos os ternos. E odeio como meu estômago cai alguns centímetros quando percebo que nenhum deles pertence a Angelo.

Pare com isso, Rory. Engulo a decepção e endureço minha espinha. A única razão pela qual me sinto assim é porque, embora o despreze, não posso negar que torna essas reuniões demoradas mais interessantes. Ele me dá alguém que não seja Dante para olhar. *Sim.* Isso é tudo.

Quando desço o último degrau, algo se move no canto do meu olho e prende minha atenção. Vem da abertura da porta do escritório de Alberto. Duas figuras, iluminadas pelo luar que entrava pela janela atrás delas. Desacelero até parar e semicerro os olhos sob a cortina do meu cabelo tentando ver melhor.

É Alberto e Mortiz, conversando. Meu coração dispara quando me lembro da conversa deles na semana passada sobre a mudança dos termos do nosso contrato. Tenho estado tão distraída com... *outras coisas,* que me esqueci completamente. Bem, o dia do juízo final está chegando. Em menos de três semanas estarei acorrentada a este desprezível na saúde e na doença, e *realmente* preciso descobrir o que diabos está planejando antes de decidir o que farei.

Antes de decidir se seguirei em frente com meu próprio plano.

Com um olhar para o saguão, viro à direita no corredor atrás da escada. Há acesso à piscina pela sala de jogos, então saio, contornando a lateral da casa, vendo se consigo ouvir a conversa de Alberto e seu advogado do lado de fora da janela do escritório.

Santo crown, está frio. Quando saio para o deque, o frio do meio do outono me atinge, deixando meus braços e pernas arrepiados. Ainda nem é Halloween, mas a geada já está

caindo na cobertura da piscina e fios de neblina dançam no brilho da iluminação da paisagem. Rastejo para a esquerda, abraçando a parede da casa enquanto viro. De repente, há algo macio sob os pés, o que faz com que meu calcanhar afunde no chão e meu tornozelo dobre debaixo de mim.

— *Gah* — grito. Tiro os dedos e agarro alguma coisa, qualquer coisa para me impedir de cair. Roçam um cano de esgoto e raspam alguns tijolos, mas antes que possa encontrar algo, algo me encontra. Uma mão. É grande e forte e não deveria ser capaz de reconhecer a quem pertence tão facilmente.

O calor roça minhas costas nuas, uma onda de adrenalina a perseguindo-a. Eu me viro para encontrar Angelo Visconti tão perto que provavelmente posso adivinhar a contagem de fios de sua camisa branca engomada. Mudo meu olhar mais alto, encontrando seus olhos. Ele desliza um cigarro entre os lábios e inala. E depois sopra. Fumaça quente e pesada gira entre nós; encontro-me fechando brevemente os olhos, me aquecendo com o calor que roça meu nariz e minhas bochechas. Abro-os novamente no momento em que a nuvem evapora na escuridão, revelando a rede de linhas duras que compõem o rosto inexpressivo de Angelo. Não tenho certeza - o céu sem estrelas fornece pouca luz - mas há algo lambendo as bordas de seu olhar. irritação, talvez. Tenho certeza que a última pessoa que quer esbarrar sou eu.

— Esses seus sapatinhos idiotas são muito... *inapropriados.*

Sufocando sob a intensidade de seu olhar, olho para os meus pés e engulo. Tinha esquecido que o canto da casa é onde o deque encontra a praia.

— Areia. — Murmuro, tentando controlar minha respiração. — Eu tinha esquecido que havia areia.

Um grunhido, baixo e sinistro, ressoa em seu peito. Estou tão perto que posso sentir a frequência disso. A cereja de seu cigarro brilha, e então estou cercada por sua fumaça mais uma vez. Desta vez, abro meus lábios e inalo lentamente. Não me passou despercebido que essa fumaça estava na sua boca poucos segundos antes de entrar na minha, e o pensamento parece tão incrivelmente travesso que meu rosto começa a queimar.

— Isso não foi o que quis dizer.

Meu coração para pôr um segundo, antes que a realidade afaste o comentário. Ele está apenas dizendo o que todos na casa atrás de mim estão pensando: nos jantares de sexta à noite, me visto como uma prostituta. Minha saia é muito curta, meus saltos muito altos e minha maquiagem muito grossa. Muito *inapropriado.* O olhar de Angelo é muito pesado e é instintivo tentar rastejar para fora dele, mas quando meus olhos disparam ao redor, percebo que não há para onde ir. À minha frente está a parede de tijolos da casa, e atrás, a figura imponente de Angelo. Inspirando uma lufada de ar, deslizo meu braço para fora de seu alcance e me viro, então minhas costas estão contra a parede.

Grande erro. Ele dá um passo à frente, fechando a distância entre nós tão rapidamente quanto apareceu. Forço minha expressão a permanecer neutra, despreocupada, embora tenha certeza de que não o estou enganando. Nunca fui muito boa em atuar, e se posso ouvir meu coração batendo assim, então ele provavelmente também pode.

Eu limpo minha garganta. — O que está fazendo aqui?

— Fumando.

— Pensei que não fumava?

Seu olhar se eleva até o meu, confusão cruzando seu rosto por uma fração de segundo, antes que perceba que

estou me referindo à noite no beco ao lado do clube inacabado de Tor.

Seus lábios se contraem. — Guarda o meu segredo... e guardarei o seu.

— Todos eles?

No momento em que a pergunta sai de meus lábios em um sopro de condensação, o sangue sobe para meu pescoço e peito. A lembrança de estar em seu carro na quarta-feira faz meus ossos estremecerem. *Um acordo vale para ambos os lados, Aurora.* Interpretei tão mal o que ele quis dizer com isso que quase fiz algo... *altamente inapropriado.* A pior parte foi que quando estava sentada no banco do passageiro contemplando isso, meu batimento cardíaco acelerou e o calor se acumulou entre minhas coxas da maneira mais deliciosa. Parecia que teria sido a melhor coisa ruim que já fiz.

Flamingo, o que ele deve pensar de mim?

Ele não responde à minha pergunta. Em vez disso, seu olhar cai para os meus lábios conforme passa os dentes sobre os seus. Realmente gostaria que ele parasse de fazer isso; isso faz minha cabeça parecer toda estranha. Em uma tentativa de olhar para qualquer coisa, menos para a curva deliciosa de seu arco de cupido, olho para o cigarro brilhando levemente em sua mão direita.

Ele deve ter notado, porque o traz para o pequeno espaço entre nós e o gira para que o filtro fique voltado para mim.

Ele quer compartilhar? Meu pulso palpita. Uma coisa é compartilhar a mesma nuvem de fumaça, mas colocar meus lábios onde os dele estavam... Parece perigoso.

Goose, sou patética. A verdade é que quase não tenho experiência com garotos, muito menos com *homens.* Antes daquele dia terrível, três anos atrás, nunca tinha tido

intimidade com um garoto. E nunca tive um namorado de infância porque todos os meninos da minha classe e da minha cidade eram tão... *familiares*. Eu os conhecia desde o jardim de infância, assim como meus pais conheceram seus pais e assim por diante. Não havia nada de novo ou excitante para descobrir sobre eles. Suas memórias também eram minhas, assim como suas experiências. É por isso que estava tão empolgada com a faculdade não apenas estaria um passo mais perto do meu sonho de me tornar uma piloto, mas também conheceria garotos fora da *Devil's Coast*.

— Não fumo.

Diversão sombria dança em seus olhos. — Pensei que fosse uma garota má.

Garota má. A maneira como cospe essas palavras, ásperas e acaloradas, me faz querer ser exatamente isso. É fácil ignorar a zombaria descarada e, sem dizer mais nada, pego o seu cigarro, vendo-o me observar, levo-o aos lábios e inalo.

Imediatamente, a parte de trás da minha garganta começa a queimar e jogo o cigarro na areia no meio do meu ataque de tosse. Mal posso ouvir sua risada sobre o som da minha própria respiração difícil.

— Jesus Cristo — sibilo, inclinando minha cabeça para trás contra a parede de tijolos.

Com um sorriso malicioso que aprofunda a covinha do queixo, puxa o maço da calça e puxa um cigarro novo. A chama de seu isqueiro Zippo dança majestosamente contra a noite escura enquanto o acende.

— Observe-me. — *Como se eu fizesse qualquer outra coisa hoje em dia.* Ele o desliza entre os lábios e dá uma tragada lenta e sensual. Desta vez, teve a cortesia de soprar a fumaça acima da minha cabeça. Sinto-me levemente desapontada. — Aqui. — Entrega-me. — Não tanto desta vez, pegue.

Gosto do jeito que observa minha boca enquanto inalo lentamente. Alguns segundos depois, a fumaça escapa suavemente dos meus lábios, deslizando sobre os planos de seu rosto. — Melhor — ronrona.

Sorrio, passando de volta para ele. Olha para o anel vermelho de batom ao redor do filtro e faz uma pausa. Seu pomo de Adão balança em sua garganta, e juro, vejo seu pulso em sua mandíbula.

— Oh...

Antes porém que possa terminar minha frase, ele desliza o cigarro entre os lábios e dá uma tragada. Por alguma razão boba, meus batimentos cardíacos param com a simples visão de sua boca no mesmo lugar onde a minha estava. Parece errado. Íntimo demais.

Na verdade, ficar aqui com ele, sozinha, parece íntimo demais. Envolvendo meus braços ao meu redor, olho para o jardim. — É melhor eu ir.

— Fique.

Não é uma sugestão. Apesar de virar as costas à *Cosa Nostra*, Angelo Visconti não me parece o tipo de homem que apenas sugere. Inclino-me para trás, meus calcanhares afundando ainda mais na areia, me ancorando entre a casa que meu noivo construiu e o homem que poderia derrubá-la com um bufo de sua respiração sarcástica.

Um jazz fraco sai de dentro da cada. À beira mar, as ondas batem furiosamente contra a costa. Ambos servem de pano de fundo para o som da minha respiração pesada.

— Alberto se perguntará onde estou.

— Então, diga a ele.

Solto uma risada amarga. — Sim, isso cairá bem. — Ergue uma sobrancelha, esperando por mais. — Como se sentiria se encontrasse sua noiva em um canto escuro, dividindo um cigarro com um homem bonito?

Ele me encara. A princípio inexpressivamente, então seus olhos se estreitam. — Você me acha bonito.

Oh, flamingo. Apesar do frio ao nosso redor, instantaneamente minha pele queima de vergonha. *Devo odiá-lo tanto quanto ele me odeia.*

Enrijeço minha mandíbula. — Não fique muito animado, costumo usar óculos.

Sua risada sobe contra a minha pele. — Sou mais bonito que seu marido?

— Não é difícil.

— Então, quem prefere beijar?

O quê? Minha respiração fica superficial, eventualmente falhando completamente. Estou queimando, ardendo sob a intensidade de sua atenção, mas ele é tão insensível quanto um pepino. Somos como fogo e gelo. Dá outra tragada no cigarro e me olha com a indiferença de quem acabou de me perguntar as horas.

Não olhe. Não olhe. Não olhe. Meu olhar cai para seus lábios.

Oh, swan.

Um olhar pode dizer mais que mil palavras e, a julgar pelo sorriso presunçoso que divide o rosto de Angelo, meu olhar para seus lábios escreveu para ele um ensaio inteiro. Sinto o desejo de recuperar algum equilíbrio, e a única maneira que conheço de fazer isso hoje em dia é sendo desagradável.

— Não sei. Você é quase tão velho quanto ele de qualquer maneira.

Aborrecimento percorre os planos de seu rosto, mas ele reorganiza suas feições imediatamente. — Tenho 36 anos.

— Quase o dobro da minha idade.

— Suponho que quando ainda se é uma garotinha boba, todo mundo com mais de trinta anos parece velho.

Estou feliz que esteja escuro, porque espero que não possa me ver nervosa sob o céu azul-marinho.

— Além disso — continua, sua voz endurecendo — só garotinhas tolas pensariam que homens adultos iriam querer beijá-las.

— E apenas velhos sujos perguntariam à noiva de seu tio sobre suas preferências de beijo.

O silêncio nos envolve, mais espesso do que a fumaça que escapa dos lábios entreabertos de Angelo. — Estava brincando, *Aurora.* — Então, voltou a dizer meu nome assim. — Alberto é da família e, embora nem sempre estejamos de acordo, sempre o respeitarei.

Inclino meu queixo para cima. Agora que meus saltos altos estão na metade da areia, ele se sente ainda mais alto do que o normal. — Não pode respeitá-lo tanto assim. Vi você chavear o seu carro.

— Quando? — Pergunta, sem perder o ritmo.

— Na quarta-feira, quando me deixou.

— Quarta-feira... — murmura, coçando o queixo enquanto finge pensar. — Quer dizer o dia em que você o beijou na minha frente?

Meu estômago revira com a memória, mas estou irritada por jogar seu jogo. — Sim.

— Hum. Não sei do que está falando.

Seu rosto é inexpressivo; tão sem emoção quanto seu tom, mas ainda assim, uma pequena faísca de fogo de artifício dentro do meu peito. Fiquei desorientada com o súbito *PDA*[27] de Alberto, e a chuva estava tão forte que distorceu o corpo de Angelo enquanto se movia em direção ao carro. Achei que talvez tivesse imaginado o ato infantil de vandalismo, mas agora sei que não.

Ele chaveou o carro do tio por causa daquele beijo.

A confusão arrepia minha pele, mas a ignoro em favor da adrenalina que desce pela minha espinha. Isto é mau. Três mil pés no ar, *pisando em uma corda bamba não mais larga do que um fio dental* do tipo ruim. Tenho o peso do meu mundo sobre meus ombros e, se eu cair, há mais do que apenas minha própria vida em jogo. É excitantemente perigoso, mas ainda assim, perigoso. Eu deveria ter mais medo de altura.

— Eu tenho que ir — sussurro.

Desta vez, não me diz para ficar. Dá uma última tragada no cigarro e fecha a distância entre nós. Instintivamente, me empurro ainda mais contra a parede, espalmando as palmas das mãos contra o tijolo frio. Ele paira sobre mim como uma tempestade que se aproxima, colocando uma mão ao lado do meu ombro, usando a outra para esmagar a guimba na parede, a apenas alguns centímetros da minha orelha. Fica lá por um momento. E depois outro. Prendendo-me com o peso de seu corpo e a intensidade de seu olhar. O tempo parece rastejar; até a música que sai da casa soa mais lenta.

Acho que não quero acelerar.

— Diga-me um pecado, Aurora.

O cascalho em sua voz me irrita em lugares que não deveria. Engulo o caroço na garganta e fecho os olhos. *Jesus, todo aquele calor está irradiando de seu corpo?* É outubro e, no entanto, está aqui em pouco mais que um terno e se sentindo como uma fornalha. E, no entanto, percebo que também não estou mais com frio.

— É assim que será agora? — Desafio. — Eu o alimentando com pecados para que não ouça os que disquei?

Ele lambe os dentes. Lentamente acena com a cabeça.

Inspiro profundamente e arrasto meu olhar para o céu sem estrelas. Estou tentando me concentrar em qualquer coisa que me dê um alívio da dor incômoda que se forma em meu estômago, mas a sensação de seu hálito quente roçando meu nariz torna isso impossível.

— Toda vez que ele me faz beijá-lo assim, cuspo em seu uísque.

Meu pecado paira no ar, preenchendo o pequeno espaço entre nós. Enquanto seu corpo se imobiliza contra o meu, afasto meu olhar do céu e aterro no dele. Está mais escuro que a noite e igualmente frio. *Oh não.* Meu batimento cardíaco vibra; talvez tenha passado dos limites. Talvez devesse ter escolhido algo mais leve; talvez... mas então uma risada escorre de seus lábios, um coquetel de veludo e pregos. Atrevido e bruto. Isso ilumina meu sistema nervoso, como se tivesse acabado de ouvir uma música que já foi minha favorita, mas não a ouvia há anos.

Rio também, e rio mais, e mais forte, inclinando-me em seu corpo duro. Até que algo amanheça em mim como um novo dia.

Estou totalmente, loucamente, inaceitavelmente obcecada por Angelo Visconti. O sobrinho do meu noivo, quase um estranho e guardião dos meus segredos mais obscuros.

E de repente, meu pecado não é mais tão engraçado.

14

Angelo

Não importa o quão perto da costa que chego, não consigo escapar da balada de *Whitney Houston* que sai do *Basement* bar; também não posso escapar *dela.*

Jesus Cristo, ela está em toda parte. Cruzei a linha antes, e agora estou me forçando a manter distância. O que é quase impossível, porque esta noite ela é uma bola de discoteca ambulante e *dançante* com pernas. É como se tivesse colocado aquele maldito vestido para me irritar. As lantejoulas brilham e piscam toda vez que se move, comandando meu olhar como um ímã. E então me pego olhando para ela. Observá-la balançar os quadris e virar o cabelo para baladas cafonas. Observando a bainha de seu vestido subindo por sua bunda à medida que se inclina sobre o bar para falar com o garçom. Mesmo quando se senta nas sombras, girando o canudo em seu gim e, com um sorriso torto, observando Don e Amelia dançando ao som das músicas lentas, me obriga a observá-la.

É muito fácil esquecer que ela é uma prostituta garimpeira.

Eu também a pego me observando. Sinto isso, seu olhar pesado roçando minhas costas enquanto estou falando com Cas ou Benny. Cerro meus punhos e tento me concentrar em qualquer merda de negócios que estão falando, mas é quase impossível quando a sua risada escorre por cima do meu ombro, ou passa e eu sinto o cheiro de baunilha e chiclete.

Quando é demais, saio aqui para fumar e fugir dela. No entanto, sou tão patético que não posso deixar de esperar que ela me siga.

O luar abre caminho no mar, que se derrama sobre a costa e sobre meus sapatos. A brisa da noite é um frio bem-vindo, serpenteando pela gola da minha camisa e esfriando o calor da minha pele. Com um estalo do meu pulso, o isqueiro Zippo em meu punho ganha vida, e agito a chama sob um novo cigarro. Estou quase saindo.

Uma sombra cruza a areia enluarada, e a figura de terno a quem pertence para ao meu lado.

— Não te via fumando tanto desde o funeral.

Dando uma longa e necessária tragada, expiro uma nuvem de fumaça para o céu e passo o maço para Rafe.

— Estresse.

— Huh. — Pega um cigarro. Acende-o. — Passou nove anos resistindo ao desejo de colocar um boné na bunda de todo mundo. Nove anos como chefe de uma empresa de bilhões de dólares, onde não pode resolver seus problemas enterrando-os a sete palmos de profundidade. — Faz uma pausa para dar uma tragada. — E, no entanto, em nove anos, não o vi fumar uma vez.

— Sim, bem, já se passaram nove anos desde que passei mais de um fim de semana em Coast. Estou surpreso por não ter me voltado para o cachimbo de crack.

Rafe não ri. Em vez disso, fica ombro a ombro comigo, fumando seu cigarro e observando as ondas rolarem. — Diga-me por que está de volta, irmão.

Um longo suspiro escapa pelas minhas narinas. Deixo cair meu olhar para a areia e rolo meus ombros para trás. Foda-se. Tudo sairá eventualmente.

— Na semana passada, tive uma reunião em San Jose. Uma empresa de tecnologia na qual investimos alguns anos atrás está inadimplente com os dividendos. Estava ficando cansado do desrespeito, e não estávamos fazendo nenhum progresso com as teleconferências, então decidi simplesmente voar até lá. Foder um pouco os filhos da puta. — Deixo cair o cigarro e o esmago na areia com o pé. — De qualquer forma, apareço neste escritório em *Silicon Valley* e sou recebido por um idiota que afirma ser o CEO. Conhece o tipo - vive com um moletom e usa chinelos de segunda a sexta. — Com o canto do olho, Rafe passa um dedo sobre o broche do colarinho e balança a cabeça com desgosto. — Ele me leva a uma sala de reuniões envidraçada e lhe digo que tem sete dias para pagar. E sabe o que ele disse? — Cerro meus dentes, chamas quentes e raivosas lambem as paredes do meu estômago. — *Obriga-me.*

O rosto de Rafe se abre em um sorriso malicioso e de lado. — E depois? Bateu a cabeça dele contra a mesa e o forçou a comer os próprios chinelos?

Solto uma risada amarga. — Não, eu saí. Disse a ele que ouviria dos nossos advogados, e então entrei na porra do elevador e saí. Sem ossos quebrados, sem estrangulamentos. — Passo a mão pelo meu cabelo e balanço minha cabeça em descrença. — Fui *embora,* Rafe.

A risada de Rafe é mais alta que a minha. — Jesus Cristo. Isso é o que acontece quando se endireita - passa a vida pagando impostos e recebendo merda. — Preenche o silêncio com uma nuvem de fumaça. — Então, deixe-me adivinhar: decidiu que estava farto de bancar o Sr. Normal e desviou seu jato com destino a Londres para *Coast* para se lembrar de como a outra metade vive?

— Não. Saí do prédio e comecei a andar na calçada. Não tinha ideia de para onde ia e não me importava. Eu só tinha

que *pensar.* Estava com raiva, nem mesmo daquele idiota da tecnologia, mas de mim mesmo. Nesta família. Visconti - todos nós - somos programados para fazer coisas ruins, ser pessoas más. Está entrelaçado em nosso DNA, e não importa quantas malditas planilhas preencha ou quantas horas passe em salas de reuniões, nunca serei normal. — Estalo meus dedos e olho para o meu irmão. — Um estagiário colocou açúcar no meu Americano e meu primeiro pensamento foi deslocar sua mandíbula.

Rafe sorri. — Mas você sempre foi assim; foi assim que ganhou seu apelido. É instintivo para você fazer uma vingança que é sempre maior que o crime. — Levanta um ombro, sorrindo. — Como a vez que Dante disse ao papai que você perdeu uma entrega, por isso fodeu com o par do baile de formatura de Dante. Você é *cruel.*

Devolvo um sorriso. — Então é por isso. Não conseguia me lembrar.

— *Claro que se lembra.* — Rafe larga o cigarro e alisa a frente da camisa. — Somos pessoas más, Angelo. Pode fugir desse fato, mas não pode se esconder dele, mesmo na Inglaterra.

— Sabe o que Mama sempre dizia — digo baixinho, puxando outro cigarro da caixa e acendendo-o. — O bem anula o mal.

Meu irmão fica em silêncio por um instante, mas posso ouvir as engrenagens de seu cérebro se encaixando. — É por isso que foi embora. Pensou que Mama gostaria que se tornasse bom, porque isso cancelaria todo o mal do resto da família. Você foi embora por causa da Mama.

Não é uma pergunta, é um fato. Aceno de qualquer maneira. — Estou de volta também por causa da Mama.

Ele se vira para me encarar. — O quê?

Mantenho meu olhar treinado no horizonte. — Naquele dia, em San Francisco, caminhei e caminhei e, finalmente, me encontrei em *China Town*. Estava atravessando a rua quando uma mulher pulou na minha frente sacudindo este grande saco. — Olho para ele, os lábios franzidos. — Ela estava vendendo biscoitos da sorte. Os quebrados da fábrica em que trabalhava. Sabe que não acredito em nada disso, mas só estava pensando na Mama, e sabe o quanto ela adorava aqueles malditos biscoitos da sorte...

— Você comprou um.

— Uh-huh.

— Angelo — diz sério. — Pelo amor de Deus, não me diga que voltou para *Coast* por causa de um biscoito da sorte. Cristo — bufa, inclinando a cabeça para o céu. — Eu gostaria de nunca ter perguntado.

— E espero que não pergunte novamente.

— O que ele disse?

— Não se preocupe com isso.

— Sério?

Ofereço a ele nada mais do que um breve aceno de cabeça.

Se eu contasse a ele o que havia dentro do biscoito da sorte, teria de dizer por que me fez voltar para *Coast*. E isso significaria descascar as camadas da mentira que construí para protegê-lo e a Gabe da verdade. Pelo menos falar sobre isso me lembra porque estou aqui. Aterrissei em *Coast* exatamente uma semana atrás, como um homem em uma missão, e fiz merda desde então. Estive muito... *distraído.*

— Tudo bem, outra pergunta.

Gemo, arrastando um nó sobre minha mandíbula. — Vamos lá.

— As crianças no jogo de pôquer. O que estava jogando, cara?

Enrijeço minha mandíbula e deslizo minhas mãos no meu bolso. — Eram uma família que falava merda.

— Estavam falando merda do brinquedo do tio Alberto.

— Ela será da família em breve.

Ignoro o soco no meu estômago.

— Sim. É por isso que está olhando para ela a noite toda? Está apenas verificando a mais recente adição ao clã *Cove*? — Seus olhos caem incisivamente para o maço de cigarros saindo do meu bolso superior.

Em minhas calças, minhas mãos se fecham em punhos. Seu olhar queima minha bochecha enquanto espera por uma resposta, mas quando fica claro que não conseguirá uma, ele solta um suspiro forte.

— Papai sempre perguntava a mim e a Gabe, *se Angelo pulasse de um penhasco, você também pularia?* — Ele sorri com a memória. — Sabe o que eu sempre dizia?

Atrás de nós a balada de Whitney Houston se transforma em algo mais acelerado. Balanço minha cabeça.

— Sem paraquedas. — Ele ri em sua mão enquanto limpa a boca. Então, vira as costas para o mar, roçando seu ombro no meu. — Olha — diz, baixando a voz para que eu mal possa ouvi-la sobre a música de *Marvin Gaye* retumbando pela casa. — Sempre serei seu "viva ou morra", e sei que Gabe sente o mesmo. Se quiser queimar esta maldita costa, empresto o meu isqueiro, mas, por favor, pelo amor de Deus, não me faça

entrar em guerra com nossos primos por causa de um pedaço de boceta.

E com isso, caminha de volta pela praia em direção ao bar, deixando-me sozinho na praia com todos os meus pecados.

15

Rory

Acordo antes do sol com o braço gordo de Alberto me prendendo à cama como uma âncora. Seu hálito rançoso de uísque faz cócegas na curva do meu pescoço em ondas rítmicas e doentias. Cada osso do meu corpo estremece. Ele sempre insiste em ir para a cama me segurando, sussurrando pensamentos sujos e desejos em meu ouvido enquanto sua barriga e sua protuberância pressionam desconfortavelmente a parte inferior das minhas costas. Sempre fico ali, imóvel e silenciosa, até que ele adormeça, então saio de debaixo dele e me enrolo no canto da cama, me encolhendo o máximo possível. De alguma forma, durante a noite, conseguia me encontrar novamente e arrastar meu corpo junto ao dele.

A náusea me atinge, e sei que não é só porque exagerei no gim-tônica ontem à noite. Enquanto me arrasto para fora dos membros pesados de Alberto, olho para o relógio em seu pulso. São apenas cinco da manhã e, no entanto, estou bem acordada, inquietação e incerteza zumbindo em minhas veias.

Parando na porta para lançar um olhar cauteloso para Alberto, saio da sala e vou até a cozinha. Então, me sirvo de um copo de água gelada da geladeira e me encosto na pia, observando os primeiros raios de luz aparecerem sobre o oceano pela janela da cozinha.

Estou ansiosa por não ver meu pai hoje. Inferno, estou ansiosa com tudo. Sobre o encontro de Alberto com o advogado, de *novo,* e o fato de ainda não saber o que ele está planejando. Estava em uma missão para descobrir ontem à noite, mas aconteceu de eu ficar… *distraída.*

Respirando lenta e profundamente, rolo meu pescoço em volta dos meus ombros, mas não faz nada para afrouxar os nós nas minhas costas. Preciso de *liberação*. No entanto, a única saída que tenho vem na forma de *Sinners Anonymous*.

E, obviamente, isso está fora dos limites agora.

Tomando outro gole de água, olho por cima da borda do copo para o oceano. Ondas preguiçosas batem contra a costa e recuam com a mesma lentidão. Parece calmo e legal, enquanto estou perturbada e com calor.

Com um pensamento obsceno correndo pelo meu cérebro, despejo o resto da água na pia e subo as escadas. Em vez de virar à direita na ala de Alberto, vou para a esquerda, para o meu camarim, e direto para o armário. Menos de três minutos depois, estou descendo as escadas de calça de moletom, meu biquíni por baixo e uma toalha debaixo do braço.

Serpenteando pela casa, fico maravilhada com o silêncio dela. Normalmente, há sempre *alguém* à espreita. Sempre o barulho flutuando pelos corredores - o murmúrio baixo dos guardas sempre presentes, as empregadas aspirando a poeira inexistente. O próprio Alberto, gritando exigências aos criado, mas esta manhã, a tranquilidade é como uma lufada de ar fresco.

Quase me arrependo de minha decisão impulsiva no momento em que saio pelas portas do pátio e meus pés descalços afundam na areia. Está *congelando.* Um calafrio gelado açoita minhas bochechas, subindo pelas mangas e descendo pelo colarinho, mas me forço a ignorar meus dentes batendo e a pequena voz na minha cabeça me dizendo para rastejar de volta para o calor da casa.

Não há conforto para mim lá.

Em vez disso, arranco meu moletom como um band-aid e caminho em direção às ondas. À medida que me aproximo da

costa, começo a correr, porque sei que se diminuir a velocidade, pararei e, se parar, nunca extinguirei o calor que queima em minhas veias.

Suspiro quando a água quebra em meus tornozelos. Quase um engasgo quando bate contra o meu peito, formando uma garra gelada ao redor dos meus pulmões e me impedindo de fazer qualquer coisa além de respirações curtas e difíceis. Queima minha pele como congelamento, mas continuo, até que estou totalmente submersa e lutando contra a corrente com golpes longos e fortes.

Foi minha mãe quem me ensinou a nadar. Anos depois, disse que foi por ser tão amargurada que meu pai conseguiu me ensinar tudo - andar de bicicleta, como fazer fogo, como construir um abrigo com madeira descartada - e ela também queria passar uma habilidade para mim. Ela me levou até o lago perto de nossa cabana, me colocou em nosso barco e nos levou até o meio da água. *Salte,* disse, antes de cruzar os braços e olhar para mim, com expectativa.

Rio. Minha mãe era conhecida por seu senso de humor, mas quando não esboçou um sorriso, percebi que não estava brincando, e o pânico começou a se infiltrar ao meu redor, peguei os remos para remar de volta para a praia, mas ela me empurrou de volta para o banco do barco com uma mão firme.

Pule, repetiu. *Porque quando pular*, encontrará suas asas ao cair.

Olhei para meu pai, que pairava nervosamente a margem, segurando uma boia salva-vidas. Engoli o medo subindo pela minha garganta, cerrei os punhos e pulei. Não porque pensei que seria milagrosamente capaz de voar, mas porque sabia que, se caísse e não conseguisse me levantar, meus pais sempre estariam lá para me salvar.

Devo o mesmo a eles. E embora não tenha conseguido salvar minha mãe do câncer, com certeza salvarei meu pai de Alberto Visconti.

Quando meus pulmões começam a doer, paro de nadar e viro de costas, deixando as ondas carregarem meu corpo. O céu está começando a empalidecer, passando de um cinza escuro para um azul claro, e me pergunto quanto tempo durará antes que a tempestade do dia chegue.

Respirando baixo e devagar, fecho meus olhos por um momento e ouço o grasnido das garças circulando os penhascos em busca de presas matinais. Percebo que estou sorrindo. Isso é bom. Eu me sinto *livre.* Embora não possa escapar da *Coast* como sempre quis, pelo menos minha mente pode, mesmo que apenas por alguns minutos.

A serenidade dura um pouco, minha mente tão clara quanto o céu acima de mim, minha consciência tão leve quanto meu corpo no oceano, mas conforme as nuvens escuras se aproximam de *Cove*, pensamentos sombrios vem com elas. Um pensamento sombrio em particular – Angelo Visconti.

Não, não, não. Entretanto, é tarde demais. A sua imagem aparece, totalmente formada, por trás das minhas pálpebras. Posso sentir o calos do seu corpo contra o meu; sentir o peso de sua pergunta carregada entre minhas coxas.

Então, quem prefere beijar?

Gemo, submergindo sob a superfície novamente, mas desta vez, o choque da água fria não faz nada para extinguir o calor. Vem de dentro, uma queimação que começa no meu estômago e se espalha para o sul, para um lugar que não deveria. E então me lembro do jeito que ele passou os dentes sobre o lábio inferior, como seu olhar pesado caiu na minha boca. A queimação se espalha, de volta ao meu estômago e

apertando meus seios. Distraidamente, meus dedos deslizam ao longo da minha clavícula e sob o tecido da parte de cima do meu biquíni, então roçam meu mamilo. É duro e sensível, e estremeço de emoção conforme o rolo entre o polegar e o indicador.

Aposto que seria ainda melhor se ele fizesse isso. Principalmente com aquelas mãos grandes e dedos grossos que fazem um cigarro parecer pequeno como uma agulha. Aposto que suas palmas são ásperas e seu toque pesado. E então, me pergunto o que teria acontecido se, na escuridão do corredor, tivesse respondido a sua pergunta com sinceridade.

Você. Prefiro beijá-lo.

Minha mão desce pelo meu estômago e desliza entre as minhas pernas. É uma umidade diferente que me cobre lá embaixo; é quente e escorregadia e quando mergulho um dedo mais fundo, todo o meu corpo reage. *O que ele teria feito se aquela única palavra tivesse saído de meus lábios?* Imagino sua mandíbula quadrada afiada, seu olhar escurecendo. Uma mão me prendendo contra a parede, a outra segurando a bainha do meu vestido e arrastando impacientemente pelas minhas coxas nuas. Ele não seria gentil e, no fundo, sei que não gostaria que fosse.

Soltando um assobio de ar em direção ao céu, deslizo meu dedo até meu clitóris endurecido e começo a esfregar em círculos lentos ao seu redor. Não é assim que Angelo Visconti me tocaria. Não, eu o irrito demais para ir devagar e com calma. Ele rasgaria minha calcinha para o lado e seguraria meu sexo. Não provocaria um orgasmo, porque homens como ele não provocam. *Exigiria* um com dedos longos e grossos. Mordo meu lábio ao mesmo tempo que deslizo um dedo em meu buraco, imaginando que era ele me abrindo. Eu me movo, empurrando meus quadris contra a palma da mão para aumentar a fricção, perseguindo aquela liberação de que

preciso tanto. A parte de trás da minha cabeça e minhas orelhas balançam para dentro e para fora da água conforme chuto minhas pernas para me manter à tona. *Deus, é bom.* Meus olhos se abrem, assim como uma gaivota planando acima, e quando meu olhar cai de volta para a praia, congelo.

Há uma figura de pé na praia. Um homem. Bem vestido com um terno azul-marinho e uma camisa branca. Meu sangue corre mais frio do que a água ao meu redor.

Não. Não pode ser...

A silhueta de Angelo porém é impossível de ignorar, alta e larga contra o pano de fundo da casa. Está olhando para a frente, com os pés afastados na largura dos ombros e as mãos enfiadas no bolso da calça. Olhei para ele o suficiente para saber que é definitivamente ele.

Swan, swan, swan.

Quando a água salgada roça meus lábios, de repente percebo que não estou mais nadando na água, e rapidamente agito os braços e chuto as pernas para me manter à tona. *O que diabos ele está fazendo aqui? Será que pode me ver?*

Claro que pode. É a primeira regra que meu pai me ensinou ao acampar: se pode ver um predador, presuma que ele também pode vê-la.

Uma onda me pega e me leva alguns metros mais perto da costa, mas deito de costas e chuto contra ela, tentando ir mais longe no mar. Afundando um pouco mais abaixo na superfície da água, olho para ele através dos cílios molhados. Minha lembrança dele da noite passada está envolta por um manto de escuridão, gim e nicotina, tornando-o maior, mais sexy, mais *assustador.* Talvez o jeito que fazia girando a cabeça e pulsando o clitóris pudesse ter sido varrido para debaixo do tapete, se não me fizesse sentir exatamente da mesma maneira na luz fria do dia. Há cerca de trinta metros e

um oceano entre nós, e ainda assim, apenas o seu contorno borrado faz com que a luxúria rasteje por minhas veias, e a rede de nervos entre minhas pernas implora por pressão.

Apenas a sua maldita imagem drena meu cérebro de toda lógica. Minha mão desliza de volta para a parte de baixo do meu biquíni. Desta vez, não preciso fechar os olhos para imaginá-lo, simplesmente olho para as ondas. Ele, em toda a sua glória intocável. Imagino-o me vendo, seu olhar escurecendo e seus punhos arrancando seu terno Armani enquanto se despe impacientemente para se juntar a mim na água. Imagino como fica sob aquelas roupas feitas sob medida. Que músculos se flexionarão e se contrairão em suas costas à medida que nada para me alcançar com algumas braçadas rápidas e fortes. Como seu corpo fica quente e duro quando o pressiona contra o meu.

O vento está aumentando agora, e gemo com ele, meus olhos nunca deixando sua silhueta imponente na praia. Então minha mão se torna a mão dele novamente, e desliza um daqueles dedos grossos para dentro de mim. As paredes da minha passagem queimam deliciosamente conforme se estendem para acomodá-lo, moldando-se à sua espessura e ajustando-se à sua velocidade. Seu toque é áspero, mas o espaço entre seu pescoço e ombros é quente — *Deus, ele cheira* bem — e me aninho em sua pele úmida para obter mais, tudo.

Com dois dedos dentro do mim agora, esfrego a palma da minha mão contra o meu clitóris, cavalgando a crista da minha fantasia doentia. E então minha mão livre volta para a parte de cima do meu biquíni, beliscando e torcendo meus mamilos até que cada terminação nervosa do meu corpo esteja pulsando com uma corrente elétrica. Meu orgasmo está *muito próximo,* e olho para Angelo com os olhos embaçados e semicerrados, esfregando com mais força, mais rápido. Estou frenética. Deus, eu o quero. Quero-o em mim. Quero saber

como ele se sente. Meu orgasmo se constrói, aumentando, formigando profundamente dentro da minha boceta e ameaçando transbordar e inundar todo o meu corpo.

Mais um olhar furtivo para a expressão indiferente de Angelo e gozo, *forte,* a luxúria tomando conta de mim como uma onda. Monto em delírio, jogando minha cabeça para trás e gritando ao vento. A adrenalina dispara pela minha espinha como um raio, e percebo - é para isso que vivo. Persigo *isso* alto. É por isso que continuo fazendo coisas ruins; por que quero pilotar aviões a milhares de pés no ar. Por que me encontro equilibrando na beira de um precipício, um tênis pairando sobre o nada.

Por que estou me dedilhando ao pensar no sobrinho de Alberto, enquanto está a poucos metros de distância, alheio.

Vivo por viver perigosamente em um lugar que quase não me deixa viver.

O latejar entre minhas coxas diminui para uma dor sutil, e minha respiração diminui para seu ritmo natural, mas ainda estou chapada com o pecado, então, enquanto nado de volta para a praia, reprimo um sorriso. Quando está raso o suficiente para as pedras roçarem meu estômago, inclino o queixo e permito que meu olhar se desloque até Angelo. Está levando um cigarro aos lábios, mas para quando me levanto.

Olhamos um para o outro. Quase um bocejo, como se faz quando vê um animal exótico na natureza pela primeira vez. É como se nunca tivesse visto um homem em um terno sob medida e ele nunca tivesse visto uma garota quase nua. Paro repentinamente, meu coração batendo a mil por hora no meu peito. Minhas pernas ainda estão trêmulas por causa do meu orgasmo, mas não é isso que está me impossibilitando de andar.

Seu olhar endurece e, lentamente, coloca o cigarro de volta no maço e o enfia no bolso. Espalmou sua mandíbula. Engole em seco, depois seu olhar cai para baixo da minha clavícula, onde trilha as gotas de água escorrendo pelo meu peito e desaparecendo no meu decote.

Meu pulso palpita e sinto meus mamilos endurecendo sob a parte de cima do biquíni; sabendo que o tecido é fino o suficiente para ele perceber. Simplesmente para fazer alguma coisa, arrasto meu cabelo pesado sobre um ombro e o torço, espremendo a água do mar. Algo sobre essa ação provoca um rosnado baixo de seus lábios entreabertos.

Sentindo-me ousada após pecar no mar, sou quem interrompe primeiro pesado silêncio. — O que está fazendo aqui?

Ele franze os lábios, depois desvia os olhos de mim e volta sua atenção para o horizonte por cima do meu ombro. — Eu lhe disse. Vou levá-la para ver seu pai às quartas e sábados.

Por alguma razão, seu tom não soa tão indiferente como de costume.

— Oh, sim. — Meu objetivo é a indiferença, mas minhas habilidades de atuação não vão tão longe. — Vou me trocar, então.

Ele não diz uma palavra. Em vez disso, olha para a frente com uma chama quente o suficiente para incendiar o Pacífico. Dou um passo para o seu lado, roçando meu ombro molhado em seu traje seco enquanto passo, mas então sinto um forte puxão no laço lateral da parte de baixo do meu biquíni e paro abruptamente ao seu lado.

Que diabos?

Confusa, olho para baixo e vejo que seu dedo indicador está enganchado sob o laço fino que amarra a parte de baixo

do meu biquíni. Meu coração para de bater tão de repente que sinto como se fosse desmaiar. *Está me tocando.* A parte de trás de sua junta queima minha pele nua, e não me escapa que bastaria um leve puxão e minha calcinha estaria na areia. Tambores de sangue em meus ouvidos. Olho para cima, mas ele ainda está olhando para o mar. A única coisa que se move nele é o pulso batendo em sua mandíbula.

— Se você pertencesse a mim e se vestisse assim perto de outros homens, puxaria para baixo essas nádegas minúsculas e daria uma surra em sua bunda até que ficasse em carne viva.

Sua voz é grossa e rouca. Cada palavra é curta e amarga e, no entanto, sua expressão permanece sem emoção.

Ficamos assim, lado a lado, pelo que pareceram minuto.

Eventualmente, com a ameaça pairando entre nós, ele me solta e deixa sua mão cair ao seu lado.

Tentando recuperar o fôlego, tropeço na praia, juntando meu moletom enquanto caminho, e tento não desmaiar sob o peso de suas palavras.

16

Rory

Pelo tempo que deslizo para dentro do carro esporte na frente, consegui me convencer de que imaginei toda a troca. Não importa que meu quadril queime como se tivesse sido marcada com um ferro em brasa, ou que não consiga pensar em nada, exceto na pulsação em sua mandíbula. Não, Angelo Visconti nunca se deixaria levar por uma garota como eu. No máximo, o irrito. No mínimo, não pensa em mim.

Estou olhando pelo para-brisa quando a porta se abre e me faz pular. Apoiando o braço no teto, Angelo se inclina e me encara com um olhar irritado. *Veja, irritado, Rory. É uma garotinha irritante para ele.*

— Não acho que pode lidar com algo tão grande.

Pestanejo. — Huh?

Balança a cabeça em direção ao painel, e é quando percebo que estou sentada atrás do volante.

— Oh, uh... — olho ao redor, confusa. — Eu...

— É um carro britânico. — Ele se empurra para fora do batente da porta e dá um passo para o lado. — Fora.

Passo por ele, dou a volta no carro e, relutantemente, sento no banco do passageiro. Enquanto me atrapalho com o cinto de segurança, ele me encara com impaciência, tamborilando no volante em um ritmo constante. Ao som do clique, encontro seu olhar e ergue uma sobrancelha.

— Bom?

Não. — Sim.

Ele sai da garagem em direção à pista de cascalho, o calor queimando-o. Pode também haver um sinal de alerta acima de sua cabeça que pisca "Não fale comigo" em luzes de néon, mas a tensão é tangível, e se eu ficar sentada em silêncio, esfregando as palmas das mãos suadas nas leggings por mais tempo, enlouquecerei.

— Este é o terceiro carro em que o vejo. Por que tem tantos carros?

— Pela mesma razão que não consegue manter seus dedos pegajosos longe das joias da família, *Magpie*. — Diminui a velocidade para encontrar os portões de ferro, retomando as batidas impacientes enquanto espera que se abram. — Gosto da emoção.

— Eu não roubo pela emoção — retruco.

— *Ha*.

Minhas bochechas esquentam. — É *verdade.*

— Para que você faz isso, então? — Pergunta de uma forma que sugere que ele não está interessado na resposta. — Você se casará com um homem muito rico, Aurora. Não precisa do dinheiro.

Paro de esfregar minhas mãos para cima e para baixo em minhas coxas e as enrolo em punhos em meu colo. — Não me casarei com seu tio por dinheiro. — Sibilo. Batendo no encosto de cabeça, fecho os olhos e cerro os dentes. *Cristo.*

Se Angelo percebe porém que meu aborrecimento está começando a se igualar ao dele, não diz. — Então por que diabos está se casando com ele? — Sibila de volta.

Abro um olho. Levanto uma sobrancelha. Jesus, havia tanto veneno naquela frase que está praticamente cuspindo

fogo. Com o canto do olho, vejo seu pomo de adão balançar. — É porque gosta de levar uma surra na boceta de velhos sujos?

Qual é o seu problema? Estou prestes a lhe perguntar, mas algo mais escapa dos meus lábios. — Parece com ciúmes.

Uma batida passa. O silêncio ecoa alto no teto e faz meus ossos estremecerem. Então ele ri. O tipo de risada que revela muitos de seus dentes brancos perolados. Parece tão fácil, tão despreocupado, que imediatamente me sinto estúpida por ousar ler nas entrelinhas toda vez que sou forçada a compartilhar o mesmo ar que ele.

Sou uma idiota se pensei que ele estava com ciúmes. Se eu pensasse que ele realmente queria *me beijar*.

Sinto uma coceira repentina sob minha pele: uma coceira familiar. Isso me faz querer fazer algo rancoroso e vingativo com ele, como raspar as ligas de seu carro chique ou, sabe, misturar seus estúpidos cigarros com cianureto.

Tudo bem, talvez não seja *isso,* mas a vontade de ser ruim lateja dentro de mim, e sinto a mesma frustração com a qual acordei. Não posso fazer nada horrível, porque agora não tenho mais como confessar.

Em vez disso, me inclino contra a janela, a condensação do início da manhã esfriando minha testa, e fecho os olhos.

Angelo consegue reduzir pela metade a viagem até *Devil's Dip* dirigindo como um louco e, em menos de trinta minutos, estacionamos ao lado da igreja. Olho para a cabine telefônica melancolicamente, desejando poder mergulhar e discar o número, mesmo que seja apenas para ouvir o tom familiar da mensagem da secretária eletrônica robótica. A raiva lambe as paredes do meu estômago, mas, ao mesmo tempo, a cabine telefônica serve como um lembrete de que não posso ser muito desagradável com Angelo. Só porque não ouviu meus

pecados, não significa que *não possa.* Tenho certeza de que basta apertar alguns botões no seu celular no console central.

Desliga o motor e reclina a cadeira. — Tem uma hora.

Sem dizer mais nada, saio do carro e sigo pela estrada, recusando-me a olhar para trás.

O que há com aquele cara? Ele sopra quente e frio como um aquecedor quebrado. Em um minuto está me ensinando a fumar em uma passagem escura, no próximo volta a me chamar de garimpeira e ladra.

Tanto faz. Enquanto a calçada se transforma em um tapete de folhas de bordo douradas e vermelhas sob minhas botas de caminhada, tiro os comentários de Angelo dos meus ombros. Entrar na floresta é como entrar em um mundo diferente. *Meu* mundo, e toda vez que estou nele, me obrigo a esquecer tudo que existe fora dele. Conforme vou avançando para dentro da floresta, o barulho da estrada desaparece atrás de mim. Em vez disso, as folhas caídas estalam sob os pés, derretendo-se em mingau quando os galhos dos bordos e freixos crescem mais grossos acima da minha cabeça. Deixam penetrar luz suficiente para guiar meu caminho, mas não importaria se não o fizessem, porque conheço a floresta melhor do que conheço meu próprio corpo.

No início das cicutas, viro à esquerda, desviando da trilha e entrando no meio da floresta. Salto sobre o pequeno riacho em que meu pai e eu tocávamos "*Pooh Sticks*" quando era pequena e passo os dedos no tronco do velho carvalho solitário que fica no meio de uma clareira vazia. Mamãe costumava ler *The Faraway Tree*[28], de *Enid Blighton,* como uma história para dormir, e me dizia que era baseado nesse carvalho. Eu ficava sob ele por horas, olhando para os galhos mais altos com meus binóculos para ver se conseguia identificar as terras mágicas lá em cima.

Quando o arbusto começa a afinar, desacelero. Tiro o celular do moletom e envio uma mensagem para um dos três números pré-programados na lista telefônica:

Estou aqui.

A resposta volta quase imediatamente.

Estamos na cortina de pássaros.

Os nervos vibram em meu estômago, como sempre acontece antes de eu ver meu pai, porque sempre há uma chance de que hoje seja o dia em que ele está... *diferente.*

Saio para margem e contorno o lago para chegar ao píer de madeira, depois desço em direção à pequena cabana bem na ponta. Quando estou a poucos metros de distância, torço o anel do meu dedo e o coloco no bolso.

A brisa transporta a voz suave de Melanie para fora da cabana e pelo cais. — Sua filha está aqui, Chester. Está pronto para vê-la?

Nenhuma resposta. Nenhuma resposta nunca é bom.

Meu coração cai alguns centímetros no meu peito. Pego o ritmo, parando do lado de fora da entrada e *bato, tap, tap* na parede de madeira.

— Oi, pai! — Chamo com um sorriso tão grande que faz minhas bochechas doerem. E então espero.

Ele está curvado, espiando pela janela, com um par de binóculos pressionado contra os olhos. Não se move ao som da minha voz. Espero um pouco mais, meu pulso acelerando.

Melanie me dá um pequeno sorriso, então seus olhos também se voltam para meu pai.

— Chester? Rory está aqui.

Ele suspira, depois deixa cair os binóculos para que fiquem pendurados pelo cordão em seu peito. — Pelo amor de *Flamingo,* Mel. Assustou o martim-pescador. Eu a ouvi da primeira vez.

O alívio escapa dos meus pulmões, deixando meu corpo cair. Então abro um sorriso - de verdade - e entro na cabana para abraçar meu pai.

— Desculpe, pai. — Digo em seu pescoço, respirando seu cheiro familiar de sabonete e *Old Spice*. — Sei o quanto ama um martim-pescador.

Ele dá um tapinha nas minhas costas, seu peito vibrando contra mim enquanto ri. — Interrompemos o café da manhã dele, suponho. Voa até o lago tão cedo todas as manhãs para mastigar os girinos. — Quando se afasta, ele acrescenta — Bom vê-la, *Rory-bear*.

Meu coração dispara e preciso me virar para o caso de a sensação de formigamento atrás dos meus olhos se transformar em algo mais.

Chester Carter. Se disser esse nome para alguém do *Devil's Dip*, seu rosto se abrirá em um sorriso afetuoso. Todos o conhecem como o guarda-florestal, mas os moradores mais jovens também o conhecem como "*Bird Man*[29]" porque frequentava escolas por toda a costa e ensinava às crianças tudo sobre os pássaros que habitam a região. Apesar de ter aposentado ambos os empregos há alguns anos, ainda usa uniforme todos os dias. Sob o paletó acolchoado, a camisa cinza está um pouco mais solta do que antes, e tive que abrir um novo buraco em seu cinto para segurar a calça preta, mas ainda parece bem.

— Você perdeu. Vi uma garça azul ontem. — diz com orgulho, olhando pela janela para o lago. — Lembra da última vez que vimos uma delas? Foi com sua mãe.

— Uh-huh — respondo, engolindo o nó na garganta. Então deslizo meu braço no dele e o guio de volta para o píer. — Dia perfeito para sair de barco, não acha?

Ele dá um tapinha na minha mão e ri. — Claro, claro. Poderia fazer o exercício. Mel? — Estica o pescoço para encontrá-la. — Gostaria de sair no barco conosco?

— Mel está bem aqui. — Digo, antes que possa responder. Não olho para ela. Embora ela e sua equipe de enfermeiras cuidem bem de meu pai, foram contratadas por Alberto. Não sei se posso confiar nela, ou se é outra Greta e relata tudo o que digo ou faço para ele. É por isso que sempre insisto em que saiamos de barco, longe de olhos e ouvidos indiscretos.

Ela paira desajeitadamente no cais enquanto ajudo meu pai a entrar no barco e o acomodo no banco à minha frente. Acena e sorri para ela enquanto empurro, usando os remos para nos guiar até o meio do lago.

— Bom dia para isso — reflete, semicerrando os olhos para o céu cinzento. — Não como na semana passada, quando estava chovendo e você me fez vir aqui de qualquer maneira. — Ele me lança um olhar travesso e ambos rimos.

— Você ama a chuva.

— Não, simplesmente adoro passar o tempo com você — diz suavemente, estendendo a mão e apertando minha mão. Quando me solta, percebo que colocou uma bala de menta na palma da minha mão. — Então me diga, *Rory-bear*, como vai à escola?

Inspiro lentamente, tentando não deixar meu sorriso vacilar. Dizer a ele que finalmente aceitei meu lugar na

Northwestern Aviation Academy alguns meses atrás foi a desculpa mais fácil para não poder mais morar aqui. Claro, odeio mentir para meu pai; isso me deixa mal do estômago, mas é muito mais fácil do que admitir a verdade.

— Está indo bem — digo alegremente, colocando o doce duro em minha boca. — Tudo ótimo. Então, conte-me mais sobre a garça azul que viu ontem.

— É muito bom da parte deles, deixá-la sair duas vezes por semana para vir me ver — diz, ignorando minha tentativa de mudar de assunto. — Muito flexível para uma escola de tanto prestígio. Já voou sozinha? — As linhas ao redor de seus olhos se aprofundam. — Ah, Rory. Sua mãe ficaria muito orgulhosa de você.

Suas palavras pesam no meu peito como uma tonelada de tijolos, dificultando a respiração. Minha mãe não ficaria orgulhosa de mim por muitos motivos. Embora sempre estivesse amarga por meu pai ter me ensinado tantas habilidades, ela também me ensinou muito. Tipo, não mentir - especialmente para a família - e o único homem com quem vale a pena casar é aquele que se ama.

Eu a decepcionei em todos os aspectos.

O tempo voa em um turbilhão de nostalgia amarga e lembranças que me fazem doer o coração. Quando os dentes do meu pai começam a bater, olho para a hora no meu celular e suspiro. — É melhor levá-lo de volta, pai.

Remo de volta ao cais, jogando a corda para Mel pra que possa nos ajudar a amarrar.

Meu pai para no final do píer e esfrega as mãos. — Vamos então, meu amor, voltaremos para a cabana para um chá quente. Deve estar congelando sem uma jaqueta adequada.

Parei. *Goose.* O que eu daria para voltar para a cabana com meu pai agora. Sentar-me em frente à lareira da sala com um chá e uma bandeja de biscoitos, ouvindo suas histórias. Nossos olhos se encontram. Seu calor e expectativa, o meu ameaçando vazar. — Não posso. — Sussurro.

Suas sobrancelhas espessas se uniram. — Não? Já tem que ir? — Olha para o relógio. — Mas ainda nem é hora do almoço.

Meu estômago dá um nó e, desta vez, o nó na garganta é muito grande.

— Rory? — Dá um passo em minha direção e coloca a mão no meu ombro. — O que há de errado, meu amor?

— Eu...

— Ela tem uma prova muito importante na segunda-feira. — Mel interrompe, colocando-se entre nós e tocando gentilmente as costas de meu pai. — Precisa ir estudar. Não é mesmo, Rory?

Olhos vibrando, aceno. — Desculpa, pai. — Meu pedido de desculpas é carregado com muito mais do que apenas esta pequena mentira inocente. — Talvez da próxima vez.

Outra mentira. Da próxima vez também não irei para a cabana. Porque o que temos aqui fora não existe lá dentro.

Digo o adeus mais alegre que consigo e com o fantasma de seu beijo contra minha bochecha, corro de volta para o meio da floresta antes que possa me ver chorar. Lágrimas ardem no fundo dos meus olhos, mas me recuso a deixá-las cair. Não choro desde que minha mãe morreu e não pretendo começar de novo agora.

O chão da floresta se transforma em cascalho novamente, sinalizando que voltei para a estrada principal. Apertando os olhos sob a luz repentina do sol, olho para cima e vejo Angelo

encostado no capô do carro, atendendo uma ligação. Seus olhos me seguem enquanto caminho em sua direção, e quando estou perto o suficiente para ouvir sua conversa, ele desliga abruptamente.

Enfia o celular no bolso da camisa e olha para os meus pés. — Você não entrará no meu carro com isso.

Olho para minhas botas, cobertas de lama. — Então vou andando.

Quando me viro na direção de *Devil's Cove*, sua mão agarra meu pulso. — Sem chance. — Rosna. Apertando os lábios em uma linha fina, pressiona um botão nas chaves do carro e a porta do porta-malas se abre. — Sente-se.

Estou emocionalmente esgotada demais para discutir, então me sento na beirada do porta-malas. Angelo está a minha frente. Resmungando baixinho, ajeita a calça e se ajoelha. Então, sem aviso, agarra minha coxa. *Santo crow.* Cada músculo do meu corpo tensiona. Não sei o que esperava quando exigiu que eu entrasse em seu porta-malas, mas não era isso. Dou uma olhada em sua mão. É quente e pesada, queimando o tecido fino da minha legging. E se ele se movesse apenas meio centímetro mais alto...

Minha cabeça gira. Em vez de deixar meus pensamentos irem para lá, concentro-me em seu ombro enquanto arranca minha bota com a outra mão. Faz uma pausa e se senta de cócoras. A diversão faz seus lábios tremerem.

— O quê? — Explodo.

Entretanto, sigo a linha dos seus olhos até minhas meias. São cinza, com pequenas abóboras laranja sobre. Imediatamente minhas bochechas começam a queimar. — É quase Halloween — murmuro. — São festivas.

— Festiva. — Bufa, passando as costas da mão sobre a boca para esconder o sorriso. — Fofo.

Fofo. Por alguma razão, essa palavra dói. Prefiro ser chata do que fofa. Ser fofa me coloca em uma caixa completamente diferente, uma que um homem como Angelo Visconti não se incomodaria em abrir. Aperto meus olhos fechados. *Pare com isso, Rory.* Já ultrapassei a marca hoje com minha pequena proeza no mar.

Aposto que as mulheres com quem sai na Inglaterra parecem supermodelos. Aposto que são super bem-sucedidas - advogadas, médica, contadoras - e usam salto alto o tempo todo, não só porque são obrigadas. Aposto que nunca usam meias fofas. Apenas ligas e meias sensuais.

A inveja arrepia minha pele enquanto olho para o topo da cabeça de Angelo. Ele coloca a mão na minha outra coxa, mais alto desta vez, e remove minha outra bota. Quando fica de pé novamente, olha para a terra de joelhos com nojo.

— É por isso que não vive em buracos como este. — Resmunga, curvando-se para tirar a poeira. — É *confuso.*

— Você também cresceu aqui — disparo. — O que diabos fazia quando criança?

Sua expressão se torna amargurada, um sorriso de escárnio se formando em seu arco de cupido. — Contei os dias até que pudesse dar o fora.

— Imagino.

— Nunca quis ir embora?

Soltei uma sopro de ar, voltando minha atenção para o céu. Nesse momento, um avião voa sobre as falésias ao longe. Antes de Alberto tirar meu celular, tinha um aplicativo que me permitia rastrear a rota de qualquer avião que passasse

perto de mim, e sempre adorei verificá-lo. Este provavelmente vai para a América Central; indo nessa direção.

— Claro, mas não porque é *bagunçada.* Amo toda a natureza em *Devil's Dip*. — Prendo um cacho atrás da orelha e acrescento — São as pessoas que me fazem querer ir embora.

Solta uma risada sem graça. — Pessoas como eu e minha família.

— Foi para *Devil's Coast High?*

— Claro.

— Então, sim. Pessoas como você e sua família.

Seu olhar se estreita. Abre a boca, depois a fecha novamente. Como se quisesse fazer uma pergunta, mas decidisse que não valho a pena. Para ser justa, não sei por que mencionei a escola. Meu passado não é da sua conta.

— Vamos — murmuro. Vou pular da beirada do porta-malas, mas percebo que pisarei na terra, que depois pisarei no precioso carro de Angelo. E então toda a sua exibição de arrancar minhas botas enlameadas teria sido em vão. Ele chega à mesma conclusão, porque volta sua atenção para meus pés calçados com meias e enfia a cabeça no porta-malas.

Sem avisar, passa um braço ao redor da minha cintura, o outro na parte de trás dos meus joelhos e me levanta no ar. *Oh, flamingo.* De repente, me sinto bêbada, estando tão perto dele. Minha bochecha roça contra a barba por fazer em seu pescoço, e luto contra o desejo de me aconchegar nela, de respirar seu cheiro quente de loção pós-barba e perigo. Ele está me segurando como se eu pesasse menos que uma pena, e quando me joga no banco do passageiro muito cedo, o faz surpreendentemente gentilmente.

Tento recuperar o fôlego enquanto dá a volta no carro e se senta no banco do motorista. Ele sai sem dizer mais nada e, como minhas têmporas ainda latejam descontroladamente, demoro alguns minutos para perceber que não desviou para pegar a estrada costeira de volta a *Devil's Cove*. Em vez disso, estamos indo para a cidade principal de *Devil's Dip*.

— Hum, para onde vamos? — Nenhuma resposta. — Olá?

— Quantos anos tem, Aurora?

Engulo. — Vinte e um.

Sua mandíbula trava. — Vinte e um. Cristo.

— O que quer dizer? — Retruco, meu rosto aquecendo.

Ele morde o lábio por dentro enquanto entra na *Main Street*. O carro chacoalha e balança sobre a estrada de paralelepípedos.

— Quero que pense nas crianças de sua classe na escola. Os anos acima e também os anos abaixo de você. Conhece algum homem por aqui que tenha uma cicatriz na bochecha?

— O quê? Por que?

— Cale a boca e responda à minha pergunta.

O tom venenoso me prende ao assento. Pisco, então balanço minha cabeça. — Muitas pessoas por aqui têm cicatrizes no rosto. É uma cidade portuária - todos têm empregos manuais. Isso, mais a floresta... todo mundo está um pouco desgastado.

— E qualquer um que seja um completo babaca? — Recuo ao som *dessa* palavra. Ele olha para o lado e sorri. — Quero dizer, qualquer um que seja um completo... — acena com a mão. — Ganso do Canadá?

— Eu mesma teria escolhido "cuco".

— Não me faça perguntar de novo.

Bufo um cacho rebelde do meu rosto, minha cabeça latejando. — Caramba. Muito bem, vejamos... bem, sempre há Ryder Sloane. Tem uma cicatriz. Ou é uma marca de queimadura? De qualquer forma, há algo em seu rosto. Era um idiota total na escola; também acabou de sair da prisão.

Ele inclina a cabeça. — Estou ouvindo.

— Hum. Foi um ataque com ácido à namorada. Ex-namorada, quero dizer. Ela o deixou; ele ficou com raiva e a seguiu para casa do bar uma noite. — Esfrego a base da garganta, pensando na pobre Nicole. Ninguém a vê há mais de um ano. Algumas pessoas dizem que ela só sai à noite porque seu rosto está muito desfigurado. — Ele pegou quatro anos de prisão.

Angelo acena com a cabeça, absorvendo minha divagação. — Tudo bem, Ryder Sloane. Alguma ideia de onde ele mora?

— Não, mas sei que ele trabalha na loja de bicicletas do pai.

— Onde?

Estico o pescoço e olho pela janela traseira. — Na verdade, acabamos de passar por ele.

A velocidade com que gira o carro me joga contra a janela. E então, quando percebo o que está fazendo, meu sangue gela. — Angelo...

— Fique no carro.

Meu coração está batendo a mil por hora, mas tudo que posso fazer é ficar boquiaberta quando vira o carro na calçada do lado de fora da loja de bicicletas, quase batendo em uma caixa de correio. Enquanto solta o cinto de segurança e corre para a porta, minha mão dispara e agarra um punhado de

seu paletó. Ele para no meio do caminho. Seus olhos deslizam para o meu punho e então endurecem, como se não pudesse acreditar que eu tenha coragem de tocá-lo, mas não ladra, nem morde. Em vez disso, faz algo tão pequeno e estúpido que não tem o direito de roubar o oxigênio dos meus pulmões.

Ele coloca a mão sobre a minha e a leva ao rosto. Passa os lábios sobre ela. — Fique no carro, Aurora — murmura em meus dedos, fazendo cada terminação nervosa do meu corpo zumbir.

Sem fôlego, caio para trás e observo impotente enquanto bate a porta e entra na loja de bicicletas. Pela janela, vejo Ryder sair de trás do caixa para cumprimentá-lo.

Que diabos está fazendo, Angelo?

Mesmo enquanto dá os três passos em direção a Ryder, ainda não sei. Eles trocam algumas palavras, então os olhos de Ryder disparam. Antes que possa abrir a boca novamente, Angelo agarra sua mandíbula, usando-a para jogá-lo contra a vitrine.

Oh meu goose. Sangue ressoa em meus ouvidos, fazendo com que a vibração baixa do rádio soe como se estivesse em um veículo completamente diferente. Embora as costas de Ryder agora estejam voltadas para mim, posso ver como está assustado. Seus braços se agitam ao seu lado, e quando arrasta a palma da mão contra o vidro, deixa uma mancha de suor.

Mal estou olhando para Ryder porém, porque não consigo tirar os olhos de Angelo. Pensei que sabia como era suportar o peso de seu olhar, mas cara, estava errada. As linhas duras de seu rosto são mais nítidas do que uma lâmina, e seus lábios se curvam sobre os dentes com cada palavra venenosa que profere. Deveria alertar alguém. Inferno, se tivesse algum juízo, talvez até chamasse a polícia, mas é como passar por

um acidente na estrada - a curiosidade mórbida torna impossível desviar o olhar. E então, à medida que Angelo arregaça as mangas para revelar seus antebraços grossos e bronzeados, esse sentimento se transforma em algo mais quente.

O pulso entre minhas pernas vibra. Meus mamilos apertam.

Nunca desejei tanto Angelo Visconti quanto agora.

Cristo, Rory. Estou queimando como se estivesse com febre, de repente vestindo muitas peças de roupa, mesmo para um dia de outono. Antes de começar a salivar como um cão raivoso, fecho os olhos e solto um suspiro na tentativa de recuperar algum tipo de compostura.

E é quando ouço o estrondo.

Minhas pálpebras se abrem a tempo de ver o corpo de Ryder voando pela janela, o vidro explodindo na calçada. Eu me inclino para frente, depois congelo com minha mão pairando sobre a maçaneta da porta, mas então o corpo de Angelo bloqueia minha visão pela janela à medida que entra no carro.

Tão fresco quanto um pepino, afivela o cinto de segurança, liga o carro e sai, a mão apoiada no câmbio.

Minha mandíbula se abre. — O que diabos foi aquilo?

— Pessoa errada. — Seus olhos se movem para o espelho retrovisor. — Alguma outra sugestão?

Mesmo que meu cérebro funcionasse bem o suficiente para pensar, não há nenhuma chance no inferno de eu dar outro nome a Angelo Visconti. Ele também sabe disso porque, sem dizer uma palavra, pega o desvio para a rodovia costeira e segue em direção a *Devil's Cove*.

Meu coração bate descontroladamente contra minhas costelas, como se quisesse sair deste carro tanto quanto eu, mas ainda estou tão quente, porra. portanto... *excitada.* Eu me contorço contra o assento de couro, meu clitóris implorando por qualquer tipo de fricção.

Jesus.

Caio contra a janela, mas desta vez, o vidro frio não faz nada para diminuir minha temperatura. Em vez disso, observo o oceano passar em um borrão de azul e cinza e tento não gemer toda vez que o lado da mão de Angelo roça minha coxa quando muda de marcha.

Faz sentido para mim agora, porque o chamam de Vicious Visconti. Não é um ato singular de crueldade de sua vida anterior, como dormir com o par do baile de formatura de Dante ou atirar no joelho de seu motorista porque pegou o caminho errado. Não. É um traço de personalidade. É como pode ligar e desligar como um interruptor de luz. Como não pensou em atirar em Max e matá-lo por causa de uma presunção, ou empurrar Ryder pela vitrine de uma loja com pouco mais do que uma descrição vaga e depois voltar ao normal como se nada tivesse acontecido.

Ele é um assassino de sangue frio.

No momento em que os portões de ferro da mansão Visconti se abrem, já tirei meu cinto de segurança e, pularei e rolarei para fora deste maldito carro se for preciso. Angelo desacelera até parar na direção circular e desliga o motor.

— Eu diria obrigada pela carona para casa, mas...

Sua mão apertando minha coxa termina minha frase como um ponto final. Prendo a respiração e olho para a sua mão através dos meus cílios. Está mais alto do que quando estava sentada no porta-malas. Tão alto que a parte de trás

de seu mindinho está roçando a costura onde meu monte encontra minha perna.

Engulo. Solto um suspiro trêmulo.

Olha para frente, olhando a casa com indiferença pelo para-brisa. — Conhece o procedimento.

— Eu...

— Um pecado — murmura. — Diga-me um pecado.

— Uh, tudo bem. — Lambo meus lábios. — Greta é horrível para mim. Por isso, quando arruma meu cabelo, uso um alfinete para arranhar o seu relógio.

Permanece imóvel. — Diga-me um verdadeiro.

Pestanejo. — Este é verdadeiro.

Um suspiro me escapa quando ele aperta minha coxa com força. Santo *crow*. Odeio como minha mente está tão longe na sarjeta que me pergunto como seria se ele apertasse ainda mais alto. Enrolo meus dedos sobre a curva do assento para me impedir de empurrar contra ele, e me concentro na casa à frente.

— Dê-me um melhor, Aurora, — ele rosna.

— Eu... — *Não consigo me concentrar com sua mão aí.* — Eu, hum. Não roubei apenas o colar de Vittoria; roubei as abotoaduras de Tor, o Nintendo *Switch* de Leonardo, o de Dante...

Outro aperto. Acende até minha boceta, fazendo-a pulsar. Desta vez, a expectativa é demais, e não posso deixar de jogar minha cabeça para trás no assento e gemer. — Pare, *por favor.*

— Não até que me dê um pecado real.

Olho para ele, e mesmo de seu perfil lateral, posso dizer que está usando uma expressão mais sombria do que um trovão. — Como o quê?

— Sabe o quê.

Meu peito aperta. Ele sabe o que quer que eu diga. O que quer me ouvir *confessar*. Será que ouviu minhas ligações? Descarto a ideia imediatamente; estaria morta se tivesse. Minha cabeça lateja com um milhão de pecados nos quais ele pode estar interessado, mas conforme minha respiração fica cada vez mais irregular, não consigo definir um.

Atrás de meus cílios trêmulos, vejo a porta da frente aberta e Alberto escurecendo a porta. Semicerra os olhos na direção do carro e começa a descer os degraus. — Angelo…

Aumenta seu aperto. Move o mindinho um milímetro para cima. — Um pecado. *Agora*.

Santo *crow*. Alberto está atravessando o caminho em nossa direção e a mão de Angelo está praticamente na minha boceta. — Não sei. Não sei…

— Sim, tem.

— Por favor — sussurro, meu olhar freneticamente observando o de Alberto. Ele está a poucos metros do carro agora. — Deixe-me ir.

— Então me diga.

— Não posso.

— Não estou dando a opção, Aurora.

— Não…

— Agora.

Alberto está passando pelos pneus dianteiros.

— Esta manhã, no mar, estava me dedilhando pensando em você.

Sai dos meus lábios espesso e rápido, sugando todo o oxigênio no pequeno espaço entre nós. Angelo vira a cabeça e me encara. O menor lampejo de algo passa por seu olhar. Choque, talvez. Raiva? Não sei e não tenho tempo de decifrá-lo, porque Alberto se abaixa para espiar pela janela.

Ofegante, dou um tapa na mão de Angelo e, felizmente, não demora mais para ser convincente. Ele a move apenas alguns centímetros, de modo que se acomode facilmente no console central.

Rap, tap, tap. O punho fechado de Alberto bate na janela.

A mandíbula de Angelo se contrai em aborrecimento, depois relutantemente abaixa a janela.

— Aí estão ambos. — Alberto faz uma pausa, muda seu olhar entre nós. — Está tudo bem?

— Tudo bem, tio Al. — Angelo fala lentamente, sem emoção.

— Bom, bom. Minha noiva foi útil para você hoje?

— Muito útil. — Seu olhar pisca para o meu. — Na verdade, ela me deu algumas boas informações que posso usar.

— Ótimo. Entrará para uma bebida?

— Não posso. Tenho merdas para fazer.

— Oh, tudo bem. Bem... — bate de novo no telhado com o nó do dedo — vejo você na semana que vem, garoto.

Ele caminha de volta para casa, e o pânico aumenta em meu peito novamente. Eu *tenho* que sair deste maldito carro. Longe de Angelo, longe da minha terrível confissão entre nós.

Meus dedos escorregam na maçaneta da porta, mas finalmente abro e bato a porta atrás de mim. Não me importo se estou apenas com minhas meias fofas de Halloween.

Seu olhar queima minhas costa.

— Aurora. — Para relutantemente e inclino minha cabeça para o céu.

— Não me importo com o que o Alberto diz. Use seu cabelo encaracolado.

17

Angelo

A noiva de vinte e um anos de idade do meu tio emergindo do mar em um minúsculo biquíni preto é a tentação personificada, mas ela me dizendo que se dedilhou enquanto me observava na praia?

Uma sentença de morte.

Puta merda. O jeito que ela apenas ficou lá. Pingando e quase nua. Era um contraste de extremos - um corpo como o de uma maldita estrela pornô, suaves olhos castanhos transmitindo inocência. Na verdade, *fingindo* inocência. Mal sabia eu que, enquanto tudo que podia ver era seu cabelo loiro e olhos grandes balançando acima das ondas, por baixo, estava se *fodendo com os dedos.* Estou feliz por não ter descoberto naquele momento, porque a visão dela sozinha me deixou mais tenso do que um tambor. Se ela tivesse me dito que sua boceta ainda estava fresca de um orgasmo, não haveria chance de eu ter resistido a pegá-la e arrastá-la de volta para a porra do mar e dar a ela o verdadeiro negócio.

Que se dane a etiqueta familiar.

Rafe desliga o rádio. Inclina-se sobre o volante para espiar o para-brisa de seu Modelo X. — Estamos no lugar certo?

Empurro todos os pensamentos sobre a noiva de Alberto para o fundo do meu cérebro e olho para cima. — *Beaufort Cherry e Apple Orchard*, Connecticut. — Li a grande placa pendurada no portão. Além dela, colinas onduladas,

salpicadas de vermelho, verde e laranja, criam uma paisagem dramática. — Gabe escolheu este lugar?

Rafe ri sombriamente. — Estou tão surpreso quanto você. Sempre que ele escolhe o local, geralmente acabamos em um porão de cimento.

Esfrego a barba. — Sim, isso é muito diferente de Gabe. Isso é...

— Lindo — termina, um sorriso malicioso se estendendo em seu rosto. — Estou feliz que ele finalmente está abraçando a teatralidade do jogo. — Lança-me um olhar de soslaio. — Poderia tirar uma folha de seu livro.

Sinners Anonymous é mais do que apenas um jogo para Rafe, é a porra de um show. Toda vez que é encarregado de escolher o local para trazer nossos pecadores, sei que acabaremos nos lugares mais loucos. O Coliseu em Roma. Os *Fjords*[30] na Islândia. Sempre quer realizar a matança da maneira mais dramática, nos cenários mais memoráveis. Eu, por outro lado, estou bem com qualquer lugar, contanto que possa usar nosso pecador como um saco de pancadas humano. Cada osso que estala sob meu punho, cada grito torturado que escapa de seus lábios, alivia cada vez mais a tensão acumulada ao longo do mês.

Ser bom é estressante.

Gabe é diferente. É sádico. Se dependesse dele, não mataria o pecador, encontraria novas e excitantes maneiras de torturá-lo pelo maior tempo possível. Ele os usaria como uma cobaia, testando neles novas adições à sua caixa de ferramentas, e não os tiraria de seu sofrimento até que literalmente enlouquecessem com sua ira psicótica. Por isso, quando ouço o ronco de um motor vindo atrás do Tesla de Rafe, um coquetel de excitação e desconforto gira em meu sangue.

— Que porra está planejando, Gabe? — Murmuro por trás da minha mão, observando-o sair da van pelo espelho retrovisor.

A empolgação que irradia de Rafe é palpável. — Vamos, porra! — Explode, pulando para fora do carro.

Gabe sai da van e caminha em nossa direção, como se tivesse todo o tempo do mundo. — Bom dia — fala lentamente. Lança um olhar de pedra sobre nossos ternos. — Não estão vestidos para uma caçada.

Rafe olha para mim. — Uma o quê?

Sem dizer uma palavra, Gabe volta para a van e volta com três rifles, as alças penduradas no ombro. Bate um no meu peito, outro no de Rafe. — Caçada. É o que homens de verdade fazem.

— Ha, ha — Rafe retruca, mas levanta o rifle para a luz da manhã e o estuda com fascínio. — Porra. O que fez com ele?

— Modificado, obviamente. É apenas uma *Barrett M107A1*, mas removi a luneta e comprei cartuchos .50 de alta potência.

— E em inglês?

Eu me viro para Rafe. — Remover o telescópio significa que agora não há visor para ajudar na precisão. E um *BMG.50* é grande o suficiente para respingar alguém nas árvores. — Deslocando meu olhar para Gabe, acrescento — Então, quer que atiremos às cegas e com uma bala do tamanho de uma granada. — Meus lábios se contraem. — Você é um psicopata.

Ergue as mãos fingindo rendição, inexpressivo. — Apenas fazendo o meu trabalho.

— Que é exatamente o quê?

Gabe imobiliza Rafe com um olhar duro. Nenhum de nós tem uma ideia concreta do que Gabe faz atualmente. Não desde que voltou para a costa no Natal daquele ano com uma cicatriz enorme e misteriosa escorrendo pelo rosto. Tudo o que sabemos é que agora ele fala italiano melhor do que nós dois juntos e, toda vez que o vemos, tem novas feridas de batalha. Hoje, é uma marca verde-púrpura rastejando em sua órbita ocular e cortes profundos em seus dedos inchados.

— Vale a pena tentar — Rafe murmura para si mesmo.

Empurro meu queixo em direção à van. — Ele está terrivelmente calado.

— Sim. Isso é porque já me diverti com ele.

— Pelo amor de Deus...

— Relaxa — fala lentamente, cortando os protestos de Rafe. — ainda está em boa forma.

Ele se vira e caminha de volta para a van. — Encontre-me no início do caminho.

Ficamos ali parados, observando a van sumir de vista.

Balanço minha cabeça. — Ele está louco.

— Mas porquê? — Rafe atira de volta. — Desde quando?

— Por que se importa? — Aponto para o pomar atrás de nós. — Este é o seu sonho molhado.

Sei porém como ele está se sentindo. Afinal, Gabe é nosso irmão. Um de nós. Nossa própria carne e sangue. E, no entanto, nem sabemos onde mora, ou o que faz nos três domingos do mês em que não está conosco. Nunca atende o celular. Apenas enviamos uma mensagem e ele aparece.

Rafe morde a parte interna da bochecha, mantendo-se em silêncio enquanto passamos pelo portão e caminhamos até a

entrada da trilha. É uma longa estrada de cascalho, ladeada por macieiras perfeitamente aparadas. À distância, sobe por uma colina, onde uma casa colonial branca se ergue orgulhosamente no topo.

O ar da manhã é ameno; muito longe do frio sempre presente em *Devil's Dip*. Enfio as mãos nos bolsos da calça e inclino o queixo para o céu claro. Pássaros circulam no alto: pequenos pássaros azuis com um chilrear irritante.

Aposto que Aurora saberia exatamente que porra de pássaro era. Ela provavelmente usa seu nome como um palavrão.

— Por que está sorrindo? — Rafe estala ao meu lado.

Reorganizo minhas feições de volta à minha expressão padrão: indiferença. — Apenas animado para jogar.

— Isto é o que eu gosto de ouvir.

Por entre as árvores, surge a van preta. Segue o caminho em nossa direção e estaciona em uma pequena saída a cerca de trinta metros de distância. Alguns segundos se passam, então Gabe salta, nosso pecador a reboque. Fita cobre sua boca e corda amarra seus pulsos. Gabe aparece atrás dele como o *Grim Reaper*, marchando para frente. Param a poucos metros de distância.

Gabe bate a mão no ombro do homem e semicerra os olhos para nós através da forte luz do sol. — Tudo bem, rapazes, bem-vindos à caçada. — O pecador grita e tenta se desvencilhar de Gabe, mas apenas aperta mais. — As regras são tão simples que até vocês dois idiotas podem segui-las. Phillip aqui tem uma vantagem de trinta segundos, e depois é um jogo justo.

Meus olhos estão fixos em Gabe, que está murmurando algo no ouvido do homem. Está chorando agora, seus soluços

abafados pela fita adesiva em sua boca. Com uma palmada final nas costas, Gabe vem para ficar ao nosso lado.

Olho para ele. — Está esperando que ele apenas corra direto pelo caminho?

— Uh-huh.

— Besteira. Ele mergulhará nas árvores na primeira chance que tiver.

Um sussurro sai de seu nariz. — Prometo a você, ele correrá em linha reta.

Rafe se inclina para frente para dar uma olhada melhor nele. — Parece meio velho. Espero que essas pernas ainda funcionem, porque quero que ele ganhe uma boa distância antes de começarmos.

— Não faz diferença para você, sempre tem um objetivo de merda — provoco.

A raiva brilha em seus olhos enquanto me olha, mas logo é substituída por uma pitada de malícia. — Cem mil que bato nele primeiro.

— Vire dois que não o faz.

— Aposto meio milhão que nenhum de vocês o acerta — Gabe interrompe, sem tirar os olhos do rifle.

— Fechado — Rafe e eu dizemos em uníssono.

O ar é espesso, a brisa suave carrega os apelos abafados do homem.

— Trinta — a voz de Gabe de repente cresce sem aviso. — Vinte e nove. Vinte e oito. Vinte e sete…

O homem congela enquanto Gabe faz a contagem regressiva. Olhos disparando entre nós três, finalmente se

vira e corre.

— Jesus, aposto que ele nunca correu na escola — Rafe murmura ao meu lado.

Ele está cambaleando, tropeçando nos tênis na tentativa de fugir dele. Acho que também não estaria praticando a forma perfeita se tivesse três homens apontando rifles na minha direção.

— Dezenove. Dezoito. Dezessete…

— Espero que os negócios estejam indo bem, irmão, porque estou prestes a acertar sua carteira onde dói — Rafe ri, engatilhando a arma e olhando de soslaio para o guarda.

— Sete. Seis. Cinco…

Hora do show. Uma descarga familiar de adrenalina passa pela minha espinha, e estou salivando com o conhecimento de que estou prestes a experimentar uma euforia que festejarei por dias. Moendo minha mandíbula em concentração, preparo minha arma, meu dedo roçando o gatilho.

— Três. Dois…

No último segundo, o homem vira à direita, correndo em direção às árvores. Em uníssono, Rafe e eu viramos nossos rifles para segui-lo, mas Gabe deixa cair o dele no chão.

— Que idiota do caralho — rosna, socando o ar.

Eu me viro para encará-lo. Confuso. — Huh?

E então fico ensurdecido por uma explosão estrondosa. Sinto o calor queimando o lado da minha bochecha. É instintivo proteger meus olhos da luz amarela ardente e do cascalho que chove ao nosso redor. Por fim, se transforma em

um fogo crepitante, uma espessa fumaça negra subindo preguiçosamente para o céu sem nuvens.

Afasto minha mão do rosto e nós três ficamos ali parados, olhando a cena em silêncio.

— Bastardo estúpido — Gabe finalmente cospe. — Eu disse a ele para correr direto. — Muda seu olhar para nós e um sorriso irônico em seus lábios. — Bem, parece que ambos me devem meio milhão.

Rafe pisca. — O quê?

— Aposto que nenhum de vocês o acertaria.

Deixei escapar um silvo de ar por entre os dentes. — Equipou o caminho com explosivos e disse isso a ele. Pensou que iria forçá-lo a correr em linha reta.

— Ele deve ter pensado que eu estava falando besteira.

O silêncio faz o zumbido em meus ouvidos soar mais alto. Então, Rafe começa a rir. Uma gargalhada alta que começa do fundo de suas entranhas e se espalha pelo cascalho carbonizado.

— Jesus Cristo, isso foi incrível. — Pressiona a arma não disparada em minhas mãos e começa a correr lentamente pelo caminho. — Só quero ver o dano de perto! — Grita por cima do ombro.

Eu me viro para gabe e o prendo com um olhar irritado. — Seu cérebro está fodido.

— Joguei muitos videogames quando criança — diz secamente, com os olhos treinados à frente.

Sigo seu olhar, pousando em Rafe chutando um galho que caiu no meio do caminho. — Quero te perguntar uma coisa.

— Não se preocupe.

— Não sobre você — murmuro de volta. — Desisti de tentar entende-lo esses dias.

— Acerte-me com isso então.

Aliso a frente do meu terno, mas sei que não há como salvá-lo da quantidade de cascalho e detritos humanos espalhados pela lapela. — Estive pensando em reformar nossa antiga casa.

Ele endurece. — Em *Devil's Dip*?

— Sim. Passei por ela outro dia e está uma bagunça lá em cima. Estou cansado de ficar no *Visconti Grand* toda vez que o visito. Odeio estar no território de *Cove* — acrescento, provando amargura em minhas palavras.

— Está voltando.

Cerro minha mandíbula. Estou farto de ouvir todos nesta porra de família dizerem isso. Espero que meus irmãos me conheçam melhor do que isso, pelo menos. — Não voltarei para *Dip*, Gabe. — Prefiro enfiar meu pau na porta de um carro.

— Está voltando. Só não sabe ainda.

— Não, apenas pensei que seria bom ter uma base que não estivesse sob o teto de Dante...

— Não. Não vai deixá-la aqui, não com ele.

Viro para encará-lo. — O quê? Quem?

Ele não move um músculo. — A noiva do tio Al. Não consegue tirar os olhos dela. Olhando para ela como um leão avistando sua presa no mato. Eu te conheço melhor do que você mesmo. Voou para *Coast* porque está assombrado por alguns negócios inacabados lá. É um homem inteligente, então não importa o motivo pelo qual voltou, teria pensado

em um fim de semana e voado de volta para Londres na primeira chance que tivesse, se é isso que queria fazer. — Seus olhos se concentram em mim. — Mas não é. Você a viu e decidiu ficar. — Passa a mão pelo cabelo, ainda olhando para frente. — Só não sabe ainda.

Balançando a cabeça em descrença, dou alguns passos para trás em direção ao carro. — Está louco, meu irmão. Não dou a mínima para o que o Tio Al faz, ou com quem se casa. — O calor pinica sob meu colarinho. Limpo minha garganta e acrescento — Como se eu fosse desistir da minha vida em Londres por um pedaço de boceta.

— Uh-huh.

— Estou falando sério.

O cascalho estala sob seus pés enquanto se vira para se juntar a mim. Bate a mão nas minhas costas e se inclina em meu ouvido, embora sejamos as únicas duas pessoas por perto. — Quer saber como sei? Porque não suporta que outra pessoa tenha algo que deseja. Mesmo que seja família. Sabe tão bem quanto eu, você voltará para Londres, para seu luxuoso apartamento de cobertura com vista para o *Hyde Park*, e se deitará em sua cama chique olhando para o teto, e estará pensando em Aurora. Pensando em Tio Al fodendo-a. — Seus lábios roçam minha orelha. — Pensando no que teria acontecido se tivesse ficado nove anos atrás e assumido o cargo de Capo como deveria. — Passando a língua pelos dentes, fecho os olhos e me preparo. Porque sei o que ele dirá. — Ela estaria implorando para *você* não derrubar a floresta, não seu tio.

Com um forte empurrão, eu o empurro para longe de mim. — É isso que tem feito ultimamente? — Rosno. — Treinando para se tornar a porra de um conselheiro? — Um sorriso satisfeito cruza seu rosto. — De qualquer forma, deixei

Dip por um motivo. Não voltarei, principalmente não para roubar a garota do Tio Al.

Ele faz uma pausa, olha para Rafe e abaixa a voz uma oitava. — Sei o que você fez.

Minhas mãos se fecham em punhos. — Não sei do que está falando.

— Você sabe. Sei o que fez e sei por que deixou *Devil's Dip* tantos anos atrás. — Ele dá um passo em minha direção, fixando-me com um olhar muito parecido com o meu. — Cometeu um pecado maior do que qualquer um daqueles filhos da puta que ligam para a linha direta.

Sangue bate em minhas têmporas. A raiva forma bolhas no revestimento do meu estômago. *Como diabos ele sabe o que eu fiz?* Porra. Se eu ficar aqui por mais um segundo, quebrarei o queixo do meu irmão, por isso me viro para voltar para o carro.

Entretanto, a mão de Gabe dispara contra o meu peito, parando-me. — Obrigado — murmura.

Confuso, olho para cima para encontrar seus olhos. Há algo suave neles. Parece deslocado sob sua carranca permanente e acima de sua órbita machucada. — Se não tivesse feito isso, eu mesmo teria feito. — Engole. Desvia o olhar. — Mas por razões diferentes — murmura sombriamente.

Sinto como se tivesse sido picado. Colocando ambas as minhas mãos em sua cabeça, abaixo minha testa na dele. — O que diabos aconteceu com você, irmão? — Sibilo. — O que ele fez *pra* você?

Ele me afasta, seu olhar endurecendo, voltando ao seu olhar característico. — Quando perceber que está voltando, me avise. — Sua mandíbula aperta. — Porque quando roubar

a garota do tio Alberto, juro, você precisará de um maldito exército.

18

Rory

O jantar de sexta-feira à noite está acabando, e com um olhar final por cima do ombro para o foyer, desço correndo os degraus e sigo direto para o carro de Tor. — Espere — assobio, meus saltos batendo contra as pedras enquanto meio que corro, meio que troto em sua direção. — Espere por mim!

Tor está encostado na porta do passageiro, digitando em seu celular. Olha para cima da tela e aperta os olhos na escuridão. Ele para. Corre um olhar sobre o meu corpo, então se empurra para fora do carro. — Oh, inferno não, garota.

Corro atrás dele, batendo minhas costas contra a porta do motorista antes que ele possa alcançá-la. — Vou com você.

— Você é foda. Não esta noite, e não vestida assim. Mova-se. — Quando porém não o faço, seus olhos se estreitam. — Tem um desejo de morte?

— Ah, vamos lá, Tor. Alberto nem notará que fui embora. Ele chamou todos aqueles velhos do clube de campo e estão jogando bridge.

— E quando perceber, estou ferrado. Agora, *mova-se.*

— Tudo bem — bufo. — O que quer?

Ele faz uma pausa, levanta uma sobrancelha, então seus olhos mudam para o meu peito. Solta uma risadinha, como se tivesse se impedido de dizer algo que não deveria. — Não me tente, garotinha. Saia do meu caminho.

À medida que estende a mão para agarrar meu braço, pego seu pulso. Fico olhando para as tatuagens coloridas saindo de sua manga, parando um pouco antes de sua pulseira de relógio, e meu coração bate um pouco mais forte.

— Tayce fez essas.

Irritação pisca através de suas íris. — Obviamente. Não deixo ninguém me tatuar. Onde quer chegar?

Posso sentir um sorriso se espalhando pelo meu rosto. — Mesmo você não pode pular a lista de espera.

— O próprio Deus não poderia pular a porra da sua lista de espera.

— Mas eu posso.

Bate um ombro. Aperta os lábios. — Tem meio segundo para ir direto ao ponto.

— Tayce é minha melhor amiga. Posso conseguir lhe horário assim — estalo os dedos para enfatizar, e ele olha para eles como se quisesse mordê-los.

Ele ainda está olhando para mim, mas de repente está parado. Está enfraquecendo. — Sem lista de espera?

— Uh-huh.

— Nunca mais?

Paro. Oh Swan, Tayce pode me matar por isso. — Nunca mais.

Seus olhos se estreitam. Então dá um passo para trás. — Entre na porra do carro. — Apontando o dedo na minha direção, acrescenta — Não fale com homens que não tenham o sobrenome Visconti. Na verdade, nem olhe para eles. Não mais do que três bebidas. E farei com que Amelia a leve para casa à meia-noite. — Desliza para o banco do motorista,

resmungando baixinho. — Caso contrário, voltará a ser a Cinderela.

— Obrigada, obrigada, obrigada.

— Sim, sim — resmunga, digitando um e-mail enquanto sai da unidade circular. — Não acha que te fiz favores suficientes esta semana?

Meu estômago cai alguns centímetros. Desci na quarta-feira de manhã para encontrar Tor esperando por mim em vez de Angelo. Ele andava de um lado para o outro, irritado. Disse que Angelo estava fora da cidade e que havia lhe pedido que me levasse a *Dip*. Claro, estava feliz por ainda poder ver meu pai, mas desde então, não fui capaz de me livrar da sensação inquietante rastejando sob minha pele. Um dia, Angelo partirá para sempre sem avisar e não voltará. E esse pensamento não deveria me deixar tão doente.

Enquanto aceleramos pela rodovia costeira, abro o zíper da minha bolsa e pesco uma caixa de *Nerds*. Tor me olha de soslaio com desgosto, mas então estende a mão para pegar a caixa. — Puta merda, não como isso há anos — murmura, jogando-os na boca. — Consegue esses doces ou travessuras? Ainda é jovem suficiente para isso, certo?

Rio. — Cale-se.

Alguns segundos se passam. Enquanto diminuímos a velocidade para encontrar um sinal vermelho, sinto o calor de seu olhar em meu vestido. — Tenho certeza de que terei algumas camisas sobressalentes no meu escritório — murmura. — Você terá que colocar uma.

— Sem chance.

— Aurora, não abuse da sorte. Você não entrará no meu clube vestida assim. É noite de estreia e é Halloween. Estarei muito ocupado me misturando com enfermeiras sensuais e a

vadia Lara Croft para lutar contra os homens sobre você. O que deveria ser, afinal?

Olho para o meu vestido de couro preto. É simples e sem alças, exceto o grande zíper prateado que desce no meio, desde a bainha até o decote. Usando acessórios com um par de botas de veludo grosso e um pequeno chapéu pontudo preso em meus cachos. — Não é óbvio? — Ele me fixa com um olhar vazio. Suspiro, tiro o nariz enrugado de borracha da minha bolsa e o coloco na minha. — E agora?

Uma batida passa. Então começa a rir. — Tudo bem, tudo bem. Fique com esse nariz a noite toda e vou deixá-la abrir mão da camisa.

Sorrindo triunfantemente, me recosto no assento, observando o oceano passar em um borrão azul-marinho. Quando entramos na avenida, borboletas começam a bater as asas contra o revestimento do meu estômago e a energia nervosa zumbe em minhas veias.

Não sou o tipo de garota que se veste toda sexy para o Halloween, e sei que a única razão pela qual estou fazendo isso esta noite é para o caso de Angelo aparecer. Vou evitá-lo, é claro – estou muito mortificada com a minha confissão na semana passada para realmente falar com ele – mas ainda assim. Tenho visões dele me vendo do outro lado do clube. Ver-me dançando e bebendo com Tacye, me divertindo. Pela última vez, quero sentir seus olhos seguindo cada movimento meu. Sei que é errado e que estou jogando um jogo perigoso, mas quero que veja que não sou a garotinha boba que pensa que sou. A que usa meias fofinhas e festivas, fica preocupada com coisas estúpidas e ruins que fiz e não disse um palavrão de verdade na vida. Só uma vez. Só por esta noite. Porque amanhã é minha festa de noivado, que marca o início do resto da minha vida miserável.

Tor para em uma vaga de estacionamento na frente, uma que tem uma placa com seu nome gravado em ouro. Olho pela janela na entrada do clube, e meus nervos se intensificam.

Jesus, está *lotado.* Gatos, demônios, esqueletos. Todo clichê do Halloween tenta entrar, enquanto a música pesada que vem da entrada soa como se estivesse tentando sair.

— Lá vamos nós, porra — Tor diz animadamente, desligando o motor e esfregando as mãos. Olha pela janela para as garotas de meia arrastão e botas de cano alto. — Halloween é melhor que Natal.

— Ei, onde está sua fantasia?

— Estou usando.

Observo seu terno de três peças. O lenço de seda dobrado cuidadosamente no bolso de cima. Seu pequeno anel de diamante no nariz. — Bem, o que deveria ser?

— Um *Made Man* — responde com uma piscadela.

Ele dá a volta no carro e me ajuda a sair, então me empurra em direção à entrada do clube pelas minhas costas. Ignorando a fila, paramos em uma parede de homens corpulentos de terno com fones de ouvido. Tor dá um tapa no peito de um deles e aponta para mim.

— Está vendo essa garota? É a noiva de Big Al. — Os olhos do homem se arregalam. — Fica de olho nela o tempo todo, entendeu? Se qualquer um tocar nela, segura-lhe a mão.

Engulo o nó na garganta. Jesus, por segurar a mão deles, duvido que queira dizer "segurar". Ele se vira para mim e inclina a cabeça para dentro. — Vamos.

Descemos um pequeno corredor, que se abre para uma grande sala.

Whoa. Paro no meio do caminho e recuo, meus olhos tentando se ajustar às repentinas luzes brilhantes. É um espaço enorme e redondo com tetos cavernosos. O piso espelhado brilha sob as luzes estroboscópicas, lançando um brilho prateado nas paredes pretas e cortinas de veludo que separam a sala principal das cabines privadas. Tudo está centrado em torno de uma pista de dança elevada no meio - e quando aperto os olhos, percebo que está *girando.* Pisco, e então algo acima chama minha atenção. *Santo Crow.* Dançarinos em *collants* de couro preto giram e caem de fitas laranja e verdes, chegando tão perto do topo das cabeças da multidão que me encolho fisicamente, antes que voltem a subir sensualmente.

Há pouco menos de duas semanas, estava aqui no meio dos escombros e da poeira e convencida de que não havia a menor chance de estar pronto para abrir a tempo para o Halloween.

Tor me dá um tapa no queixo. — Tem certeza que não quer ir para casa, garotinha? — Consigo um leve aceno de cabeça. Sentindo algo atrás de mim, olho para cima e noto um dos guardas corpulentos do lado de fora espreitando por cima do meu ombro. — Meu homem aqui irá levá-la ao VIP. Já deve haver alguns rostos amigáveis. — Varre a mão para cima e ao redor, apontando para uma varanda que serpenteia por todo o perímetro. Depois seu dedo pousa em mim, junto com um olhar sério. — Lembre-se do que eu disse. Nenhum homem. Três drinques.

Quando se vira para sair, agarro seu braço. — Espere, quando Tayce aparecer, pode fazer com que seus homens a enviem para mim?

Ele murmura no ouvido do guarda e acena com a cabeça. — Ordenado. — Em seguida, grita por cima da música: — Agora, se me der licença, tenho... *negócios* para resolver.

Ladeado por mais dois guardas que parecem ter surgido do nada, desaparece por uma porta da sala principal.

Olho para minha própria guarda, como se dissesse, *e agora?* Ele responde envolvendo o braço ao meu redor e jogando no meio da multidão, até chegarmos a um elevador de vidro do outro lado da sala. Subimos, bem acima do mar de foliões, e emergimos na varanda. É aperna um pouco mais silencioso aqui em cima, mas muito menos movimentado.

— Por aqui, *signora.*

Estremeço com o nome, de repente lembrado do que Amelia me disse algumas semanas atrás. *Vão chamá-la de Signora Aurora Visconti em breve.*

Muito em breve. Como em, apenas duas semanas a partir de agora. O pensamento aumenta em meu peito e ameaça impedir que meus pulmões funcionem, mas quando a própria Amelia e um punhado de outros Visconti aparecem atrás de uma corda vermelha e outro guarda, afasto o pânico e forço um sorriso.

— Não esperava vê-la aqui — Amelia ri, lançando sua longa peruca preta sobre um ombro e dando um passo para o lado do segurança. Ela planta um beijo florido na minha bochecha. — Fantasia fofa — grita, sacudindo meu nariz protético. Sorrio e aceno para seu vestido preto de vampiro.

— *Morticia Adams*, certo? O que significa... — me viro e encaro Donatello. Ele levanta uma taça de champanhe em minha direção, com um sorriso sombrio sob um bigode fino e falso. — Donatello é Gomez. Legal. Como conseguiu convencê-lo a entrar no jogo?

— Ele perdeu nosso iate em um jogo de pôquer na outra noite — diz com firmeza. — Ele realmente não teve escolha. De qualquer forma, Alberto sabe que está aqui?

Abro um sorriso tímido para ela. — Não, e não saberá, a menos que diga a ele.

— Ou eu digo. — O gelo passando por uma voz atrás de mim me faz girar. Dante. *Swan, esqueci dele.* Está sentado em um sofá creme, olhando para mim. — Não deveria estar aqui, Aurora.

— Não seja tão traidor, *cugino.* — Benny, um dos irmãos *Hollow*, se joga ao seu lado e pega a garrafa de *Dom Perignon* do balde de gelo. — Em duas semanas, ela será uma de nós. E não delatamos família. — Pisca e me entrega a taça de champanhe. — Bem-vinda à família, *Bella.*

Sorrio, sentindo minhas bochechas esquentarem com a gentileza de suas palavras. Não as ouço com muita frequência de nenhum Visconti, e especialmente não dos membros mais assustadores, como Benedicto. Como Tor, ele e seu irmão mais novo, Nicolas, são bem conhecidos das mulheres em toda a costa. Não acho que tenham a mesma mãe de Castiel, porque são mais claros, com cabelos castanhos chocolate e olhos cinza tempestuosos. Mesmo assim, são conhecidos como os executores *Hollow*, atacando qualquer um que ouse atrapalhar a expansão do *Smugglers Club.*

Uma taça de champanhe vira duas. Então três. As bolhas descem facilmente e aliviam a música; suavizar as duras luzes prateadas. Amelia e eu rimos e dançamos músicas pop cafonas. Em seguida, vamos até a varanda, apontando nossas fantasias favoritas da multidão abaixo. Quando Donatello me dá um tapinha nas costas, estendendo a garrafa para reabastecê-la, fico surpresa ao ver como a área se tornou movimentada. É Visconti apenas deste lado da corda vermelha, mas todas as outras cabines que serpenteiam ao

redor da varanda estão se enchendo de ternos elegantes e roupas de sacanagem.

— Quem são todas essas pessoas? — Grito para Amelia por cima da música.

— Hóspedes de hotéis e cassinos estupidamente ricos — responde. — Estão pagando trinta mil por estande.

Hesito com a quantia, aquele desgosto familiar girando em meu estômago. *Devil's Cove* está nadando em riqueza, mas quarenta minutos depois, há pessoas em *Devil's Dip* que trabalham em turnos de doze horas fazendo trabalho pesado, mas mal conseguem pagar as contas.

A vida nunca será justa.

O pensamento me deixa no segundo em que reconheço uma figura familiar caminhando em minha direção, um guarda aparecendo atrás dela. *Tayce.* Sorrindo, passo por baixo da corda vermelha para encontrá-la.

— Você conseguiu! — Ela ri no meu ouvido, trazendo-me para um grande abraço. — *E* nos arrumou o VIP. Ganha-ganha! — Empurrando-me para o comprimento do braço, corre um olho sobre a minha roupa. — Que diabos, Rory? No ano passado, se vestiu de dinossauro. No ano anterior, um tubo gigante de pasta de dente. Por que tão *sexy* este ano?

Eu rio de sua pergunta, mas minhas bochechas ficam mais quentes. — E você optou por menos é mais, como sempre.

Ela dá um pequeno giro, exibindo seu espartilho preto, meia arrastão e minúscula saia de tutu. Se não tivesse preso seu longo cabelo preto em duas marias-chiquinhas e pintado pontos em cada lado da boca, não teria ideia de que deveria ser uma boneca morta. Quando ela para, seus olhos pousam

em algo sobre meu ombro, e então seu olhar se alarga. — Puta merda, isso é Vicious?

O gelo escorre pelas minhas costas. Entre dançar com Amelia e ver Tayce, tinha esquecido de ficar de olho nele, mas ao som de seu apelido, os pelos dos meus braços se arrepiam e de repente estou hiper consciente do que está ao meu redor.

Engulo e forço minhas feições a permanecerem neutras. E definitivamente não me viro. — Como conhece o Angelo? — Pergunto, tão calmamente quanto posso reunir. Ela se mudou para a *Coast* há três anos, muito tempo depois que ele partiu.

— Todo mundo conhece Angelo — diz com uma risadinha, sem tirar os olhos dele, mesmo quando Benny traz para ela uma taça de champanhe e paira desajeitadamente ao seu lado. — Cristo, ele é definitivamente o Visconti mais sexy. E já *viu* esses músculos?

— Como você viu esses músculos? — Retruco, parecendo mais irritada do que pretendia.

Agora, seu olhar se volta para mim, acompanhado por uma carranca. — Não vi. Ele é o único Visconti que nunca pisou na minha loja.

— Realmente? — Quase me viro de surpresa, mas, em vez disso, agarro minha taça com um pouco mais de força. — Ele não tem nenhuma tatuagem? — Quando a suspeita estreita seus olhos, limpo minha garganta e acrescento — Apenas estranho, só isso. Todo Visconti é tão tatuado.

— Sim — suspira, lançando um olhar de soslaio para Benny. — Não como esse idiota, que não tem um centímetro de carne sobrando no corpo para tatuar. O que quer, Benny?

Ele lhe dá um sorriso deslumbrante. — É assim que fala com todos os seus clientes?

— Apenas aqueles que pairam desconfortavelmente perto de mim nos meus dias de folga. — Antes que possa responder, ela fica na ponta dos pés e tapa a boca dele com a mão. — Não falo sobre trabalho fora do horário comercial. Começa na segunda-feira, às nove da manhã. — *Acho que não é hora de contar a ela o que prometi a Tor.* Agarrando meu braço, me leva até a varanda e descansa contra ela. — Honestamente, por que os homens são tão irritantes?

— Deve ser a única pessoa que pode falar assim com um Visconti sem levar uma bala na cabeça.

Ela ri alegremente. — São todos gatinhos disfarçados de leões. — Seus olhos escurecem enquanto toma um gole de sua bebida. — Já conheci coisa pior.

Sua observação pinica minha pele. Estou desesperada para perguntar o que quer dizer com isso, mas conheço Tayce. Ela se fechará completamente se eu me intrometer.

Antes que possa trazer à tona o assunto da nova exceção de Tor em sua lista de espera, algo atrás de mim chama sua atenção, fazendo com que ela arqueie as sobrancelhas. — Parece que temos assentos na primeira fila para algum drama.

Eu me viro para ver Dante de pé, olhando para a esquerda. Sigo seu olhar e localizo Angelo. Está mais perto do que eu pensava, cortando uma figura afiada apenas alguns metros além da corda vermelha. Ele se inclina casualmente contra a grade enquanto ao seu lado, uma gata de pernas longas fala animadamente em seu ouvido. Como sempre, sua expressão é indiferente, entediada. Toma um gole preguiçoso de uísque e olha para a multidão.

A visão dele me deixa sem ar.

— Quem é ela? — Murmuro mais para mim mesma do que para Tayce, mas é claro que ela sabe a resposta.

— Lúcia. Uma das *go-go girls* do clube burlesco. Todo mundo e a sua mãe sabem que ela está fodendo com Dante há mais de um ano, porque conta para quem quiser ouvir. — Ela ri em sua taça de cristal. — Acho que ela finalmente está de olho em coisas maiores e melhores.

Minha cabeça gira, e não por causa do champanhe. *Não* era assim que a noite deveria terminar. Tive essa estúpida fantasia de colegial de que ele estaria *me observando a* noite toda, enquanto fingia que não podia sentir o calor de seu olhar em cada centímetro do meu corpo. Em vez disso, nem sabia que estava aqui, e ele não me olhou nem uma *vez*.

Sinto calor. Meu vestido está muito apertado e meu estômago está emaranhado. — Só vou ao banheiro.

Antes que Tayce insista em vir comigo, saio correndo em direção aos fundos da área VIP. Donatello agarra meu braço quando passo. — Onde vai sozinha?

— Apenas ao banheiro! Caramba.

Ele aponta para um cortina de veludo. — Há um banheiro no escritório de Tor, use-o.

Cerrando os dentes, forço um aceno de cabeça e deslizo atrás dele. Há um pequeno corredor e uma porta com o nome de Tor gravado em ouro. Ele gosta de sinais de ouro com seu nome neles, notei. Lá dentro, paro um momento para me deliciar com o silêncio, percebendo que minha cabeça está girando e meus ouvidos estão zumbindo.

Maldito seja.

Rapidamente uso o banheiro e coloco meus pulsos sob a água fria em uma tentativa de me refrescar. Não faz nada. Suspirando de frustração e abro a porta do banheiro.

E paro.

Há uma figura escura de pé do outro lado da mesa de Tor. Está apoiando o nós dos seus dedos contra ela, e quando abro a porta, olha para mim com os olhos semicerrados. Levam seu tempo percorrendo cada centímetro do meu corpo, parando em meu rosto.

Angelo Visconti.

Um sopro de ar quase inaudível escapa de seus lábios.

— Usava o cabelo cacheado.

Meu coração se esquece de bater. Após o choque inicial, respiro profundamente, fortaleço minha coluna e volto minha atenção para a porta. Agora, tudo o que tenho a fazer é forçar minhas pernas para caminhar em direção a ela. Um passo. Dois passos. Posso sentir o olhar pesado de Angelo me seguindo. *Isso é o que eu queria, certo?* Agora contudo não estou com vontade de aproveitar, não depois de vê-lo falar com aquela loira supermodelo. Quando passo por ele, respiro um pouco mais fácil. Essa é a parte difícil, e agora estou tão perto da porta que posso ouvir o zumbido da música...

— Não!

Angelo porém não escuta meu protesto obstinado enquanto agarra meu pulso e me gira tão rápido que as luzes giram em uma névoa dourada. Quando pisco e me equilibro, minhas costas estão alinhadas com a porta, e o corpo pesado de Angelo está me empurrando contra ela. Ofegando, me atrevo a olhar para ele. Ele não está mais olhando para mim como um pedaço de carne. Não, algo mais escuro lambe as paredes de sua íris. Algo perigoso.

Ódio.

Ele avança. Aperto os olhos, me preparando para o desconhecido, mas tudo que ouço é o *clique* da fechadura girando.

— Preciso saber o que diabos quis dizer quando disse que se tocou no mar pensando em mim. — Sibila. Seu hálito quente de uísque roça meu nariz e meus joelhos ameaçam dobrar debaixo de mim. Mal consigo respirar, quanto mais responder. Em resposta ao meu silêncio, ele passa a mão pela raiz do meu cabelo e puxa minha cabeça para trás.

Um gemido me escapa antes que possa pará-lo.

Ele sibila algo obscuro em italiano. — Foda-se, você é irritante.

— Não parece convencido.

Abro um olho, pegando seus olhos trilhando avidamente o comprimento da minha garganta. O calor úmido se acumula entre minhas coxas, e o pulso em meu clitóris está batendo mais forte do que meu batimento cardíaco.

Sua mão aperta minha nunca. Sinto seu aperto como se fosse nas terminações nervosas lá embaixo. Angelo resmunga — *diga-me o que quis dizer.*

Mordo meu lábio, sabendo que não deveria estar entretendo isso, mas o champanhe e adrenalina fluem pelo meu corpo como um coquetel perigoso, fazendo-me sentir imprudente e selvagem. *Duck.* Esta é a última chance que terei de fazer algo maluco. Porque depois desta noite começam as celebrações do casamento e viverei o resto da minha vida amarrada a um velho.

Engulo a espessura na minha garganta. Aço minha mandíbula. — O que disse. Eu me fodi no mar, pensando em você.

Seus olhos se fecham. — Pensando o que sobre mim?

— Pensando em seus dedos dentro de mim. Imaginando como se sentiriam.

Seu pomo de Adão balança. — E? — Fala asperamente. — Qual foi a sua conclusão?

Um sorriso malicioso se espalha em meu rosto e me contorço quando seu olhar cai automaticamente para meus lábios. — Que seria incrível.

Suspiro novamente quando seu punho bate à porta a apenas alguns centímetros da minha cabeça. Ele se afasta de mim e se vira, passando a mão pelo cabelo. Então fica lá, olhando para a parede do fundo.

Tonta com a empolgação, dou alguns passos para mais perto, cerrando os punhos. — No começo, usei apenas um dedo, mas então... — paro, afobada.

Seus ombros se contraem. — Mas então?

— Percebi que um de seus dedos é igual a dois dos meus.

— Foda-se, Aurora. — Quando se vira, seus olhos são selvagens. Com fome. — É a noiva do meu tio. Não posso tocar em você.

— Quem está tentando convencer – a mim ou a si mesmo?

A veia em sua têmpora lateja. Seu olhar embaça. Em um grande passo, fecha a distância entre nós. — Não. Me. Tente.

Olhamos um para o outro, os segundos parecendo minutos. Estou aproveitando cada momento delicioso disso, porque parece que estamos à beira do precipício novamente. Posso praticamente sentir o cheiro da fumaça; saborear o perigo. Cada nervo do corpo está zumbindo com o desejo de *pular.*

Sei que ele também sente isso. Posso ver isso na maneira como aperta a mandíbula. Ouço nas respirações pesadas escapando de suas narinas. Eles dizem para ter cuidado com

o que deseja, e esta noite, realizei meu desejo. Angelo Visconti me quer tanto quanto eu o quero.

Seu olhar traça uma trilha até minha clavícula. Para o zíper prateado que mantém meu vestido fechado. E então, lentamente, estende a mão e engancha o dedo no anel do zíper.

Seus olhos encontram os meus. — Mostre-me.

Minha respiração fica rasa. — O quê?

— Mostre-me o que fez a si mesma.

Meu coração bate contra minhas costelas, e meu primeiro pensamento é correr. A segunda é que estou prestes a explodir de emoção. Nunca fiz *isso* na frente de ninguém. Na verdade, apenas um cara fez isso comigo. Foi apressado e parecia mais um experimento clínico do que sexo.

Minha atenção cai para seu dedo grosso, com os nós dos dedos brancos enquanto se agarra ao redor do anel do zíper. Um rubor rosa decora meu peito e, de repente, me sinto mortificada. Ele provavelmente já esteve com um milhão de mulheres que fizeram isso por ele… e se eu fizer errado? Ou pior, e se ele estiver brincando comigo? E se eu tirar o vestido e ele me olhar com aquele sorriso condescendente que tanto odeio? *É uma garotinha boba, Aurora.*

— Disse que não podia me tocar.

— Não tocarei — diz densamente. — Vou assistir.

E então puxa. O zíper abre centímetro por centímetro, revelando meus seios, barriga, calcinha. Em seguida, cai no chão aos meus pés. *Oh, goose.* Engolindo em seco, deixei meus olhos se fecharem. Posso ouvir sua respiração afiada, sentir seu olhar queimar cada centímetro da minha carne.

Ele balança a cabeça em descrença. — Sempre usa calcinha rosa?

Abro um olho, meu olho pousando em seus lábios. Sem sorriso. Isso é bom. Quando olho para cima, seu olhar me tira o fôlego. Está nublado pelo desespero. Desejo. *Para mim.*

Uma confiança recém-descoberta corre em minhas veias e, sem interromper o contato visual, afundo no sofá de couro atrás de mim. Sem piscar, levanto meus calcanhares no assento e lentamente deslizo minhas mãos até a parte interna das minhas coxas.

Angelo sussurra. Passa a mão pelo queixo. — Tire-a.

Com dedos trêmulos, levanto meus quadris e tiro minha calcinha. Ele se vira para olhar a fina renda rosa amassada no tapete de Tor. — Cristo — murmura. Então sua atenção se volta para o meu rosto. Meus olhos e corpo o seguem conforme se move para a beira do sofá e apoia as palmas das mãos no apoio de braço.

— Deite-se — exige. — E. Mostre-me.

Mordendo meu lábio inferior, deslizo minhas costas no sofá e abro meus joelhos, expondo tudo para ele. Quando um gemido ressoa no fundo de seu peito, uma onda de prazer toma conta de mim.

— Puta merda, Aurora. É perfeita. Claro que seria perfeita.

Minha boceta lateja sob seu elogio e começo a circular meu clitóris com dois dedos.

— É isso o que fez? No Oceano? — Angelo engasga.

Reprimindo um gemido, aceno. — Para começar.

Seu olhar pisca escuro. — Começar?

Respirando fundo, aceno novamente. — Sim — resmungo. — E depois... — Meus dedos traçam um caminho através de meus lábios molhados, do meu clitóris até minha entrada. — E então enfiei um dedo dentro de mim.

— Mostre-me.

Deslizo meu dedo, calor inundando minhas entranhas. Segurando seu olhar lascivo, digo — E depois coloquei dois dedos.

Ele deixa cair os olhos de volta para a minha boceta com expectativa. Deslizo um segundo dedo, gemendo de prazer enquanto minhas paredes se esticam para acomodar o dedo extra.

— É bom, baby?

Baby. O calor sobe do meu clitóris latejante. — Sim — choramingo, dedilhando-me mais rápido. Então pego seu olhar e sorrio timidamente — aposto que seria melhor se você fizesse isso. — Diversão sombria pisca em seus olhos, mas suas mãos arranhando a curva de seu descanso de braço me dizem que está se controlando. Vê-lo tão excitado está me deixando louca. — Diga-me o que faria comigo.

Suas narinas dilatam e, por um momento, acho que ele está prestes a cair em si e fechar isso, mas não. Em vez disso, se empurra para fora do apoio de braço e se agacha no meu quadril.

Oh, goose. Ele está tão perto agora que posso sentir o cheiro de sua loção pós-barba, sentir o calor irradiando dele. Sua manga roça o lado da minha coxa nua e meu coração dispara. *Por favor, toque-me. Por favor, pelo amor de Deus, me toque.* No entanto, ele junta as mãos e apoia os cotovelos nas coxas, virando-se para me observar intensamente.

— Primeiro de tudo, eu tiraria esse sutiã bobo — rosna.

Arqueando minhas costas, alcanço e o solto. Com um sorriso travesso, jogo-o em seu colo. Ele geme, agarrando o tecido e levando-o ao rosto. Bombeio meus dedos em minha boceta com mais força, mais rápido, gozando com a visão de suas grandes mãos agarrando minha lingerie.

— E depois? — Sussurro.

Seu olhar cai para o meu peito, e morde o lábio inferior. — E então colocaria aqueles seios perfeitos na boca, para ver se são tão doces quanto parecem.

— Mmm — gemo, puxando um mamilo com força.

Seus olhos brilham. — Gosta de rude, baby?

Engato um ombro, puxando meus dedos e correndo meus sucos sobre meu clitóris. — Eu não sei — sussurro timidamente.

— Então eu gostaria de descobrir — rosna, aproximando-se. Levanto meus quadris para que ele possa ver melhor o que está acontecendo entre as minhas pernas. — Eu daria um tapa naquela boceta apertada só para ouvi-la gritar.

Abafando um soluço, dou um tapa na minha boceta, resistindo sob a onda de choque de prazer que rola do meu clitóris até a parte inferior do estômago. *Santo crow.*

— Mais forte — exige.

Bato novamente, um orgasmo crescendo dentro de mim. — Oh, *swan* — murmuro, virando a cabeça e mordendo uma almofada.

— Não se atreva a desviar o olhar de mim, Aurora. Quero ver a sua cara quando gozar. — Eu me viro para ele e inclina a cabeça, satisfeito. — Boa menina. Agora, esfregue seu clitóris o mais forte que puder.

Aceno freneticamente, esfregando minha protuberância cada vez mais forte, me contorcendo sob o prazer e o olhar pesado de Angelo. Meu orgasmo se constrói e aumenta, me deixando tonta e sem fôlego.

— Não se atreva a parar — rosna, inclinando-se sobre o meu joelho e sem tirar os olhos da minha boceta. — Quero ver seu gozo escorrer dessa boceta e descer pela sua coxa.

Meu clitóris bate como um tambor, até que cada músculo do meu corpo se contrai e o prazer puro e adulterado explode dentro de mim.

— Oh Deus! — Choramingo, meu corpo assumindo enquanto aperto contra a palma da minha mão para liberar até a última gota do meu orgasmo.

Meus olhos se fecham e tento recuperar o fôlego, enquanto os fogos de artifício dentro do meu estômago e entre minhas coxas param lentamente.

Depois de alguns segundos, o sofá afunda. Através dos meus cílios, vejo Angelo ficar de pé em toda a sua altura. Uma enorme protuberância se estica contra a virilha de sua calça. *Cristo.* Ele corre um último olhar faminto ao longo do meu corpo e pousa no meu rosto, um sorriso sombrio brincando em sua boca.

— Estava errado sobre você, *Magpie* — diz com a voz rouca, lambendo os lábios. — Você *é* uma garota má.

Com um último olhar demorado, ele se vira para a porta e a destranca. Pouco antes de passar por ela, vejo algo rosa e rendado em sua mão.

Meu sutiã.

Ele sutilmente o coloca no bolso e me deixa reclinada no sofá.

Totalmente nua e esgotada.

19

Angelo

A imagem da noiva do meu tio nua e se dedilhando ontem à noite está tão profundamente gravada em minhas retinas que vejo isso toda vez que fecho meus olhos.

O fantasma de sua respiração superficial ainda ecoa em meus ouvidos. O *baque* úmido quando sua mão deu um tapa em sua boceta inchada me assombra. E quando seu rosto corou e todo o seu corpo tremeu quando gozou, sabia que tinha que dar o fora dali antes que fizesse algo que não pudesse retirar.

O próprio Cristo não tem tanto controle quanto eu.

No momento em que saí do escritório de Tor, deixei o clube. Não apenas porque estava com uma ereção que não iria embora tão cedo, mas porque sabia que a noite havia chegado ao auge. Não poderia voltar a ver Aurora se contorcendo naquele vestido obscenamente apertado agora que eu sabia que tom de rosa era sua boceta. E, além disso, não estava com humor para lidar com Dante, que, por algum motivo, estava olhando para mim do outro lado da cabine VIP como se eu tivesse fodido seu par do baile de novo.

Hoje, quando os portões de ferro forjado se abrem, meu pau se contrai em antecipação. Sei que estou jogando um jogo perigoso, mas já passei do ponto de me importar. Só quero vê-la, mesmo que completamente vestida. Mesmo que seja apenas para ter prazer em como se contorcerá de vergonha depois de desnudá-la para mim ontem à noite.

Deslocando até a entrada, posso sentir imediatamente o burburinho de atividade em torno da mansão. Empregados entram e saem pela porta da frente, carregando caixas em baús e conversando animadamente em telefones celulares.

Há mais coisas acontecendo também dentro do foyer. Há mulheres com fones de ouvido e Greta segurando uma prancheta, gritando para um bando de jovens empregadas. *Que porra está acontecendo?*

Algo chama minha atenção no topo da escada e, quando olho para cima, vejo Aurora. Ela também me vê e congela, com o pé pairando no ar, pronta para descer para o próximo degrau. Uma mulher está em seu ouvido, mas posso dizer pelo rubor saindo de baixo de seu roupão de seda que não está ouvindo.

Mordo de volta meu sorriso e inclino minha cabeça. — Não está vestida.

— E você não deveria estar aqui — sussurra de volta. Olhando para a porta fechada do escritório de Alberto, desce correndo os degraus e para a minha frente. Olha para cima e recua, como se tivesse esquecido o quão alto sou comparado a ela. Ou talvez se lembre da noite passada tão vividamente quanto eu.

— Não quer ver seu pai hoje?

— Não posso. — Muda sua atenção para os pés descalços. Claro que os dedos dos pés dela também são pintados de rosa. — É... minha festa de noivado esta noite.

Meu estômago revira. Estou surpresa com a rapidez com que seu comentário cava sob minha pele, deixando um rastro amargo e raivoso em meu corpo. Travo minha mandíbula em uma tentativa de manter minha expressão neutra. — Legal, mas isso é hoje à noite.

Ela olha ao redor para o mar de pessoas caindo sobre si mesmas para fazer a merda. — Há muito a ser feito.

— É por isso que tem criados.

— Mas...

Minha mão em torno de sua mandíbula a interrompe. Seus olhos se arregalam, voltando para o escritório de Alberto. — O que aconteceu com não tocar? — Suspira.

Solto uma risada seca e relutantemente deixo cair minha mão ao meu lado, arrastando meu polegar por sua bochecha macia enquanto vou.

— Certo — digo secamente. — Posso olhar, mas não posso tocar. — Cristo, estava tão duro por ela que teria inventado qualquer desculpa só para ver o que estava fazendo sob aquele vestido sacana. — Quer ir ver seu pai ou não?

— Não posso...

— Não foi isso que perguntei.

Mais uma vez, olha para o escritório de Alberto e a pulsação na minha têmpora dispara. Porra, odeio quanto poder ele tem sobre ela.

— Não tenho permissão hoje.

Sem dizer mais nada, dou meia-volta e entro no escritório de Alberto sem bater.

Sua expressão se nubla de raiva, até que olha para cima de seus arquivos e percebe que sou eu. Então se mexe em sua poltrona de couro e inclina a cabeça. — Ah, oi, garoto. Está adiantado. A festa é só hoje à noite, e será no *Visconti Grand*. — Seus lábios enrugados formam um sorriso tenso. — Não precisava vir até aqui, só tinha que pegar o elevador até o salão de baile.

Não me envolvo em sua conversa fiada despreocupada. Em vez disso, fecho a porta com o calcanhar e vou até a sua mesa. Não está perdido em mim que ele recua. — Preciso de Aurora hoje.

— É a nossa festa de noivado...

— Estive pensando sobre sua oferta na *Devil's Preserve*. Talvez esteja certo. É tanto espaço desperdiçado, talvez devêssemos fazer algo a respeito.

Seus olhos se iluminam, então um sorriso comedor de merda cruza seu rosto. — Finalmente. Porra, quantas vezes falamos sobre isso só esta semana?

Uma tonelada de merda. Toda vez que Alberto me coloca atrás de uma porta trancada, pergunta sobre a maldita Preserve.

— Muitas vezes — digo amargamente. — Gostaria de avaliar antes de discutirmos mais. Aurora conhece a floresta como a palma da mão, então gostaria de levá-la comigo.

— Excelente ideia, mas uh... — Seus olhos disparam em direção à porta e abaixa a voz alguns decibéis. — Deveria saber que ela acha que a *Devil's Preserve* é meu território. — Erguendo as mãos em falsa rendição, acrescenta — Eu sei, eu sei. Sou um menino travesso. Tem que fazer o que tem que fazer, não estou certo? Então, uh. Se pudesse simplesmente não mencionar que é seu, agradeceria.

O calor branco lambe o revestimento do meu estômago. Corro minha língua sobre meus dentes e dou um breve aceno de cabeça, antes de me virar.

— Angelo? — Continua. — Você e eu faríamos coisas incríveis juntos nesta costa, garoto.

Cala a boca, cara de merda. Abro a porta e encontro Aurora diretamente do outro lado dela. Grita um de seus

estúpidos trocadilhos de pássaros e pula para trás.

— Bem? — Sussurra, olhos adoravelmente grandes.

— Vista-se. Encontro você no carro.

Menos de dez minutos depois, ela se senta no banco do carona do meu *Aston Martin* com um par de leggings cinza e um moletom enorme. Porra. Acho que nunca conheci uma garota que fique tão bem de moletom quanto de couro. Seu cabelo cai em cachos soltos sobre os ombros, e deve ter acabado de lavá-lo, porque o cheiro de seu xampu de cereja enche todo o carro e faz meu maldito pau doer.

Saio da garagem, tentando me concentrar em manter o carro na estrada, o que é quase impossível. Tudo o que posso pensar é a forma de seus seios sob aquele moletom, e a pequena faixa de cabelo dourado em seu monte de boceta.

Puxo meu colarinho. Tamborilo meus dedos contra o volante.

— Ressaca?

Aurora fica tensa. — Não. — Seu olhar roça minha bochecha, então sua voz diminui. — Nem estava tão bêbada.

— Certo.

Ela tosse. Inquietação. Então tira um maço de *Mike & Ikes* da bolsa e enfia um punhado inteiro na boca, antes de me oferecer a caixa. Desdenho meu nariz para ela e balanço minha cabeça.

— Como quiser — murmura. — Então, uh. Onde estava na quarta-feira?

— Por que? Sentiu minha falta?

— Sim. — Sua resposta vem rápida e espessa. É seguida pela gargalhada mais adorável.

Parando para encontrar o portão, deixo cair minha cabeça contra o encosto e fecho meus olhos.

— Não me teste hoje, Aurora. Passei nove anos resistindo à tentação. Está tornando muito difícil para mim chegar a uma década. — No momento em que me atrevo a olhar para ela, imediatamente desejo não ter feito isso. Ela está me olhando sob aqueles cílios grossos, respirando pesadamente por seus lábios carnudos e entreabertos. Endureço meu olhar. — Estou falando sério.

Ela sacode outro punhado de doces e os encara. — A noite passada foi ruim… muito ruim. — Morde o lábio inferior com os dentes da frente. — Não deveríamos ter feito… *isso.*

— Nós? *Eu* não fiz nada.

Ela franze a testa, sua pele pálida ficando com um tom mais escuro de vermelho. — *Você* assistiu. De qualquer forma, não pode acontecer de novo. — Engole e se contorce na cadeira para me encarar com um veneno surpreendente. — E se contar ao Alberto, juro que ateio fogo no seu carro.

Mordo de volta uma risada. — Vai fazer o que agora?

— Você ouviu.

— Caramba. Quem é você e o que fez com Aurora? Faz menos de duas semanas que estava à beira das lágrimas, me implorando para não ouvir seus segredos.

— Bem, sei que manterá esse segredo, porque você estará tão ferrado quanto eu se não o fizer.

— Não aconteceu nada, Aurora. Não toquei em você; você não me tocou. Relaxe. — Estou forçando meu rosto a permanecer imperturbável, mas por dentro, meu sangue está bombeando quente e rápido contra a minha pele.

Ela balança a cabeça, visivelmente relaxada, como se essa fosse a confirmação que precisava. — Tem razão. Não nos tocamos. Está tudo bem. Ficará tudo bem. A propósito, é Rory.

— Huh?

— Meu nome é Rory. Apenas pensei que deveria saber. Quero dizer, agora me viu nua e tudo.

O quê?

Mordendo a língua, balanço a cabeça e me concentro na rodovia costeira. Porra, isso foi uma má ideia. Sabia que não deveria tê-la pego hoje, mas uma parte doente e distorcida de mim queria vê-la, apenas para que pudesse aproveitar seu constrangimento. Achei que ela estaria corada e se contorcendo, incapaz de olhar nos meus olhos sabendo o que fez por mim ontem à noite. Pensei que estaria escalando as paredes, horrorizada por finalmente ter um pecado real em seu currículo.

Essa garota, no entanto? É "Rory" de repente. Dá uma mordida, e é irritantemente sexy.

Dirigimos o resto do caminho em silêncio, e estaciono no local de costume do lado de fora da igreja.

— Uma hora — lembro-a. Ela assente e salta do carro, indo em direção à floresta sem olhar para trás.

Quando emerge das árvores algum tempo depois, sua expressão é taciturna. Seus passos são rápidos enquanto suas mãos apertam as mangas de seu moletom. Ainda, segurando o volante enquanto a vejo se aproximar do caro.

— O que está errado? — Pergunto, no momento em que ela abre a porta.

Senta-se em seu assento e olha fixamente para fora do para-brisa. — Nada. Vamos embora.

Meus olhos se estreitam. — Aurora, olhe para mim. — Ela balança a cabeça. — Eu a desafio a me fazer pedir duas vezes — rosno.

Ela tensiona, mas ainda encara a cabeça. Irritação piscando em meu estômago, sigo seu olhar e percebo que está olhando para a cabine telefônica.

— Estava errada. Não está bem. Sua voz suave é quase inaudível, mas me atira no estômago. — Tenho muito em jogo para fazer coisas estúpidas com você.

— Esqueça isso...

— Não posso. — Interrompe, seu tom mais firme. — Não é assim que funciona. Não consigo não fazer coisas ruins, mas sempre acaba dando certo porque confesso e me livro da culpa. — Engole e tira um cacho do rosto. — E agora não posso, porque *você é* o dono da coisa que confessava.

Eu me inclino para trás no meu assento, esfregando minha mão sobre meu queixo. — Eu disse a você, não ouvirei, Aurora. Tenho coisas maiores para me preocupar do que suas confissões estúpidas. Vá ligar para a linha. Eu não ligo.

— Mas não é a única pessoa com acesso aos *Sinners Anonymous*, certo? Seus irmãos também têm.

Ela me tem lá. Sem dúvida falará sobre o que aconteceu ontem à noite, e se Rafe ou Gabe ouvirem, somarão dois e dois, e isso começará um show de merda. As palavras de Rafe saltitam em meu cérebro: *Não me faça ir à guerra por um pedaço de boceta.* E o Gabe? Bem, parece pensar que é vidente hoje em dia, e não posso ser criticado por sua série de *eu te avisei.*

Beliscando a ponte do meu nariz, gemo. — E não pode simplesmente manter a porra de um diário como todo mundo?

Ela ri amargamente. — Não tenho permissão nem para uma senha no meu telefone. O que o faz pensar que conseguirei esconder um diário?

A fúria queima baixa e lentamente na boca do meu estômago.

Não é problema meu. Não é problema meu. Não é problema meu.

Não consigo me apegar a essa garota. Mesmo só permitir que o pensamento viva em meu cérebro sem pagar aluguel é ridículo. — E se não puder confessar? O que acontece depois?

Por um momento, juro que o seu foco se move para a esquerda; sobre o cemitério, passando pela igreja.

Para o penhasco.

Meu sangue corre frio. *Porra.* Ela é toda atrevida e insolente, mas realmente não pode lidar com sua consciência culpada? Inferno, ouvi uma amostra de seus pecados e são a definição do dicionário de mesquinho. Se ela não consegue lidar com isso quando tem uma saída para confessar, como lidará com o pecado da noite passada sem meios de confessar?

— Saia.

Desligo a ignição, dou a volta no carro e corro pelo caminho em direção à igreja. Quando não ouço a sua porta fechar, me viro, irritado. — Precisa de uma coleira?

No momento em que entro na igreja, ela está atrás de mim, correndo na escuridão atrás de mim.

— Uau — respira, diminuindo a velocidade até parar no meio do corredor. — Sabe, este lugar está fechado desde que eu tinha doze anos. — O pensamento me faz estremecer. Porra, nove anos atrás, ela nem era uma adolescente. — Sempre me perguntei como seria por dentro.

— Não estava perdendo muito — resmungo de volta. — Venha.

Ela me segue pelo corredor, ao redor do altar e até o confessionário à direita. Bato na porta de mogno com meu punho, então inclino minhas costas contra ela. — Aqui. Um confessionário da vida real, derrube-se.

No entanto, não está ouvindo; está muito ocupada subindo os degraus até o altar, correndo os dedos sobre padrões esculpidos no púlpito. — Você cresceu aqui?

Paro. — Sim. Meu pai era o diácono.

— Foi o que ouvi — diz com uma carranca taciturna. — Ele tinha bastante controle sobre a cidade, aparentemente. — Para, então vira a cabeça tão rápido que seus cachos formam uma onda nas costas. — Espera. — Seus olhos se voltam para o confessionário. — Então, seu pai costumava ouvir as confissões. Você também, mas modernizou o confessionário de seu pai.

— Uau. Estrela de ouro para a detetive Aurora.

Seu olhar se dilui, mas depois se suaviza. — Então, *Sinners Anonymous* é uma homenagem ao seu falecido pai?

— Não — cuspo com mais veneno do que o necessário. Empurro-me para fora da cabine e me junto a ela na capela-mor. — Crescendo, meus irmãos e eu passávamos os domingos ouvindo os pecados de todos. — Eu me viro, apontando para a parede atrás da cabine. — Há uma lacuna muito grande por trás disso. Nós três nos espremíamos e

escutávamos. O que considerávamos ser o pior pecado, nós... *cuidaríamos disso.*

Estudo seu rosto, esperando por sua reação. A princípio, fica confusa e, quando a ficha cai, suas sobrancelhas se erguem. — Quer dizer…

— Sim.

Ela solta um silvo de ar e olha para o teto abobadado. — Não acho que Deus aprovaria isso.

Solto uma risada e balanço a cabeça. — Deus não aprovaria muitas coisas que fiz. De qualquer forma, depois que nossos pais morreram, Rafe teve a ideia de modernizar nosso jogo de infância. E foi assim que os *Sinners Anonymous* nasceram.

Seu corpo tensiona e, instintivamente, dá um passo atrás. *Bom.* Aurora faria bem em ficar longe de mim.

— Então, ainda escuta, e o que considera ser o pior pecado, você…

— Tomo conta disso. Uma vez por mês.

Ela cambaleia para trás, como se o peso dessa revelação fosse muito pesado. Mal posso esconder o sorriso em meus lábios. Veja, essa garota não saberia nada mal se lhe desse um tapa na cara, mas depois se prepara e algo animado pisca em seu rosto.

Ela dá um passo à frente. Eu também.

— Acha difícil ser bom.

Meu olhar cai para sua boca. A necessidade de passar um dedo sobre meu lábio inferior faz minhas mãos coçarem.

— Impossível.

Olhamos um para o outro. Ela engole e passa a mão na bochecha, como se estivesse verificando a própria temperatura. — E na quarta-feira? — Murmura. — Você estava... *cuidando disso?* — Por um momento, deixo sua pergunta pairar no ar entre nós. Então, lentamente, aceno.

Ela suga uma respiração afiada. — Como?

— Não faça perguntas que não quer saber a resposta, Aurora.

— Quero saber.

Sua voz é revestida com algo espesso e delicioso, e é o suficiente para fazer meu pau inchar. Eu a observo com mais atenção e percebo que sua respiração está irregular e suas pupilas estão se expandindo naqueles olhos cor de canela.

Ela está gostando disso. *Porra.*

Respirando fundo, passo as mãos pelo cabelo e olho para o teto, como se esperasse que Deus me salvasse dessa tentação. *Okay, certo.* Como se já tivesse dado a Ele um motivo para me ajudar. Quando volto minha atenção para Aurora, meu olhar escurece.

— Nós o explodimos.

Seus olhos se fecham por um breve momento. — Você gostou?

Eu dou mais um passo em sua direção, deixando cair minha cabeça para que meus lábios quase rocem no topo de seus cachos dourados.

— Sim.

Sua respiração desliza pela minha camisa. — Pensei que fosse direito.

— Eu fui.

Ela se atreve a me olhar, mas há uma pontada em seu olhos. — Mas...

— Preciso de alívio, Aurora. Vingar os pecados me dá o mesmo alívio que sente quando os confessa.

Ela acena com a cabeça lentamente, os olhos caindo para o meu pomo de Adão. Quando fala, é apenas um sussurro. — Alguns dos meus pecados são tão graves que não sinto mais alívio quando os confesso.

Mordo de volta um sorriso. Porra, ela é adorável. — Como o quê? Dizer ao seu professor que seu cachorro comeu seu dever de casa, quando, na verdade, simplesmente não o fez?

Com um brilho de raiva em seus olhos, ela aumenta o espaço entre nós. Antes que possa me impedir, minha mão dispara e a arrasto contra meu peito. Não terminei de tê-la tão perto. Ela olha para o meu aperto em seu braço incisivamente.

— Oh, sim — digo lentamente, arrastando minha mão de volta para o meu lado. — Não toque. Esqueci.

Aturdida, volta sua atenção para meus sapatos. — Não sou tão inocente quanto pensa que sou, sabe.

O gelo se arrepia no meu peito, e apenas uma pergunta borbulha na minha garganta: *Porque fodeu metade da Devil's Coast Academy?* Entretanto, engulo minha réplica. Por mais que isso me irrite, a sua vida sexual não é da minha conta. — Então, me diga o que fez.

— Não posso — murmura. — Por que ainda não o fiz.

Rio. — O quê? Então, o que tem a confessar?

— Só pensando nisso. Sabendo que eventualmente o farei. Já é ruim o suficiente.

Abro a boca para fazer outro comentário sarcástico, mas a forma como seus punhos estão cerrados me impede. Seja o que for, realmente a está assombrando. Deslizando minha mão sob seu queixo, inclino sua cabeça para cima para olhar para mim. — Você é uma garotinha boba, Aurora — resmungo.

Seu olhar endurece. Sinto sua mandíbula flexionar contra o meu polegar. — Não foi isso que disse ontem à noite.

Um silvo escapa por entre meus dentes. — Parece que não consegue tirar a noite passada da cabeça. — Fixando-me com um olhar de aço, não responde. Inclino minha cabeça para o confessionário. Esfrego meu polegar em sua bochecha macia. — É isso que está tão desesperada para confessar? Que foi tão bom me ver vendo-a se foder ontem à noite? — Aperto meu aperto, abafando um gemido quando sua respiração desliza sobre minha mão, quente e forte. — Ou que está molhada com o pensamento de que isso acontecerá de novo?

Silêncio. Preenche o espaço entre nós, sufocando-me com uma tensão doce e doentia. — Ambos — finalmente sussurra.

A escuridão lambe as paredes do meu estômago. Inspiro, expiro. Desloco meu olhar para cima da cabeça de Aurora, porque se olhar para o tormento naqueles grandes olhos de merda, saberei que perderei a cabeça. Não sou mais esse cara. Não sou Vicious Visconti. Ele está trancado em uma caixa em algum lugar no fundo do meu cérebro, mas agora posso ouvi-lo batendo contra a tampa, desesperado para sair.

A sugestão sai dos meus lábios, revestida de uma luxúria rouca, antes que possa impedir. — Existe uma alternativa à confissão, sabe. — Nossos olhos se chocam. O dela doce e inocente, o meu escuro e corrompido.

— O que é isso? — Murmura, mas pela rapidez com que seu peito sobe e desce, sei que ela já sabe.

— *Expiação*.

20

Rory

Expiação.

Uma palavra, mas soa tão alto, ecoando no teto e fazendo meus ouvidos esquentarem.

Com os olhos semicerrados, olho para Angelo e engulo. Nem por um *segundo* consigo me convencer de que entendi errado. Não quando vejo a tempestade atrás de seus olhos, nem quando a linha de sua mandíbula se aguça enquanto a aperta.

Ele dá um passo à frente. Dou um passo atrás. Isso o diverte, afinando os lábios e fazendo seu olhar brilhar tão negro e liso quanto um derramamento de óleo.

Finalmente, encontro minha voz, embora não seja tão forte quanto esperava. — Quer dizer…?

Ele faz uma pausa. Levanta uma sobrancelha. Minhas bochechas esquentam. *Está esperando que eu diga.* No entanto, não posso. A ideia é tão obscena que não posso fisicamente divulgar a palavra.

— Quer dizer o que acho que você quer dizer?

— Não sou vidente, Aurora. O que acha que eu quero dizer?

Aperto minha mandíbula, irritada com o quanto está gostando disso. Bem, não lhe darei essa satisfação. Inspirando, rolo meus ombros para trás e igualo seu olhar. — Espancando-me.

Seu pomo de Adão balança, mas sua expressão permanece neutra. — Outra estrela de ouro para Rory.

Meus olhos se fecham ao som do meu nome verdadeiro. É a primeira vez que usa, e odeio como isso aquece a boca do meu estômago.

— Bem?

Meu olhar se volta para ele.

— Bem o quê? — Retruco. — Não pode me *espancar.* Cristo, não tem permissão nem para me tocar.

Mesmo quando meus protestos escapam pelos meus lábios porém, meu coração começa a bater descontroladamente, e uma nova pulsação que nunca senti antes bate atrás do meu clitóris. De uma forma doentia e distorcida, a ideia me excita.

Parece entediado, com se eu fosse muito estúpida para ele se envolver. — Por isso, não farei.

A confusão enruga minhas feições por uma fração de segundo, mas então, quando percebo o que quer dizer, meu sangue se transforma em gelo. É instintivo que meu olhar caia em seu cinto. Depois, para a protuberância contra o tecido por baixo dela.

Santo crow. Angelo Visconti quer me bater com o cinto e fica duro só de pensar nisso. Minha cabeça gira, talvez porque sempre me esqueço de respirar. Eu me viro, colocando minhas mãos contra o altar para me firmar. Olhando para a superfície de madeira brilhante, imploro a mim mesma para recuperar algum tipo de compostura, mas não consigo *pensar.* Agora estou delirando, bêbada com o pensamento do cinto frio de Angelo roçando minha bunda. *Por que diabos isso me excita tanto?* Já posso sentir a umidade se acumulando no tecido da minha calcinha.

— Tudo bem.

Concordo antes que meu cérebro possa assinar. Como se houvesse um desejo visceral dentro do meu ser, tão desesperado que falava em meu nome. Um calor crepitante roça minhas costas, fazendo meus mamilos apertarem. Mãos grandes pousam no altar, uma de cada lado da minha.

A respiração de Angelo passa pela minha orelha. — Tudo bem?

Engulo. Aceno.

Uma risada lenta e sombria vem de trás de mim, subindo pela minha espinha e forçando todos os meus cabelos a ficarem em posição de sentido. — Rory. — A voz de Angelo pinga em calda. — Tudo bem não é bom o suficiente.

— Não entendo.

— Garota tola — murmura — sua mão nunca lhe ensinou a dizer, *por favor?*

Minha respiração fica presa na minha garganta. Meus olhos se fecham e agarro a borda da mesa. — Você realmente me obrigará a lhe pedir para me bater? — Pergunto com uma pequena risada. — Está falando sério?

— Mortalmente — rosna.

Deveria empurrá-lo para longe de mim. Isso é tão errado em tantos níveis diferentes, mas estou muito envolvida; andei muito longe na zona de perigo. E isso me fez sentir *tão viva.* Pulso batendo em minhas têmporas, olho para a imagem da Virgem Maria acima do altar. Balanço a cabeça em descrença. *Perdoe-me.*

— Quero que me bata. *Por favor.*

Atrás de mim, Angelo respira fundo, e um pequeno choque de satisfação me apunhala no estômago. É claro que ele não achava que essa - garota tola - realmente continuaria com isso. Não achou que eu chamaria seu blefe, mas minha presunção é passageira, evaporando no momento em que ouço o tilintar da fivela de seu cinto. O *baque* quando tira o couro das presilhas da calça.

Algo áspero pega em seu tom. — Curve-se.

A pulsação no meu pescoço acelera. Lentamente, me inclino sobre o altar, pressionando minha bochecha contra a madeira fria.

Angelo pigarreia. Então, sua voz cai uma oitava. — Agora, preciso que se abaixe e puxe sua legging e sua calcinha para baixo.

Todos os meus músculos recuam, e aperto meus olhos fechados. *Oh, swan. Isso está realmente acontecendo.* Não há contudo, como voltar atrás agora, mesmo que quisesse. O que, sei no fundo do meu coração, não queria.

Ninguém descobrirá.

Tremendo, enfio os polegares no cós e enrolo o tecido sobre a curva da minha bunda. Curvada e exposta a Angelo, nunca me senti tão vulnerável. *Tão viva.* A antecipação faz minha pele formigar, e quando finalmente solta um gemido baixo e lascivo, me desfruto dele, deixando-o aquecer minha pele como raios de sol.

— Foda-se — respira, segurando a parte de trás do meu moletom. — Sua boceta é a coisa mais perfeita que já vi. — A frente de suas coxas roça a parte de trás da minha, e a sensação do tecido frio e macio envia um choque de prazer até meu clitóris.

Ele endurece seu tom. — Isto doerá. Se me disser para parar, eu paro. Se não fizer isso, então... — estremeço quando arrasta o cinto dobrado pela minha espinha. — Pararei quando achar melhor. Entendido?

Aceno.

— Não — rosna, empurrando seu peso contra mim, curvando-se para que sua respiração queime minha orelha novamente. — Use suas palavras.

— Sim — resmungo. — Entendo.

Estou ficando com água na boca. Meu coração está batendo contra o altar. A espera é angustiante e ...

O cinto assobia no ar e desce rápido e inesperado na minha bunda. A dor explode na minha pele, o vergão latejando e ardendo ao mesmo tempo. Um grito borbulha em minha garganta e se espalha sobre o altar.

Atrás de mim, Angelo para. — Use suas palavras, Rory.

Apertando meus molares, levo alguns momentos para estabilizar minha respiração. O latejar na minha bochecha se transforma em uma dor surda e, para minha surpresa, uma onda de prazer me invade. — De novo.

Um gemido ressoa no fundo do peito de Angelo, e minha boceta aperta à sua volta. Sem outra palavra, chuta o pé contra o meu, forçando-me a abrir mais as pernas, e então seu cinto bate novamente. Desta vez, me inclino para frente, gemendo ao sentir meus mamilos esfregando contra o forro do meu moletom. Minha boceta dói pelo mesmo tipo de fricção, e me vejo na ponta dos pés, arqueando as costas em direção ao cinto.

— Acho que gosta de ser punida. — Fala lentamente. Chuta meu pé de novo e, desta vez, abro minhas pernas tanto que uma brisa fresca passa por meus lábios molhados. Atrás

de mim, as tábuas do assoalho rangem. Então sinto um sussurro de respiração contra meu clitóris; um arranhão de barba por fazer contra a parte interna da minha coxa.

Oh, santo crow. Angelo está de joelhos atrás de mim, sua boca a apenas alguns milímetros da minha boceta. É instintivo arquear as costas e me abaixar sobre ele, mas uma mão forte agarra o topo da minha coxa muito antes de eu sentir o calor de seus lábios em meu clitóris.

— Ora, ora, Rory — murmura, a voz estrangulada pela luxúria — isso contaria como comovente. E seria errado tocar em você, não seria? É uma mulher comprometida. — Sua voz escurece. — Estenda a mão e abra-se para mim.

Ofegante, faço o que me mandam, estendendo a mão e separando minhas bochechas. Meus joelhos se dobram sob as vibrações de seu gemido contra minha boceta. — Gosta de expiar seus pecados, não é, baby? — Passo meus dentes sobre meu lábio. *Cristo, gosto quando ele me chama de baby.* — Sabe como é que sei?

— Como? — Resmungo, embora saiba o que ele dirá. Porque posso *sentir* isso. Deixando uma trilha molhada e quente na costura da minha perna.

Há um farfalhar e, de repente, algo macio e sedoso envolve meu sexo, arrastando-se pelo meu clitóris e pelas dobras da minha boceta. Com um dedo forte por trás, gira a entrada do meu buraco, acendendo cada terminação nervosa do meu corpo em chamas.

Angelo se estica em toda a sua altura, então joga algo a minha frente no altar. É seu lenço de bolso de seda e, para minha vergonha, o tecido azul claro agora está manchado de marinho escuro com meus sucos.

— Ficando tão molhada para um homem que não é seu noivo? — Ele se inclina, segurando o tecido e trazendo-o até

meu rosto. — Isso merece outra surra.

Ele me chicoteia de novo sem avisar, e uma dor branca e ardente me atravessa da maneira mais deliciosa possível. *O que diabos está acontecendo?* Agora que senti porém o coquetel de dor e prazer girando em minhas veias como um soro, desejo mais. Quando uma brisa sopra sobre minha carne conforme coloca o cinto de volta na posição, me preparo novamente, mas então, cai frouxo contra a curva da minha bunda.

— Acho que já teve punição suficiente por um dia, Rory — Angelo sussurra, malícia em sua voz.

Já? — Não — imploro. Apertando meus olhos fechados, posso sentir o início de um orgasmo chegando ao ápice, e daria qualquer coisa, *faria qualquer coisa,* para vê-lo passar. — Não pare.

— Mais uma chicotada do meu cinto e entrará em uma igreja. Nenhuma quantidade de confissão pode salvar sua alma disso.

No silêncio doloroso, ouço o farfalhar de suas calças. O tilintar do fecho do cinto. Em seguida, seus passos pesados subindo as escadas, ficando mais silenciosos enquanto se dirige para a porta.

Está seriamente me deixando assim?

Sua voz profunda e dominante ecoa pelo corredor. Tem uma borda dura. — Faça o que tiver que fazer, seja acabar com você mesmo ou usar o confessionário. Encontro-a no carro.

E então, com o baque pesado de uma porta se fechando, ele se foi.

21

Angelo

O salão de baile do *Visconti Grand Hotel* é tão cafona quanto o próprio Alberto. Retratos dourados de ancestrais mortos dos quais nunca ouvi falar me encaram. A cúpula central apresenta uma versão imitada da pintura de Michelangelo na Capela Sistina, e ouro brilha em todas as superfícies visíveis.

Está me dando dor de cabeça. Apenas outra maldita razão pela qual não deveria estar aqui.

De costas para o mar marinho, encosto-me às portas abertas do pátio, amassando um maço de cigarros no bolso do *smoking*. Não é tarde para partir. Tenho certeza de que Alberto não notaria; estará muito ocupado exibindo sua jovem noiva gostosa para qualquer velho filho da puta que quiser ouvir.

A amargura queima minha garganta e, apesar do frio salgado que paira sobre meus ombros, estou começando a queimar.

Um soco suave no meu braço me faz cerrar os dentes. Deslizo meu olhar preguiçosamente para a minha esquerda, pousando no sorriso comedor de merda de Benny. Está com um cigarro enfiado no canto da boca, como se estivesse prestes a sair para fumar.

— Está se tornado um regular por aqui, *cugino*. Onde estão os outros dois mosqueteiros?

— Rafe tem negócios em Las Vegas, e Gabe está... — paro, passando minha língua sobre meus dentes. Gabe apareceu na minha suíte na cobertura há dois dias, exigindo as chaves da casa de nossos pais. Está lá desde então, arrancando paredes e luminárias, enquanto ouve o tipo de rock que faz meus ouvidos sangrarem. — Ocupado — termino.

Ele solta uma risada, dando um passo para o pátio para acender o cigarro. Ele me oferece a caixa, mas balanço a cabeça. — Gabe está sempre ocupado *pra* caralho. Ah, bem. Tenho certeza que estarão na próxima.

Franzindo a testa, tiro meus olhos do salão de baile e olho para ele. — O que disse?

Ele dá uma longa tragada e aponta o cigarro na direção dos convidados espalhados pela pista de dança. — Esta não é a primeira festa de noivado de Big Al e com certeza não será a última. Tenho certeza de que Rafe e Gabe pegarão a próxima.

Irritação cava sob minha pele. Ele está certo, claro. Rory não é a primeira coisa jovem e gostosa em que Alberto enfiou suas garras, e quando conseguir o que quer dela, será deixada de lado e a próxima tomará seu lugar.

Ele é louco. *Eu sou* louco.

— Ei, onde vai?

Entretanto, a voz de Benny já é um sussurro ao vento. De costas para o salão de baile, subo os degraus até a praia abaixo. Rápido e dois de cada vez, indo mais longe nas sombras onde as luzes douradas do salão de baile não podem me alcançar. Quando o concreto se transforma em areia sob meus pés, paro e me inclino contra uma árvore.

Uma nuvem de condensação deixa meus lábios enquanto solto um suspiro pesado. Porra, odeio este lugar. Odeio o clã *Cov*e, e *a odeio.*

Particularmente a odeio. Odeio que ela seja exatamente o que gosto: uma garota que não desiste quando faço coisas perversas com ela. Odeio o som que faz quando meu cinto encontra sua bunda. Odeio o tom de vermelho que sua pele fica, e como aquele *maldito anel* brilha em seu dedo quando o prazer faz suas mãos se fecharem em punhos. Odeio que "olhe, mas não toque" é uma regra rígida e rápida. Tem que ser, porque sei que no momento em que provo aqueles lábios - qualquer um deles - não há como voltar para Londres.

Sei que terei que ficar e lutar por ela.

— Jesus, porra, Cristo — assobio na escuridão, estalando meus dedos. Estive na costa por mais de três semanas e não sei dizer se estar aqui solidifica a parede que ergui entre mim e o resto dos Visconti, ou se Aurora está suavizando a massa fria e negra atrás dela.

Enquanto olho para o mar escuro, algo à direita da costa chama minha atenção. Instintivamente, minha mão alcança a parte de trás do meu cós, apenas para descobrir que não há nada lá. Fecho meus olhos, murmuro um palavrão baixinho. *Viu?* A Coast está fodendo comigo, me fazendo voltar a ser o típico *Made Man*; pegando uma arma que não carrego mais com a simples visão de algo levemente suspeito. Preciso voltar às salas de reuniões e minhas planilhas, mais cedo ou mais tarde.

Fixando meu olhar, me concentro na silhueta. É uma garota sentada em uma grande pedra, com as pernas dobradas embaixo dela. Meu coração bate acelerado, e passo meus dedos sobre minha mandíbula.

Rory.

Irritação leve pisca sobre mim. Em sua própria festa de noivado, conseguiu escapar despercebida. Todos aqueles idiotas lá em cima se preocupam mais com o champanhe e o

caviar flutuando em bandejas de ouro do que com a sua segurança. Na verdade, aposto que Alberto só notará que ela sumiu quando estiver bêbado e quiser algo apertado para apalpar. Enfiando as mãos nos bolsos, caminho pela areia e paro ao seu lado. Ela enfia um pedaço de *Big Red* na boca. Enquanto sigo sua atenção para o mar, ouço sua respiração ainda.

— Sua bunda ainda está dolorida desta manhã? — A indiferença mancha minha voz, como se bater na bunda de Rory fosse algo que tivesse o prazer de fazer diariamente. Como se não durasse apenas três golpes do meu cinto antes de dar o fora de lá.

Como se não tivesse ido para casa e fodido meu punho no chuveiro.

— Não dolorido o suficiente.

Sorrio para sua tentativa de igualar minha indiferença. É adorável *pra* caralho quando tenta agir imperturbável, porque sua linguagem corporal sempre a trai.

Por isso, chamo-lhe blefe. — Então talvez eu tenha que bater em você com mais força da próxima vez.

— Santo *crow* — sussurra. — Angelo, não pode haver uma próxima vez.

Minha mandíbula aperta, porque sei que ela está certa. Claro que está certa, é a noiva do meu tio e eu moro a um oceano de distância.

Finalmente, me atrevo a olhar para ela e imediatamente desejo não ter feito isso. Está irritantemente linda, assim como sabia que seria na noite de sua festa de noivado. O tecido de seu vestido vermelho se espalha sobre a pedra em que está sentada, e seu longo cabelo loiro cai sobre os ombros

em espirais apertadas. Seu olhar se choca com o meu, assim que estoura uma bolha. Meu peito aperta.

— Por que está me olhando assim?

Bufando baixinho, balanço minha cabeça. — Voltou a usar o cabelo cacheado.

Mesmo ao luar, posso ver sua pele corar. — Sim, Alberto não ficou muito feliz.

— Bom.

Sob o calor de seu olhar perplexo, tiro minha jaqueta e a coloco sobre seus ombros. Ela faz uma pausa, com os olhos arregalados, então a aperta mais em torno de si, escondendo um pequeno sorriso no tecido da lapela. *Porra.* Sem dizer uma palavra, me afundo ao seu lado e tiro o maço de cigarros do bolso. Deslizo um para fora e coloco entre os lábios entreabertos de Rory. Enquanto meus dedos roçam seu queixo, luto contra o instinto de agarrá-la ali. A chama do meu *Zippo* lança uma sombra suave sobre seu rosto, e quando acendo a ponta, desenha uma lenta inspiração sensual que vai direto para o meu pau.

— Diga-me um pecado, Aurora.

Assim que deixa meus lábios, desejo não ter perguntado. Toda vez que a persuadi a cometer um pecado, esperava que fosse sobre sua sacanagem, mas se ela me contar sobre isso hoje à noite, posso dar um soco em uma árvore. Não, esta noite, tenho uma vontade estranha de obter algo mais profundo dela. Quero saber o que se passa na sua cabeça. Olha para mim através da nuvem de fumaça, a tristeza girando em suas íris. Um longo silêncio se estende entre nós, antes que ela me passe o cigarro e se recoste nas palmas das mãos, olhando para o céu sem estrelas.

— Minha mãe morreu há dois anos. Câncer. Começou como uma pequena mancha no pulmão, mas se espalhou para o fígado e subiu para o cérebro. Lutou como o diabo, mas, eventualmente, não havia mais nada que os médicos pudessem fazer, além de mantê-la confortável. Então, a mandaram para casa. — Engole. — Colocaram uma cama de hospital completa na sala de estar e as enfermeiras vinham duas vezes ao dia para cuidar dela. Quando as enfermeiras não estavam lá, tinha uma campainha que podia apertar, para que meu pai e eu sempre soubéssemos se precisava de alguma coisa. Bem, uma noite, disparou. Pulei da cama e corri para a sala íntima para ver como ela estava. Estava bem - na verdade, parecia mais viva do que a vi em semanas — acrescenta com uma risada suave. — Ela só apertou a campainha porque queria falar comigo. Queria que eu prometesse algo a ela.

Minhas costas tensionam quando ela se aproxima de mim. Descansa a cabeça no meu ombro. Brevemente fecho meus olhos e engulo a espessura na minha garganta. Deveria dizer a ela que isso conta como toque, mas não o faço. Em vez disso, pergunto — Prometer o quê a ela?

O topo de sua cabeça roça meu queixo e, quando fala, sinto seu hálito quente e suave em minha garganta. — Que eu nunca me casaria por nada além de amor. — Cai contra mim. A vontade de envolvê-la em meus braços e arrastá-la para o meu peito me consome, então me distraio com uma longa tragada no cigarro. — Na mesma noite, passou a noite dormindo.

Coloco minha cabeça em cima dela, torcendo para respirar seu xampu de cereja. — Sinto muito — murmuro, meus lábios roçando seus fios dourados.

— Sempre pensei em manter essa promessa. Ninguém nunca pensa que se casará por nada além de amor, certo?

Bem, a culpa começou depois que assinei o maldito contrato de Alberto. E não importa quantas vezes liguei para sua linha direta, nunca fui capaz de me livrar da sensação horrível de que a decepcionei. — Inspira e depois o solta com uma respiração trêmula. — É por isso que não podemos continuar assim, Angelo. Ele descobrirá eventualmente, e quando descobrir, me matará e fará o que quiser com a *Preserve* de qualquer maneira. Quebrar minha promessa a minha mãe não pode ser em vão.

Ele vai matá-la de qualquer maneira.

Ficamos sentados em silêncio por um tempo, passando o cigarro de um lado para o outro. A maré está subindo, as ondas agora quebrando suavemente contra a rocha em que estamos sentados. Acima de nós, uma marca de metais começa a tocar uma versão acústica de "*Isn't* She Lovely" de Stevie Wonder. Aplausos e risadas flutuam pelos degraus e por entre as árvores e, quando chegam à tranquilidade da praia, soam sinistros.

Enquanto a água cobre a areia ao nosso redor, enfio o cigarro na curva da boca e me curvo, desenhando uma linha na areia molhada. — Aqui.

Rory olha para ela. — O que é isso?

— Uma linha na areia.

Sua boca se contrai. — Certo, e não podemos atravessá-la.

As ondas voltam, enrolando-se preguiçosamente sobre a linha e desmanchando-a

— Sei como é decepcionar sua mãe.

A declaração escapa confortavelmente de meus lábios antes que possa impedi-la. Rory se arrasta na posição

vertical, me prende com um olhar curioso. — Sabe? — Sussurra.

Com um peso crescendo sob minhas costelas, me inclino para trás nos cotovelos. Não passa despercebido como os olhos de Rory percorrem meu torso.

— Nove anos atrás, minha mãe morreu de ataque cardíaco. — Meu olhar cruza com o dela, e quando percebo que não está chocada, sorrio amargamente. — Tenho certeza que já sabia disso, porque se há uma coisa em que o Clã Cove é bom, é fofocar, mas o que não sabem é que o ataque cardíaco não foi natural. — Agora, ela parece chocada. — Eu tinha vinte e sete anos, tinha acabado de desembarcar em *Devil's Dip* para as férias. Realmente não queria voltar para casa naquele ano, porque sabia que meu pai e meus tios estavam planejando me sentar e ter uma conversa séria sobre eu assumir o cargo de Capo. Sempre soube que teria que fazer isso eventualmente, mas os negócios estavam crescendo em Londres e não estava pronto para desistir de tudo. No dia em que desembarquei, resolvi levar minha mãe à feira. Lembra daquela que costumava ficar no promontório norte? — Empurro meu queixo para o lado direito da costa. — Aquela que queimou? — *Aquela que queimei.* Acena com a cabeça. — Toda vez que chegava em casa, eu a levava lá. Era tradição. — Soltei uma risada amarga; passo a mão no meu rosto. — Ela adorava aquela feira. Não por causa dos passeios e jogos, mas por causa de todos os ciganos em suas carroças, prometendo traçar seu futuro por cinco dólares. Engoliu toda aquela merda - qualquer coisa a ver com destino ou fortuna. Na verdade, ela viveu sua vida por isso.

Uma rajada de vento frio vindo do Pacífico passou por nós, e ouço os dentes de Rory batendo. Instintivamente, me viro para encará-la e envolvo minha jaqueta mais apertada ao seu redor.

— Eventualmente, Mama visitou todos os médiuns que queria ver, então nos viramos para sair, mas estava escurecendo e a feira começava a ficar movimentada. Estávamos saindo, indo contra o fluxo da multidão enquanto todos entravam, por isso não foi a coisa mais louca quando uma criança derramou café na sua blusa. — Cerro meus molares com a memória. Ainda queima, todos esses anos depois. — Claro, meu primeiro instinto foi quebrar a mandíbula desse garoto. Era um acéfalo, mas Mama me implorou para não fazer isso. — Meus dedos roçam a rocha conforme cerro os punhos. — Ela sempre odiou a violência, e foi por isso que sempre foi a porra de uma santa para todos. Acreditava que ser boa cancelaria o fato de o resto da família ser ruim. Foi ao banheiro e eu caguei um pouco para esse garoto, mas deixei-o ir. — Eu me viro para encarar Rory, minhas narinas queimando. — Porra, eu o deixei ir — rosno.

Sua pequena mão se curva sobre meu punho. Quente e macia. — E o que aconteceu com sua mãe? — Sussurra.

— Esperei do lado de fora do banheiro feminino minha mãe se limpar. Cinco minutos se passaram. Então dez. Eventualmente, comecei a me sentir desconfortável. Algo não estava certo, simplesmente sabia. Então entrei, quebrei a porta do cubículo e... — Olho para o céu. Balanço minha cabeça. — Ela estava deitada lá, caída contra o vaso sanitário. Morta.

Os suspiro de Rory ecoa em meus ouvidos. — O café...

— Era uma solução venenosa que a levou a ter um ataque cardíaco em minutos.

— Oh meu *gosse.* Angelo, sinto muito — suspira. — E depois seu pai...

— Teve uma hemorragia cerebral três dias depois. — Sento-me ereto, fortalecendo minha coluna. Não quero falar

sobre a porra do meu pai agora. — Enfim, não consegui achar o filha da puta da feira nem por amor nem por dinheiro. Deve ter sido um local, porque lembro que tinham uma tatuagem do time de futebol *Red Devil* no pescoço, mas ninguém na *Coast* queria falar. Especialmente para um Visconti.

— É por isso que foi embora?

— Saí porque Mama se foi. Alguém mais na família tinha que ser o bom para anular o mal. Isso é o que ela teria desejado. Não me interpretem mal. Estou longe de ser um santo, mas vivo de acordo com a lei e continuo no caminho certo e estreito, mesmo que seja quase impossível na maioria dos dias.

— Mas *Sinners Anonymous*...

— Sim, eu sei. — Atiro a ela um olhar e lambo meus lábios. — Todos nós temos nossos vícios, Rory. Puxar um gatilho ou bater em algum idiota uma vez por mês é meu. Inferno, é a única coisa que me mantém. E justifico isso porque todos que matamos merecem o que estão recebendo. Consegui me convencer de que Mama aprovaria... os seus filhos estão fazendo algo de bom para compensar o mal.

O silêncio gira entre nós. Praticamente posso ouvir as perguntas na cabeça de Rory, todas implorando para serem feitas, mas quando nos olhamos, apenas um escapa de seus lábios.

— Então, por que voltou, Angelo?

Não posso deixar de rir. Quantas vezes essa porra de pergunta foi feita a mim desde que aterrissei na *Coast*. E, no entanto, Rory é a única pessoa que saberá a verdade.

— Nos últimos nove anos, minha culpa tem sido uma coceira que não consigo coçar. Preciso encontrar o homem que matou minha mãe e depois preciso matá-lo. — O choque

cruza suas feições perfeitas, mas passa tão rápido quanto chegou.

Ela acena com a cabeça. Enterra o queixo na gola da minha jaqueta. — Quando disse a Alberto que me levaria ao *Devil's Dip* duas vezes por semana em troca de minha ajuda, quis dizer isso.

Meus lábios se contraem. — Parece desapontada.

Sua risada sai abafada. — Estou.

Há aquela porra de sentimento no meu peito novamente. O pesado que empurra contra minha caixa torácica, ameaçando quebrar o que está por baixo. Solidifica o que, no fundo, já sei: estou muito tempo na *Coast* e agora estou muito fundo. Quando me levanto, Rory olha para mim com expectativa.

— Ajude-me a encontrá-lo, e estarei no próximo voo da *Coast*. Você nunca mais terá que se preocupar comigo arruinando qualquer acordo que tenha com Alberto. Não cruzarei a linha na areia — resmungo. Cada palavra sai tensa, mas me forço a manter minha expressão neutra, mas não consigo resistir a deslizar minha mão sobre sua mandíbula, inclinando seu queixo para cima para olhar para mim. — Prometa-me uma coisa, Rory.

Sinto seu pulso pulsar contra o meu polegar. — O quê? — Sussurra.

— Vamos encontrá-lo antes de seu casamento.

Ela faz uma pausa. — Por que?

— Porque vê-la em seu vestido de noivado já é difícil o suficiente, mas vê-la em seu vestido de noiva? — Um rosnado vibra profundamente dentro de mim. Aperto meu aperto. — Isso será a porra da tortura.

Alguns minutos depois, estou parado na base dos degraus de pedra, com as mãos nos bolsos, observando Rory voltar para sua festa de noivado, levando consigo uma parte amarga de mim.

Algo se move atrás de uma árvore, chamando minha atenção.

— Quem está aí? — Rosno, alcançando aquela porra de arma imaginária novamente.

Tor sai de trás do arbusto, fechando o zíper da calça. Ele me vê e para, estreitando o olhar. Seus olhos disparam escada acima bem a tempo de pegar a trilha vermelha de Rory desaparecendo no hotel. Atrás dele, uma loira emerge das sombras, puxando o vestido para baixo, rindo. Ela se firma no braço de Tor, mas ele a afasta, sem tirar os olhos de mim.

— Vá para cima.

Ela olha para ele, depois para mim e de novo, cambaleia escada acima sem dizer mais nada. O silêncio nos envolve. Enrijeço minha mandíbula.

— Aurora é uma boa criança — diz friamente — e meu pai é um babaca, mas não me faça escolher.

Meus dentes roçam meu lábio inferior. — O que isso deveria significar?

— Significa que respeito você, Angelo. Tem sido mais um irmão para mim do que meus próprios irmãos jamais foram. E porra, Rafe é meu melhor amigo, mas o fato é que Big Al é meu pai. — Seus punhos cerram ao seu lado, seus olhos brilhando escuros. — Não vá atrás da sua garota. Não me faça escolher.

Nós nos encaramos pelo que pareceram minutos, antes que subisse as escadas e voltasse para a festa. Eu deveria ter dito a ele que não chegaria a isso. Ele não terá que escolher

porque traçamos uma linha na areia, mas esse é o problema das linhas na areia. Eventualmente, desaparecem e não consegue se lembrar de onde as desenhou.

Quando não há limites porém, nem linhas para encaixotar, coisas ruins acontecem. Guerras acontecem, assassinatos acontecem. E não posso, não quero, ficar na *Coast* para evitá-los.

Portanto, em vez de traçar essa linha na areia, terei que esculpi-la em concreto.

22

Rory

— Meu nome é Rory Carter, e eu faço coisas ruins.

As palavras mal saíram de meus lábios quando o vento as arrebatou e as carregou sobre o mar agitado. Eu as digo em nada mais do que um sussurro; hiper consciente da multidão a apenas alguns metros atrás de mim.

Dia de Todos os Santos. O primeiro domingo de novembro, dedicado a celebrar os entes queridos que se foram. Já fiz uma pequena oração pela minha mãe, e agora estou no meio de um mar de Visconti, que viajou por toda parte para se reunir em torno do túmulo conjunto dos pais de Angelo.

Vai chover. As nuvens estão baixas e cor de carvão, e há uma mistura familiar de umidade e estática no ar. Assim que olho para um corvo voando acima, uma gota gorda e molhada cai em minha bochecha.

É seguida por uma mão pesada apertando meu ombro, e a maneira como me encolho em resposta faz minhas costelas doerem novamente. Esta manhã, Greta me deu um punhado de analgésicos junto com um lado de *eu te avisei,* mas fizeram pouco para atenuar a dor. Ela estava certa; *havia* me dito para não usar cabelo cacheado na festa de noivado, mas não dei ouvidos. E, aparentemente, esse pequeno ato de desafio justificou Alberto me empurrando escada abaixo assim que chegamos à mansão.

Agora, ele está parado ao meu lado, seus dedos arranhando minha clavícula. — Venha aqui. — Sibila em meu ouvido. A raiva em seu tom são as sobras da noite anterior. Isso envia um arrepio de desgosto pela minha espinha, e conforme mais gotas geladas começam a cair, fecho meus olhos.

Meu nome é Rory Carter e posso fazer uma coisa muito, muito *ruim.*

Entretanto, como sempre, mordo minha língua. Deslizo naquele sorriso perfeito. Alberto enfia um guarda-chuva na minha cabeça e um braço gordo ao redor da minha cintura e me guia de volta para a multidão de enlutados, parando em frente ao túmulo. É lindo; esculpido em mármore e coberto com dezenas de rosas vermelhas frescas.

Atrás dela, o padre alisa as vestes e olha desajeitadamente para o lado, onde uma mulher que nunca vi já está chorando. Soluçando por trás do véu de renda, engasgando com um lenço de seda.

— *Dio mio* — Alberto murmura baixinho. — De novo não. — Então sua mão escorrega da minha cintura e pressiona o guarda-chuva em meu punho. — Vou tentar calá-la — resmunga, mergulhando na chuva e se transformando em um cavalheiro. Ele a puxa para seus braços e esfrega suas costas.

Sempre tem que ser o centro das atenções.

O calor beija meus dedos quando alguém desliza a alça do guarda-chuva de meus dedos para os seus. Meus olhos pousam na mão que agora segura o guarda-chuva sobre nós dois e, imediatamente, meu coração para.

Sempre acontece na presença de Angelo.

— Ela fez a mesma coisa no funeral.

Sem olhar para cima, cerro os punhos contra o peito. — Quem é ela?

— Não faço ideia. A madrasta do primo da minha tia se mudou duas vezes, provavelmente.

Apesar da dor no peito e do friozinho na barriga, reprimo o riso.

Seu olhar aquece minha bochecha. — É um dia chuvoso em novembro. O que há com os óculos de sol?

Com o coração batendo forte, empurro-os pelo nariz e continuo olhando para a grama lamacenta sob meus saltos altos. Antes de Alberto me empurrar escada abaixo, tentou golpear meu rosto, mas, estando tão bêbado, errou, e apenas a superfície facetada de seu anel conseguiu raspar minha bochecha. É uma marca pequena, mas é o tipo de marca que as pessoas perguntam, mesmo com uma camada de base de um centímetro e espessura.

Estou tentando ao máximo não olhar para Angelo, porque fazer isso é sempre um jogo perigoso. Ele tem uma atração magnética que só posso resistir por tanto tempo. Espio por cima da borda das minhas lentes e me permito absorvê-lo. *Goose,* seu perfil forte nunca para de me socar no estômago. Está em pé sob o tecido preto do guarda-chuva, vestindo um blazer preto não muito diferente do que colocou sobre meus ombros ontem à noite, e uma gola rolê macia da mesma cor aparecendo por baixo. Sua mandíbula está tensa, sua maçã do rosto projetando uma sombra acima dela, e está olhando para frente.

Embora, não possa dizer o que ele está olhando.

— Você também está usando óculos de sol — retruco, levantando meu queixo para seus óculos *Aviators* espelhados. — Qual é a sua desculpa?

— De que outra forma deveria verificar sua bunda sem ser pego?

Sua resposta vem rápida e inesperada, e depois do acordo que fizemos ontem à noite, isso me dá uma chicotada. Instintivamente, meus olhos disparam e passam pela multidão por baixo das pontas do guarda-chuva, certificando-se de que ninguém ouviu isso, mas há uma velhinha sob um guarda-chuva próprio à minha direita e, ao lado de Angelo, Vittoria e Leonardo digitam em seus telefones, entediados.

— Cristo, Angelo — murmuro, pressionando meus lábios sobre os dentes para me impedir de sorrir de qualquer maneira. — O que aconteceu com a linha na areia?

— Peça-me um pecado.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam.

— Eu... o quê?

— Um pecado, Aurora. Sei que está familiarizado com o termo.

Um coquetel frio de confusão se acumula em meu estômago, salpicado com uma pitada de aborrecimento. Seu tom é duro e a maneira como me chama pelo meu nome formal é ainda mais difícil. Cerro os dentes, olhando para a boca em movimento do padre, apesar de não conseguir ouvir uma palavra que sai dela.

— Tudo bem, diga-me um pecado, Angelo.

— Eu matei meu pai.

Meu sangue vira gelo. Pisco, balanço minha cabeça, mas nada me descongela do choque. — Pensei que tivesse morrido de hemorragia cerebral?

— Morreu. Atirei na sua cabeça e por isso seu cérebro sangrou.

— Mas porquê? — Sibilo, a emoção arranhando minha garganta.

— Foi ele quem ordenou o assassinato da minha mãe. Descobri alguns dias depois que ele tinha uma prostituta de *Devil's Dip* na linha lateral, e queria nossa mãe fora de cena. — Olho para ele, e a maneira como é tão indiferente me envia um arrepio na espinha. Ele inclina a cabeça para mim, sua expressão impossível de alcançar por trás dos óculos. — Eu também a matei, mas esse não é o meu pior pecado.

— Não é? — Arfo.

— Não. Não contar aos meus irmãos é. Eles não têm ideia.

O ar deixa meus pulmões em um sopro de condensação. A chuva trouxe uma onda de frio com ela, e o frio gelado desce pela gola do meu vestido, me provocando. Como se estivesse me dizendo que, embora a face do penhasco esteja sendo castigada pelo vento e pela chuva, é mais seguro lá fora do que sob o guarda-chuva com Angelo.

Meu olhar queima na lama. — Por que está me contando isso?

Angelo fecha o guarda-chuva com mais força ao nosso redor, me prendendo em seu mundo de escuridão e engano. Ele se inclina mais perto, seu hálito quente roçando minha bochecha roubando a minha.

— Porque deve saber em que tipo de família está se casando. Visconti não cumprem suas promessas, e o Clã *Cove* em particular? — Solta uma zombaria amarga. — Depois de apertar sua mão, deve verificar se o relógio ainda está no seu pulso. — Meu pulso vibra, embora não devesse. E quando seus lábios macios roçam minha bochecha fria, tudo que

achava que sabia sobre o certo e o errado evapora do meu cérebro. — Você é descartável para Alberto — murmura, seu tom ainda mais sombrio do que antes. — Ele vai fodê-la e depois fazer o que quiser de qualquer maneira. São *made men*, Aurora. Trapaceiros e mentirosos.

— E você? Também é um trapaceiro e um mentiroso? — Eu me viro para encará-lo tão rapidamente que meu lábio inferior bate contra o dele, enviando uma onda de eletricidade para a parte inferior do meu estômago. Tinha esquecido que ele estava tão perto. Afasto-me, como se tivesse levado um choque.

Angelo permanece. Encaro a versão distorcida de mim mesma no reflexo de seus óculos de sol, desejando poder ver seus olhos.

Ele engole. — Tal pai, tal filho, Aurora. Traí todas as namoradas que já tive, menti para todos que conheci. — Então se desenrola em toda a sua altura e se volta para o padre. A raiva sai dele em ondas. — Estava certa em querer traçar uma linha na areia. Porque não sou melhor do que eles.

Estou com náuseas. Como se tivesse levado um soco na nuca e uma concussão estivesse se instalando. Meus olhos latejam e, mesmo quando fecho os olhos, não faz nada para aliviar a dor.

Meu estômago está afundando como uma âncora, arrastando meu coração com ele, mas isso é bom. É *ótimo,* certo? Se Angelo é como os outros, é mais fácil odiá-lo, mas não posso ignorar o mal-estar rastejando sob minha pele, o vazio em meu peito.

Porque conheço o velho ditado: *do desejo mais profundo vem o ódio mais mortal.*

Se Angelo ficar na por mais tempo em Coast, vou odiá-lo acima de tudo.

23

Angelo

Quarta-feira. Devo parar de esperar tanto pelas quartas-feiras.

Na viagem de quarenta minutos entre *Devil's Cove* e *Devil's Dip*, Rory e eu trocamos menos de cinco palavras. Todas educadas e profissionais. Eu disse "não" quando ela silenciosamente me ofereceu um *Big Red*, e ela murmurou "tudo bem" quando lhe disse para voltar em uma hora.

Agora, enquanto a vejo pular na estrada e desaparecer na escuridão entre as árvores, meu carro zumbe com palavras não ditas. Os que não são tão educadas e profissionais.

Cristo. Tenho um *Kit-Kat* com sabor de Wasabi derretendo no meu porta-luvas. Sobrou da minha viagem a Tóquio algumas semanas atrás e, quando o encontrei enfiado na bainha da minha bagagem, meu primeiro pensamento foi ela. Sorrio a mim mesmo, *sorrio porra,* imaginando a expressão adorável em seu rosto quando mordeu e recuou com o calor, mas isso foi antes da festa de noivado, antes de traçarmos limites sob *o que diabos é isso.*

A primeira linha, ela desenhou, mas era superficial e, a julgar pelo rubor em sua pele e pela forma como seus olhos ainda encontravam minha boca toda vez que eu falava, sabia que ela desmoronaria como um biscoito se eu pisasse nela. Desenhei a segunda linha depois de falar com Tor. Fiz questão de reforçá-lo com sinais de alerta e uma cerca de arame farpado no dia de Todos os Santos, contando a ela meu segredo mais sombrio, além de algumas mentiras sobre ser

um trapaceiro apenas para selar o acordo. Agora, ela não ficará tentada a cruzar a linha porque deixei claro que não é mais verde do meu lado. Está frio, escuro e estéril aqui.

Ela está melhor *lá.*

Porra. Preciso sair de *Coast* e voltar para minha vida real, longe de Rory e da tentação sombria que segura. Enquanto espero que ela termine com o pai, fortaleço minha determinação respondendo a e-mails de negócios e revisando as anotações de reuniões: qualquer coisa para me ajudar a me conectar com minha vida em Londres novamente.

Parece muito mais longe do que apenas o outro lado do Atlântico.

Quando Aurora finalmente sai da floresta, saio do carro e encosto no capô. Ela me observa cansada enquanto se aproxima, diminuindo a velocidade até parar a apenas alguns metros de distância.

Seu olhar se dilui. — Não gosto quando me encara assim.

Engulo minha réplica, mantenho minha expressão indiferente. — Preciso que me faça uma lista de todos os degenerados que conhece em *Devil's Dip*.

Levanta uma sobrancelha. — De pessoas que acho que poderiam ter matado a sua mãe?

Aceno.

— Está bem.

À medida que se desvia do carro, empurro o capô e bloqueio seu caminho. Ela para, seus olhos subindo para encontrar os meus. — Quer dizer *agora?*

Outro aceno. — Agora mesmo. Quanto mais rápido puder me ajudar a encontrá-lo, mais rápido poderei sair de *Coast.*

Decepção pisca em suas íris, mas finjo que não vi. Como se não me desse um soco na porra do estômago. Passa rapidamente, substituído por uma expressão endurecida e uma espinha de aço. Ela procura em sua bolsa e me entrega um punhado de embalagens de doces. A diversão cresce dentro de mim. Então, puxa um folheto, com as bordas dobradas.

— Tenho um mapa de *Devil's Dip*, na verdade. — Dá um amplo espaço enquanto passa por mim e o desdobra, alisando-o sobre o capô do meu carro.

— Por que diabos precisa de um mapa? Esqueceu onde viveu a vida inteira?

— Não — sussurra, remexendo em sua bolsa em busca de uma caneta. — Ficará surpreso com quantas vezes encontrei turistas perdidos na floresta. De vez em quando, se afastam demais de seu hotel cinco estrelas em *Devil's Cove*, em busca de uma caminhada relaxante pela natureza. Nunca parecem perceber que não é *esse* tipo de parque. Gosto de ter um ponto de referência para ajudá-los.

Estou sobre seu ombro, meu peito roçando suas costas. — Parece algo que uma boa garota faria.

Suas costas tensionam; uma palavra de pássaro sai em um sussurro. Depois se inclina sobre o mapa e começa a rabiscar diferentes partes com uma caligrafia trêmula. Quando se levanta, estou diretamente atrás dela. Mais perto do que esperava. Perto o suficiente para ouvir o suspiro escapar de seus lábios enquanto sua bunda roça minha virilha. Perto o suficiente dela para meu pau estremecer.

— Hum — respira, passando os dedos sobre o mapa. — Marquei uma cruz ao lado do endereço de todos que conheço em *Dip* que corresponde à descrição do homem que matou

sua mãe. Nenhum deles é realmente *criminoso,* mas também não são cidadãos exemplares.

Eu mal estou ouvindo. Estou muito ocupado bancando o árbitro de uma discussão entre meu cérebro e meu pau. Meu cérebro vence e dou um passo para trás. — Obrigado — resmungo, dobrando o mapa e colocando-o no bolso do meu blazer.

Vou para o banco do motorista, mas algo puxando minha lapela me impede de me mover. Carrancudo, olho para baixo e vejo o pequeno punho de Rory amontoando meu blazer. Meu olhar se move de volta para seu rosto.

— Algo que queira dizer? — Pergunto friamente.

Há uma ameaça sustentando meu tom, mas isso não a faz recuar. Em vez disso, encara meu olhar com desafio. — Eu, eh. Acho que devemos ficar um pouco.

Porra. Por que a sua voz envolve meu pau como um torno? É baixo e melodiosa. Cheia de calor e más intenções.

Endureço meu olhar e cerro meus molares. — E acho que devemos entrar no carro e procurar o homem que matou minha mãe.

Ela passa os dentes pelo lábio inferior, balançando a cabeça lentamente. — Ou... podemos ficar um pouco.

A luxúria sobe pela minha garganta, muito grossa e doce para engolir. Sei o que ela quer; está escrito em todas aquelas feições perfeitas. Apesar dos protestos do meu cérebro, meu pau formiga para ela dizer isso.

Seus olhos pousam na igreja. — Confessar é ótimo e tudo mais, mas uh... pensei que, já que estamos aqui... talvez pudesse expiar meus pecados novamente.

— Talvez pudesse. Como planeja fazer isso?

Ela corresponde à minha indiferença. — Com uma ajudinha sua.

Jesus Cristo e todos os seus malditos discípulos. Meus olhos quase reviram em minha cabeça com a sua confiança. É a característica mais sexy que já vi em uma mulher, especialmente quando é tão inesperado.

Eu a encaro com um olhar furioso, tentando manter meus olhos fixos nos dela, e não em seus seios enquanto arqueia as costas e os empurra contra seu moletom folgado. O que preciso fazer é lembrá-la de que está passando dos limites. Sabe, aquele que reforcei ontem com sinais de alerta e arame farpado, mas sou apenas um homem, pelo amor de Deus.

Limpo minha garganta. Passando minha língua sobre meus dentes. — Eu vejo. Bem, que pecados cometeu desde sábado?

Ela para, seus olhos correndo para o lado. — Uh…

— Como pensei — digo lentamente, a diversão crescendo dentro de mim. — Sem pecados, sem surras, Aurora. — Inspirando, sinto minha determinação finalmente mudar de marcha. *Tudo o que preciso fazer é colocar essa garota de volta no meu carro, onde não pode olhar para mim desse jeito.* — Boas meninas não são espancadas.

Seus olhos brilham com algo escuro e perigoso. É a mesma coisa que vi nela na noite em que se tocou para mim. Ela faz uma pausa e, sem aviso prévio, sai do capô do carro e enfia a mão no bolso da minha calça.

Meu sangue gela, porque todo o calor do meu corpo de repente corre para o meu pau. *Puta merda.* Seus dedos estão quentes, traçando uma trilha delicada pela minha coxa, antes de roçar o comprimento do meu pau, que agora está duro como pedra. Sua confiança vacila por um segundo, e só percebo isso porque não consigo tirar os olhos dela.

— Oops — diz, um sorriso tímido brincando em seus lábios. — Não era isso que eu estava procurando.

Mordo minha língua, ficando imóvel e silencioso, como se meu coração não estivesse batendo contra minha caixa torácica, e não lutasse contra um instinto animal de agarrá-la pela nuca e limpar aquele sorriso de seu rosto. Quando ela tira a mão da minha calça, algo prateado brilha em suas mãos. Meus olhos caem para o seu punho enquanto o segura, triunfante.

A chave do meu carro.

— Você está certo — diz asperamente. — Sem pecado, sem surras. Acho que é melhor cometer um então. — Arregalando os olhos, faz uma careta que a levaria rapidamente para o céu se Deus tivesse um ponto fraco por loiras de olhos de corça. — Só um pequenino.

Pego o final de seu sorriso conforme ela desliza entre mim e o capô do meu carro e caminha até a porta do lado do passageiro. Meus olhos se movem entre a chave em sua mão e a carroceria preto fosco do meu *Aston Martin*. Por alguma razão, estão a apenas alguns centímetros um do outro.

Meu olhar escurece. — Estaria louca.

Ela morde o lábio e olha para mim, com expectativa. — Isso é um pecado, certo? — Sussurra. — Um que me valeria uma surra?

Meu maxilar trava e, ao meu lado, meus punhos se fecham com tanta força que os nós dos dedos estalam. — Acho que me confundiu com alguém com quem pode brincar, Aurora — sibilo.

— Tudo bem. — Faz uma pausa. — Não chavearei seu carro, e você pode me espancar de qualquer maneira. Que tal isso?

— Não negocio com terroristas.

— Bem, então. *Oops* — diz novamente. Só que desta vez, seu gorjeio é acompanhado por um som de raspagem. O calor sobe para o meu cérebro e desce pelo comprimento do meu pau, fazendo o sangue ferver em ambas as minhas cabeças. Porra, ela é irritante. Porra, ela é gostosa.

Dou um passo em sua direção. Ela recua um. — Venha aqui.

Ela balança a cabeça, e suas sobrancelhas sobem até a linha do cabelo.

— Faça-me pedir de novo, Aurora. Atreva-se.

Antes que possa responder, eu a agarro pelo pulso, a puxo de volta para o capô do meu carro e bato com o rosto para baixo no capô. Com um rosnado animalesco fermentando dentro da minha caixa torácica, prendo suas pernas contra o para-choque com minhas coxas e prendo meus polegares em sua cintura. E então a puxo.

Ela congela. — O que está *fazendo?!*

— Dando a você o que queria.

— O-o quê? — Vira a cabeça em protesto, mas enrolo meu punho em seus cachos e a empurro de volta para o capô, de modo que sua bochecha fique encostada nele. — Não quero isso *aqui,* Angelo…

— Cale a boca — rosno, puxando rudemente suas leggings e calcinhas até os joelhos. Meus molares rangem com a visão de sua bunda cor de pêssego perfeita, sua fenda rosa saindo por baixo. *Cristo.* As leves marcas vermelhas de onde a decorei com meu cinto no sábado ainda estão aparecendo.

— Alguém verá — grita, sua respiração fria criando nuvens de condensação contra a minha pintura. — Eu…

Antes que possa terminar a frase, arranco o lenço de bolso de seda do meu bolso superior, fecho em um punho fechado e abafo o resto da frase enfiando-o em sua boca. Ela para por um instante, antes de começar a ofegar novamente, mais pesado e mais quente do que antes. Eu me inclino sobre ela, roçando meus lábios contra sua orelha. Pressionando a protuberância dura como pedra em minhas calças contra a fenda de sua bunda. Meus dedos pressionam o lado de seu pescoço. Cristo, uma pele tão macia e sedosa que implora para ser machucada.

— Se quiser agir como um animal, será amordaçado como um.

Ainda prendendo-a no carro com meu peito, me abaixo e desabotoei meu cinto. Arranque-o das alças e enrolo-o ao meu lado.

Ela está respirando pesadamente e eu também. Minha pele está iluminada como um fio elétrico, queimando com um coquetel perigoso feito de partes iguais de raiva e luxúria. A adrenalina zumbe logo abaixo da superfície, e sei que minha crueldade, em toda a sua glória ardente e comichosa, está prestes a ser liberada na bunda perfeita de Rory.

Desta vez, não posso prometer que não vou tocá-la, mas o que *posso* prometer é que desta vez, aguentarei bem mais do que três golpes.

24

Rory

Meu coração bate contra o capô do carro, e um som semelhante bate em meus ouvidos, alimentado pela descrença. *Isso não pode estar acontecendo. Pode?* O frio de novembro passa por minhas costas nuas, um lembrete de que não estou *imaginando* isso. Realmente estou nua da cintura para baixo, curvada sobre um carro a luz fria do dia com uma mordaça improvisada na boca. *Em público.*

Oh, e estou prestes a sentir a fúria de Angelo Visconti.

Santo crow. O que faria para voltar no tempo apenas alguns minutos e retirar meu estúpido ato de desafio. Fui levada pelo calor entre minhas pernas, não pela minha lógica. A lógica teria me dito para engolir minha luxúria, sorrir e entrar no maldito carro. Não cruzar essa linha estúpida.

A calça de Angelo roça em minhas coxas nuas e suspiro. Não sabia que era possível desejar algo que nunca teve e, ainda assim, meu corpo precisa do toque de Angelo como meus pulmões precisam de oxigênio. Tanto que mesmo algo remotamente parecido com o *toque,* todas as minhas terminações nervosas ardem. Minha cabeça está bagunçada em mais de uma maneira. Porque desde que descobri que ele matou o próprio pai com aquelas mãos, me pego imaginando ainda mais como seriam contra o meu corpo.

— Você é uma garotinha safada, Aurora. E agora aprenderá que não está pronta para brincar com um homem de verdade.

Meu pulso palpita entre minhas coxas. Estou salivando com o pensamento de seu cinto beijando minha pele tanto quanto estou com medo. A primeira *rachadura* desce sem aviso ou piedade, ardendo na minha bunda. Congelo, meu coração quase parando com a dor repentina.

— *Gah* — deturpo, lutando contra a seda na minha língua. É instintivo deslizar minha mão para arrancá-lo, mas Angelo pega meu pulso e o torce nas minhas costas.

— Ora, ora, garotinha — fala lentamente, a voz revestida de perigo. — Toda vez que luta, você ganha outra chicotada do meu cinto.

Aperto meus dentes sobre a seda, me preparando para outro tapa. Desta vez, o couro estala com o vento, assobiando como um sinal de alerta antes de cair no meu rosto. Este parece ter toda a extensão de sua força por trás dele, me balançando tanto que o topo da minha cabeça toca o para-brisa. Desta vez, a ardência se transforma em uma queimação baixa e lenta, que sinto no fundo do meu ser. Um calafrio sopra sobre os vergões latejantes, mas, em vez de me refrescar, me lembra como estou quente e exposta. Estamos na estrada principal que leva de *Devil's Dip* a *Hollow* e depois *Cove*. Muitas pessoas não o frequentam no meio do dia, mas não é inédito. A pior parte é que, se vierem de *Devil's Dip*, há uma grande chance de eu conhecê-los.

Estou doente e transtornada por estar tão excitada com a ideia de ser pega.

— Boa menina — Angelo ronrona, de repente me prendendo ao capô com o peso de seu corpo. — Aceitou bem essa.

Eu gemo, sentindo sua enorme ereção empurrando entre minhas bochechas, mesmo através do tecido de suas calças. Fico tonta por poder deixá-lo tão duro - *eu,* a garota boba com

pecados bobos e atitude amargurada. Não posso deixar de empurrar contra ele, ficando na ponta dos pés para esfregar minha bunda nua contra sua protuberância. Acho que não estou *tecnicamente* tocando nele. Tem uma tira fina de tecido no caminho...

Entretanto, o punho de Angelo envolve a parte de trás do meu moletom e empurra meus quadris contra o carro. — Quem lhe deu permissão para se mudar? — De repente, arranca o lenço da minha boca e rapidamente inspiro uma lufada de ar fresco. — Acabou de ganhar outra surra. E desta vez, vou fazê-la gritar tão alto que toda a cidade vai ouvi-la.

— O que...

Antes porém que o protesto escape de meus lábios, Angelo desfere outro golpe, e outro em rápida sucessão. Quase engasgo com o ar que sai dos meus pulmões em um grito longo e alto. Atrás de mim, Angelo ri sombriamente, então move-se para acariciar o topo da minha cabeça em vez de agarrá-la.

Quando sua voz roça minha nuca, é mais suave do que antes. — Porra, Aurora. Adoro quando grita por mim. Isso me faz querer abrir aquela boceta perfeita e enfiar meu pau dentro de você e lhe dar algo para realmente gritar.

Sua boca quente abre um caminho da minha nuca até a concha da minha orelha, e sinto cada segundo disso no meu núcleo inferior. Em algum lugar nos cantos mais escuros do meu cérebro, há uma vozinha dizendo que isso *passa dos limites.* Não, não a surra. Minha lógica doentia me permite justificar isso porque estou expiando meus pecados; apreciá-lo além da crença é apenas um efeito colateral, mas seus lábios tocando minha pele em um lugar tão íntimo, sei que isso é errado, mas também sei que, neste momento, não estou nem aí.

Estendo meu pescoço para expor mais dele, para sentir mais dele contra mim, mesmo que isso me dê outra surra. Sua respiração vibra contra o pulso em minha garganta. *Goose,* o que daria para sentir aquele calor na minha boceta, e sentir seu peso em cima de mim ao invés de apenas atrás de mim.

— Gostaria disso, não é, Aurora? Se eu enfiar meu pau dentro de você.

Meu gemido deixa meus lábios grossos como xarope, e é seguido por um suspiro curto quando seus dentes mordiscam minha orelha. Sim, isso é *definitivamente* cruzar a linha. Como não respondo, estica o cinto amarrado nas minhas costas em uma ameaça silenciosa. Com o coração batendo ainda mais forte, aceno.

— Diga.

— Sim — suspiro. — Quero que enfie seu pau dento de mim.

Sua voz vem baixa e gutural ao meu lado. — É uma mulher comprometida, Aurora — rosna, arrastando o cinto sobre a curva da minha bunda e entre minhas coxas. — O que seu futuro marido faria se soubesse que quer meu pau dentro de você? Acha que gostaria do cinto dele em seu traseiro tanto quanto gosta do meu?

Balanço minha cabeça, mas com uma leve batida de advertência do cinto contra meu clitóris, quase desmorono contra o carro. — Não — choramingo.

— Sou o único que quer batendo em você, não é?

— Sim!

— O único que quer que a foda. — Pontua suas palavras afiadas com outra palmada contra meu clitóris e, desta vez, minhas pernas ameaçam ceder.

— Sim, sim! — Gemo, pressionando as palmas das mãos com força no capuz, como se fosse aliviar a tensão entre as minhas pernas, mas sei que a única maneira de encontrar alívio é se Angelo continuar fazendo *isso lá.*

— E quando seu marido a foder na noite de núpcias, só pensará em mim. — Outro tapa forte e pungente. — Desejando que fosse meu pau abrindo sua boceta apertada.

— Sim — soluço, — Deus, como eu gostaria que fosse você. Por favor, Angelo, não pare de fazer isso. *Por favor.*

Atrás de mim, ele para. Fica tão silencioso que só consigo ouvir o sangue pulsando em meus ouvidos. — Isso? — Sibila com outra palmada com o cinto.

— Sim — choramingo, abrindo mais minhas pernas, convidando-o a bater em minha boceta com mais força. Meus lábios e clitóris ardem deliciosamente, e posso sentir minha umidade escorrendo pela costura da minha coxa.

— Garotas más não podem gozar, Rory — diz em um tom que beira à malícia.

— Estou lhe implorando.

— Não consigo ouvi-la.

— Por favor, Angelo. Por favor, estou implorando que me deixe gozar.

Ele geme — foda-se, baby.

Outro tapa cai no meu clitóris, me jogando para frente. O feixe de nervos lá embaixo dói com uma mistura de dor e prazer, a tensão crescendo como uma tempestade.

Outro tapa. — Sim — suspiro. — Por favor, não pare.

Estou quase lá. Estou chegando ao orgasmo, perseguindo a deliciosa euforia que só Angelo e seu cinto de couro podem

me dar. Ele me bate de novo, e de novo. E então, quando meus joelhos se dobram e um milhão de fogos de artifício explodem na parte inferior do meu estômago e enviam uma onda de delírio por todo o meu corpo, segura o cinto ali, oferecendo-me fricção dura e fria para esfregar.

Caio contra o capô, meus mamilos formigando, minha bunda nua e boceta pegando fogo. Só posso imaginar o estado de visão de Angelo agora, como meu traseiro deve estar inchado e vermelho. Uma vez que recupero o fôlego e meu barato se acomoda ao meu redor como poeira, me apoio nos cotovelos, minha cabeça afundando entre meus ombros.

— Vamos para o inferno, Angelo.

Ele não diz uma palavra. Depois de alguns momentos de silêncio, lentamente puxa minha calcinha de volta para cima das minhas coxas, sendo gentil quando atinge os vergões sensíveis na minha bunda. Faz o mesmo com minhas leggings, e então sinto algo macio caindo sobre meus ombros. Olho para baixo e percebo que ele colocou sua jaqueta ao meu redor. Suas mãos correm pelos meus ombros até meus antebraços e permanecem lá, quentes, fortes e reconfortantes.

Por um breve momento, fecho meus olhos e inclino minhas costas contra seu peito, me deliciando com a sensação. À distância, as ondas quebram contra as rochas abaixo, e as árvores que margeiam a entrada da *Preserve* sussurram ao vento.

Seus lábios roçam sobre minha coroa. — Já estou nele.

Arrepios sobem à superfície da minha pele, apesar de Angelo agora me manter aquecida. Sem outra palavra, me solta e caminha para o lado do motorista, seu pau ainda lutando contra a calça.

— Entre, está prestes a chover.

No segundo em que liga a ignição, acontece. Grandes gotas de gordura pousam no para-brisa, criando um lençol antes de serem arrastadas pelos limpadores. Angelo aperta um botão no painel, ligando o assento aquecido apenas do meu lado. Sorrio suavemente na gola de sua jaqueta, me deleitando com seu cheiro forte e calor. Por alguns minutos, dirigimos em silêncio, Angelo dirigindo com uma mão enquanto move sua atenção entre a estrada e meu mapa em seu colo.

— Abra o porta-luvas. Tem algo aí para você.

Franzindo a testa, abro.

Então meu sorriso se estende em um sorriso largo.

25

Angelo

— Há podridão no porão, mofo na sala de estar e um dos canos da lavanderia estourou, então não há lavadora e secadora por enquanto.

Olho da papelada na minha frente até Gabe, parado na porta do antigo escritório de nosso pai. Apesar de ser novembro e estar mijando de chuva, meu irmão está sem camisa e suado, parecendo um maldito calendário *Chippendale*.

— Ainda bem que todas as minhas roupas são apenas lavagem a seco.

Ele revira os olhos e se empurra para fora do batente da porta. — Claro que são, princesa. — Resmunga enquanto caminha de volta pelo corredor.

Reprimo a diversão, voltando minha atenção para os contratos que minha assistente pessoal, Elle, me enviou por correio aéreo durante a noite. Passei a manhã inteira cuidando deles e marcando reuniões com o departamento jurídico e financeiro para a próxima semana. Fazer planos em Londres me dá um prazo. Encontrarei o filho da puta que matou minha mãe e sairei da costa em menos de sete dias, e definitivamente, com certeza, antes do casamento.

Do lado de fora, um motor luta para ligar. Franzindo a testa, me levanto e caminho em direção à janela, olhando para a entrada. Gabe se mudou da umidade e da podridão, e agora está mexendo no amado *Firebird*[31] do meu pai, que foi

deixado apodrecendo na garagem por quase uma década. Ele não dá a mínima para a chuva caindo em suas costas nuas. Está muito ocupado agachado sob o capô, com uma lanterna na mão e um trapo sujo no bolso de trás da calça jeans.

Semana passada, Gabe acabou de aparecer e disse que ajudaria na reforma da casa, como eu havia pedido. Está aqui todos os dias desde então, ocupando-se com reformas e remoções e, no processo, removendo todos os vestígios de nosso bastardo pai de nossa casa de infância. Vim ontem à noite depois de deixar Rory para ver a caixa de charutos de charutos de nosso pai virada para o lixo, e esta manhã, uma pilha de pinturas de Giorgio Morandi estava caída contra as portas do pátio, a tela cortada.

Nosso pai adorava aquelas malditas pinturas.

Enfio as mãos nos bolsos e o observo por um tempo. Minha mente salta de volta para o campo de cerejeiras em Connecticut, e as palavras de Gabe chocalham em minha cabeça.

Eu sei o que fez.

Não sei como Gabe sabe que matei nosso pai, ou por que me agradeceu por isso, mas há muito que não sei sobre Gabe atualmente. Como por que diabos está obcecado em destruir nossa casa e o que mais normalmente faria em vez disso; mas isso é o máximo que vejo dele em anos, o mais feliz que já o vi também, então tenho certeza que não estragarei tudo. Viro-me, correndo um olhar frio sobre o escritório. É o único cômodo da casa que Gabe ainda não demoliu, e quando perguntei por que, seu olhar escureceu e resmungou — Você pode fazer isso, porra.

Parece exatamente o mesmo de uma década atrás. A mesma escrivaninha de mogno e estante combinando. As mesmas molduras preenchidas com as mesmas imagens. A

única diferença é a espessa camada de poeira que cobre os armários e a mancha escura no carpete atrás da mesa. Esse é o local onde meu pai teve seu infeliz sangramento cerebral.

Lentamente, ando pela sala, contornando a mesa e parando de costas para a porta. A partir daqui, meu olhar passa pelas mesas e pela janela, onde a colina íngreme desce e encontra a cidade abaixo. Isso tudo era para ser meu. Algo que não reconheço pisca na boca do estômago, mas antes que possa dar um nome, um carro entra na frente.

O que diabos Tor está fazendo aqui?

Indo descobrir, subo as escadas e saio para a varanda da frente, no momento em que Tor está correndo pela entrada, usando a pilha de arquivos em sua mão como um guarda-chuva. Dá um tapa no ombro de Gabe ao passar, antes de parar sob o telhado.

— Puta merda — resmunga, esticando o pescoço para espiar pela porta da frente e para o foyer. — Bem, isso não é uma explosão do passado. Está tentando virar?

— Não. Vamos usá-lo como base quando chegarmos à cidade. Estou ficando cansado de ter seu irmão como vizinho no *Visconti Grand*.

— Sim. Aposto que Dante também está cansado de esbarrar em você no elevador. Aqui. — Pressiona um envelope pardo no meu peito. — Big Al queria que eu lhe desse isso.

Olho para o envelope. — O que é?

— Foda-se se eu sei. Desde que matou Max, me tornei seu novo lacaio. Pôs-me a entregar arquivos para você e...

Uma porta de carro bate. Ambos olhamos para cima para ver Aurora saindo pela porta do passageiro.

— ...babá da sua *baby sugar*.

Meu coração salta no meu peito, e corro um olhar sutil sobre o seu comprimento. Cristo. Que porra ela está fazendo com aquela saia minúscula? Mal cobre a sua bunda. Tanto a possessividade quanto a luxúria fermentam sob minha pele, e tenho que apertar minha mandíbula para manter minha expressão despreocupada.

Tor olha para mim, e nossos olhares se chocam. Seu queixo treme, mas não diz nada sobre o que viu na festa de noivado.

— Onde vai? — Pergunto, fingindo, indiferença salpicando meu tom.

— Vou deixá-la em uma prova de vestido.

— Por que, que grande evento o Clã *Cove* planeja agora?

Ele me lança um olhar estranho. — O seu vestido de noiva, seu idiota do caralho.

O nó na minha garganta engrossa. Para impedir que minhas mãos se fechem em punhos, abro o envelope. Dentro, há dois arquivos e, enquanto os examino, minha carranca se aprofunda.

— O quê? — Tor estica o pescoço para olhá-los. — Espere, isso é...

— Não é da sua conta, senão já saberia.

Seu olhar endurece. — Não me irrite, *cugino.* Foi um pedido de permissão de planejamento para a *Devil's Preserve*? — Apenas um leve alívio pisca dentro de mim. Ele não viu o segundo documento, pelo menos. — Porque pensei que já tinha dito a ele e Dante para se foderem...

— Disse. — Meus molares se apertam. — E isso foi antes de ele convencer Aurora a se casar com ele.

— Sim? O que isso tem a ver com alguma coisa?

— Aurora se casará com seu pai para impedi-lo de construir na *Preserve*. — Saboreio a confusão nublando seu rosto e aceno. — Certo. Não sabia.

Ele faz uma pausa, então se inclina contra a alvenaria. — Não, não sabia — murmura para si mesmo, passando o polegar sobre o lábio. — Eu apenas pensei que ela era uma garimpeira como os outros.

— Não. Apenas uma hippie.

Ele me olha, estreitando os olhos. — Big Al não é dona daquelas terras, você é.

— Não me diga, *Sherlock*.

— Então, por que ela pensa o contrário?

— Porque seu pai é um pervertido que não consegue conquistar garotas na faixa etária que gosta sem mentir e chantagear.

Seus olhos estreitam, e percebo que escapou dos meus lábios com mais veneno do que o necessário.

— Vai contar a ela?

— Não, porque então ele vai matá-la.

— Certo — murmura, mas posso dizer que essa revelação o perturba. Examina o quintal e solta um pequeno grunhido quando seu olhar pousa em Gabe. — Aquele é o velho *Pontiac Firebird* do tio Alonso?

— Sim.

— Cara, preciso dar uma olhada melhor nisso. Nunca pude apreciá-lo quando criança.

Faço também uma varredura no quintal, percebendo que não consigo ver Rory em nenhum lugar na chuva.

— Onde ela foi?

Tor empurra-se para fora da casa e desce os degraus em direção a Gabe. Com um sorriso travesso por cima do ombro, diz — Ela avistou o hangar no caminho para cima. — Aponta-me um dedo, escurecendo o olhar. — Não faça nada pelo qual eu teria que cortar sua mão.

— Cala a boca, Tor.

A chuva se afoga em sua gargalhada. Deslizo pela lateral da casa em direção ao hangar. Mandei atualizar o antigo hangar de helicóptero do meu pai quando ampliei nossa pista de pouso privada para acomodar meu jato. Voei algumas semanas atrás e prefiro tê-lo aqui acessível do que no campo comercial.

Levo alguns segundos para localizar Rory, porque ela está se equilibrando na porra da asa, olhando para a cabine. — Tem um desejo de morte? — Rosno, me aproximando. — Desça. *Agora*.

Ela olha para mim, pegando meus olhos correndo pelo comprimento de suas pernas bronzeadas até a curva de sua bunda visível sob a saia. Cristo, Alberto deve estar louco por deixá-la sair de casa assim.

— Tem certeza que quer que eu desça? — Canta com um sorriso tímido.

Mordo minha língua. Atiro-lhe um olhar de advertência. Quando seu sorriso só aumenta, me empurro para cima da asa e a seguro pelas coxas. Ela arfa quando a coloco sobre meu ombro como um bombeiro, meu polegar roçando sua calcinha enquanto desço de volta ao chão.

Ofegante, ela olha para mim timidamente. Tento não deixar meus olhos caírem para o rubor rastejando debaixo de sua blusa, mas é quase impossível.

— Não suba por aí como a porra de um macaco, Aurora.

— Porquê, com medo de que eu estrague a pintura? — Murmura de volta, os olhos brilhando.

Mastigo o interior do meu lábio, dando a ela um pequeno aceno de cabeça. Inacreditável. Essa garota realmente acredita que me deu uma vantagem ontem ao roubar meu carro e me forçar a rasgar sua bunda em carne viva.

— Não. Mais como se estivesse preocupado que quebrasse uma perna e não fosse capaz de caminhar até o altar no sábado — digo lentamente, olhando para ela.

Uma linha bonitinha marca sua testa, e a maneira como seu lábio inferior se projeta me dá vontade de mordê-lo. — Foda-se — murmura virando.

Antes que possa voltar para a chuva, agarro seu pulso e a puxo para que fique a apenas alguns centímetros de distância de mim. Tão perto que ela tem que esticar o pescoço para encontrar meu olhar.

— Por que está rastejando em volta do meu jato, afinal? É um pouco mais difícil de roubar do que um colar, *Magpie*.

Ela abaixa o quadril, aquele rubor escurecendo em sua pele de porcelana. — Sabe que é um mito, certo?

— O quê?

— Que *Magpie* rouba coisas brilhantes? A verdade é que as *Magpie* têm muito medo de qualquer coisa que brilhe ou reluza. Claro, *acumulam,* mas tendem a ser galhos e pedrinhas, qualquer coisa com a qual possam construir um ninho. Acho que toda essa coisa brilhante vem do folclore

europeu... — se cala, estreitando-me os olhos. — Por que está me olhando assim?

Só agora percebo que há um sorriso estúpido em meu rosto. — Assim como?

— Como... engole. Desce a linha dos olhos para os meus lábios. — Como se quisesse me beijar.

Porque tudo o que penso é em reivindicar aqueles lábios, mesmo quando falam merda sobre pássaros que não poderia me importar menos. Ignorando o calor subindo o comprimento do meu pau, empurro meu queixo em direção à porta do jato. — Gostaria de ver por dentro?

Seus olhos se iluminam. — *Cluck*, sim!

— Cristo, Rory. Alguma vez já disse um palavrão?

— Nem uma vez na minha vida — cantarola de volta, calorosa em meu encalço enquanto desço as escadas.

Inclino-me para trás no parapeito e arrasto um olho para aquelas pernas novamente. — Depois de você.

Ela está muito animada para notar meu olhar malicioso, subindo as escadas e quase me deixando ver a cor de sua bunda. Respirando fundo e murmurando um palavrão baixinho, sigo-a e me inclino contra a porta da cabine enquanto ela se agita na cabine de comando.

— Santo *crow*, a tela do radar é enorme.

— Isso é o que todas as garotas dizem.

— Uh-huh, aposto — murmura, sem olhar para cima. — Oh, seu leitor VOR é *touchscreen*? Isso é incrivelmente extravagante. — Gira. — Este é o G700 ou o G800?

Ergo uma sobrancelha. — G800. Como sabe tanto sobre aviões?

Dá de ombros. — Não sou tão estúpida quando pensa que sou.

— Não acho que seja estúpida — murmuro de volta, antes que possa me impedir.

Travamos os olhos por um segundo. O seu amplo e expectante e o meu endurecendo no momento em que percebo que o que eu disse foi *quase* um elogio. — Seu pai pilota?

— Não. Eu tinha um lugar na escola de pilotos.

— Está me sacaneando.

A carranca que lança em minha direção sugere que não. Ela afunda na poltrona de couro do piloto e enfia uma mecha de cabelo - liso hoje, infelizmente - atrás da orelha. — Não. Fiz os créditos preliminares no DCA, porque obviamente é a única escola por aqui que oferece uma turma assim. Passei em todos os exames e recebi uma oferta condicional na *Northwestern Aviation Academy*.

É uma escola muito boa. — E então?

Ela muda. Cruza uma perna lisa sobre a outra. — Não fiz o exame final.

Franzo a testa. — Por que não? — Sei o curso que ela quer dizer, porque também fiz. Em vez de ir para a faculdade de aviação, ocupei meu lugar na *Oxford Business School* e acumulei minhas horas nos fins de semana. Tirei minha licença recreativa primeiro, depois a licença de piloto privado há cerca de cinco anos mas me lembro do exame de que ela está falando; foi muito fácil.

— Não me apeteceu.

— Aurora.

Ela bufa, fechando brevemente os olhos. — Por favor, não diga meu nome assim. É um maldito pecado em si.

— Diga-me por que não fez o exame.

— Porque sua antiga escola estava cheia de idiotas — retruca, levantando-se de um salto e voltando-se para a cabine de comando.

Passo a língua pelos dentes. Certo, sim. Como poderia esquecer - ela fodeu metade da *Academy*, se é que se pode acreditar naqueles merdinhas no jogo de pôquer. Amargura e raiva me atingiram como um soco no estômago. Enquanto minha respiração se esforça, seguro a vontade de perguntar os nomes de todos que ela já fodeu. Vou adicioná-los à lista de garotos que preciso matar antes de deixar *Coast*.

Em vez disso, respiro fundo e observo a chuva pela janela do hangar. *Não é da minha conta.* E realmente não preciso de outro motivo para ficar com raiva. Na minha visão periférica, vejo Rory estender a mão para verificar o indicador de altitude.

Meu olhar cai para a bainha de sua saia, que agora está subindo por sua bunda para revelar as marcas roxas e vermelhas das chicotada na curva de suas bochechas. *Cristo.* Ainda está super crua. Ela realmente aceitou isso como uma campeã. Quase enlouqueci quando me implorou para espancar seu clitóris também, e estou desesperado *pra* caralho para ver como sua boceta está inchada depois disso.

Deixando escapar um pequeno gemido, pego a caneta que está apoiada no tronco e uso a ponta para levantar sua saia e revelar sua calcinha.

Ela congela. — O que está fazendo?

Meus olhos se fecham. *Gostaria de saber.* — Está usando a mesma calcinha que usava no Halloween. — Com meu pau

latejando, deslizo a caneta sob o fino tecido rosa e empurro-a suavemente para o lado. — Sabe, acho que tenho o sutiã combinando em algum lugar — digo secamente.

— Uh, sim. Posso, hum, recuperá-lo?

— Não, é uma lembrança.

— Do quê? — Sussurra grosseiramente.

— Da época em que quase fodi a garota mais gostosa que já conheci.

Passo a ponta da caneta entre os lábios de sua boceta, separando-os delicadamente. Faz um som ofegante irresistível que instantaneamente fala com meu pau. Puta merda, o que daria para ter esse som no meu maldito ouvido enquanto batia nela.

— Abra um pouco mais as pernas, Aurora — murmuro, minha voz revestida de luxúria.

Como uma boa menina, faz o que lhe é dito, seus braços tremendo enquanto a sustentam na cabine de comando. Apesar da vontade de rasgar aquela calcinha boba de lado e mergulhar nela, não posso ignorar o pequeno lampejo de malícia lambendo o canto dos meus pensamentos. Vendo uma oportunidade de brincar com ela, continuo. Em seguida, remova lentamente a caneta dela.

— Sabe, acho que isso conta como toque.

— O-o quê? Não é...

— Sim, na verdade tenho certeza disso. Definitivamente tocante.

Ela mergulha a cabeça entre as omoplatas e geme. — Jura?

— Mmm. Infelizmente.

— Mas é uma caneta!

— Sim, mas toquei a caneta antes que a caneta tocasse em você... — paro, mordendo meu lábio em diversão. — Não é uma boa ideia. Em breve será uma mulher casada, Aurora.

Ela se vira, alisa a saia e me lança um olhar furioso. — Está falando sério?

— Mortalmente.

— E isso é porque risquei o seu carro?

— Não. — Sim — Apenas me certificando de não cruzar essa linha.

Olhamos um para o outro. *Bang, bang, bang*. O som de um punho batendo na lateral do jata faz Rory pular.

— Vocês dois pombinhos podem se apressar? — A voz de Tor sobe as escadas e entra na cabine. — Tenho mais coisas para fazer hoje além de ser o lacaio do meu pai.

A boca de Rory se abre com o comentário de Tor, mas apenas sorrio. Ele é um idiota. Eu me inclino, bebendo seu doce perfume e o calor de seu constrangimento.

— Irei primeiro para lhe dar um momento para... se *recompor.*

Com uma risada sombria e satisfeita, desço as escadas, usando a pasta parda para esconder minha ereção dura como pedra de meu primo. Rory desce alguns segundos depois, e estou impressionado com o quão legal seu comportamento de repente é.

— Estou pronta para ir — bufa, passando por mim sem ao menos olhara para traz.

— Ótimo — Tor resmunga. Ele sai do hangar, levantando um aceno preguiçoso para mim enquanto sai. — Vejo-o daqui

a pouco, *cugino.*

— Mais tarde.

Com um sorriso ainda brincando em meus lábios, paro na porta do hangar e observo o carro de Tor desaparecer colina abaixo. Em seguida, examino o que mais preciso fazer hoje.

Primeiro e mais importante, preciso ir e foder meu punho, porque a visão da calcinha rosa de Rory e da boceta molhada me colocou em um turbilhão. Por isso, sairei para a cidade com o mapa de Rory, fazendo visitas aos garotos que não investigamos ontem.

Dou um passo na chuva, então percebo que deixei meu telefone na cabine. Enfiando o arquivo debaixo do braço, subo as escadas de dois em dois e pego-o do assento do primeiro oficial.

Algo me chama a atenção. É rosa e rendado, pendurado no bastão central. Levo alguns segundos para perceber o que é.

Embaixo, há uma nota rabiscada no diário de bordo em uma caligrafia feminina.

Para adicionar à sua coleção.

Balançando minha cabeça em descrença, seguro a calcinha de Aurora, trazendo-a aos meus lábios. Está quente e molhada.

Inspiro profundamente, enchendo minha alma com o cheiro de uma garota que nunca será minha.

26

Rory

Noite de sexta-feira, outro jantar Visconti.

É uma rara ocasião em que estou no camarim sem Greta zumbindo ao meu redor como uma mosca amarga, mas Dante a enviou à cidade para levar alguns recados. Por isso, levo meu tempo, tomo banho na suíte e esfrego suavemente a loção no meu traseiro dolorido.

Cada vez que minha mão roça minha pele, ou me sento com muita força, uma onda de choque de prazer percorre meu estômago. É um lembrete constante de Angelo e do pecado sujo que compartilhamos. À medida que me aproximo do casamento, sinto-me cada vez mais imprudente; não consigo me agarrar ao meu decoro ou moral toda vez que Angelo lança aquele olhar pesado e verde-mar em mim. Ontem, enquanto estava na sala de recepção da mansão à beira-mar de Donatello e Amelia com o vestido de noiva branco em que estarei caminhando pelo corredor, algo me ocorreu.

Talvez chegar perto do dia em que casarei com Alberto seja parecido com a sensação que as pessoas têm quando sabem que estão prestes a morrer e não há nada que possam fazer a respeito. Ouve histórias sobre as verdadeiras cores das pessoas sendo reveladas. Declarando seu amor eterno em suas últimas respirações, ou confessando seu segredo mais profundo e sombrio que não querem levar para o túmulo.

O casamento parece o fim. Estou correndo em direção a ele, chegando cada vez mais perto e agora, minhas

verdadeiras cores estão aparecendo.

Sou Rory Carter e faço coisas ruins. G*osto* de fazer coisas ruins.

Reprimo um sorriso enquanto coloco meu sutiã e calcinha, em seguida, enrolo um roupão de seda ao meu redor. Estou caminhando em direção ao armário em uma tentativa de escolher algo que não me faça parecer uma prostituta de classe A antes de Greta voltar, quando há um *thump, thump, thump* na porta.

Isso me faz parar no meio do caminho. É pesado e fora do ritmo.

Limpo minha garganta e chamo — Quem é?

Nenhuma resposta. Com o coração disparado no peito, estou atravessando a sala para ver quem está lá quando a porta se abre e Alberto cai para dentro do cômodo.

Salta para trás em estado de choque, empurrando-me contra a parede espelhada.

— O que está fazendo? — Explodo.

Ele tropeça no meio da sala, balançando enquanto se estica em toda a sua altura. — Boa noite, *Signora* Visconti — murmura, arrastando um olhar malicioso sobre meu corpo.

Meu olhar se estreita. — Está bêbado.

Muito bêbado. Eu o observo com cautela enquanto se acomoda na poltrona no canto da sala e me olha. Ele passou o dia todo no *Devil's Cove Gentleman's Club* em um torneio de bridge. E mesmo que pudesse ficar de pé sem balançar, seria capaz de dizer que está meio podre pelo fedor de uísque azedo que trouxe para a sala com ele.

— Venha sentar no meu colo, baby. — Com um grunhido esquisito, bate a mão gorda na coxa ainda mais gorda.

Escarneço dele, enojada. — Absolutamente não. Peça a alguém para lhe trazer um café e um Advil.

A amargura queima o fundo da minha garganta e resisto à vontade de jogar uma maldita lâmpada na sua cabeça. Já faz quase uma semana desde que me empurrou escada abaixo, e mesmo que a dor nas minhas costelas tenha diminuído para uma dor surda, a raiva que sinto quando o vejo ainda queima forte. Consegui evitá-lo na maior parte do tempo, mas isso não significa que minha mente não esteja constantemente correndo com maneiras de me vingar. Talvez desta vez não seja tão mesquinho.

— Sente-se no meu colo, Aurora — rosna novamente. — Quero sentir essa bunda apertada contra o meu pau. — Abaixa o tom, lambendo os lábios já molhados. — Mal posso esperar para sentir também como é essa boceta apertada.

Um arrepio percorre minha espinha e se instala em uma poça de desgosto. Calor queimando minhas bochechas, tento ignorá-lo. Ignore os valentões e eventualmente ficarão entediados, certo? Esperançosamente, esse conselho do *playground* pode ser aplicado a mafiosos obesos com complexo de Deus, mas quando me sento na frente da penteadeira e começo a aplicar minha maquiagem, posso vê-lo ainda me olhando no reflexo do espelho.

— Não posso acreditar em uma semana e um dia, terei uma virgem. — Reorganiza o tecido na frente de suas calças, rindo sombriamente. — Na minha idade avançada. Diga-me, Aurora. Essa bunda também não foi reclamada?

Calor queima minhas bochechas, mas ainda não respondo. Em vez disso, aplico minha base com uma esponja, passando por cima do leve corte na órbita do olho mais

algumas vezes. Agora, é pouco visível sob uma espessa camada de maquiagem.

— Hum. Sabe... — A poltrona range quando joga o peso para a frente. — Poderia fodê-la na bunda e ainda seria virgem, certo? — Congelo por um segundo, meus olhos se arregalando com meu próprio reflexo. — Talvez faça isso esta noite para dar a você uma pequena amostra de como é a vida de casado.

— Vá se empanturrar — sibilo. O veneno sai da minha boca antes que possa detê-lo. Encolho-me com o quão alto minhas palavras são, mas pela primeira vez, não gostaria de poder retirá-las. Estou com muita raiva. Minhas têmporas estão latejando e minha pele está com bolhas. — Se chegar perto de mim, vou chutá-lo com tanta força na virilha que seus filhos não poderão ter filhos.

O silêncio é ensurdecedor. Respiro fundo e me forço a me manter firme. Sem coragem de olhar para Alberto no espelho, olho para minha bolsa de maquiagem e cerro os punhos sobre a seda do meu roupão, mas ainda não terminei. Abri as comportas e mais veneno decidiu verter através.

— De qualquer forma, talvez não fique por aqui para descobrir como é a vida de casada. Ouvi você falando com o advogado sobre mudar nosso contrato. O que está planejando, Alberto? Porque se vai brincar comigo independentemente do que lhe der, não me casarei com você e *certamente* não farei sexo com você.

Agora, me atrevo a olhar para ele. Apesar de seu olhar instável, está olhando para mim. Com um bufo alto, se levanta da poltrona e atravessa a sala. *Cristo.* Ele é mais rápido do que pensei que seria, e quando coloca a mão em volta da minha nuca e puxa meu queixo para encará-lo, percebo que tinha esquecido o quão forte é. Mesmo para um velho bêbado.

— Andou bisbilhotando — olha de soslaio, seu aperto me forçando a arquear minhas costas e encontrar seu olhar. — Você fará bem em aprender a cuidar da porra da sua vida, Aurora. Caso contrário, este casamento será muito mais doloroso para você do que pode imaginar.

— Diga-me — falo, sentindo a pele ao redor da minha garganta esticar.

— Realmente quer saber? — Dispara.

Consigo um aceno de cabeça.

Um sorriso torto e sinistro se estende por seus lábios enrugados. Do meu ponto de vista invertido, é demoníaco. — Adicionei uma cláusula ao seu contrato que afirma que nosso acordo é nulo e sem efeito no momento em que não for mais virgem.

pestanejo. Um baque pesado bate no meu peito. — Mas se eu fizer sexo com você, não serei mais virgem…

A compreensão desaparece, permanecendo no ar denso entre nós. Sua risada é lenta e melosa, e eu a sinto revirar meu estômago. — Agora entendeu — ronrona.

Alimentada pela raiva, tento me desvencilhar de suas mãos, mas ele me puxa para trás e voo por cima do espaldar da cadeira e caio no chão. O camarim gira em tons de branco e, de repente, Alberto está em cima de mim, seu estômago pesado pressionando contra o meu.

Oh, swan. Agora estou com problemas. Abro a boca para gritar, esperando que, mesmo que Vittoria ou Leonardo me ouçam, pelo menos *alguém* venha me ajudar, mas sua mão quente e suada aperta meu queixo antes que possa emitir um som.

— Realmente acha que aquele contrato significa merda nenhuma, afinal? A *Devil's Preserve* nem é minha terra, sua

vadia estúpida.

Sentindo meu corpo ainda embaixo dele, um sorriso malicioso e satisfeito cruzou seu rosto. — É *Devil's Dip*. Território de Angelo.

Uma sensação horrível gira na boca do meu estômago, me fazendo querer vomitar. *Como poderia ter perdido isso?* A floresta é território do *Devil's Dip*. Claro, não fazia ideia de que Alberto não tinha autoridade em *Devil's Dip*, porque não sabia que Angelo existia. E mesmo quando soube, não juntei as peças porque a primeira coisa que aprendi sobre ele foi que tinha ido direto ao ponto. Mal *visita* à cidade, muito menos tem autoridade sobre ela.

— Pensei que ele tinha entregado a você — sussurro, nem mesmo me importando com o quão desesperado meu tom soa.

— Mesmo que não seja atualmente o capo, ainda é seu território. — Ele aperta os polegares contra a minha mandíbula. — Tem muito a aprender sobre a *Cosa Nostra*, sua vadia boba.

Não consigo respirar fundo, e não só porque o estômago de Alberto está me esmagando. — E ele lhe deu permissão para construir sobre ela?

— Não — bufa. — Pedi permissão para planejar, mas ele disse que não. Estou trabalhando nisso.

— Quando? — Ofego, uma nova onda de mal-estar tomando conta de mim. — Quando perguntou?

Seus olhos brilham de alegria, e posso dizer que ele mal pode esperar para responder a essa pergunta. — Dois dias antes de você assinar o contrato.

— Então você sabia — falo, lutando contra seu peso. — Já sabia que não era capaz de construir no terreno e, mesmo assim, me fez assinar aquele maldito contrato!

E Angelo sabia. *Sabia* que eu estava me casando com seu tio nojento para impedi-lo de construir no terreno e, no entanto, se sentou e não fez nada. Meus olhos ardem; por algum motivo, a traição de Angelo é mais profunda.

— Pare de se mover — Alberto sussurra em meu ouvido, abaixando-se para prender meus braços acima da minha cabeça. — O que não entendeu? O contrato não significa *nada.* Sou Alberto Visconti, não preciso da porra de um contrato para reivindicá-la. Além disso, tenho a sensação de que Angelo concordará em me entregar a *Preserve* muito em breve.

Ele tem um sentimento? Que diabos isso significa?

— Então não precisa de mim — disparo — Se acabará com isso de qualquer maneira.

Meu coração se parte em dois ao pensar em meu pobre pai. *Tudo isso, e ainda não consegui salvá-lo.*

— Não, não preciso de você — diz simplesmente. — Mas quero você, e isso é tudo que importa. — Enquanto resisto embaixo dele, pressiona as mãos com mais força contra meus pulsos, meus ossos ameaçando quebrar. — E se tentar algo estúpido, vou matá-la e a seu pai de qualquer maneira. E isso — acrescenta, com um sorriso — é praticamente a única promessa que cumprirei.

Meu coração bate forte contra meu peito, e a raiva corre por mim como uma doença incontrolável. Minha garganta queima, borbulhando com a necessidade de gritar. Para dizer algo que nunca pensei que diria. Nunca nesta vida...

— Vá se foder — sibilo, provando cada gota de veneno que passa pelos meus dentes.

Alberto fica imóvel por um momento. E então, sem aviso, uma dor quente e lancinante atravessa minha cabeça e

estrelas brancas nublam minha visão.

Ele me deu um soco no rosto. Oh, meu Deus. Ele me deu um *soco.*

Minha cabeça gira, meu lábio jorrando quente e vermelho enquanto meu sangue escorre pela minha bochecha. Meus ouvidos estão zumbindo tão alto que mal ouço a porta se abrir.

Alberto ergue os olhos de mim e resmunga. — O quê?

O tom de Greta é calmo, mas severo. — Minhas desculpas, *signore,* mas preciso preparar a *signorina* para o jantar, se ela quiser estar pronta a tempo.

Ele me prende com um último olhar nebuloso, então bate as patas na parede em uma tentativa de ficar de pé. Enquanto cambaleia para fora da sala, pisa no meu cabelo e, embora meu couro cabeludo grite, mal o sinto. Mal sinto Greta me puxando para os meus pés, ou me empurrando para baixo na frente da penteadeira. Cada parte do meu corpo, até mesmo meu lábio machucado, parece dormente.

Ela não faz nenhum movimento para interromper o silêncio que paira no ar. Em vez disso, pega minha bolsa de maquiagem e a vasculha. Quando encontra o que está procurando, o ergue para que eu possa vê-lo no reflexo do espelho.

É um batom.

— Acho que essa sombra esconderá bem o corte.

* * *

O ar está parado e estagnado sobre a mesa de jantar, e tudo embaixo dele aponta para uma noite terrivelmente longa. O pianista toca clássicos assustadoramente lentos. Os coquetéis são longos e os copos de uísque permanecem intocados. Até o oceano, a poucos passos das portas francesas, é mortalmente silencioso.

Fui promovida novamente, de volta ao topo da tabela. De volta à envergadura do velho vigarista sujo com quem me casarei e na linha de fogo do desdém de seu filho mais velho.

Ignoro ambos em favor de olhar para o papel de parede dourado atrás da cabeça de Dante e bebericar um *Long Island Iced Tea* por um canudo. Meu lábio lateja com seu próprio pulso, mas o tom de batom que Greta escolheu para mim combina perfeitamente com o corte.

Suponho que isso resolva o problema, então.

Dante arranca um guardanapo da mesa como se tivesse algo para prendê-lo.

— Onde estão Don e Amelia esta noite? — Seu olhar se desloca sobre os assentos vazios. — E todos os outros, aliás?

O punho de Alberto bate na mesa, errando por pouco um prato de entrada. — Escondendo-se — diz, erguendo seu uísque para ninguém em particular. — Porque ninguém nesta porra de família quer passar tempo com o pai.

Dante fica imóvel, estreitando os olhos para o pai. — Está...

As portas de vaivém se abrem, interrompendo-o.

— Desculpe o atraso — Tor fala lentamente, passeando para se sentar ao lado de Dante. — Não me atrapalhei, só não queria vir. — Deixando-se cair em seu assento, ergue uma sobrancelha para a sala vazia. — Claramente, não sou o único.

Sorriria com sua piada de merda se não fizesse meu lábio sangrar.

Dante alisa a gravata, ainda carrancudo para o pai. — Devemos esperar?

— E é por isso que nunca será um bom capo, filho. Ainda conta com o papai para responder a todas as suas perguntas — Alberto murmura sombriamente, tomando um gole de uísque.

Tor solta um assobio baixo, mas antes que Dante possa morder de volta, as portas de vaivém se abrem novamente, trazendo um sabor totalmente diferente de tensão.

— Estou interrompendo alguma coisa? — A voz de Angelo roça minha pele como um calafrio. Fecho brevemente os olhos e desejo que, quando os abrir, esteja em qualquer lugar, menos aqui.

— Não, chegou bem a tempo de assistir Dante ser educado por Big Al — Tor diz, erguendo seu copo sobre minha cabeça e afundando o licor em um.

— Lá está ele — Alberto explode. — Meu sobrinho favorito. Sempre aparece, não é garoto? Nunca me decepcionaria.

Atrás de mim, os passos de Angelo param. Olho para Alberto e percebo que ele está olhando para Angelo, tentando desesperadamente transmitir algo a ele com olhos instáveis.

O olhar de Dante muda entre os dois e escurece. — Está me gozando, certo? Angelo nunca o decepcionou? Ele literalmente virou as costas para a *Outfit*. Deixou *Devil's Dip* completamente descoberto. O que diabos quer dizer com ele nunca o decepcionou?

— Angelo cumpre sua palavra, filho. Ele disse que ia se endireitar, e fez isso. Sabe o que mais? Ele não pede a porra

da minha permissão para cada pequena coisa. Viu que aquele garoto, Max, era um informante e lidou com isso. Não é, garoto?

Angelo permanece mortalmente silencioso, como um predador avaliando sua presa. Puxa a cadeira à minha esquerda, mas Alberto levanta a mão.

— Não. Você se sentará aqui esta noite, Angelo. — Bate no talher de Dante. — Deveria ter sido você, Vicious — resmunga no fundo do copo. — Deveria ter sido sempre você.

— O que isso deveria significar? — Dante rosna, levantando-se.

— Dante…

— Cala a boca, Tor. Quero ouvir o que papai tem a dizer.

Todos os olhos se voltam para Alberto com expectativa. Exceto o meu. Concentro-me na toalha da mesa e imploro para que o chão se abra e me engula.

— Ele deveria ter sido meu subchefe. E se tivesse ficado, é exatamente isso que eu teria oferecido a ele.

— Não sou subchefe de ninguém — Angelo interrompe. Sua voz é tão calma que instantaneamente arrepia a sala.

Alberto faz uma pausa. Desloca o olhar para ele. — Tem razão. Você nasceu para ser um líder. Teríamos formado uma grande equipe, você e eu. Teríamos criado uma *outfit* ainda mais poderosa. — Suas pálpebras fecham, mas rapidamente se segura e as abre novamente. — Nunca é tarde, garoto. Especialmente se pensar na minha oferta…

— Que oferta? — Dante rosna. Quando não obtém uma resposta, se levanta. — Vocês dois estão fazendo acordos pelas minhas costas? — Ele se vira para Tor. — Você sabia disso, porra?

— Não me pergunte, não passo de um lacaio hoje em dia — murmura, tirando um maço de cigarros do bolso de cima e caminhando em direção ao pátio. As janelas de vidro chacoalham sob a força de sua batida.

A sala fica em silêncio, o único barulho vindo do piano. O olhar de Dante queima o comprimento da mesa, antes de pousar em seu pai.

— Está bêbado — zomba. — E não sentarei aqui ouvindo você falar merda a noite toda. Tenho coisas melhores para fazer, como administrar toda a organização enquanto se afoga na bebida e em mulheres jovens o bastante para serem suas netas.

À medida que sorvo meu canudo, meu lábio partido faz com que a baba escorra pelo meu queixo. Limpo com as costas da minha mão. O olha de Dante recai sobre mim, enojado.

— Boa sorte Aurora. A única coisa pior que nascer nesta família é se casar com ela.

Com isso, sai furioso para o saguão e, alguns segundos depois, a porta da frente bate.

Tor enfia a cabeça para dentro, jogando uma guimba de cigarro na direção da praia. — E então havia quatro.

Ótimo. Esvazio o resto do meu coquetel e vasculho a sala em busca de um garçom, mas até eles estão se escondendo esta noite. Apesar da insistência de Alberto para que ocupe o lugar de Dante, Angelo se senta na cadeira ao meu lado.

— Você está bem? — Seus dedos frios roçam minha coxa, aquecendo instantaneamente minha parte inferior, mas me forço a ignorar o sentimento, ignorá-*lo* e me concentrar no papel de parede. Seu olhar repousa pesado em minha bochecha, mas não diz outra palavra.

Lá vêm os aperitivos. Vieiras de alho e limão servidas com garfos minúsculos. Observamos em silêncio enquanto Alberto enfia uma na boca com as próprias mãos e deixa cair outra no chão. Angelo agarra o pulso de um empregado que passa e o puxa para baixo o suficiente para murmurar em seu ouvido.

— Corte-o.

— Mas...

— Corte-o, ou cortarei a porra da sua mão.

— Cuidarei disso imediatamente, *signore.*

Tor me dá um sorriso divertido e se acomoda em seu assento, como se estivesse se preparando para um show. Posso sentir o que ele sente, a tensão fermentando no ar, e transbordará a qualquer momento. Embora, conforme quer um ingresso na primeira fila para quando isso acontecer, quero correr e me esconder.

Sem aviso, a mão pesada de Alberto aperta minha coxa, me fazendo estremecer. Do meu outro lado, Angelo para, então solta um silvo agudo.

— Façamos um brinde — diz Alberto. Está tão bêbado que não percebe que agora está bebendo ar de um copo vazio. — Para minha futura esposa.

Com um sorriso sarcástico, Tor levanta seu copo. — Para Aurora — murmura baixinho. — A única garota estúpida o suficiente para se casar com um bêbado nojento e velho para salvar alguns acres de terra.

Pestanejo. *Ele sabe?* Como diabos ele sabe? Achei que Dante era o único membro do Clã *Cove* que sabia que não me casaria com ele por dinheiro. Antes que possa pensar em perguntar, Alberto bate com o punho na mesa novamente.

— Apresse-se com o prato principal — berra na direção da cozinha. — Eu quero foder minha futura esposa!

Meu sangue corre frio, mas bolhas de calor em minhas bochechas. *Aqui vamos nós.* Sabia que era apenas uma questão de tempo até que Alberto voltasse sua atenção para mim. Fecho meus olhos, me preparando para o ataque de humilhação.

— Vá para a cama, Alberto.

O tom ameaçador na voz de Angelo me faz estalar a tampa.

— O que foi isso, garoto?

— Angelo, não...

Ele porém está se levantando, meu pequeno protesto caindo em ouvido surdos.

— Vá dormir. — Seus dedos estalam em meu ouvido. — Ou eu mesmo vou colocá-lo para dormir.

Meus dedos apertam em torno da bainha do meu vestido. A tensão é palpável agora; espessa e amarga, e me preocupo que se respirar, engasgarei com isso.

Preciso sair daqui.

Deslizando para fora da minha cadeira, vou direto para as portas francesas. Meu nome ressoa fracamente em meus ouvidos, mas não tenho certeza de quem o diz, nem me importo. Saio correndo para o pátio e viro à esquerda, começando a correr pela praia. Em algum lugar ao longo do caminho, perco os saltos na areia, mas não paro. Não até chegar à parede de rochas que marca o fim de *Cove*.

Pulmões em chamas, caio contra eles e fecho meus olhos. As ondas suaves batendo nas rochas servem como pano de

fundo para minha respiração pesada e, depois de alguns longos minutos, minha respiração segue o ritmo constante. Não posso fazer isso. Como posso pintar um sorriso em meus lábios machucados e ensanguentados e continuar com o plano de me casar com o homem que mais desprezo no mundo, sabendo que é tudo em vão? Sabendo que todo esse tempo, não tinha nenhum poder real sobre mim? Exceto de vida e morte, é claro. Não só meu, mas do meu pai.

O que dói mais do que saber que o contrato nunca significou nada é saber que Angelo também sabia disso. Compartilhamos segredos. Sombrios e retorcidos. Pensei… cavo minhas unhas em minhas palmas.

Pensei que ele era diferente.

A traição bate no meu peito. Quando abro os olhos, vejo uma silhueta grande e escura caminhando pela margem em minha direção. *Ótimo.* Prefiro entrar no Pacífico com tijolos amarrados nos tornozelos a falar com Angelo Visconti agora. Pego a bainha do meu vestido e caminho de volta para a casa, dando-lhe um amplo espaço, mas quando passo, sua mão dispara e agarra meu pulso.

— Pare, Rory.

— Saia de cima de mim — sibilo. — A última pessoa que quero ver esta noite é você.

Sob o luar, seu olhar pisca. — Sim?

— Sim.

Eu tento puxar meu braço para trás, mas seu aperto só aumenta.

— Não é uma mentirosa muito boa. — Meu lábio inferior dolorido começa a tremer, piorando quando Angelo desliza os dedos sob meu queixo. — Olhe para mim. — Enquanto sua

voz é firme, quando encontro seu olhar, seus olhos são suaves. Procuram o meu sob as sobrancelhas franzidas.

— Diga-me o que está errado.

— Por que se importa? — Retruco, desviando o olhar.

Ele me puxa para mais perto pelo pulso, até que meu nariz roça em seu peito duro. — Claro que me importo — rosna — acho que deixei isso bem claro.

— Sim, claro. Se você se importasse, teria me dito que era dono da *Devil's Preserve* quando disse que era a única razão pela qual estava me casando com seu tio nojento, mas nunca se importou. Não quando pensou que eu pularia daquele penhasco, e não agora, mesmo quando sabe que me casarei com ele sem motivo.

Ele para. Raiva silenciosa saindo de seus poros. — Realmente acha que não lhe contei porque não me importo?

— Você me via apenas como um brinquedo, algo para entretê-lo enquanto estava em *Coast*. Aposto que foi emocionante para você saber que poderia ter a noiva de seu tio com um estalar de dedos.

— Está louca. — Murmura, segurando minha mandíbula. — Se acha que sou tudo menos louco por você, Rory, então está louca *pra* caralho.

— Então por que não me contou! — Choramingo.

Sua mandíbula cerra. — O que teria feito se eu tivesse lhe contado?

Abro a boca para disparar outra resposta amarga, mas nada vem. Paro para pensar. — Eu o teria deixado.

— E então você e seu pai teriam sido mortos. — Seu antebraço forte serpenteia em volta da minha cintura, me

puxando para mais perto. A vontade de encostar a cabeça em seu peito e sentir seu cheiro quente é avassaladora, mas a vontade de socá-lo no queixo é igualmente forte. — É a *Cosa Nostra*, Rory. Jogam por suas próprias regras. Alberto queria você, por isso a levou. Qualquer acordo que fizesse com ele era uma ilusão. Homens como Alberto não dão, só tiram, e quem não obedece é morto.

— Poderia detê-lo.

— Eu fiz. Rejeitei o seu pedido de permissão de planejamento antes de conhecer você. Ele perguntou de novo ontem, mas também rejeitarei. — Seu polegar roça minha bochecha e sua voz suaviza. — Nunca darei a ele a Preserve, tem minha palavra.

— Não foi o que eu quis dizer.

A espessura da minha voz deixa Angelo imóvel. Nós nos encaramos por algumas batidas pesadas, até que a realização se estabelece nos planos rígidos de seu rosto.

— Fique — resmungo.

Pela expiração que escapa de seus lábios, sei o que ele dirá. Meus ossos se encolhem com o mero pensamento de ouvi-lo, e sei que não posso enfrentar o olhar de pena que me dará quando atirar em mim. Será uma rejeição gentil, entregue suavemente em um tom paternalista. Prefiro arrancar meus olhos do que ficar aqui enquanto ele me diz *não.*

Com os olhos ardendo e minhas bochechas com bolhas de vergonha, me contorço para fora de seu alcance e corro em direção à casa. *Cristo,* foi uma ideia estúpida. Nem deveria ter aludido a isso. Como se ele fosse desistir de sua vida em Londres e voltar para uma pequena cidade que o assombra tanto, tudo por minha causa.

— Rory, espere...

Entretanto, saio correndo, meus pés batendo na areia enquanto volto para a mansão *Cove*. Nada de bom me espera lá, mas aceito qualquer coisa, *qualquer coisa, do que* estar aqui na praia com Angelo. Ofegante, irrompo pelas portas do pátio e entro na sala de jantar, onde Tor está sentado sozinho, girando uísque em um copo. Parece cansado enquanto olha para mim com olhos escuros.

— Seu guardião está à sua procura.

Na deixa, a voz estrondosa de Alberto flutua pelas portas de vaivém, envolvendo o meu nome.

— Antes você do que eu — Tor murmura, tomando um gole.

Atrás de mim, passos pesados soam no pátio. Sem olhar para trás, empurro as portas e entro no foyer. Dois empregados de aparência preocupada permanecem na parte inferior da escada, olhando para o patamar do primeiro andar.

— Talvez devêssemos sedá-lo — um murmura.

— Ou esperar que caia da escada e quebre o pescoço — o outro ri.

Quando me veem, congelam, depois correm para as sombras, sussurrando entre si.

Ainda ofegante da minha corrida, me forço a olhar para cima nas escadas e vejo Alberto no topo delas. Nu. Toda a sua glória coberta apenas por sua enorme barriga descendo até o topo de suas coxas.

— Aí está você — olha de soslaio, acenando para mim escada acima com um dedo curvado — Meu quarto. *Agora.*

Meu coração para de bater. Tudo bem, isso foi uma *péssima* ideia. Eu me viro para voltar para a sala de jantar, mas Angelo escurece a porta.

Ele olha para mim, as mãos enfiadas nos bolsos. — Pare de fugir de mim, Rory.

— Eu...

— Aurora! — A voz de Alberto é mais alta desta vez, misturada com impaciência. — Não me deixe esperando.

Confuso, Angelo olha para o topo da escada, seu olhar virando uma faca enquanto seu tio nu cambaleia pelo patamar e entra em seu quarto. — Não se mova.

Inclino minha cabeça em desafio. — Não pode me dizer o que fazer.

Suas narinas dilatam. — Não estou jogando. Você não irá lá em cima.

— Eu não tenho escolha.

— Porque não lhe darei uma.

Minha respiração tremula, mas estou determinada a me manter firme. Olho escada acima, para a porta fechada de Alberto. Sei que uma vez que cruzar o limiar, não demorará muito até que seu corpo gordo e suado esteja se contorcendo em cima de mim.

Minhas unhas esculpem meias-luas em minha palmas. — Você ficará?

— Rory...

— Vai ficar? — Repito, mais alto desta vez. — Ficará em *Coast*, assumirá *Devil's Dip* e protegerá a mim, meu pai e a *Preserve* de seu tio? Ou me deixará lutar contra isso sozinha?

Seu silêncio é ensurdecedor. Quando olho para ele, passa a língua sobre os dentes, respirando pesadamente.

— Use as palavras, Angelo — disparo, imitando o que costuma me dizer.

— Sabe que não posso.

Meus olhos se fecham e sinto como se tivesse levado um soco no estômago, mas não desmorono. Sou muito amarga e rancorosa para isso. Em vez disso, o desejo de vingança lambe as paredes do meu estômago, e quero que ele sinta apenas uma fração da dor que estou sentindo. Subo um degrau na escada. — Antes do jantar, ele me disse que queria fazer anal esta noite. Acho que é isso que me espera do outro lado daquela porta. — Dou outro passo. — Vou deixá-lo reivindicar minha bunda, e até mesmo minha boceta, se for preciso. — Outro passo. — Gemerei o seu nome, assim como gemi o seu, mas ao contrário de você, ele colocará as mãos em todo o meu corpo. *Onde quiser.* — O pensamento faz meus olhos arderem com lágrimas, mas pisco com força e continuo subindo as escadas lentamente.

— Aurora.

A raiva pura e não filtrada na voz de Angelo me faz parar. Eu me viro para encará-lo. Está parado no último degrau, olhando para mim, as mãos cerradas ao lado do corpo.

— Assim, Deus me ajude, se der mais um passo, não serei responsável pelo que farei.

— Não é mais um *Made Man*. Lembra? — Disparo. — Está apenas vestido como um.

Seu olhar queima minhas costas enquanto subo as escadas e entro no quarto. Mergulhada na escuridão, pressiono minhas costas contra a porta fria e respiro.

Ele me deixou ir.

Claro que sim. Não é melhor do que eles - ele mesmo me disse isso no funeral de seus pais. Sou tão descartável para ele quanto para seu tio. Angelo Visconti não é um cavaleiro de armadura brilhante, e fui tola em pensar o contrário.

Estabilizando minha respiração, arrasto meu olhar para cima e aperto os olhos através da escuridão. Graças à lasca de luar que espreita pelas cortinas, consigo distinguir a enorme silhueta de Alberto na cama. Sua respiração é pesada e uniforme, e apesar do enjoo girando em meu estômago, imediatamente me sinto mais leve. Ficou tão bêbado que desmaiou. *Graças a Deus.* A única coisa que tornaria esta noite pior é ter que seguir em frente com...

De repente, as paredes do quarto se iluminam em branco e laranja. Uma explosão alta ocorre uma fração de segundo depois, sacudindo violentamente as vidraças e ameaçando estourar meus tímpanos. É instintivo abaixar. Caio no chão e coloco meus braços sobre minha cabeça, mas depois de algumas batidas ensurdecedoras de silêncio, nada mais acontece.

O que é isto?

Tremendo, me levanto e olho para Alberto. Cristo, está tão bêbado que nem se encolheu com a explosão, e por um momento me pergunto se está realmente morto, mas então o ronco recomeça e volto minha atenção para a janela. Atrás da cortina, a lasca de luar foi substituída por um brilho laranja trêmulo.

Uma sensação doentia se instala na minha pele. Atravesso o quarto e abro a cortina. Meus olhos caem para a entrada da frente abaixo.

Há fogo. Muito disso. Cascalho carbonizado e também fumaça preta e ondulante. Pestanejo, meus olhos se

ajustando para descobrir o que estou olhando, e quando percebo, meu coração para.

O Rolls Royce de Alberto está pegando fogo. Chamas furiosas escapam das janelas e do para-brisa, lambendo as portas e o teto. E a apenas alguns metros de distância, uma figura escura se aproxima.

Angelo. Está me olhando, inexpressivo

Engulo o caroço grossa da minha garganta, sem ousar respirar.

Angelo Visconti não é um cavaleiro de armadura brilhante, é um monstro em um terno *Armani*.

27

Rory

O relógio bate meia-noite, suas badaladas momentaneamente interrompendo o silêncio da suíte.

Amelia está sentada na poltrona à minha frente, com a coluna rígida e olhando para o terraço com uma expressão vazia. Sei que ela não está observando ninguém do outro lado do vidro, exceto o marido.

— Se dependesse de mim, estaríamos no próximo voo para o Colorado.

Paro de mexer na costura da almofada no meu colo. — O que há no Colorado?

— É o que *não está* no Colorado que importa. — Seu olhar muda a contragosto para mim. — Aurora, durmo com uma arma debaixo do travesseiro todas as noites. Se Donatello se atrasa mais de cinco minutos para qualquer coisa, começo a entrar em pânico. — Seus dedos escovam suavemente sobre seu estômago. — Todo esse estresse constante… não é bom para mim.

Olho para a sua barriga, mas não digo nada. Em vez disso, me viro e olho para o terraço. Os irmãos *Cove* formam um círculo fechado, cada um com uma expressão severa no rosto. Dante está falando, seus lábios curvados enquanto cospe veneno. Ao seu lado, Donatello é solene, coçando o queixo e ocasionalmente balançando a cabeça em concordância. Tor parece entediado, como se preferisse estar

em qualquer lugar do que em uma suíte particular no topo do *Visconti Grand Hotel* com sua família.

— Sabe qual é a pior parte de tudo isso? — Amélia pergunta. Viro-me para encará-la. — É que esta família tem tantos inimigos que será quase impossível dizer quem fez isso.

Sim, e o último lugar em que procurarão é a própria árvore genealógica.

Cerro dos dentes e aceno com a cabeça, antes de voltar a cutucar a almofada. Estou cansada. Meu lábio dói e meu cérebro dói por não dormir o suficiente e pensar demais. Ontem à noite, fiquei parada na janela em estado de choque, até que um bando de guardas invadiu o quarto e insistiu em nos levar ao *Visconti Grand* em uma van blindada. Estamos aqui desde então, enfurnados na versão dos Visconti de uma casa segura - uma suíte com uma entrada escondida e janelas à prova de balas - enquanto homens de terno correm por aí, montando o quebra-cabeça.

Alberto está em um dos quartos, dormindo para curar a ressaca. Meus olhos continuam correndo nervosamente entre os guardas flanqueados do lado de fora de sua porta e para Tor no terraço. Talvez Alberto estivesse bêbado demais para se lembrar da maneira como Angelo falou com ele, mas Tor não estava. Certamente, saberia que Angelo é o único culpado lógico - a segurança da mansão é férrea; ninguém entra ou sai do terreno sem que os guardas percebam. Deve ter sido um trabalho interno.

A ansiedade toma conta de mim, embora continue dizendo a mim mesma que não me importo. Por que deveria? Angelo Visconti não se importa comigo, por isso não deveria me importar com ele.

O som da porta do terraço se abrindo me faz pular. Espio por cima do sofá, tentando manter minha expressão neutra.

Amelia se levanta e para ao lado de Donatello. Ele envolve um braço à sua volta e beija o topo de sua cabeça.

— Bem? — Pergunta. — Os guardas viram alguma coisa?

Donatello olha para mim. Engolindo. — Havia apenas um guarda trabalhando no portão, e o perpetrador o matou a tiros na saída.

Amelia fica quieta. — E na entrada? As câmeras de segurança captaram alguma coisa no caminho?

Ele balança a cabeça. — Uh, quem fez isso arrancou a caixa de fusíveis presa na lateral da casa. Desligou o fornecimento de eletricidade de toda a propriedade, incluindo as câmeras. Isso também significa que não podemos recuperar nenhuma filmagem.

— Cristo — murmura, afundando no braço do sofá. — Isso significa que quem quer que fosse conhecia o *layout* da casa.

— Foi Angelo.

Meu coração para de bater. As palavras de Dante cortam a suíte como uma faca de carne, e todos se voltam para encará-lo. Está olhando diretamente para mim, e sinto meu pulso tiquetaqueando, na minha garganta.

Oh, swan. Aqui vamos nós.

— Angelo? — Amelia sussurra. — Por que diabos Angelo faria algo assim?

— Ele era a única outra pessoa na casa ontem à noite. Ele e o pai estavam sendo muito reservados sobre um novo negócio. Acho que, depois que saí, as negociações azedaram e o velho Vicious Visconti saiu da toca. — Estala os nós dos dedos, o olhar escurecendo em mim. — Uma vez babaca, sempre babaca. Não importa quanto imposto pague.

— Cala a boca, Dante. — Tor se vira e o imobiliza com um olhar irritado. — Já falamos sobre isso. Não foi Angelo, porque saímos de casa e fomos juntos à cidade.

As conchas das minhas orelhas queima. *Por que Tor está dando cobertura a ele*?

— Alguma prova disso?

Tor avança, projetando sua mandíbula. — Você está dizendo que eu estou mentindo?

Tor avança, projetando sua mandíbula. — Está insinuando que estou mentindo?

— Estou dizendo que o cobriria para ficar do lado bom de seu irmão. — Seu olhar se transforma em um sorriso de escárnio. — Está tão enfiado na bunda de Rafe que pode ver a porra das suas amígdalas.

— Se não acredita em mim, pergunte a Aurora. Ela veio conosco.

Pestanejo. O quê?

Os olhos de todos se volta a mim, e meu rosto cora com toda a atenção.

— Bem? — Dante rosna. — Foi?

Estou congelada no sofá, meu olhar mudando entre o olhar furioso de Dante e o olhar penetrante de Tor. Não tenho mais motivos para mentir por Angelo, mas minha resposta escapa pela minha boca como um instinto natural.

— Sim.

— Veja — Tor estala, sem perder o ritmo. — Parece que quer que todos acreditem que é Angelo para impedir que apontem o dedo para você.

Uma tensão densa se estende entre eles. É Donatello quem o perfura. — O que isso deveria significar?

— Ontem à noite, papai disse a Dante que ele é um subchefe de merda. Disse que preferia trabalhar com Angelo e, claro, Dante, sendo a vadia que é, saiu de casa furioso. Menos de uma hora depois, o Rolls do pai estava pegando fogo. Faz as contas — Tor cospe.

Todos os olhos se voltam para Dante.

O olhar de Donatello escurece. — Isso é verdade?

— Se você pensar por um segundo...

O protesto de Dante é interrompido por uma pequena tosse na porta da frente. Todo mundo se vira para olhar para o guarda pairando na entrada, as mãos cruzadas na frente dele.

— Peço desculpas por interromper, mas Raphael e Angelo estão aqui.

Meu sangue vira gelo. *O que diabos está fazendo aqui?* Depois da noite passada, pensei que estaria no próximo voo de volta para Londres, ou pelo menos teria o bom senso de ficar quieto por um tempo, mas não. Em vez disso, entra na suíte com seu irmão ao seu lado, indiferença esculpida em suas feições.

Ele para atrás do sofá, lançando uma sombra escura sobre mim. Os pelos da minha nuca se arrepiam e minha pele estala com eletricidade, como sempre acontece quando está por perto. Cerro os dentes e olho para a almofada no meu colo, tentando o meu melhor para ignorar o frio na barriga.

— Bem, esta não é a mais deliciosa reunião de família — Rafe fala lentamente, empoleirando-se no apoio de braço do sofá. — Estou um pouco ofendido por não ter recebido um convite.

— Pensei que estava de volta a Las Vegas? — Diz Tor.

Os diamantes do relógio de Rafe brilham em minha visão periférica enquanto estica os braços. — As maravilhas das viagens aéreas modernas, *cugino.*

— O que está fazendo aqui? — Dante rosna. Atrás de mim, sinto Angelo mudar, a atmosfera mudando com ele.

— Ora, ora, Dante. Pode querer ajustar seu tom, especialmente porque sei quem cometeu aquele pequeno ato de vandalismo na noite passada.

Minha respiração rarefaz.

Amelia se vira para encarar Rafe. — Você sabe?

— Alguém ligou para a linha direta para confessar. Rastreei a ligação até seu limpador de piscina. Não sei o que Big Al fez para ofendê-lo, mas se tivesse que tirar seus pelos pubianos da piscina dia sim, dia não, provavelmente também explodiria seu Rolls.

Silêncio.

— Emilio fez isso? — A suspeita paira sobre a voz de Dante.

— Aparentemente sim.

— Quero ouvir o chamado.

— Boa tentativa, *cugino*. O inferno congelará antes que lhe dê acesso aos *Sinners Anonymous*.

Meu coração está batendo descontroladamente e, a cada pausa pesada na conversa, entro em pânico, pensando que todos possam ouvi-lo batendo contra meu peito.

— Donatello, Tor. Preciso falar com os dois lá fora.

Olho para cima bem a tempo de pegar o olhar feroz de Dante, antes que os irmãos Clã *Cove* voltem para o terraço.

— Amelia, seja uma boneca e faça um café para nós.

Amelia olha para Rafe desconfortavelmente, mas se levanta do sofá e desaparece na cozinha sem dizer mais nada.

Sinto o olhar de Rafe queimar minha bochecha. Quando me forço a olhar para ele, me prende com um sorriso deslumbrante, que não combina com a tempestade escura em seus olhos. — Está se provando ser um problema, garota.

Sua voz é igualmente calma e sinistra e me dá um arrepio na espinha. É uma ameaça, feita com um sorriso, e me faz perceber que, por baixo do charme e da beleza de partir corações, Raphael Visconti é *assustador.*

— Cala a boca, Rafe. — As mãos de Angelo apertam meus ombros. São quentes e fortes e imediatamente meus olhos se fecham sob seu toque. *Maldição.* — Rory, estamos de saída.

Abro uma pálpebra e me viro para olhar para Angelo. Gostaria de não ter. O mesmo fogo da noite anterior arde em seus olhos; um coquetel de raiva turbulenta. Por um momento, meu coração palpita com suas palavras. — Estamos?

— É sábado. Vou levá-la para ver seu pai.

Pisco. Depois, com um aborrecimento recém-descoberto, luto para me livrar de seu aperto e me levanto. — Não vou a lugar nenhum com você — disparo. — Poderia ter me matado ontem à noite. *E me disse o que eu não queria ouvir.*

— *Queria* matá-la ontem à noite — sibila de volta, sem perder o ritmo. — Quero matá-la hoje também. — A maneira como seus olhos caem em meus lábios desmente o veneno de suas palavras. — Pegue seu casaco. Não me faça dizer duas vezes.

Meu olhar se volta para Rafe, que está assistindo a troca com diversão.

— Não posso simplesmente *ir embora.* — Aponto para o terraço, onde Dante, Tor e Donatello estão em uma conversa acalorada. — Não acha que já causou danos suficiente para um fim de semana?

— Então não me obrigue a fazer mais nada. Estamos saindo. *Agora.*

Olhamos um para o outro. Estou dividida entre me manter firme ou pegar meu casaco na parte de trás do sofá. Gostaria de poder dizer que é só porque quero ver meu pai, mas sei que, no fundo, é porque tenho medo do que Angelo fará. Posso ver isso em seus olhos, está louco, distribuindo vingança como se fosse um doce, e não posso dar a Alberto mais motivos para ficar com raiva de mim.

Projetando minha mandíbula, pego meu casaco e giro, ficando cara a cara com Amelia. Ela paira na porta da cozinha, segurando quatro canecas de café nas mãos.

— Vou ver meu pai — digo sem fôlego, evitando seu olhar desconfiado. — Por favor, transmita isso a Alberto quando acordar. — Ignoro o sorriso de Rafe e caminho em direção à porta da frente, Angelo logo atrás de mim.

Pegamos o elevador em um silêncio abrasador e, quando deslizo para o banco do carona do carro, sinto lágrimas quentes e raivosas pinicando atrás de minhas pálpebras. Não cairão porque me recuso a deixá-las cair. N*unca* deixo. Angelo não pode ter esse controle sobre mim, não se não for ajudar. Não se não ficar e lutar por mim.

— Impedi você de transar com ele. — A raiva queima Angelo como uma fornalha. Seus dedos estão brancos ao redor do volante e está dirigindo seu *Aston Martin* como se o tivesse roubado.

— O que importa, terei que fazer isso eventualmente.

Ele bate o punho contra o painel, fazendo-me estremecer. — Claro, então acho que não importa. Não seria a primeira vez que se prostituiria, de qualquer maneira.

Meu sangue congela e, por um momento, meu coração se esquece de bater. — O quê?

— Você me ouviu — rosna, os olhos treinados na estrada à frente. Atravessamos o *Devil's Dip* e ele ganha velocidade, entrando e saindo do trânsito ao som de buzinas furiosas. — Acha que não sei que fodeu com metade dos caras da *Devil's Coast Academy*? A princípio não acreditei, mas agora, vendo a rapidez com que subiu aquelas escadas ontem à noite, não duvido nem por um segundo.

Apertando meus olhos fechados, respiro fundo. — O que eu deveria ter feito em vez disso, Angelo? Saído com você?

— Sim.

— Para quê? Desnudar minha bunda para você? Tratá-lo com um show meu me tocando? — Bato minha cabeça contra a janela e cerro os dentes. — E depois? Voltar para Alberto e enfrentar uma surra ainda maior?

O carro derrapa até parar repentinamente, os pneus cantando contra a estrada escorregadia. Eu me inclino para a frente, o cinto de segurança cortando meu pescoço. Quando me viro para perguntar a Angelo com que diabos está brincando, ele me lança um olhar perigoso.

— Diga isso de novo.

O gelo em seu tom forma um nó na minha garganta. — O quê?

Seus punhos cerram em seu colo. — Uma surra ainda maior. O que isso significa? — Seu olhar é derretido, tão

quente que me encolho novamente na porta para me afastar dele. — O que Alberto faz com você, Rory? — Fala devagar, como se não confiasse em si mesmo para dizer as palavras. — Diga-me o que ele faz com você.

Meu rosto aquece. Alguns segundos tensos se passam, antes que lamba meu polegar e passe-o sobre o ponto sensível sob meu olho. As grossas camadas de corretivo parecem gordurosas contra o meu polegar. Então, cuidadosamente limpo as costas da minha mão sobre minha boca, manchando meu lábio inferior. A ação puxa minha ferida, fazendo-me estremecer.

Seu olhar percorre minhas feições, roçando meu olho roxo e, em seguida, pousando em meu lábio arrebentado. Seu silêncio é ensurdecedor. De repente, corre para a porta e pula para fora, e através do para-brisa, o observo com a respiração suspensa enquanto desce a estrada e para. Entrelaça os dedos atrás da cabeça e inclina o rosto para o céu cinzento. Pela maneira como seus ombros se movem para cima e para baixo, posso dizer que está respirando pesado.

Antes que possa pensar sobre isso, saio do carro e vou em sua direção. Conforme me aproximo, sua voz corta o vento, grossa e grave. — Volte para o carro, Rory.

— Angelo…

— Volte para a porra do carro.

Quando coloco a mão em seu braço, ele se vira e agarra meu pulso. Seus olhos estão queimando de raiva, e a intensidade de sua raiva me faz querer virar e correr. Se eu não estivesse tão assustada, ficaria irritada.

Angelo Visconti não tem o direito de estar tão zangado.

Seu olhar cai para minha boca novamente e, de repente, se suaviza. Com a outra mão, passa o polegar suavemente

sobre meu lábio inferior, e o sinto no feixe de terminações nervosas entre minhas coxas.

— Ele fez isso com você. — Murmura, mais para si mesmo do que para mim. — Por que não me contou, Rory?

— Teria feito diferença? — Sussurro. — Isso teria feito você ficar?

Ele aperta a mandíbula e vira o olhar para cima. Quando cai de volta em mim, há determinação em seus olhos. — Vai para casa comigo.

Meu coração gagueja. — Casa?

— Para Londres. Você e seu pai.

Balanço a cabeça, sentindo-me sem fôlego. — Não posso.

— Para onde quiser então. Em qualquer lugar, menos nesta maldita costa. *Nova York*? Parece o tipo de garota que gosta de *Nova York*.

— Não podemos deixar *Coast*, Angelo.

Um silvo venenoso escapa de seus lábios enquanto desliza a mão em volta da minha nuca e me agarra lá. — Tudo bem, então gosta da natureza. Cristo, Rory. Há natureza em todos os lugares. Compro um terreno para você. Compro para você a porra de uma ilha inteira, se quiser.

— Não entende que não posso deixar a *Preserve*...

— O que há de tão especial na *Devil's Preserve*? — Sibila, mais furioso do que já o vi. — E não se *atreva* a me dizer que são as malditas águias.

Fecho os olhos, bloqueando o olhar exigente de Angelo. Respiro fundo e os abro novamente. — Venha, vou mostrá-lo.

28

Angelo

Cruzamos a boca do Devil's Preserve em silêncio, mas dentro da minha cabeça está o caos. A fúria lambe cada centímetro da minha pele, e preciso de toda a força de vontade que tenho para não voltar para o carro, correr de volta para *Devil's Dip* e colocar uma bala na cabeça de Alberto, assim como fiz com meu pai.

Tenho porém que me conter, porque minhas ações cruéis terão consequências. Agora, mais do que nunca, preciso pensar menos como Vicious Visconti e mais como meus irmãos. A sua raiva queima lentamente como uma vela, enquanto a minha é como um fogo de artifício. Meu estopim foi aceso, mas não posso explodir, ainda não.

Não sem um plano.

A única razão pela qual concordei em ir para a floresta com Rory é porque espero que isso me esfrie um pouco, apenas o suficiente para formar pensamentos coerentes, mas não consigo parar de olhar para ela; lançando olhares furtivos para aquela mancha roxa sublinhando seu olho, e o corte ensanguentado em seu lábio.

Isso me faz querer queimar a porra da costa.

— Pare! — O punho delicado de Rory agarra a frente da minha jaqueta.

Franzo a testa para ela. — O quê?

Está olhando para mim como se eu fosse louco. — Jura? Está prestes a entrar direto na areia movediça.

Estou distraído e levo alguns instantes para perceber o que ela está dizendo e seguir seu olhar. À minha frente, há uma poça escura de lama. Parece ruim o suficiente para destruir meus sapatos, mas é só isso. — Huh?

— Cristo, não estudou geologia na escola? Areia movediça. A lama está encharcada, então, se pisar nela, vai arrastá-lo para baixo. Há um lago no meio da floresta, e quando se aproxima dele, há alguns trechos de areia movediça. Tome cuidado.

O jeito que está olhando para mim tão preocupada é adorável *pra* caralho. Solta minha jaqueta e passa os dedos pelo meu punho cerrado. Sua mão é quente e delicada e, imediatamente, abro minha mão e deslizo a dela para dentro. Foda-se a regra de não tocar. Isso saiu pela janela no momento em que vi seu lábio fissurado.

— Tudo bem, *David Attenborough*[32] — resmungo, reprimindo um sorriso. — Mostre o caminho, então.

Ela o faz, serpenteando pela trilha lamacenta, sem se importar que seu tênis branco brilhante agora esteja marrom, ou que seu jeans esteja imundo. Eu também não me importo; tudo em que consigo me concentrar é em como é bom ter a sua mão na minha. Para finalmente tocá-la, mesmo que seja da maneira mais juvenil possível.

Cristo. Essa garota me transformou em uma virgem de doze anos.

Logo, as árvores diminuem e chegamos a um lago. Passo meus olhos sobre a água. — Qualquer pássaro, peixe ou inseto raro que queira me mostrar não será suficiente para me convencer a deixá-la ficar aqui.

— Não é por isso que estamos aqui — diz calmamente. Puxa a mão para trás e relutantemente a solto. Ela pega o celular na bolsa e envia uma mensagem.

Eu a estudo. — Está nervosa.

Seus olhos encontram os meus sob seus cílios grossos. — Nunca trouxe um cara para conhecer meu pai antes.

Inspiro e expiro, como um pequeno silvo. — Rory, eu...

— Por favor — sussurra. Aborrecimento pisca como uma chama no meu peito enquanto torce a porra do anel de seu dedo e o coloca no bolso. — Apenas espere.

Colocando minhas mãos em minhas calças, me inclino contra uma árvore, olhando para o lago. Alguns momentos se passam antes que o celular de Rory toque. Verifica a tela, solta um suspiro trêmulo e acena com a cabeça. — Vamos.

Ela lidera o caminho para uma doca no meio do lago. Há uma pequena cabana no final dela e, dentro, posso ver duas figuras se movendo. Conforme nos aproximamos, uma mulher emerge dela e desce a passarela para nos encontrar. Quando me vê, diminui a velocidade até parar e seu rosto empalidece.

— *Signor Visconti* — diz lentamente, os olhos correndo para Rory. — Não esperava...

— Está tudo bem, Melissa. Ele está comigo. — O tom de Rory é cortado. Passa por ela e acrescenta — Você se importaria de esperar aqui hoje?

A boca de Melissa se abre e fecha com a mesma rapidez. Consegue um aceno de cabeça.

Sigo até o cais, acompanhando seu passo. — Quem é aquela?

— Uma das cuidadoras de meu pai. Ela é legal o suficiente e meu pai a ama, mas foi contratada por Alberto, então...

Sua frase diminui e aceno. Não precisa mais explicar. Mesmo assim, não sabia que o seu pai precisava de cuidador.

Na porta da cabana, ela estende a mão, impedindo-me de entrar. Seus olhos verificam o céu e respira fundo, antes de estampar um sorriso deslumbrante no rosto. Bate em um painel de madeira e diz — Oi, papai!

Há um grunhido de dentro da cabana, então um homem sai. É baixo e usa calças cargo e uma jaqueta pesada. Um par de binóculos está pendurado em seu pescoço. Estica os braços e traz Rory para um grande abraço.

Pairo, tentando não olhar para ele. Ele é... não o que eu esperava. Não é um galinha da primavera, mas definitivamente não parece velho o suficiente para precisar de um cuidador. E fisicamente, parece bem. Ele se vira para me encarar, seus olhos se estreitando. — E quem é este?

— Pai, esse é...

— David — digo, estendendo minha mão para apertar a dele.

Posso sentir o olhar de Rory perfurando minha bochecha, mas ignoro. O seu pai tem idade suficiente para ter vivido sob o reinado de meu pai em *Devil's Dip*, e definitivamente sabe quem sou. Por alguma razão, não quero ser manchado com o mesmo pincel que o resto dos Visconti.

Por alguma razão, sinto a necessidade de causar uma boa impressão.

É por isso que ligo o feitiço e finjo que não sou um monstro.

Ele passa os olhos pelo meu terno sob medida e jaqueta de lã italiana e faz uma careta. — É velho demais para ser o namorado da minha filha.

Rio. *Sim, se acha que sou velho, deveria ver a porra do seu namorado.*

— Pai! — Rory arfa, o rosto virando um adorável tom de rosa. — Somos apenas amigos. Ele está... visitando a cidade.

— Ah. Um amigo de faculdade?

— Sim. David... uh, está no meu curso de aviação.

Mantenho meu sorriso congelado em meu rosto, mas mudo meu olhar para Rory. *O seu pai acha que ela ainda está estudando para ser piloto?* Algo estala em meu peito, algo estranho demais para atribuir um nome.

Agora, o pai de Rory se ilumina. — Outro piloto! Encantador! Bem, sou Chester, e é um prazer conhecê-lo, David. Bem-vindo à *Devil's Preserve*. Venha — instrui enquanto passa por mim em direção à beira do cais, onde um pequeno barco balança preguiçosamente na água. — Vamos dar uma volta.

Entro primeiro, ajudando Rory e seu pai a entrar no barco depois de mim. Chester vai pegar os remos, mas os tiro dele. — Eu insisto — digo.

Ele olha para a filha e ergue as sobrancelhas. — Muito cavalheiro, não é? — Outro olhar fugaz sobre meus ombros e peito. — Mas é um homem muito grande, espero que não afunde o barco.

— Pai! — Rory ri. Chama minha atenção e balança a cabeça, um sorriso tímido no rosto.

Remo até o meio do lago e coloco os remos de volta nas travas.

— Certo, então — Chester murmura, apalpando o grande número de bolsos espalhados por toda a jaqueta. — Onde no *flamingo* coloquei o doce?

Rio. — Você também amaldiçoa em pássaros.

Ele sorri, pegando um punhado de doces cozidos do bolso e oferecendo a pilha para mim. Pego um, só para ser educado. — Antes de minha esposa e eu termos Rory, tinha uma boca horrível. Xingava como um marinheiro. Depois que ela nasceu, minha esposa me dava um tapa na orelha toda vez que eu xingava, e logo aprendi a adaptar minha linguagem para ser mais... amiga das crianças. — Cutuca Rory com o cotovelo e atira uma piscadela travessa. — Educativo também.

Rory descansa a cabeça em seu ombro e desliza a mão na dele. — Acho que minha primeira palavra foi uma palavra de pássaro.

— Foi — Chester ri, beijando o topo de seus cachos. — Eu disse que era hora de dormir, e você me disse para "dar o fora".

Rory encontra meu olhar, sorrindo timidamente. Não posso deixar de sorrir de volta para ela como um tolo estúpido, algo quente e macio extinguindo a raiva em meu peito. Não consigo tirar os olhos dela enquanto ri e brinca com o pai. À medida que balança o barco em sua pressa para apontar os peixes nadando por perto, e conforme pega o binóculo de seu pai para ver melhor os pássaros voando acima.

É como se ganhasse vida perto do pai. Como a floresta acende uma faísca dentro dela, mas o sentimento em meu peito é marcado por algo amargo, algo que não tenho o direito de sentir.

Eu gostaria de fazê-la ganhar vida assim.

Engulo o pensamento com meu quarto doce cozido. Parece que trocadilhos de pássaros e natureza não são as únicas coisas que Rory herdou de seu pai, e se eu comer mais uma farsa de menta, meus dentes cairão da minha cabeça.

Quando é hora de remar de volta para a praia, noto que Rory fica quieta. Somos eu e o seu pai falando agora, enquanto se aconchega em seu braço e olha através de mim. Eu a ajudo a sair do barco e sussurro em seu ouvido — Você está bem?

Ela balança a cabeça, mas não olha para mim.

No final da doca, Melissa paira desajeitadamente, ainda roubando olhares de soslaio para mim. Eu me pergunto o que diabos está fazendo aqui e por que o tio Al a contratou. Não parece ser uma enfermeira ou algo assim, e definitivamente não é o outro tipo de *cuidadora* que a *Cosa Nostra* tende a contratar. Se fosse, seria um homem com um rádio no ouvido e uma *Glock* na cintura, não uma mulher tímida com um gorro.

Quando a alcançamos, Chester olha para o céu e bate palmas. — Parece que choverá. De volta à cabana para tomar chá com biscoitos?

Algo no ar muda; posso sentir isso. Ao meu lado, Rory para, e ela e Melissa trocam um olhar.

— Rory tem muito trabalho escolar para pôr em dia, Chester — Melissa diz em um tom paternalista — Talvez na próxima vez...

— Chá e biscoito seria ótimo, pai. — A voz de Rory é baixa, mas firme.

As sobrancelhas de Melissa se erguem. — Uh, tem certeza?

Rory assente.

— Maravilhoso, então. — Chester se vira e enfia um dedo entre as árvores. — Para a cabana nós vamos!

Folhas encharcadas esmagam sob os pés. Mais à frente, Chester assobia uma velha barraca do mar, e ao meu lado, espessas nuvens de condensação deixam os lábios de Rory com uma batida laboriosa.

— O que está errado? — Murmuro, curvando-me para que meus lábios encontrem seu ouvido.

Ela balança a cabeça. — Você verá.

Escovo meus dedos contra os dela, então, lembrando que não dou a mínima para a regra de *não tocar* mais, aperto a sua mão com força. Está fria e instável e gostaria de poder tirá-la daqui e longe de tudo o que tem medo.

Depois de alguns minutos de caminhada, o caminho lamacento se abre para uma calçada de pedra. Na sua parte inferior, uma grande cabana de toras se espalha sobre a clareira, seu telhado inclinado coberto de musgo e as janelas deixando escapar um brilho âmbar quente. É o tipo de conjunto que o *Airbnb* listaria como “rústico” e “charmoso” — e os três carros reluzentes estacionados na frente parecem deslocados.

Chester está sob o toldo e remexe em busca de suas chaves. — Não sei por que me preocupo em trancar — murmura, apalpando os bolsos, — não é como se eu tivesse algo para roubar.

Antes que possa encontrá-los, a porta se abre e uma mulher aparece na entrada. Há também outra mulher atrás dela, ambas vestindo uniformes de enfermeira e sorrisos amigáveis.

— Por que simplesmente não bateu, Chester? Sabe que estamos sempre aqui — a da frente diz. Seus olhos então

repousam em Rory e vacila.

— Rory — diz suavemente, olhando para Melissa. — Veio para a casa.

— Claro que sim — diz Chester, entrando no foyer. A outra enfermeira o ajuda a tirar o paletó, depois ele se senta no último degrau e começa a desamarrar as botas. — É a casa de Rory também, Lizzy! Ela viveu aqui toda a sua vida. Nasceu aqui, na verdade. Bem em frente à lareira da sala! Não é, querida?

Rory ainda está de pé sob o toldo, arrastando o peso de um pé para o outro. — Sim, pai — quase sussurra.

Chester tira uma bota e olha para ela. Seu sorriso se transforma em uma carranca. — Está perdida?

Instintivamente, olho por cima do ombro, a dureza em seu tom me fazendo pegar uma arma que não estou carregando. Não há ninguém lá. Quando me viro, percebo que ele está falando com Rory.

Melissa se coloca entre eles. — Chester, é Rory. Sua filha. — Põe a mão no corrimão e se agacha. — Ela veio me visitar, lembra?

Os olhos de Chester disparam entre todos nós, frenéticos e assustados. — Eu não tenho uma filha. — Luta para ficar de pé, uma fragilidade nele que não vi na floresta. — Saia! Vamos! — Melissa alcança seu ombro, mas lhe bate. — Chamarei a polícia! — Grita, a voz ficando mais alta e tensa. — Vá embora!

Melissa olha para cima com tristeza em seus olhos. — Rory, provavelmente deveria...

Antes que Melissa pudesse terminar a frase porém, Rory vira e sai correndo, saindo do meu alcance. Desaparece entre as árvores e sem hesitar, também saio correndo, seguindo

atrás dela. Eu a alcanço em segundos, mas volto para uma corrida leve, dando a ela espaço para se acalmar. No momento em que irrompe na estrada perto da igreja, está ofegante.

Passo a mão pelo meu cabelo. *Porra.* Não sei o que esperava, mas não era isso. Ela se dobra para recuperar o fôlego, mas sua respiração está ficando cada vez mais difícil.

— Rory, olhe para mim. — Agarro seu queixo e inclino seu rosto para o meu. — Respire.

— E-eu não posso...

— Pode. — Eu corro meu polegar sobre sua bochecha vermelha. — Apenas olhe para mim e respire.

Seu olhar aquoso encontra o meu, abrindo caminho até meu peito. Ela respira fundo, soltando o ar em uma expiração trêmula.

— Boa menina — murmuro, acariciando seu rosto antes de enrolar meus dedos ao redor da base de seu pescoço. — Você está bem.

Sua mão encontra meu pulso, e o envolve na pulseira do meu relógio e inclina o rosto na palma da minha mão, seus olhos fechados trêmulos. *Porra.* Odeio como um movimento tão simples inunda meu estômago com calor, mas, ao mesmo tempo, daria minha bola esquerda para que fizesse isso de novo.

Uma vez que sua respiração abranda, ela me olha através dos cílios molhado.

— Demência ambiental. É quando a memória de longo prazo de um paciente só funciona em certos ambientes familiares. Para o meu pai, é esta floresta. Caminhando pela floresta ou no lago, é apenas meu pai, mas... — sinto sua garganta balançar contra a palma da minha mão enquanto

engole. — No momento em que deixa a *Preserve*, ou mesmo entra em nossa própria casa, sua memória de longo prazo desaparece.

Sua mandíbula range e pega um soluço antes que se forme.

— Ele não me reconhece fora da floresta, Angelo. É por isso que não pode ser derrubada, e é por isso que não podemos sair. O que meu pai e eu temos, não existe fora dela.

29

Rory

Uma música de antiga de Natal sai do rádio do carro, embora seja apenas meados de novembro. Explosões de calor das aberturas no painel, e a condensação na janela faz pouco para resfriar minha pele ardente quando me pressiono contra ela.

A tensão no carro pode ser cortada com um picador de gelo, e parece um instinto de sobrevivência respirar o mais superficialmente possível para me impedir de engasgar com isso. Angelo não diz nada. Não faz nada, exceto dirigir muito rápido e respirar muito pesado.

Eu me pergunto se pode ouvir meu coração batendo contra o meu peito, ou o bater nervoso dos meus dentes. Pergunto-me se ele se importa. Porque conforme estou desconfortável da maneira mais enlouquecedora, tendo sido despida e minha vulnerabilidade esculpida em cada centímetro da minha carne para que todos possam ver, ele não disse *nada.*

Não quando disse a ele a verdade. Não quando as lágrimas finalmente vieram. Não quando insistia em voltar para *Devil's Cove*. Quando voltei para o carro com as pernas instáveis, esperava sentir seu aperto forte em meu pulso, me puxando para trás, mas isso nunca aconteceu. E agora, meu estômago está ficando pesado a cada quilômetro que nos aproximamos da casa de Alberto.

Quando os portões da mansão aparecem, fecho os olhos com força. Eu os abro novamente quando ouço um guincho

alto, e o cinto de segurança corta profundamente meu pescoço.

— Que diabos? — Sufoco, espalmando o painel.

Angelo está em silêncio, com um olhar de mil metros no rosto. Uma tensão espessa rola dele, sugando o que resta do ar no pequeno espaço. Seus punhos apertam o volante, então o solta e passa os nós dos dedos sobre a barba.

— Você não voltará para lá. — Seu tom é prático, um forte contraste com a raiva que brota dele como chamas recém-acendidas. — Nem uma maldita chance.

A menor e mais esperançosa parte do meu coração desmorona de alívio. *Graças a Deus*, mas então respiro fundo e olho para a mansão atrás dos portões. Uma gaiola colonial em toda a sua glória doentia e distorcida. É uma prisão, mas se não entrar de bom grado pela porta hoje e me trancar atrás das grades, só piorarei as coisas para mim e para meu pai. — Angelo, eu…

— Nenhuma outra palavra. — A nitidez de seu tom corta meu protesto ao meio. Com uma mão, gira o volante em uma trava total, o carro quase subindo na borda, até que estejamos de frente para o caminho de onde viemos.

— Pare, Angelo. — Minha mão dispara para agarrar seu bíceps, e o sinto flexionar sob meu toque. — *Por favor.* — Agora, é a minha voz que é a parte mais vulnerável de mim. — Você está sendo egoísta.

Sua mandíbula aperta. Um pequeno aceno de cabeça. Quando seu olhar se choca com o meu, minha respiração cambaleia com sua violência. — Se acha que vou deixá-la voltar lá e ser maltratada por aquele bêbado filha da puta, deve estar fumando crack.

Seu olhar queima contra meu lábio cortado e, instintivamente, aperto meu lábio superior sobre ele. Irritação faíscas no meu peito. De repente, lembro-me de que Angelo Visconti não *chega* a ser exigente. Não se for criar uma tempestade e me deixar aqui nos escombros. Inclino meu queixo para cima. — Você ficará?

Seus olhos brilham. Uma batida passa. — Vou tirá-la dessa.

— Não foi isso que perguntei.

Sua língua corre sobre seus dentes perfeitos, cada segundo silencioso outro ferimento de bala em meu orgulho. Com um bufo amargo de vergonha, alcanço a maçaneta da porta. Desta vez, seu aperto forte vem. Como ferro e implacável, uma algema em volta do meu pulso.

— Ouviu o que eu disse. Você não voltará para lá.

Minha pele queima quando torço meu pulso em seu aperto. — Deixe-me *ir*. Só piorará as coisas para mim. — Ele não se mexe. Atiro um olhar para ele, mostrando meus dentes. — Você não está pensando direito.

— Sim, parece ter esse efeito em mim.

Meus olhos se fecham, mas me recuso a ceder sob o peso de seu elogio pela metade. — Se eu não voltar lá, o que acha que Alberto fará comigo então? — Ergo uma sobrancelha e espero por uma resposta. Tudo o que consigo é um rosnado e uma narina dilatada. — Está pensando como um bandido, sem se importar com as consequências.

Seus ombros abaixam uma fração e sei que o tenho.

— Preciso de um plano — murmura sombriamente, os olhos disparando para fora do para-brisa. — Eu preciso esperar meu tempo.

Parece que ele está falando mais consigo mesmo do que comigo, mas respondo mesmo assim. — Exatamente — sussurro de volta. — Deixar-me ir, lhe dará o seu tempo. — Seus olhos se estreitam em mim, mas antes que possa me derrubar, digo — Pense como um homem de negócios, não como um bandido.

Ele fica em silêncio, engolindo. Em seguida, dá um leve aceno de cabeça, antes de revirar os olhos para o teto do carro. — Devo estar louco — suspira. — Totalmente louco. — Quando seu olhar volta para mim, algo escuro e determinado gira entre o verde esmeralda. — Abra o porta-luvas.

Com as mãos trêmulas, abro e uma arma prateada brilha de volta para mim. Angelo avança e a agarra, colocando-a entre nós no console central. — Venha aqui.

Olho para ele, confusa. O carro é minúsculo e não há outro lugar para ir. A impaciência pisca em suas feições e, com um silvo quase inaudível, ele solta meu cinto de segurança e me puxa para seu colo em um movimento rápido. O movimento é como seda, mas arranha minha pele, áspera como uma lixa, fazendo-me sentir alta e *viva*. Meu batimento cardíaco para e, em vez disso, só posso sentir suas batidas contra minha espinha. É duro e quente e a maneira como sua masculinidade me envolve como um abraço mortal me faz delirar.

Seus dedos roçam meu quadril, incendiando minhas terminações nervosas. Sua respiração desliza sobre minha garganta. Algumas batidas se passam antes que pegue a arma novamente e deixe a revista cair no banco do passageiro com um baque surdo.

— Se eu não posso protegê-la, vou ensiná-la a se proteger — diz asperamente. Com o queixo descansando pesado no meu ombro, envolve minha mão direita em torno da arma, pressionando meus dedos nas pontas. — Mão dominante

primeiro — diz, os lábios roçando meu pescoço. Sua palma roça minha coxa enquanto pega minha outra mão e a levanta para segurar a coronha da arma. — Apoie o peso dela com a outra.

Suas mãos deixam as minhas e trilham um caminho suave pelos meus braços e pousam logo abaixo dos meus seios. Meus mamilos endurecem e luto contra o desejo de agarrar sua mão e colocá-la dentro do bojo do meu sutiã. Em vez disso, aperto o punho da arma e caio para trás até que estou encostada nele, minha cabeça contra seu peito, minha bunda pressionada contra sua virilha.

Seu batimento cardíaco bate um pouco mais alto. Algo se mexe em suas calças. *Cristo.* Nada além de respiração pesada e tensão enchem o carro e, embora sinta que posso morrer, nunca estive tão viva. Suas mãos apertam minhas costelas. Os lábios roçam no meu pescoço. — Como é?

Não sei se está falando sobre a arma ou seu pau, agora se esforçando para deslizar entre minhas nádegas.

Engulo. — Grande.

Ele bufa uma risada contra a minha nuca, causando arrepios na minha pele. Deixando cair as mãos alguns centímetros até encontrarem meus quadris, me puxa para mais perto de seu corpo, esfregando-me lentamente em todo o seu comprimento. A fricção faísca como um fio energizado. — E agora? — Murmura, a voz caindo uma oitava.

Respondo arqueando minhas costas e esfregando contra ele. Seu gemido é gutural e a maneira como vibra contra meu pescoço faz minha cabeça girar. Largo a arma no meu colo e fecho os olhos, bebendo até a última gota desse momento delicioso. Eu me sinto segura, aquecida. *Excitada.*

Até que a decepção me atinge com a velocidade de um trem de carga: *Deveria ter sido você.*

Deveria ter sido para a porta de Angelo que corri quando soube que a *Devil's Preserve* seria derrubada. Deveria ter caído de joelhos em sua porta; deveria ter assinado meu nome com sangue no final do contrato, mas alguma reviravolta do destino significava que ele estava a um oceano de distância, e fui deixada para fazer um acordo vazio com um homem que faz meu sangue coagular.

Deveria ser *ele.* Claro, teria sido um começo distorcido para nossa história, mas sei, simplesmente pela maneira como faz meu corpo cantar, teria um final feliz.

Abro uma pálpebra e respiro fundo e trêmulo. Náusea revira meu estômago. Atrás de mim, Angelo para. — Não é tarde demais, *Magpie* — murmura sombriamente. — Posso levá-la de volta a *Devil's Dip* agora mesmo. — Seus dentes raspam a concha da minha orelha. — Você ficaria bem na minha cama.

Meu gemido deixa minha boca como manteiga derretida. *Em outra vida,* mas estou vivendo nessa, e nesta, preciso salvar a mim e a meu pai. Rangendo os dentes como se isso fosse me ajudar a pensar direito, pego a arma e a equilibro em minhas mãos. — Por que me deu isso?

— Se ele tocar em um fio de cabelo da sua cabeça, atira nele. Você corre, e aí me liga. Entendido?

Concordo.

— Colocarei meu número no seu celular. — Como não respondo, passa o dedo na minha barriga e diz baixinho — Rory.

Algo na maneira como diz meu nome me puxa para olhar para ele. Eu me viro, encontrando seu olhar escuro. Pisca com algo que não reconheço.

— Vou tirá-la dessa. Só preciso ter um plano em prática. Confia em mim?

Mastigo meu lábio ferido. A cada segundo de silêncio que passa, a raiva se forma em seus olhos. Estudam-me atentamente, e parece que a menor faísca faria toda a tensão entre nós explodir, mas não estou pensando se confio nele ou não. Estou me perguntando por que tenho tanta certeza disso.

Confio nele. Ele tem todos os meus pecados e nenhum deles escapou de seus lábios, mas confiar nele para me livrar desse maldito acordo com Alberto é o mesmo que pular de um precipício e acreditar que estará lá embaixo para me pegar. Quando, na verdade, sei que seria mais seguro não pular.

Ofereço um pequeno aceno.

— Não. Use suas palavras. Preciso ouvi-la dizer isso.

Meu olhar cai para sua boca. A esperança infla meu peito, e rezo a Deus para que não seja falsa. — Confio em você — sussurro.

Seus olhos se fecham, mas se eu tivesse piscado, teria perdido. — Rory? — O seu polegar deixa uma trilha no meu queixo. Ele para no canto da minha boca, mas viro minha cabeça para pegá-lo entre meus lábios. Ele solta um gemido suave, observando-me, os olhos semicerrados de luxúria, enquanto o lambo lentamente.

— Sim?

Perigo brilhando em seus olhos, empurra o polegar ainda mais em minha boca, e com a umidade se acumulando entre minhas coxas, abro mais minha boca para levá-lo para dentro.

— De todos os meus pecados, você é o meu favorito.

30

Rory

O sol branco está baixo no céu, queimando pela janela do quarto e queimando minhas retinas através de minhas pálpebras. Isso me acorda. Jogo o edredom sobre a cabeça e estico todos os meus membros.

É incrível como dormi profundamente com uma arma carregada debaixo do travesseiro, ou talvez minha boa noite de sono tenha sido porque foi a primeira vez em *meses* que não tive o corpo gordo e suado de Alberto me prendendo.

Quando voltei para a mansão ontem à noite, a arma de Angelo enterrada sob as embalagens de balas em minha bolsa, Alberto estava me esperando no corredor. Cada músculo das minhas costas tensionaram, mas para minha surpresa, não estava com raiva. Estava *tímido.* O grande mestre da máfia, corado de vergonha, torcendo as mãos.

— Você é uma sedutora, Aurora — disse. — Seria melhor se dormisse na ala de hóspedes até o dia do casamento para me ajudar a evitar a tentação, especialmente com toda a merda com a qual estou lidando agora.

Por “merda”, quis dizer seu pobre Rolls Royce com as janelas quebradas. Mordi meu lábio fissurado para reprimir meu alívio. Graças a *Deus,* porque não sabia se seria capaz de passar outra noite olhando para seu teto dourado sem colocar uma bala em sua cabeça.

As badaladas do relógio antigo flutuam sob a porta, e quando conto onze delas, me levanto de surpresa. *Dormi até*

as onze da manhã? Cristo, não consigo me lembrar da última vez que dormi, e definitivamente não foi nesta casa.

Levanto-me e vou direto para o chuveiro, uma energia nervosa borbulhando em meu estômago. Tenho menos de uma hora até o almoço de domingo; menos de uma hora até conseguir ver Angelo. Mal posso esperar para saber que plano elaborou para me tirar daqui. Parece que o fim está tão próximo que posso prová-lo.

No final da noite, peguei um monte de roupas no meu closet para não ter que me trocar com Greta hoje. Não a vejo desde que ela encontrou Alberto me prendendo no chão e não fez nada, exceto encontrar um tom de batom para combinar com o dano que ele havia feito. Ainda não sei qual será a minha vingança, mas sei que não será mesquinha.

Deixo meu cabelo secar naturalmente e pego um vestido verde de veludo pendurado no encosto de uma poltrona. O inverno está chegando e sinto que combina bem com a geada nas janelas e a névoa pairando baixa sobre o terreno.

Enquanto desço as escadas, ouço meu nome sendo chamado da sala de estar. Gelo corre em minhas veias quando percebo que é Amelia. Não tem *como* não ter ouvido a minha discussão com o Angelo da cozinha da suíte ontem. Ela é legal, mas ainda é uma Visconti. Não posso confiar nela para manter a boca fechada.

Batimento cardíaco acelerado, enfio a cabeça pela porta. Estou muito surpresa para forçar um sorriso falso, porque ela está sentada no tapete em frente à lareira, uma montanha de catálogos e quadros de humor espalhados ao seu redor. No momento em que olha para cima e me cumprimenta com um sorriso deslumbrante, sei que estou livre.

— Oi! Entre, quero lhe mostrar uma coisa.

Eu me aproximo e caio de joelhos ao seu lado. Bate duas vezes em um dos quadros de humor com sua longa unha vermelha. — O que acha?

— Depende, o que estou olhando?

Sua risada tilinta. — É isso que pensando para o *Le Salon Prive*[33] de sábado.

Meu olhar vazio é recebido por uma carranca fugaz. — A recepção do casamento, Aurora. Será no nosso restaurante francês na praia, lembra? É um espaço lindo, mas tenho trabalhado com a planejadora de casamentos para torná-lo *perfeito.* — Seus olhos disparam para mim. — Sabe, já que parece perder todos os compromissos que temos com ela. — Aponta para o canto superior. — Lírios brancos e ervilhas-de-cheiro para um toque de cor? — Antes que possa responder, avança e pega outra placa. Fileiras de modelos com cabelos lindos e esvoaçantes sorriem para mim. — Ah, e reuni algumas ideias de cabelo e maquiagem para pensarmos. Eu amo a sombra dourada, e você? E a coroa de flores?

O calor do fogo roça minhas costas. Amelia olha para mim, com os olhos arregalados e feliz, mas há uma centelha de desespero em seus olhos e, de repente, percebo que estava errada sobre ela. Ela não é a estranha inocente que acredita que me casarei com Alberto por amor verdadeiro. Não, ela é intencionalmente ignorante. Sabe exatamente o que está acontecendo e, no entanto, prefere ficar parada e me deixar afogar do que se levantar e balançar o barco.

Minha maquiagem nem está tão grossa hoje; o fantasma do meu olho roxo é visível, e não há como não ver o ferimento em meu lábio nu, mas não perguntou sobre os cortes e hematomas, porque já sabe como consegui. Ela não é melhor do que Greta.

Inclina a cabeça. Levanta uma sobrancelha. Meus dedos se contraem com o desejo de *fazer coisas ruins,* mas, em vez disso, sufoco minha amargura e me levanto.

— Aurora?

— Outra hora.

Sem olhar para trás, saio da sala de estar. Não me *importo.* Não me importo se a ofendi ou se contará a Alberto minha falta de entusiasmo.

Eu não me importo e é libertador.

Não estarei aqui por muito mais tempo, de qualquer maneira.

* * *

Entro na sala de jantar me sentindo mais leve. Hoje, a sala está tão inspirada no inverno quanto meu vestido. Taças de champanhe fosco, talheres brilhantes e um corredor com uma guarnição de brilho em relevo enfeitam a longa mesa. O clima é surpreendentemente jovial; risos ecoam pela sala ao som de uma música de piano ousada como pano de fundo, e os garçons se movimentam entre os assentos cheios para encher os copos. É um contraste gritante com o vazio sinistro da noite de sexta-feira.

Imediatamente, procuro Angelo na sala de jantar, mas ele ainda não está aqui. Bem, tudo bem, porque nem Tor nem Amelia estão – ela está muito ocupada planejando meu casamento inexistente na sala de estar. Alberto está em seu lugar habitual na cabeceira da mesa, segurando um copo de uísque e entediando Donatello com uma anedota. Todos parecem ter se esquecido da explosão. Tento me unir ao papel

de parede e rastejar até o outro lado da sala de jantar sem que Alberto me veja, mas não consigo escapar do olhar de Dante. Queima o lado da minha bochecha, me seguindo como um laser enquanto me sento ao lado de Vittoria.

Ela me olha preguiçosamente. — O que aconteceu com seu lábio?

— Seu pai me deu uma surra. Obrigada por notar.

Desliza da minha língua com facilidade. A verdade tem um gosto bom. Suas sobrancelhas se erguem e levanto uma taça de champanhe para brindar a ela, antes de afundá-la de volta em uma. Quando as bolhas atingem o fundo da minha garganta, sinto uma onda familiar de adrenalina descendo pela minha espinha.

— Jesus, meu pai é *o pior* — murmura para si mesma, antes de pegar seu celular e digitar uma mensagem em alta velocidade. Está certa, ele é o pior, até para ela. Ser um personagem secundário na saga da família Visconti significa que muitas vezes sou deixada em cantos escuros dos quartos, esquecido. Ouvi várias conversas que não me dizem respeito, inclusive que Alberto também fez um acordo com a filha. Foi autorizada a renunciar a frequentar a *Devil's Dip Academy* em favor de uma escola pública, mas apenas com a condição de que ela... *entretenha* potenciais futuros pretendentes de sua escolha. Como filha única, é importante que se case bem, e ele está iniciando a busca ainda jovem.

Afundo uma segunda taça de champanhe. O zumbido no meu sangue é agradável e tira o fio das lembranças que tenho neste refeitório. Seria quase uma pena, *quase,* nunca mais ver o seu interior.

Tor entra, um rosto como um trovão e, pela primeira vez, nenhuma garota risonha em seu braço. Amelia vem logo depois, lançando-me um olhar cauteloso antes de se sentar

ao lado do marido, que agradece a interrupção, mas não estou olhando para Amelia ou Tor ou mesmo para meu detestável noivo no topo da mesa. Estou olhando para o assento vazio ao seu lado.

Meus ouvidos começam a arder, mas engulo o pânico recém-formado. *Calma, Rory*. Ele vem. Claro que vem. Ainda é cedo e...

Ding, ding, ding. Prata contra cristal faz o pianista parar de tocar. Meu olhar se volta para Alberto, que agora está de pé, com uma taça de champanhe em uma das mãos e uma faca de carne na outra. — Que resultado maravilhoso! — Explode, um sorriso de plástico esticando seus lábios murchos. — Fico muito feliz quando consigo reunir a maior parte da família na sala. Agora, vamos comer!

O pianista toca alguns acordes alegres. Olho para trás em direção ao assento de Angelo, como se, por algum milagre, tivesse conseguido não ver sua estrutura imponente na primeira vez que olhei.

— Espere. — Deixo escapar antes que possa me impedir. No meio do caminho entre sentar e levantar, os olhos de Alberto disparam para mim. Engulo. — Uh, não deveríamos esperar até que todos os convidados estivessem aqui?

Silêncio. Do tipo que é tão espesso que dá para sentir o gosto. Alguém tosse. Ao meu lado, Vittoria suspira.

— Ele não vem.

Olho para a esquerda. Tor, está olhando para o papel de parede acima da cabeça de Amelia. Seu *piercing* no nariz brilha à medida que inclina o queixo para cima para drenar o resto de seu uísque.

Meu coração fissura, mas meu rosto não mostra. — Quem não vem? — Digo, tão indiferente quanto a dor sob minhas

costelas me permite.

Seu olhar se desloca para mim. — Angelo. Ele deixou a cidade.

Meus ouvidos zumbem. As fissuras se transformam em fraturas, ameaçando partir meu coração em pedaços. Deixo cair meu olhar de volta para o prato vazio a minha frente antes que alguém possa ver como suas palavras me deixaram sem fôlego. Uma risada melosa vem da direção de Alberto. — Aquele garoto sempre vem e vai quando quer. Tenho certeza de que fará outra aparição no Natal.

Uma mão gelada agarra minha garganta, ameaçando cortar meu suprimento de ar. Estou ansiosa para descobrir como o Tor sabe, e *se é verdade.*

Ele não me deixaria aqui; prometeu. Não pode ser verdade. Pode?

* * *

Quarta-feira. Estou sendo cutucada e espetada, como uma vaca, na sala de estar e, além da janela saliente, o céu está mais escuro do que meu humor. O fogo crepita. O vento ruge. E minha alma grita para o carro de Angelo entrar na pista circular do outro lado do vidro.

Domingo à noite estava entorpecida, mas em negação. Segunda-feira, estava com coceira. Na terça-feira, estava encolhida no banheiro, com as costas contra a porta, meu dedo pairando sobre o botão “ligar” no meu celular. Levei quarenta e cinco minutos para criar coragem para pressioná-lo, porque a única coisa pior do que não saber é descobrir a verdade.

Bem, a verdade veio na forma de uma voz automática do outro lado da linha: *O número que você ligou está desligado.*

Agora é quarta-feira e estou com raiva. Uma raiva amarga e ardente inunda minhas veias, fazendo minha pele faiscar como um fio elétrico. Fazendo-me cerrar os dentes toda vez que a costureira me cutuca com a agulha, ou quando Greta enfia a cabeça para zombar ao me ver em um vestido de noiva. É a prova final, e não quero nada além de rasgar toda a seda e renda do meu corpo e jogá-los no fogo.

A porta se abre e Tor aparece. Lança um olhar indiferente sobre o meu vestido e se inclina contra a moldura. — Está pronta?

Eu o encaro sem expressão. Se não houvesse outras cinco pessoas nesta sala me importunando, diria a ele para ir para o inferno.

— Como sempre estarei — digo com os dentes cerrados.

Ele franze a testa. — Não para o casamento, idiota. Para ver seu pai.

Meu coração se contrai. — O quê? Agora?

Ele boceja, verifica o relógio. — É quarta-feira. Não poderá vê-lo no sábado, não é?

Sem dizer mais nada, desço e cambaleio pela sala, chutando a caixa de armarinho da costureira ao passar. — Sim — respiro. — Estou pronta, estou pronta.

Tenho inteligência suficiente para ficar no quarto tempo suficiente para ser ajudada a tirar o vestido. Então subo as escadas e coloco um moletom, leggings e tênis. Hesito por um momento, antes de enfiar a mão embaixo do travesseiro e enfiar a arma na bolsa. Tenho um plano incompleto se formando na minha cabeça, e meu coração está batendo na

minha garganta só de pensar nisso. No momento em que corro para a entrada, estou sem fôlego.

Tor olha para mim com uma mistura de diversão e desgosto. Sem dizer uma palavra, abre a porta do passageiro e dá a volta no carro para se sentar no banco do motorista.

— Angelo pediu para você me levar?

O motor ronrona sob minhas coxas. Uma batida passa. — Não.

Afundo no assento de couro e solto um suspiro exasperado. O pequeno espaço em meu coração reservado para a esperança ficando cada vez menor a cada segundo. Tinha inflado, apenas uma fração, quando Tor apareceu na sala de estar. Da última vez que Angelo esteve fora, ele pediu a Tor para me levar para a casa do meu pai, e pensei que talvez, *apenas talvez,* tivesse feito isso de novo.

Ele me olha de soslaio enquanto os portões se abrem. — Só estava sendo legal.

Cerro minha mandíbula e olho para fora do para-brisa. Claro, estou feliz por poder ver meu pai e me sinto culpada por estar tão desapontada. O silêncio é pesado, pontuado apenas pelos dedos de Tor tamborilando no volante.

Reduzimos a velocidade para encontrar um vermelho e ele olha para mim novamente. — Não tem nenhum doce para mim hoje?

Balanço minha cabeça.

— Ah, vamos lá. Sempre tem alguma coisa nessa bolsa. — Estende a mão para a bolsa no meu colo e, imediatamente, arranco-a de suas mãos. Ele franze a testa, então seu olhar se dilui. — Qual é o problema, já está ficando com medo?

Não respondo.

— Ele se foi, Aurora. Esqueça-o.

— Como sabe?

— Ele mesmo me disse isso.

Desconforto escorre sob a superfície da minha pele. *Não.* Não quero acreditar. Ele não deixaria *Coast* sem me avisar, mas, novamente, seu celular foi desligado...

Preciso ver por mim mesmo.

— Leve-me a casa de Angelo em *Devil's Dip*.

— Claro que não — retruca. O carro acelera e o aborrecimento sai dele em ondas. — Já o encobri por estar com os olhos pegajosos em você. Não me envolverei mais nessa bagunça. Isso começará uma guerra.

— Estou pedindo educadamente.

— Pode pedir de todas as maneiras que quiser, garota. Não acontecerá. Esta não é uma família normal, Aurora. Quando um familiar te trai, não é o caso de riscá-lo da lista de cartões de Natal, é vida ou morte. Lealdade e tudo. — Sua mandíbula flexiona e passa a mão pelo cabelo. — Tem que escolher um lado e ficar com ele.

Não parece que minha mão enfia na bolsa e puxa a arma. Não parece que meu polegar se solta da trava de segurança, ou que meus dedos pressionam o cano contra sua têmpora; também não soa como a minha voz, quando ofego — Eu *disse,* me leve para o *Devil's Dip*. — Desespero, está se espalhando pelo meu corpo como um vírus desagradável, me fazendo fazer o impensável. Alguns dias atrás, nunca havia segurado uma arma antes, e agora estou usando-a como uma ameaça. Talvez seja *uma* garota má.

Ele leva um momento para perceber o que está acontecendo, mas fica claro pela velocidade vertiginosa com

que o carro sobe a calçada e pega a arma da minha mão e a pressiona contra a minha própria cabeça que não é a primeira vez que fica do lado errado de uma arma.

Seu rosnado é gutural. Seu punho bate contra o painel. Aperto meus olhos fechados, o peso das minhas ações estúpidas se acomodando ao meu redor como poeira. — Está *louca porra?* — Sibila. O cano bate contra minha têmpora. — Deveria matá-la por isso. Onde conseguiu essa coisa?

Meu lábio inferior treme. Isso não passa despercebido, porque os latidos de Tor se transformam em murmúrios. — Não pense que sairá dessa puxando essa merda feminina para cima de mim.

Alguns momentos pesados se passam, antes que solte um grunhido profundo e jogue a arma no console central. — Está louca. — Murmura, antes de colocar o carro em movimento com um pequeno aceno de cabeça.

Respiro todo o ar viciado em meus pulmões. Demoro pelo menos cinco minutos para criar coragem para interromper o silêncio. — Já escolheu um lado.

— O quê?

— Na sexta-feira à noite. Sabia que era Angelo e o encobriu. Isso significa que você escolheu um lado.

Sua mandíbula flexiona. Os dedos começam a dedilhar no volante novamente, como se não tivesse uma arma apontada para a cabeça apenas alguns minutos atrás. — Todo mundo tem momentos de loucura. Escolhi varrer para debaixo do tapete antes que tudo explodisse em algo maior.

— Mas Alberto é seu pai.

A escuridão cruza suas feições. — Sim, bem. Big Al me arrastou. Angelo me criou. É apenas alguns anos mais velho que eu, mas sempre se controlou. — Faz uma pausa. —

Dante me ensinou a atirar com uma pistola. Como espancar um homem quase até a morte, mas mantê-lo lúcido o suficiente para falar. Fez os homens cagarem, mas Angelo? Ele me ensinou apenas merda de *homem.* Como dar um nó de gravata. Como falar doce com garotas. — Ele sorri. — Perfurou em mim para não foder garotas sem embrulhar primeiro.

Calor pinica minhas bochechas. Mesmo agora, no meio de seu desaparecimento e da raiva cada vez maior que tenho em relação a ele, a ideia de Angelo ser um sabe-tudo em pegar mulheres me irrita. Meus punhos se fecham nas mangas e me concentro na chuva que acaba de começar a cair no para-brisa. — Ele realmente se foi? — Sussurro.

Ele engole, evitando meu olhar, acena.

— Preciso ver por mim mesma.

Com um suspiro pesado, desacelera o carro. Gira a cabeça nos ombros e depois acena. — Tudo bem — murmura — mas se você apontar uma maldita arma para a minha cabeça novamente, quebrarei todos seus dedos.

— Fechado.

Dirigimos em silêncio borbulhante; os únicos sons são meu coração batendo contra minhas costelas e a chuva ficando cada vez mais forte no para-brisa. Giro meu anel ao redor do meu dedo, até que a pele sob ele pareça em carne viva.

Ele prometeu. Confio nele. Ele estará lá.

Minha respiração fica mais superficial quando a casa aparece no topo da colina. O céu é uma mancha cinza atrás dela, e a sua frente, materiais de construção estão espalhados no pátio. Lençóis de lona balançam violentamente ao vento, e

caminhões de trabalho estão estacionados ao acaso, com as portas ainda abertas.

Eu me esforço contra o cinto de segurança e olho pelo para-brisa para ver melhor. Caminhões à parte, não há carros. Sem *Aston Martin*, sem *Bugatti*. A lógica me diz que Angelo não estacionaria seus supercarros do lado de fora na chuva torrencial de qualquer maneira, mas a esperança em meu peito está diminuindo.

Quando Tor desliga o motor, percebo que a porta da garagem está aberta e, lá dentro, posso ver a silhueta de um homem trabalhando sob o capô de um carro. Meu pulso palpita, mas é passageiro. Quando dá um passo para o lado e estica o pescoço para nós, percebo que é seu irmão, Gabe. Apesar do tempo frio, está sem camisa. Pega um fone de ouvido e olha em nossa direção.

— Ele não está aqui, Aurora. Apenas vá em frente com o casamento e podemos esquecer que tudo isso aconteceu. — A voz de Tor é a mais suave que já ouvi e, por algum motivo, isso me deixa ainda mais irritada. Há algo que preciso ver, algo que me fará saber com certeza. Sem outra palavra, pulo para fora do carro, correndo pela chuva gelada ao redor da casa. Gotas escorrem pelo meu pescoço e meus cachos ficam viscosos e grudam na minha testa.

Quando chego ao hangar, meus joelhos ameaçam dobrar sob mim. Está vazio. Seu avião desapareceu.

Ele se foi.

Meu coração se parte em mil pedacinhos. Minha visão turva por trás das lágrimas que venho segurando há tanto tempo, mas agora as deixo cair. Quentes e gordas, rolam pelas minhas bochechas num misto de frustração e mágoa, e sei, *só sei,* que agora que comecei, não conseguirei parar. Estou tão brava quanto estou com ele. *Não posso ficar, Rory.*

Ele me avisou, mais de uma vez, que iria embora. Que não tinha planos de ser meu cavaleiro e armadura brilhante, mas quando alguém está desesperado e esperançoso, se apegam às coisas que querem ouvir. Como ele prometendo que me tirará dessa. Como ele me pedindo para confiar nele.

Acho que ele estava certo. Visconti são trapaceiros e mentirosos e eu seria tola se acreditasse em qualquer coisa que dizem.

Passos pesados surgem atrás de mim. — Ele não está aqui. — As palavras rudes de Gabe me machucam fisicamente.

— Bem, onde ele está então?

— Não faço ideia, provavelmente Londres. Não disse que estava indo embora.

Eu me viro, com raiva. — Se próprio irmão não se despediu?

Ele buda. — Não somos exatamente esse tipo de família.

Há uma dor surda e oca sob meu esterno, mas há algo mais quente na boca do meu estômago. Parece um velho amigo, sombrio, amargo, perigoso. A faísca se transforma em uma chama, então se espalha por minhas veias como fogo.

Enrijeço minha mandíbula. Esculpo meias-luas nas palmas das mãos com as unhas. Virando, me movo para voltar para a chuva, mas Gabe se esquiva para me impedir. Um toque de medo colore minha expressão; ele é tão grande e imponente quanto seus irmãos, mas não tem o mesmo charme para tirar vantagem. E então há aquela cicatriz raivosa que abre caminho em seu rosto...

Engulo e espero, com expectativa. Gotas de água rolam por seu peito musculoso. Ele as afasta de seu torso com uma grande palma.

— Nossa linha direta é para pecados cometidos, não pecados que está pensando em cometer.

Sua voz é seca, indiferente, mas suas palavras imediatamente fazem minhas bochechas arderem.

— E-eu não entendo?

— Entende. — Dá um passo à frente e, instintivamente, dou um atrás. Meus olhos correm por cima do seu ombro em busca de qualquer sinal de Tor, mas não está em lugar nenhum.

Arfo uma respiração instável. — Tem escutado o meu...?

Bate o *Airpod* no ouvido. — Escuto cada pecado que aparece.

Oh, swan. Olhamos um para o outro, a insinuação pairando no ar como uma nuvem de tempestade. Ele sabe. Gabriel Visconti conhece meu pecado mais profundo e sombrio, e estou sozinha com ele em um hangar vazio. Deveria lhe implorar para não contar a ninguém, mas não consigo me importar. Não tenho energia. Em vez disso, arrasto as costas da mão sobre minhas bochechas molhadas e dou de ombros.

— Tudo bem.

Desta vez, me deixa passar sem me parar, mas então sua mão dispara, agarra meu pulso e me gira. Seus olhos são escuros e perigosos, ardentes como um sol verde-mar. — Se Angelo não voltar, espero outra ligação.

Minha têmpora lateja. *O quê*? Quão doente e distorcido esse homem pode ser? Atrás de mim, Tor toca sua buzina. Gabe olha por cima do meu ombro, irritação cruzando suas feições.

— E desta vez, espero que seu pecado não seja hipotético.

Com um olhar demorado, ele passa por mim e volta para a chuva. Eu o observo até que desapareça ao lado da casa. *Santo crow.* A náusea rola em meu estômago e, por um breve momento, me pergunto se aquela breve conversa foi um sonho febril.

Tor toca sua buzina novamente, desta vez por mais tempo. Com outro olhar de volta para o hangar vazio, engulo o nó na garganta e saio correndo para a chuva.

31

Rory

Sexta-feira à noite. Dois andares abaixo de mim, o *Basement* vibra com um bom tempo, mas aqui em cima, na suíte de hóspedes, está silencioso. Mortalmente assim.

Envolvo minhas mãos em torno da caneca de chocolate quente e me espremo no parapeito da janela. A chuva risca o vidro e, do outro lado, faróis amarelos aparecem e desaparecem em um borrão quando convidados que nunca vi chegam à minha despedida de solteira.

Esta noite foi meticulosamente planejada em meu quadro de visão de cinco anos, aquele que fiz quando tinha dezoito anos e ainda não havia sido corrompido. Cortei um lindo vestido de cetim vermelho das páginas da Vogue; preso em Polaroids de todos os meus amigos que convidaria, mas esse é o problema dos planos: eles mudam.

Descanso minha testa contra a janela enquanto outro carro entra na estrada. Imediatamente, reconheço a voz irritantemente alta escapando dele: Alberto. Posso contudo ouvir que não está sozinho. Usando a manga do meu roupão para limpar a condensação, olho para a entrada da garagem. Ele sai do carro, duas mulheres da minha idade penduradas em cada braço. Passo a língua pelos dentes e me irrito imediatamente. Sua despedida de solteiro foi em um clube de *strip-tease* em *Devil's Cove* e, sem dúvida, contratou alguns *funcionários* para trazer de volta ao pós-festa. Que também é a despedida de solteira de sua noiva. Não poderia me importar menos com ele apalpando outras garotas - antes elas do que eu - mas é o desrespeito flagrante que me irrita.

Uma risada amarga escapa de meus lábios e tomo outro gole de chocolate morno.

Sim, os planos mudam porque a vida lhe joga em constantes obstáculos. É por isso que tinha vários deles. O primeiro era simples; casar com Alberto para impedi-lo de construir na Preserve, forçando assim meu pai com demência a sair para um mundo que não reconhece mais. Isso mudou quando descobri que Alberto nem era dono da maldita terra, mas planejava me amarrar a ele de qualquer maneira. O segundo plano, confiar em Angelo, era ingênuo e estúpido. Um alimentado por luxúria e adrenalina, construído sobre falsas promessas e batimentos cardíacos palpitantes. O único plano em que sei que posso confiar é aquele que envolve apenas a mim mesma. É por isso que estou de volta a um dos meus planos originais. Aquele que inventei na beira do penhasco em *Devil's Dip*.

Será o pecado final. Uma atualização íngreme de cuspir em enxaguatórios bucais e trancar portas de carros e talvez quando pensei nisso pela primeira vez, lá em cima no penhasco, não passava de uma fantasia doentia, mas estou diferente agora. Estou endurecida pela traição e humilhação, e *estou pronta.*

Coloco a caneca na cômoda, atravesso a sala e tranco a porta duas vezes. Depois, tiro meu roupão e deslizo entre os lençóis. A festa continua debaixo de mim, mas em minha mente, tudo está quieto. Encontrei paz, sabendo que, quando cair, não preciso que Angelo me segure. Mergulharei diretamente no abismo escuro, e me receberá de braços abertos.

32

Rory

— Acorde e brilhe, bela noiva!

Abro uma pálpebra ao som da voz alegre de Amelia. Ela está de pé no final da cama, uma taça de champanhe na mão e um sorriso no rosto. — Finalmente é seu grande dia!

Pelo bem do Flamingo. Quero rolar e enterrar minha cabeça entre os travesseiros, mas, infelizmente, isso não está na agenda de hoje. Em vez disso, cerro meus molares e rolo para fora da cama, uma raiva devastadora já me consumindo. Quando passo por Amelia para ir ao banheiro, pego a taça de sua mão e bebo tudo. Precisarei da coragem líquida hoje.

Seus passos rangem nas tábuas do assoalho, então rapidamente tranco a porta do banheiro atrás de mim.

— Ei, onde foi ontem à noite? — Chama pelo buraco da fechadura. — Você desapareceu tipo, às nove da noite.

Em vez de fingir uma desculpa esfarrapada, entro no chuveiro e deixo a água quente queimar meu corpo. Giro o dial mais alguns graus e aperto meus olhos, tentando não estremecer quando escalda minha pele.

Eu me pergunto se é assim que o inferno se sentirá?

No momento em que me seco e coloco um pijama de seda limpo, espero que Amelia tenha entendido a dica e ido embora. Infelizmente, não entendeu; ainda está parada perto da porta, só que agora, seu sorriso está congelado em seu rosto.

— Devemos chegar ao *Visconti Grand* ao meio-dia.

Sem resposta.

— Aurora...

Agarra meu pulso quando passo por ela, mas sou rápida em tirá-lo de seu alcance. É um movimento brusco, que a faz estremecer. — Deixe-me em paz — explodo. — Diz-me o que fazer, e farei, mas não fingirei que este é o dia mais feliz da minha vida, por isso prefiro que pare de fingir que também é.

Ela me encara em choque. Minhas sobrancelhas se erguem. — Entendeu? — Sibilo. Um aceno de cabeça. — Bom. Agora, onde me quer?

Algumas batidas se passam. — O cabelo e a maquiagem são arrumados na sala da família.

Pego minha bolsa e saio do quarto sem dizer mais nada.

Lá embaixo é o caos. As entregas vêm e vão, os pedidos são gritados em vez de falados, e todos que atravessam o foyer o fazem em uma corrida frenética, em vez de uma caminhada. Faço uma pausa no topo da escada, mudando meu peso de um pé para o outro. Meu plano depende da oportunidade, então preciso ficar de olho em uma. Enquanto a porta está escancarada, há um grupo de homens de terno parados na varanda e, quando um deles se vira, seu fone de ouvido brilha sob a forte luz do sol de inverno.

Ainda não, Rory. Ainda não.

Respiro profundamente, desço as escadas e entro na sala de estar. Uma onda de aplausos a percorre, um coro de gritos e assobios de um grupo de mulheres que mal conheço. Há a maquiadora, a cabeleireira e a costureira, todas as quais tiveram mais conversas com Amelia do que comigo. E depois há os *primos.* Mulheres bronzeadas com cabelos pretos sedosos e olhares críticos. Apareceram na primeira prova,

onde nada fizeram além de resmungar em italiano por trás de suas mãos perfeitamente cuidadas.

Sou cutucada e espetada como uma vaca sendo preparada para o leilão. Meu cabelo grita enquanto é trançado; meu rosto arde quando a maquiagem de um centímetro de espessura é colada nele. Depois sou costurada em um espartilho, então meu vestido, e então todos riem e gritam enquanto a costureira desliza uma liga de renda até minha coxa.

Cerro minha mandíbula fechada e varro a sala com meu olhar. São todos cúmplices, e não quero nada além de jogar uma granada aqui e fugir.

A costureira para de se preocupar com minha bainha e se senta ereta. — Tudo terminado! Você está linda — murmura, juntando as mãos. — Olhe.

Com mãos gentis em meus ombros, ela me gira para encarar o espelho de corpo inteiro antes que possa protestar. Meus olhos se chocam com meu reflexo e sinto como se tivesse levado um tiro no estômago. Estou *linda.* Qualquer estranho pensaria que sou uma noiva virginal prestes a caminhar até o altar e encontrar o amor de sua vida à sua espera no final. Meu cabelo está preso em uma longa trança francesa, adornada com diamantes. O vestido é volumoso; um decote *bardot* emoldurado com mangas bufantes de renda e uma saia grande o suficiente para esconder uma bomba por baixo.

Pareço bonita, mas não me pareço *comigo.*

O calor pinica minha pele sob o tecido áspero, espalhando-se pela minha clavícula como uma erupção cutânea. *Deveria ser ele. Ele no final do corredor, aquele que pesou meu dedo com uma pedra.*

Engulo a emoção subindo pela minha garganta. *Não, não deveria,* mas por alguma razão patética, gostaria que fosse. Apesar do fato de que ele me usou, me cuspiu e quebrou sua promessa, se fosse Angelo esperando no final do corredor, não estaria procurando minha oportunidade de escapar.

Como se fosse um toque do destino, minha oportunidade surge no momento em que abro os olhos. Meu olhar muda do meu reflexo pela janela para a varanda da frente. Está vazio. A calma me envolve. Fingindo um sorriso, aliso o vestido e saio da caixa. — Obrigado, pessoal. Só preciso usar o banheiro.

— Irei com você...

Atiro um olhar mortal a Amelia. — Eu consigo — digo friamente.

Pegando minha bolsa de uma poltrona, saio do quarto confusa e com o coração batendo forte no peito, viro à direita em direção à porta. O vento do fim do outono trabalha contra mim, tentando me levar de volta para casa, mas agarro o tecido do meu vestido, abaixo a cabeça e começo a correr. O cascalho dança sob meus saltos, o sangue lateja em minha têmpora. *Está acontecendo. Está realmente acontecendo,* mas minha empolgação distorcida é interrompida quando um par de sapatos masculinos brilhantes aparece. Congelo. Controlo meu pânico e olho pra cima para ver quem é o dono.

Tor. Está encostado na lateral do carro, parecendo uma figura elegante em um smoking. Um cigarro aceso está a meio caminho de seus lábios, mas faz uma pausa para me lançar um olhar desconfiado.

Olhamos um para o outro por três batidas meticulosamente longas. Ele passa a língua entre os dentes. Respira fundo e lança um olhar sombrio na direção da casa.

Então sai do carro, apaga o cigarro e deixa cair algo aos meus pés.

— Oops — diz com indiferença, sem olhar para mim. — Acho que acabei de deixar cair as chaves do meu carro. — Seu ombro roça no meu quando passa. Sinto seu hálito quente em meu ouvido. — Espero que não sejam encontradas por uma noiva fugitiva.

Ele me deixa lá, ofegante e desnorteada. No reflexo distorcido da porta do carro, vejo-o entrar em casa sem olhar para trás.

Meus olhos caem para o brilho prateado no cascalho. *Obrigada, obrigada, obrigada.* Um coquetel de descrença e adrenalina percorre minhas veias. Pego-as e deslizo atrás do volante, jogando minha bolsa e sapatos no banco do passageiro.

Nunca dirigi nada além do *Land Rover* surrado de meu pai e um carrinho de golfe, ambos nem de longe tão elegantes ou potentes quanto este. Quando meu pé descalço pisa fundo no acelerador, o motor ronca em protesto e dou um salto para a frente. *Santo crow.* Meus olhos cortam aos três espelhos, certificando-me de que não atraiu nenhuma atenção indesejada, e então tento novamente, mais devagar desta vez. Preciso apenas dirigir normalmente até sair do terreno, e depois é uma corrida para chegar ao penhasco.

Outro golpe do destino; os portões estão abertos, provavelmente por causa de todas as entregas que estão chegando hoje. Os guardas estão tão concentrados em ver o que está chegando que nem piscam para o carro de Tor saindo.

Tudo bem, tenho isso. O alívio dissolve parte da tensão em meus ombros quando viro para a rodovia costeira e *Devil's Cove* se torna uma mancha no espelho retrovisor. A jornada

transcorre em uma névoa entorpecida, porque estou muito focada no destino. Não dirijo tão rápido quanto Angelo, mas, parece que estou parando sob o salgueiro próximo ao cemitério em questão de minutos.

É isso. O plano que nunca pensei que teria que recorrer. Encho o carro com uma risada amarga, lembrando de quando esse momento não passava de uma fantasia doentia. Tão doente que liguei para *Sinners Anonymous* para confessar que estava apenas *pensando* nisso.

Pensei que seria diferente, no entanto. Achei que minhas pernas estariam tremendo enquanto caminhava até a beira do penhasco. Achei que ficaria com medo, mas à medida que estou na beirada, meus saltos afundando na lama e seixos se espalhando sob meus dedos, me *sinto viva.*

— Meu nome é Rory Carter e faço coisas ruins.

Como sempre, o vento arranca as palavras dos meus lábios, levando-as para longe da beira do penhasco e sobre o mar agitado. Sempre falo aqui, só pra ver o gosto da verdade, e hoje, tá gostoso. Outro passo mais perto da borda. O tecido do meu vestido ondula, uma rajada de vento subindo pela minha saia.

A primeira vez que estive neste penhasco, chamei-o. *Sempre chegaria a isso.* Eu, parada na beira do precipício mais alto do *Devil's Dip* e pensando coisas ruins. Tentei fazer uma coisa boa, mas parece que o bem sempre anula o mal.

Fechando meus punhos ao redor da renda do meu vestido, fecho meus olhos. Ergo meu dedo do pé e avanço até a borda, até que não haja nada debaixo do meu pé além de ar. A adrenalina desce pela minha espinha. *Estou pronta.* Abro minhas pálpebras, mas antes que possa procurar minha bolsa, sou arremessada para trás por uma força tão forte que me tira o fôlego.

Que diabos?

Mãos quentes queimam minhas costelas, fortes e quentes. Um cheiro familiar - que associo ao perigo - ataca meus sentidos.

— Juro por Deus, Rory. É bom que saiba voar, porque se cair vou com você.

O pânico me dá um soco no estômago, mas é rapidamente substituído por um alívio tão forte que fico sem fôlego. *Angelo.* Bato minha cabeça contra seu peito, enrolo minhas mãos sobre as dele e suspiro. Grandes e desesperados goles de ar salgado. Os botões de sua camisa são frios contra minha espinha, mas sua respiração difícil é quente contra meu pescoço.

— O que está fazendo aqui? — Suspiro.

Meus pés saem da lama enquanto me agarra pelos quadris e me puxa ainda mais para longe da borda. Mesmo que eu quisesse pular, seu corpo está tão apertado ao meu redor que nunca seria capaz de escapar dele.

— Certificando-me de que não fará algo estúpido — rosna em meu ouvido. O veneno sai de sua língua em ondas.

Ele me dá espaço suficiente para me virar em seus braços e encará-lo. Olho para ele e paro um momento para absorver os planos de seu rosto bonito. A raiva sombria que o mascara. *Santo crow.* Cada fibra do meu corpo está zumbindo com o desejo de beijá-lo. Com *esperança.*

Seu olhar é tempestuoso, mas conflitante, mas quando cai em meus lábios, suaviza apenas o suficiente para me deixar entrar. — Foda-se, Rory. — Aperta minha nuca enquanto seu nariz roça no meu. — Está tentando me causar um ataque cardíaco?

— Peça-me um pecado.

Ele para. Os olhos disparam para o mar revolto atrás de mim, então dá um pequeno aceno de cabeça. — Não quero. — Sua mão se move para a minha nuca possessivamente. — Aqui não.

Respiro profundamente e dou a ele de qualquer maneira.

— No dia em que me viu aqui, não ia pular. — Engulo. — *Nunca* pularia. Não naquela época, não hoje.

Seus olhos se estreitam. Ele não acredita em mim.

— Estava tentando ver se era alto o suficiente. Porque preciso que seja alto o suficiente para que, se eu empurrar Alberto, morra com certeza.

Meu pecado pesa entre nós. Sua expressão endurecida não revela nada. — Vai matar Alberto. — É estranho ouvir isso em voz alta. Vindo dos lábios de outra pessoa. Concordo. Uma emoção que não posso nomear passa por suas feições, mas não diz nada. Em vez disso, me prende com seu olhar intenso e espera.

— Acho que, no fundo, sempre soube que o seu contrato era falso. Então, se o casamento não manteria meu pai seguro, precisava de um plano B. — Eu me viro, olhando para a maré no horizonte. — Ligaria para ele vir me buscar. Sei que viria pessoalmente, porque ficaria mortificado se mais alguém soubesse que ele tinha uma noiva fugitiva. E então... — Engulo em seco, voltando-me para Angelo. — Faria isso. Eu o *empurraria.*

Silêncio. Angelo morde o lábio inferior. — Era seu plano de apoio — diz, correndo um polegar forte sobre minha bochecha. — Eu disse que a tiraria disso. Você disse que confiava em mim.

— E confiei, e depois desapareceu!

— Porque estava trabalhando em um plano, Rory, como eu disse a você que faria. Essa merda não acontece da noite para o dia.

— Tor me disse que você não voltaria!

—Tor? — Concordo com a cabeça e sua expressão endurece. — *Bastardo.* Disse a ele para mantê-la segura enquanto estivesse fora, então o que diabos ele estava fazendo? — Antes que eu possa responder, coloca a mão na nuca, as narinas dilatadas. — Foda-se, baby. Sabe qual é a sensação de matar um homem?

— Um homem como Alberto? Provavelmente muito bom.

Apesar de sua fúria, uma diversão sombria reboca seus lábios. Dá um pequeno aceno de cabeça. Descrença. — Minha garota má.

Fogos de artifício faíscam no meu estômago. Não acredito que voltou para mim. *Por* mim. Inclino meu queixo para cima. — Então qual é o plano?

Seu aperto aumenta em torno da minha nuca. — Lembra como me disse para pensar como um homem de negócios, não como um bandido?

Concordo. Os músculos de sua mandíbula flexionam quando seus olhos caem para minha mão pressionada contra seu peito. O dele desliza sobre o meu, tocando o anel no meu dedo. Então o puxa, áspero e rápido.

— O que está...?

O diamante brilha contra o céu sombrio enquanto o arremessa, com força, sobre a borda do penhasco. Quando olha para mim, seu olhar se choca com o meu, a palavra *perverso* piscando em seus olhos como um sinal de alerta.

— Desculpe, *Magpie*. Sou um bandido por completo.

Antes que possa responder, ele me pega e me joga por cima do ombro, segurando com força o tecido do meu vestido. Suas mãos são quentes e possessivas quando encontram minha coxa. Estala a liga contra a minha pele, *com força,* e solta um rosnado animalesco. — Queimarei essa porra de vestido quando chegarmos em casa.

Casa. A palavra sozinha faz meu pulso palpitar.

— O que está acontecendo?! — Suspiro, tonta com o movimento repentino e a sensação dele me *tocando.*

— Estou pegando o que é meu.

— Seu?

Ele me deixa cair no banco do passageiro de seu carro e se inclina contra o batente da porta. — Sim. Um capo precisa de uma esposa. E acho que escolho você.

O calor corre pelas minhas veias e posso sentir meu coração se recompondo. — Acha? — Sussurro, olhando para ele através dos meus cílios.

Ele segura meu queixo. Desenha uma linha suave sobre meu lábio inferior. — Eu *sei. Se*mpre soube, porra.

As pregas do meu vestido ficam presas na porta do carro quando a fecha, mas não poderia me importar menos. Meu coração está batendo em um ritmo diferente, agora que foi costurado e está cheio de esperança. *Não me casarei com Alberto.*

Enquanto o calor de Angelo roça em mim do banco do motorista, um milhão de perguntas lutam por espaço em minha garganta. Uma delas sendo, *estou realmente me casando com você?*

Não digo isso porém, em vez disso, observo enquanto tira uma arma da cintura, outra do bolso do paletó e as coloca

cuidadosamente no console central.

— Realmente voltará?

— Sim.

— Para sempre?

Sua mão encontra a minha coxa, pesada e reconfortante. — Para sempre.

Ele liga o carro e corre pelas estradas do interior, até que sua casa apareça no horizonte. Não consigo tirar os olhos dele; estou preocupada que, se fizer isso, acordarei na suíte de hóspedes da mansão *Cove* e perceba que tudo isso foi um sonho febril.

— Por que não ligou? — Sussurro. — Eu não teria acreditado no Tor se você tivesse *ligado.*

Seu olhar pisca de lado e parece descontente. — Eu lhe dei *meu* número para ligar em caso de emergência. Eu nem tenho o seu.

— E não poderia ter voltado alguns dias atrás? Sabe, antes do próprio dia do casamento?

— Sabe quanta merda tive que fazer em uma semana, Rory?

— Por exemplo?

— Tipo, nomear um novo CEO para o meu negócio, vender meu apartamento em Londres. Mudar completamente minha vida e me mudar para *Devil's Dip*. — Sua mandíbula flexiona. — Além disso, fiz um desvio para San Francisco, tinha... negócios inacabados lá.

Concordo com a cabeça, absorvendo tudo lentamente. — Mas você odeia *Devil's Dip.*

Seus olhos endurecem no para-brisa. — Mas não te odeio.

Meu pulso bate como um tambor, e me inclino contra a janela fria em uma tentativa de me refrescar. Enquanto contornamos a colina, me deleito com o cheiro familiar do carro; um coquetel de loção pós-barba e couro, é assumidamente *ele.* Inalo, tudo, ficando chapada como se fosse uma droga.

Chegamos ao topo da colina e fico surpresa ao ver que a casa está tão movimentada quanto a mansão *Cove*, e definitivamente não há nenhum casamento sendo planejado aqui hoje.

Há?

Apesar do crepitar desconhecido no ar como estática, a esperança em meu coração cintila, mas quando olho para Angelo, acena para os homens corpulentos saindo da casa.

— Os homens de Gabe. Ficarão aqui por um tempo, pelo menos até resolvermos as coisas. Está bem?

— Está bem.

— Gabe vai mantê-la segura. Preciso que faça tudo o que ele mandar até eu votar.

Eu me viro. — Voltar? Para onde vai?

Sua expressão escurece. — Dizer a Alberto para não esperar que vá até o altar hoje.

Medo escorre em meu peito. — Não — murmuro, colocando minha mão sobre a dele. — Fique comigo. Pelo menos por hoje? Ele descobrirá isso em breve.

Seu sorriso é frio, calculado. *Maldoso.* A parte mais escura de mim quer prender minha boca sobre isso e respirar tudo. — Não é a única coisa que preciso dizer a ele, baby.

A ideia de Angelo entrando na mansão *Cove* e anunciando que me *roubou* e que está recuperando o *Devil's Dip* me deixa enjoada.

— Não deveria levar Gabe com você? Apenas para o caso de?

Aborrecimento reveste suas feições. — Caso o *quê*? Acha que não posso lidar com isso?

Sei que pode lidar com isso. Angelo pode ter seguido um caminho reto e estreito nos últimos nove anos, mas nunca conheci um homem mais assustador do que ele. Reina um terror silencioso; zumbe dele como um sinal sônico quando entra em uma sala e faz o ar mudar imediatamente. Foi criado para ser um *Made Man*, mas estava destinado a ser um rei.

— Beije-me.

Instintivamente, seus olhos caem para os meus lábios. — O quê?

— Sempre me perguntei como seria beijá-lo, desde que apareceu naquele primeiro jantar de sexta à noite. Então me beije antes de ir, porque se alguma coisa acontecer com você, pelo menos saberei. — Engulo. Mudando no meu lugar. — Saberei como é beijar Angelo Visconti.

O silêncio é pesado e dura alguns segundos doloridos.

Com uma mão ainda apoiada no volante, se inclina. Droga-me com uma versão mais concentrada de seu cheiro. Meu coração para quando seus lábios roçam os meus; enquanto sua barba raspa meu queixo, mas então ele faz uma pausa.

— Se eu beijá-la, significa que não tenho certeza que voltarei para você. — Morde meu lábio inferior, provocando

um gemido patético de mim. — E tenho certeza que conseguirei voltar, *Magpie*.

Ele me observa atentamente enquanto relutantemente saio do carro. Gabe caminha sobre o cascalho e para ao meu lado.

Angelo cumprimenta o irmão com um expressa severa. — Cuide da minha garota por mim.

— Sim, *chefe*.

Seu olhar se desloca para o meu. — Venha aqui.

Engolindo em seco, dou um passo em direção ao carro e coloco minhas mãos sobre a moldura da janela. Ele passa a mão pelo cabelo.

— Quando eu voltar, é melhor ter tirado a porra desse vestido, ou vou arrancá-lo com os dentes.

Sem fôlego com o veneno enfiado em seu tom, só tenho inteligência suficiente para acenar tolamente.

Sua voz e expressão suavizam. — Boa menina.

Gabe e eu ficamos ombro a ombro enquanto observamos o *Aston Martin* de Angelo desaparecer colina abaixo, levando um pedaço de mim com ele.

Ao meu lado, ele se desloca. — Vergonha.

Viro-me. — O que é?

— Estava ansioso para ouvir sua ligação. Nunca *suportei* o tio Alberto.

33

Angelo

Pego o envelope pardo no porta-luvas, arma enfiada na cintura e um fogo recentemente aceso sob a minha bunda.

Aquele *maldito* vestido de noiva. Queria arrancá-lo de seu corpo e enfiá-lo na garganta de Big Al até engasgar. A visão dela parece motivo suficiente para começar uma guerra, mas é claro, isso seria mesquinho.

Capo não pode ser mesquinho; também não podem ser impulsivos, e é por isso que levei uma semana inteira para colocar minhas coisas em ordem. Expiro fogo enquanto passo pelos portões da mansão *Cove*. Será a última vez que ficarão abertos para mim, com certeza.

Estaciono na beira da entrada, desligo o motor e olho para a casa. Brinquei de esconde-esconde em seus cantos mais escuros; nadei um milhão de voltas em sua piscina. As pessoas dentro são da família, e estou prestes a cortar o laço com a tesoura mais afiada.

Quem pensou que seria assim? Eu não. Sempre pensei que, *se* voltasse a *Devil's Dip*, anunciaria isso com charutos e uísque; colocaria em uma conversa casual com um sorriso malicioso e um encolher de ombros indiferente. Todos aplaudiriam, fariam um brinde a mim. Bem-vindo de volta Vicious Visconti de braços abertos, mas não será assim. Em vez disso, estão prestes a descobrir o quão perverso realmente posso ser.

Estufando o peito, ando sobre o cascalho e subo os degraus até a casa de dois em dois. Uma tempestade está se formando logo acima da soleira, um burburinho de atividade em pânico. Amelia agarra meu braço ao passar. — Viu Aurora? Nós a perdemos! — Nossos olhos se chocam e ela imediatamente recua ao ver minha expressão.

Entro na sala de jantar. Alberto se levanta de um salto, mas não esconde sua decepção ao perceber que sou eu. Ao seu lado, Tor finge indiferença, mas a maneira como seu pomo de Adão balança em sua garganta o trai. *Desgraçado.* Quero colocar a porra de uma bala na sua cabeça, mas surpreendentemente, a raiva que sinto em relação a ele diminui rapidamente. No caminho, percebi por que ele disse a Rory que eu havia fugido da cidade. Não queria escolher entre mim e seu pai, e pensou que Rory simplesmente continuaria com o casamento se pensasse que eu não voltaria, e tudo voltaria ao normal, mas o fato de ele ter dado o carro a ela e me avisado assim que cheguei em casa significa que mudou de ideia. Ainda chutarei o seu traseiro, mas não vou matá-lo.

— A cadela estúpida fugiu — Alberto rosna, alisando a frente de seu colete. — Sabe como isso é embaraçoso para mim?

Meus dedos se contorcem com o desejo de agarrar sua garganta. Cristo, não posso acreditar que Rory estava planejando empurrá-lo do penhasco de *Devil's Dip* esse tempo todo, mas não posso dizer que posso culpá-la.

— Alberto. Você, Tor e Dante precisam me encontrar em seu escritório. — Eu me deparo com um olhar vazio. — *Agora.*

Sem esperar por uma resposta, porque não fiz a porra de uma pergunta, dou meia-volta e entro no foyer e vou até o escritório de Alberto. Alguns segundos depois, Alberto entra, Tor logo atrás dele.

Ele estica os braços. — Que porra, garoto? É melhor que isso seja importante, porque temos muita merda para lidar agora.

Olho por cima do ombro para Dante na porta. Ele me vê e congela, seus olhos ficando pretos como breu. — Eu deveria saber.

— Saber o quê? — Alberto rosna — Alguém me conte agora!

A porta se abre novamente, revelando Donatello, uma Amelia em pânico puxando seu braço. — Pense no bebê! — Sibila.

Quando a porta se abre novamente, a calço com o pé. — Donatello, serei honesto com você. É um cara certinho, tem uma linda esposa e pelo que parece, um bebê está a caminho. — Amelia se encolhe, colocando uma mão protetora em seu estômago. — Prefiro não ter que colocar uma bala na sua cabeça. Não haverá casamento hoje e, se ficar fora do caminho, nos daremos bem. — Abaixo minha voz. — E acredite em mim, vai querer ficar em boas relações comigo.

Antes que ele possa responder, fecho a porta com força. Tranco-a. Quando me viro, me vejo olhando para o cano da arma de Dante.

— Eu sabia disso, porra — sibila. — Vi como olhou para ela. Você realmente começará uma guerra familiar por causa de um pedaço de boceta, Angelo?

Atrás dele, Alberto geme. Afunda na cadeira da escrivaninha e passa a mão gorda no rosto. — Só pode estar brincando comigo — murmura na palma da mão. — Angelo, me diga que isso não é verdade.

Meu olhar não abandona o de Dante, e meu silêncio diz a meu tio tudo o que precisa saber. — *Gesù Cristo.* Você é meu

sobrinho. Mais como um filho. Nunca faria algo assim.

— Sempre aqueles que menos espera, não é? — Falo lentamente, desviando da arma de Dante e caminhando até a mesa. Coloco minhas palmas na superfície e me elevo sobre ele.

— Podemos fazer isso da maneira mais fácil ou da maneira mais difícil. Estou assumindo *Devil's Dip*. A *Devil's Preserve* é meu território, e Aurora agora é minha garota. Aceite isso e permitirei que continue passando merda pelo meu porto, e sairei daqui. — Mudo meu foco para Dante, que ainda tem sua arma apontada para mim. — Inferno, até apertarei sua mão se tiver sorte.

Alberto bate na mesa com o punho e franze a testa para mim, veneno e traição girando em seus olhos. — Não posso acreditar nisso.

Atrás de mim, uma trava de segurança é liberada. — Escolho o caminho mais difícil.

Preguiçosamente me viro para encarar meu primo, mas enquanto sua arma está apontada para mim, seu olhar não está. Está muito ocupado olhando para Tor, que está sentado em silêncio nas sombras. — Você também não sacará a porra da sua arma?

Ele não se move um centímetro.

— O caminho difícil também funciona para mim. — Deslizo o envelope pardo para fora do bolso da camisa e o seguro, como se estivesse apresentando provas em um tribunal.

Todo o ar sai dos pulmões de Alberto e, quando olho para ele, está nervoso. Vulnerável como nunca o vi. — Não — murmura, levantando-se. — Não, não, não. *Basta,* por favor. Leve-a, leve a garota...

— Não estou pedindo sua permissão — rosno, faíscas de irritação piscando dentro de mim. Eu me viro para Dante, para a confusão suavizando sua carranca.

— O que está acontecendo?

— Seu pai tem sido bastante persistente em sua busca pela permissão de planejamento para a *Preserve*. Tanto que sua última tentativa incluiu um pequeno suborno. — Abro o envelope. — Um ajuste de seu testamento.

Dante empalidece. — Isso é verdade? — Nenhuma resposta. Sua arma muda de mim para o seu pai. — Você já...?

— Tirou você do testamento dele, sim — digo lentamente, fingindo tédio. — Todos vocês. Quando Big Al morrer, todo o império Cove é passado para mim.

Um rosnado escapa de seus lábios. Do canto, Tor não diz nada. — Pai, isso é verdade?

O corpo de Alberto tensiona em defesa, mas então seus ombros afundam. — São apenas negócios. M-meu advogado me disse que funcionaria. Incluiria você de volta após conseguir o parque...

Dante porém, não acredita nisso. Não depois da explosão de embriaguez do pai no jantar da noite de sexta-feira. Fúria e humilhação piscam por trás das janelas de seus olhos enquanto disparam entre mim e Alberto.

Enrijece sua mandíbula. — Qual é o seu ponto, Angelo? Não vale o pedaço de papel em que está escrito, não enquanto meu pai estiver vivo.

Acho que é o momento perfeito para mudar isso, então. Saco minha arma e disparo um tiro. Merda, depois de todo esse tempo, minha pontaria continua afiada como uma navalha, porque a bala atravessou a têmpora de Alberto. Ele

não vê isso chegando, e lembro que meu pai também não. Acho que nunca espera uma bala na cabeça de um membro da família.

— E agora?

A indiferença mancha minha voz, mas por dentro me sinto *vivo.* Minhas terminações nervosas zumbem de satisfação, porque *merda,* estou ansioso para fazer isso desde que vi o hematoma sob o olho de Rory.

Agora, Tor pula da poltrona e saca sua arma. — Que porra é essa, Angelo? — Dante me encara por um tempo longo demais, congelado em estado de choque. E é neste exato momento que sei que Alberto estava certo: esse filha da puta nunca dará um bom capo. Eu também poderia ter colocado uma bala na sua cabeça.

Recuo facilmente, só por precaução.

— Você acabou de matar meu pai — Dante finalmente murmura. Seu olhar passa pelo corpo sem vida caído sobre a mesa. O peso de papel quebrado no chão e o sangue *pingando, pingando,* no tapete. Cheira a ferro e perigo aqui, e amo cada maldito segundo disso.

— Sim, acho que sim.

Ele ergue a arma para mim novamente, com uma nova determinação em seu rosto enquanto respira fundo. — *Então, o que está me impedindo de matá-lo?* — Ruge, saliva voando pelos cantos de sua boca. — Colocarei a porra de uma bala na sua cabeça e depois encontrarei aquela puta estúpida e também colocarei uma na dela!

— Mmm. Veja, é aqui que ser um empresário se torna útil. Se eu morrer, Rafe e Gabe se tornarão beneficiários do *meu* testamento. O que agora — mostro o envelope novamente — inclui todos os bares, restaurantes, cassinos e hotéis em

Devil's Cove. — Dou um passo à frente, minha mão armada relaxada ao meu lado. — Você também enfrentará os dois? Não me parece uma boa ideia, especialmente quando parece que o Tor também está prestes a abandonar o barco.

Dante franze a testa para o irmão, que ainda está olhando para o corpo sem vida de Alberto. Sua expressão é impossível de ler.

— Aceite o acordo, Dante.

O silêncio é longo e pesado, estendendo-se entre nós. Parece interminável, e minha mandíbula está doendo de ranger quando me dá um aceno relutante. É tão pequeno que teria perdido se tivesse piscado.

Concordo com a cabeça também, deslizando o envelope de volta para o meu bolso. Afasto-me na direção da porta.

Paro na porta e alfineto Dante com um sorriso malicioso. — Parabéns por finalmente se tornar Capo. Talvez possamos trocar dicas algum dia.

O saguão é claro e silencioso, cheio de empregados congelados e parentes distantes que ouviram o tiro. Ignoro cada par de olhos em mim e vou direto para o meu carro. Dirigindo de volta para *Devil's Dip*, me sinto *cansado.* Separado do meu corpo, seguindo o que acabou de acontecer no escritório de Alberto. Seu sangue está espalhado em minha camisa branca, e o tiro ainda ressoa em meus ouvidos.

Quando entro na garagem, a porta da frente se abre e Rory sai correndo de debaixo do toldo. *Porra.* Meu peito aperta ao vê-la, descalça e inundada por um dos suéteres que deixei aqui. *Nada de vestido de noiva, graças a Deus.* Olhamos um para o outro através do para-brisa e faço um juramento silencioso para mim mesmo: Nada e ninguém nunca vai machucá-la novamente. Nem Alberto, nem Dante. Eu não.

Não consegui salvar minha mãe dos Visconti, mas com certeza salvarei Rory.

Seu peito sobe e desce, sua boca perfeita relaxa enquanto me observa sair do carro e passar por ela. Ela me segue até a cozinha, onde os homens de Gabe estão espalhados. Alguns jogam cartas no balcão do café da manhã, outros atendem telefonemas particulares nas sombras. Vou até o armário de bebidas e despejo um grande uísque. Ela está do outro lado do balcão, fechando as mangas do meu suéter em seus punhos.

— Está acabado?

Está longe de terminar; na verdade, está apenas começando, mas daria minha bola esquerda para limpar o pânico de suas feições bonitas. Dou um pequeno aceno.

Ela exala toda a tensão reprimida em seus pulmões e apalpa o balcão. Sua cabeça cai entre as omoplatas e olha para mim por baixo de seus cílios grossos. — E agora? — Sussurra.

Nossos olhares se chocam. Crepitações estáticas sobre o balcão. Coloco meu copo na ilha. Afrouxo minha gravata.

— Todo mundo tem cinco segundos para dar o fora da minha casa.

34

Rory

O seu comando me deixa sem fôlego. A cozinha esvazia e, no silêncio repentino, percebo que não estou apenas encostada no balcão, estou usando-o para me segurar. Minhas palmas estão suadas, sem atrito contra o mármore.

Angelo me olha. — Então, agora está presa com outro velho.

— Acho que estou.

Seu olhar pisca. — Tenho idade para ser seu pai. Como isso faz você se sentir?

Com o coração batendo forte, finjo tédio. Olho para ele através dos meus cílios. — Isso significa que posso chamá-lo de papai agora?

Diversão sombria enfeita suas feições. Dá um pequeno aceno. — Venha aqui.

Oh, swan.

Sinto como se estivéssemos de volta ao corredor escuro da mansão de Alberto, na noite em que puxou o colar de pérolas de Vittoria do meu sutiã. Tive um impulso terrível de fugir dele na época, e sinto o mesmo instinto agora, mesmo sob as luzes fortes da cozinha. Mesmo que tenha me resgatado do pior destino possível. Mesmo que já tenha me visto nua e vulnerável, de todas as maneiras possíveis.

Com o coração lutando para encontrar um ritmo natural, dou a volta na ilha e entro na toca do leão. Assim que estou à

distância de um braço, sua mão dispara e serpenteia em volta do meu pescoço; seus dedos grossos torcendo em minha trança. Enterra o rosto na minha garganta e faz um barulho delicioso e animalesco que sinto de todo o coração entre minhas coxas. *Tocando. Realmente tocando.* Eu me derreto nele, meus seios roçando sua camisa. Meus mamilos apertam em antecipação, e estou praticamente delirando com o pensamento de ele *tocando minha pele.*

Ele passa a ponta do nariz pela lateral do meu pescoço, como se respirasse meu cheiro. Seu gemido vibra contra o meu pulso. — Foda-se, baby. Esperei tempo demais por isso.

Com uma mão em volta da minha garganta, envolve a outra em volta da minha cintura e me puxa para o balcão. A parte de trás das minhas coxas nuas roça no mármore frio, enviando um raio pela minha espinha. É um contraste gritante com o calor de seus quadris enquanto se empurra entre eles. Estou me desfazendo como um terno barato; toda vez que pressiona sua boca quente na minha garganta parece que está desfazendo outro ponto. Inclino minha cabeça para lhe dar mais acesso, porque o desejo de ter aqueles lábios em cada centímetro do meu corpo é enlouquecedor.

Suas mãos são ásperas e desesperadas enquanto descem pelas minhas costelas até meus quadris e sobem por baixo do meu suéter, deixando um rastro escaldante contra minha pele nua. Sob o seu suéter, um que encontrei em um cesto de roupa suja no porão. Por uma hora tensa, pensei que o fantasma de seu perfume no colarinho seria a última vez que conseguiria cheirá-lo, mas aqui estou, bebendo seu perfume masculino direto da fonte.

Agarro as laterais do balcão e empurro meus quadris, meu corpo implorando para se aproximar dele. Sua ereção pressiona a parte interna da minha coxa, fazendo minhas pálpebras vibrarem. Está *tão perto,* mas não perto o

suficiente. Estou farta de provocações; isso é tudo que já conheci com ele. O roçar do couro contra meu traseiro; seu hálito quente delirantemente perto do meu clitóris. Nunca tocando, nunca sentindo, na verdade. Por isso, me movo para frente um centímetro, até que sua protuberância esteja exatamente onde preciso, pressionada contra o ponto úmido da minha calcinha. De repente, suas mãos me agarram com mais força em volta da minha cintura, me segurando no lugar. Nossos olhos se encontram, o dele brilhando de irritação, e é nesse momento que percebo que ele quer as coisas do seu jeito. *Eu,* do seu jeito.

Seu olhar cai para os meus seios, me fazendo tremer.

— Tire.

— Você tira — respondo de volta, por pura questão de ser mesquinha. Apesar de tudo que fez por mim, uma parte de mim ainda está amarga por ele ter ido embora sem dizer uma palavra. Não pode simplesmente invadir minha vida e exigir que fique nua para ele.

Seu olhar se dilui. Eu me encolho quando dá um passo atrás. Meus dedos se contorcem para enganchá-lo no cinto e arrastá-lo de volta para mim, mas abre uma gaveta e volta com uma tesoura de cozinha e um olhar enlouquecido. Antes que um suspiro possa escapar dos meus lábios, puxa o tecido e passa a tesoura pelo meio do suéter, da bainha até o decote. Cai sobre meus ombros e poças na ilha atrás de mim.

Eu o encaro em estado de choque, uma nova e frenética pulsação batendo em meu clitóris. — Gostei desse suéter.

— Pode ficar com todos os meus suéteres.

Seu olhar é intenso, eletrificando meu estômago e decote enquanto varre cada centímetro da minha carne exposta. Estou com nada além de um fio dental branco e um sutiã combinando, e sem pensar, o solto e o deixo cair no chão.

Seu rosto permanece indiferente, mas a maneira como seus punhos se fecham me dá uma pequena ideia do que está pensando. Lambe os lábios, pega o uísque. Toma um gole longo e lento, ainda olhando meu corpo por cima da borda. Sinto-me bêbada com sua atenção, e é a emoção mais excitante que já experimentei. Melhor do que qualquer pecado que já cometi, melhor do que ficar na beira do precipício.

Ele dá um passo à frente, agarra meu queixo e inclina meu rosto para ele. — Abra suas pernas para mim. — Seu comando é insensível e áspero, arranhando minha espinha como uma lixa.

Aprendi contudo o que acontece quando não obedeço.

Abro minhas coxas e suas mãos percorrem um caminho acidentado até a minha costura, onde a renda do meu espartilho encontra a parte interna da minha perna. Ele me agarra lá, *com força,* as pontas dos dedos desaparecendo em minha carne. *Oh, swan.* A tensão é palpável e me apoio nos cotovelos para me aquecer sob seus raios. Seu polegar áspero encontra meu clitóris através da renda, e o roça, enviando estalos estáticos em minhas veias. Meu gemido se transforma em um sussurro quando sua boca quente aperta meu mamilo, sua língua dura e molhada enquanto desliza sobre o nó.

Santo crow. Nunca me senti tão quente, tão viva. Tão *livre.* Não me importo que os ruídos que escapam da minha garganta sejam embaraçosamente guturais, não me importo com nada além de senti-lo em mim. Com um rosnado baixo, engancha minha calcinha e a puxa para baixo da minha coxa, como se a sua visão o irritasse. Abro ainda mais as pernas, o ar frio roçando meus lábios, lembrando-me de como estou molhada.

Ele respira longa e pesadamente. Quando xinga, sai em um som espesso e estrangulado que me atinge no fundo do

estômago. Com as mãos nas minhas coxas, me puxa para mais perto e cai de joelhos. Meu coração para em antecipação, mas não tenho muito tempo para esperar até que sua língua quente e dura encontre meu clitóris. Estremeço, a adrenalina rolando por mim como uma onda. Meus músculos se contraem a cada lambida lenta e suave que dá desde minha entrada até meu clitóris.

— Boa menina — rosna em meus lábios enquanto agarro o seu cabelo.

Boa menina. O que ele está fazendo comigo agora é um forte contraste com o chicote afiado de seu cinto; uma recompensa, ao invés de uma punição, mas se é isso que *boas garotas* conseguem, então talvez não seja mais má.

Um tapa forte e raivoso contra a minha boceta dissolve esse pensamento imediatamente. Santo *crow*. A ardência borbulha em meu sangue como champanhe batido. *Talvez eu possa ser ambas*.

Cristo, serei o que Angelo Visconti quiser que eu seja.

Um dedo desliza dentro de mim, grosso e áspero. Eu me pergunto como seria dentro de mim desde que o imaginei me tocando no mar, e minha imaginação não chegava perto da realidade. Balanço contra ele, desesperada por mais comprimento e circunferência, mas seu aperto no meu quadril é como um torno. Estou presa ao balcão de mármore e não tenho escolha a não ser me deitar à sua mercê.

Ele leva seu tempo, enfiando o dedo dentro e fora de mim. Depois, desliza outro e chupa meu clitóris. A sensação de sua barba roçando em mim lá embaixo me dá a sensação de que explodirei. A pressão aumenta e acumula em meu núcleo inferior até que eu seja uma bagunça trêmula e chorosa. Fogo em seu gelo, enlouquecido em sua calma. Tanta pressão, tanta eletricidade. Parece perigoso, e uma parte estranha de

mim está em pânico, oprimida, como se precisasse pressionar a pausa e recuperar o fôlego, mas quando a pressão explode em meu clitóris como um inferno furioso, toda a minha hesitação se dissipa em nuvens de fumaça e poeira.

Derreto no balcão como manteiga aquecida, lutando para recuperar o fôlego. Entre minhas coxas, Angelo lentamente puxa o dedo de dentro de mim e deixa uma trilha molhada e desleixada na minha costura com o dedo, e então beija ao longo do mesmo caminho. Apesar de me sentir exposta e vulnerável - estou espalhada no balcão da cozinha totalmente nua, enquanto ele nem tirou a gravata, pelo amor de *flamingo* - o silêncio que preenche o ar é confortável. Parece calmo, como a paz que vem depois de uma grande tempestade.

Angelo se levanta e coloca uma mão de cada lado de mim. Olha para baixo com algo como admiração instalado confortavelmente em seu rosto. A ponta de sua gravata de seda mergulha entre meus seios.

— Tem um gosto ainda melhor do que eu imaginava — murmura fascinado, afastando um cacho do meu rosto. Inclina a cabeça, um sorriso dançando em seus lábios. — Começar uma guerra com minha família já valeu a pena.

Seu olhar cai para o meu peito arfante, subindo e descendo. Ele balança a cabeça em descrença, murmura uma maldição baixinho e sai da cozinha.

Sento-me e enrolo meus braços ao meu redor, sentindo-me estranha. Onde ele foi? Está voltando? E ainda há homens à espreita pela casa? O pensamento me deixa em pânico, e meus olhos disparam para minha calcinha no chão. Assim que saio da ilha para puxá-la de volta para recuperar pelo menos *um pouco* de modéstia, Angelo volta para a cozinha com uma toalha de banho na mão.

Ele a segura. — Venha aqui.

Ando em sua direção e ele me pega, me envolvendo no tecido macio e me puxando para o seu calor. — Estou preparando um banho para você — murmura em minha coroa.

Congelo. — Por que?

Um murmúrio quente ventila em meu couro cabeludo. — Prefere uma chuveirada?

— N-não, só…

— Cale a boca então — rosna, baixo e sensual, pontuando-o com um beliscão na concha da minha orelha.

Ele me leva até o banheiro e se inclina contra a porta, olhando para mim com uma leve diversão enquanto observo. Bolhas se espalham sobre a banheira e velas lançam sombras laranja tremeluzentes nas paredes. A emoção obstrui minha garganta e cerro minha mandíbula para impedir que saia dos meus lábios. Em vez disso, respiro fundo e me apoio contra a banheira.

— Obrigada, Angelo.

— Mhmm.

— Vai se juntar a mim?

Ele passa os dentes pelo lábio inferior, então seu olhar se volta para a janela. — Gostaria de poder, *Magpie*. Tenho umas merdas para fazer. — Aponta o queixo para a toalha enrolada em mim. — Vou observá-la entrar, no entanto.

Eu solto uma risada, minhas bochechas em chamas, mas o peso de seu olhar lascivo é tão delicioso contra a minha pele que deixo cair minha toalha com hesitação, fingindo me curvar enquanto entro no banho.

Um gemido gutural escapa dele. Alisa a gravata. — Mantenho o que disse — ele murmura.

— E o que seria isso? — Pergunto, afundando no calor do banho.

— Vale a pena começar uma guerra por você.

Com uma piscadela que me atinge entre as coxas como uma bala, ele fecha a porta e ouço seus passos desaparecerem do outro lado. Suspiro, rolo meus ombros para trás e derreto sob as bolhas. Santo *crow.* É uma loucura a rapidez com que a vida muda. Só esta manhã estava decidida a me vingar, pronta para jogar Alberto de um penhasco em desespero. Meu coração bate acelerado por um momento - me pergunto o que está fazendo agora? O que Angelo disse, ou fez, para convencê-lo a me deixar ir tão facilmente? Ele saiu por menos de uma hora e voltou sem nenhum arranhão.

Ele é o falador mais suave ou o homem vivo mais assustador.

Submerjo completamente, incapaz de impedir que o sorriso sombrio se forme em meus lábios. Gosto da ideia deste último. Isso me excita.

Tateando no banheiro mal iluminado, encontro gel de banho e xampu, ambos comercializados para homens que não sabem nada sobre cuidados com a pele. Rio, ensaboando-me com o perfume de Angelo. Quando saio do banho, me enrolo na toalha e espio distraidamente pela janela. Dá para o quintal e, no canto mais distante, um fogo violento se eleva contra o céu azul-marinho. Apertando os olhos, percebo que a figura escura ao seu lado é Angelo, e o pedaço branco carbonizado saindo das chamas é meu vestido de noiva.

Algo ardente e satisfatório se acumula na parte inferior do meu estômago. Eu me inclino contra a janela e o observo por

um momento. Está olhando para as chamas, bebendo de um copo de uísque.

Cristo, acho que o amo.

Afasto o pensamento tão rápido quanto vem, porque é totalmente ridículo. Nunca me apaixonei, mas até eu sei, é muito cedo para ter a palavra tão perto da ponta da língua. Apesar de tudo o que aconteceu, conheço Angelo há apenas algumas semanas e, durante boa parte delas, me odiou profundamente. Gostaria de dizer que nos odiávamos, mas, na verdade, sei que só não gostava dele porque ele tinha a chave para todos os meus segredos e pecados. Agora, porém, sei que daria tudo a ele de bom grado, sem hesitação.

Examinando o quarto em busca de algo para vestir, percebo que há uma pequena pilha de roupas sobre uma cômoda. Um par de calças de moletom da Nike e um moletom com capuz, ambos com o fantasma do sabão em pó de Angelo tecido no tecido. Mesmo que sejam comicamente grandes em mim, os calço e saio para o corredor e desço as escadas. Angelo está esperando por mim no final deles.

— Bom banho?

Concordo. — Bela Vista.

Ele ri, o tipo de risada que me transformará em uma viciada. Quando chego ao último degrau, algo sobre seu ombro chama minha atenção. Uma sombra distorcida pelo vidro fosco da porta.

E então a campainha toca.

O grito que sai de meus lábios reflete o puro pânico que sinto em meu peito. Os olhos de Angelo brilham de preocupação, depois de raiva, e me puxa para seu peito. — Relaxe — acalma, acariciando meu cabelo. — É pizza. Só pizza.

Quando volta para o *foyer* segurando uma pilha de caixas de pizza, ainda estou recuperando o fôlego. Lançando um olhar cauteloso sobre mim, ele equilibra as pizzas em seu antebraço e agarra minha mão possessivamente, puxando-me para uma sala onde ainda não estive. Uma sala de estar. Como o resto da casa, é nítido e minimalista, como uma tela em branco. As paredes ainda cheiram levemente a tinta.

Angelo larga as caixas na mesinha de centro e afunda no sofá. — Venha aqui — diz, dando tapinhas no colo.

Não hesito em rastejar para cima dele. Ele envolve uma mão forte em volta da minha cintura e coloca a outra na minha coxa. — Olhe para mim, Rory.

olho, encontrando a tempestade furiosa em suas íris verdes. — Ninguém virá atrás de você, e se vierem, terão que passar por um maldito exército inteiro, e depois por mim. Alberto se foi. — Alisa a gravata. — Eu o matei. — Diz isso com tanta naturalidade que é difícil acreditar que já foi outra coisa senão um capo. Estudando minhas feições com cuidado, agarra minha cintura um pouco mais forte e espera minha reação.

Suas palavras pulsam em minhas têmporas por um momento, mas então um peso sai de meus ombros. Engulo. Espalmo seu peito. Há um milhão de perguntas borbulhando na minha língua, *como,* como fez isso? Ele implorou por misericórdia, lutou? Foi lento, doloroso ou nem viu acontecer? E o resto da família? Não consigo imaginar Dante tomando-o deitado. E é neste momento que sei que ele mentiu para mim quando entrou pela porta da frente.

Na acabou, mas nada disso sai da minha garganta, em vez disso, reúno uma simples palavra. — Obrigada.

Diversão puxa os cantos de seus lábios. — De nada. Agora, precisa comer. — Desvia o olhar do meu e aponta para

a mesa de centro. — Ainda não sei do que gosta, então acabei comprando de tudo.

Rio em seu peito; cheira a fumaça de fogueira e uísque quente. — Presunto e abacaxi, por favor.

Ele franze o nariz. — Puta merda. É tarde demais para devolvê-la? — Apesar de seu desdém, abre algumas caixas de pizza até encontrar a havaiana.

— Tarde demais. Você me roubou, lembra?

Seu sorriso é sombrio e delicioso. — E foi o que fiz. — Pega uma fatia e a leva aos meus lábios. — Coma. — Paro por um momento, então estendo a mão para pegar a fatia, mas ele a puxa fora do meu alcance. *Ele quer me alimentar?* O calor sobe em minhas bochechas, mas também entre minhas coxas. É só pizza, pelo amor de Deus, mas algo sobre ele me alimentar parece tão... *íntimo.*

Dou uma mordida, os olhos nunca deixando os dele. Debaixo de mim, seu pau se agita em sua calça, e é instintivo rolar minhas coxas contra ele.

— Menina má — sibila. — Coma primeiro. Precisará de energia para mais tarde.

Meu pulso acelera e, embora pareça mais uma ameaça do que uma promessa, descubro que mal posso esperar pelo que vier *depois.* Dou outra grande mordida, querendo terminar a pizza e chegar a esse enigmático *mais tarde.*

— Então, uh. O que exatamente significa me roubar?

A boca de Angelo se contrai. — Não tenho muita certeza. Sou meio novo nessa coisa toda de capo.

— Oh. Então sou sua primeira cativa?

— Mhmm — murmura, me observando com diversão sombria.

Eu me contorço novamente, desta vez, rolando ao longo de sua ereção. A maneira como sua mandíbula se contrai e seus olhos se fecham brevemente me faz sentir como se tivesse todo o poder do mundo. Sua mão aperta meu quadril com mais força, e solta um pequeno silvo.

— Não acho que deveria ser gentil com seus cativos.

Aperta a língua entre os dentes. — Não?

Dou outra mordida. — Não — murmuro através de pedaços de crosta. — Acho que não.

Ele me observa terminar a fatia e me dá outra em um silêncio crepitante. Quando terminei, seus olhos percorreram meu comprimento, sua mandíbula estalando em pensamento.

— Sabe, acho que tem razão.

— Sobre?

— A coisa toda de ser gentil demais. — Agarra o cós da minha calça de moletom e me levanta. A caixa de pizza vira no chão enquanto me joga por cima do ombro e sai furioso da sala de estar. — O que está fazendo?! — Guincho, batendo meus punhos em suas costas de brincadeira.

— Acorrentando-a a minha cama — rosna, dando um tapa forte na minha bunda. — Isso parece mais apropriado, certo?

Um delírio brilhante e escaldante corre através de mim. A ameaça de *mais tarde* agora soa como uma promessa sombria, e quase posso prová-la. Ele irrompe em um quarto no último andar e me joga na cama. Um rápido olhar para a mala no canto do quarto é tudo que consigo antes de Angelo me consumir, me prendendo na cama com seu peso.

Um rosnado animalesco em seu peito vibra contra o meu, fazendo meus mamilos apertarem. — Fica tão gostosa nas minhas roupas que me irrita — sibila, frustrado, puxando o moletom. — Talvez não compre um guarda-roupa novo para você, vou apenas forçá-la a usar minhas roupas o tempo todo.

Rio na altura de seu ombro, mas o riso se transforma em um gemido quando força minhas coxas a se separarem e aperta meu clitóris *com força.* — Vou fodê-la com tanta força que não conseguirá andar direito por uma semana.

Meus músculos tensionam. Estou surpresa com o quão sintonizado já está comigo, porque ele também se acalma. Apoia-se nas mãos e me lança um olhar feroz. — O quê? — Pergunta. Minha boca abre, fecha novamente. Sua expressão endurece. — Diga.

Com os nervos à flor da pele, percebo que chegou a hora de contar a Angelo meu pecado final. Minha boca está seca, mas engulo mesmo assim. — Eu, uh, se fiz isso uma vez.

Ele franze a testa, puxando-me pela cintura. — Tudo bem, claro.

Bato minha mão contra seu peito e relutantemente ele para. Olha para cima irritado. — Estou falando sério, Angelo. Não fiz sexo com aqueles caras... são apenas boatos.

Ele se senta e me encara. Há algo em minha expressão que não gosta. Sei porque seus olhos suavizam, e pega um travesseiro para apoiar minha cabeça. — Fale comigo.

— Tive que estudar para o exame final de aviação *na Devil's Coast Academy*. Era uma coisa depois da escola, uma vez por semana. Temia todas as aulas que tinha, porque eram apenas cinco rapazes e todos eram tão *esquisitos.* — Mesmo depois de todo esse tempo, a raiva aquece meu sangue alguns graus só de pensar neles. Cristo, eles foram a razão de todos

os meus pecados terem começado. — Sempre dando tapas na minha bunda ou tentando tirar fotos por cima da minha saia.

Angelo sibila amargamente, seu peito tensionado sob minha mão.

— Na aula antes do exame, algo parecia diferente. Era como se houvesse uma grande piada acontecendo e eu não fizesse parte dela. Então, depois que o professor saiu, tentei sair também, mas um dos meninos trancou a porta. — Desloco minha atenção para o teto, desconfortável com a fúria lenta que está começando a vazar dos poros de Angelo, mas comecei e preciso desabafar. É a única coisa sobre mim que ele não sabe, e quero que tenha todo o quebra-cabeça.

— Foi o líder, Spencer. Ele e sua equipe eram como os deuses da escola - não podiam errar. Informou-me que estavam conversando, e todos queriam saber como era uma garota de *Devil's Dip* nua... — paro, a insinuação pairando no ar, mas ainda assim, não é o suficiente, preciso *dizer.* — Tentaram me estuprar — anuncio, com a voz mais firme que consigo. — Eles tentaram me prender em uma mesa e me estuprar.

O silêncio é devastador. Olho de relance para Angelo, e a expressão indiferente em seu rosto me assusta. Estremeço quando de repente se levanta e pega seu celular e as chaves do carro na mesa de cabeceira.

Eu me endireito. — Onde vai?

— Dê. Me. Os. Nomes.

— Angelo...

— Nomes, Rory. — Sua voz é áspera e estrangulada, como se estivesse tentando – e falhando – reprimir sua raiva. — E endereços. *Agora.*

Rolando de joelhos, puxo a parte de trás de sua jaqueta e ele para, duro e tenso, ao meu toque. — Por favor — imploro.

Ele faz uma pausa, então se agacha ao meu lado e agarra minha nuca. — Matei todos os homens nesta costa que a tocaram de forma inadequada. De Max para a porra do meu próprio tio. Essas crianças são as próximas, e se alguém além de mim colocar um dedo em você de agora em diante, também serão mortos.

Um arrepio percorre minha espinha, carregado com partes iguais de medo e excitação, mas a ideia de ele me deixar aqui de novo me deixa enjoada. — Amanhã — sussurro, arrastando minha mão por seu peito duro. É uma loucura que *ainda* não tenha visto o que está lá embaixo. — Mas esta noite, só quero passar com você. *Por favor.*

Seu estômago amolece e sei que o tenho. Em um movimento rápido, ele me puxa para seu colo e agarra meu queixo. — Amanhã, primeira hora. Escreva-me uma lista agora mesmo.

— Obrigada — sussurro, aninhando-me na curva de seu pescoço. — Se isso faz você se sentir melhor…

— Nada do que disser me fará sentir melhor sobre isso, Rory.

— Bem, uh, mordi a orelha de um cara. — Para. — Por isso, deve ser bem fácil de encontrar.

Algumas batidas se passam, então uma risada sombria rola no topo da minha cabeça. — Sim?

— Uh-huh. E um dos outros caras, pressionei meus polegares com tanta força em seus olhos que agora está cego em um deles.

Sua mão forte e quente acaricia minhas costas. — Como se sentiu?

Sorrio em seu pescoço. — Empolgada.

Ele me empurra e olha para mim. Só agora percebo que minhas palavras não fizeram nada para acalmar seu fogo, apesar de sua risada. — Disse que já fodeu uma vez antes; também quero o seu nome.

Balançando a cabeça, digo — Não. Ele não tem nada a ver com nada. Era um cara legal, apenas um garoto da escola.

A mandíbula de Angelo cerra. — Não gosto dessa resposta. Você o amava?

— Não! A verdade é que, depois daquele incidente, só queria terminar tudo. Odiava a ideia de que eu tinha algo que os homens queriam e que poderiam tirar isso de mim tão facilmente.

— Como Alberto pensou que poderia.

— Exatamente.

Suas narinas dilatam, mas me dá um breve aceno de cabeça. — Sem sexo — anuncia de repente. — Não essa noite.

— O quê...?

Ele me empurra para a cama e se levanta, desaparecendo no armário. A decepção bate em meu peito, mas quando volta com uma sacola grande, minha curiosidade é aguçada. — Tenho algo melhor do que sexo.

— Duvido — murmuro.

Rindo, vira o saco e uma montanha de doces cai sobre a cama.

Passo por entre meus dedos, pegando diferentes barras e caixas, confusa. Não há nada que eu reconheça. — O que é tudo isso?

— Doces britânicos. Peguei para você quando estava amarrando minhas pontas soltas em Londres. Achei que gostaria de experimentar algumas coisas que não encontra no *Walmart* local.

Ele desliza atrás de mim, envolve um braço em volta da minha cintura e me puxa de volta para que fique encostada em seu peito. — Já experimentou gomas de vinho? — Avança e pega um pãozinho vermelho. — Não sei por que são chamados assim, não têm álcool, mas são ótimos.

Sem aviso, enfia um na minha boca e passa a mão possessivamente sobre minha barriga. — Gosta?

Entorpecida, aceno com a cabeça, mas não estou pensando no maldito doce, estou pensando nele. Em nós. Isto.

Coisas ruins acontecem com as pessoas ruins. Então, como diabos acabei tendo tanta sorte?

35

Angelo

Sentado na velha cadeira do meu pai, rolo meu pescoço, mas é uma merda liberar a tensão que belisca meus ombros. A inquietação rasteja sob minha pele como uma coceira, e é só quando percebo que passei mais tempo olhando para a porta do escritório do que examinando os registros de tráfego do porto na mesa, que percebo que Rory é a fonte disso.

Cristo, se eu pudesse passar o dia todo observando-a dormir, passava. Pele quente e boca entreaberta, seus cachos dourados emaranhados no travesseiro. Quero vigiá-la, protegê-la como a porra de um cão de guarda raivoso, mas, infelizmente, não posso protegê-la simplesmente observando-a.

Grunhindo de frustração, seguro minha nuca e me forço a encarar as registros novamente. Passei nove anos presidindo uma empresa de investimentos, pelo amor de Deus. Estou acostumado a trabalhar com planilhas preenchidas com números cem vezes maiores do que isso, mas não consigo entendê-los.

Minha obsessão por ela é *enlouquecedora.*

Assim que estou começando a me acomodar, as tábuas do assoalho no final do corredor rangem, fazendo meu abdômen contrair. Ela aparece na porta, uma mistura de sono e confusão espalhada por suas feições perfeitas. Eu me inclino para trás e lanço um olhar sem remorso sobre seu corpo. Muito bem, definitivamente preciso pegar as suas roupas e

rápido, porque ela andando por aí, usando meus suéteres e camisas como vestidos, me deixará louco.

— Por que não me acordou?

— Para fazer o quê? — A diversão formiga meus lábios em sua carranca. — Venha aqui.

Ela contorna a mesa e no momento em que está ao alcance do braço, a puxo para o meu colo e cedo ao meu vício. Inspiro seu cheiro quente e passo minhas mãos por suas coxas nuas. Foda-se, é tão pequena e delicada; tão frágil. O pensamento faz meu peito apertar, e envolvo meus braços ao redor da sua cintura, como se alguém fosse invadir o escritório a qualquer momento e tentar tirá-la de mim.

Passei nove anos construindo uma nova vida para mim, o mais longe possível de *Devil's Dip*. E, no entanto, em apenas algumas semanas, desisti de tudo. Voltei para a cidade que odeio, comecei uma guerra civil com a porra da minha própria família, tudo por *ela.* Uma garota que xinga em trocadilhos de pássaros, come açúcar suficiente para ser pré-diabética e é viciada em vingança mesquinha.

Ah, sem falar que é quase jovem o suficiente para ser minha filha. Às vezes, acho que devo estar fodido da cabeça. Acordei de madrugada como um louco e dediquei minha manhã a fazê-la se sentir o mais confortável e protegida possível. As cuidadoras de seu pai estão agora na minha folha de pagamento, e os filha da puta que ousaram tocá-la estão relaxando no fundo do Pacífico com a ajuda de um par de tijolos amarrados em seus tornozelos. De repente, percebo que deixei de matar um homem por mês, como parte de nossa tradição dos *Sinners Anonymous*, para matar em média um homem por semana, e todos remontam a ela.

Sua respiração desliza sobre meu pescoço, e a maneira como faz meu pau formigar me irrita. O*deio* o seu domínio

sobre mim; isso me faz sentir fraco e patético. Dou um tapa em sua coxa e mordo a concha de sua orelha. — Precisa usar mais roupas em casa, baby. Se eu pegar um dos homens de Gabe apenas olhando em sua direção, arrancarei seus globos oculares.

Sua risada é sonolenta e contente contra o meu peito. — Tudo bem.

Passo meus dedos por seu cabelo. Cristo, tem tanto disso, que consome tudo. — Mandarei um *personal shopper* esta tarde. — Paro. — Eles os têm aqui?

Outra risada, seguida por um tapa brincalhão no meu peito. Agarro a sua mão e passo minha boca sobre os nós dos dedos. — É *Devil's Dip*, não Nova York. Vou para a cidade.

Paro, e sei que ela sente isso, porque me olha por baixo daqueles cílios grossos. — Você não sairá desta casa até que seja seguro, Rory.

Ela se levanta. — Por que não é seguro?

— Não é problema seu para se preocupar, *baby*. Garantirei que tenha tudo o que precisa.

Empurra contra o meu peito, me prendendo com um olhar raivoso. — *Não*. Quero que me diga, quero ser mantida informada. Estou farta de não saber... não sabia que Alberto não tinha o poder de destruir a *Devil's Preserve,* e não sabia o que estava fazendo quando desapareceu por uma semana inteira. Não me deixe no escuro! — Frustração mancha seu tom, e mesmo que seja adorável quando fica com raiva, uma vontade ardente de curvá-la sobre minha mesa e espancá-la por seu tom insolente rasteja sob minha pele, mas não tenho tempo para isso agora, então empurro para baixo e acaricio sua bochecha com meu dedo.

— Não lhe contarei tudo, Rory. — Ela abre a boca para protestar, mas aperto sua mandíbula e rosno — E isso não é negociável, mas, lhe direi o que acho que você precisa saber. Fechado?

Pela irritação estampada em seu rosto, sei que não é bom o suficiente. Relutantemente, assente.

— Eu matei Alberto, e agora Dante é o novo capo de *Devil's Cove*. Não será fácil e, se eu o conheço, a vingança será fria e calculada. Já tem um exército pré-estabelecido e sempre teve os olhos postos no *Dip*.

Quando o pânico cruza suas feições, aperto sua mandíbula e inclino seu rosto para encontrar o meu. — Não há nada para se preocupar, *baby*. Tenho Gabe, que está construindo um exército com o dobro do tamanho de Dante enquanto falamos. E depois há Rafe, que é tudo o que Dante gostaria de ser.

Ela brinca com a ponta da minha gravata, mordendo o lábio inferior. — Haverá uma guerra?

É instintivo dizer que não, mas quando olha para mim com aqueles grandes olhos cor de uísque, sei que não posso mentir para ela. — Sim — digo simplesmente. — Não sei quando virá, mas virá. Trabalharei muitas horas e não chegarei à casa todas as noites.

Eu a estudo por um tempo, tenso enquanto espero por sua reação. Fico surpreso quando um sorriso tímido se espalha em seu rosto. — É meio emocionante.

Balançando a cabeça em descrença, toco seu nariz de botão e a puxo para mais perto de mim. Sua veia negra é pequena e inocente, mas é uma das coisas mais sexy dela.

— Não para você. Ficará escondida aqui, cercada por seguranças por um tempo.

Algo pisca em suas feições. Algo entre decepção e arrependimento.

— Rory, olhe para mim. — Não dou a ela uma escolha, enfiando meus dedos em seu cabelo e apertando minhas mãos contra suas bochechas. — Não sou Alberto. Não é realmente minha cativa, mas você é *minha.* Preciso mantê-la segura, mas farei o possível para lhe dar o mundo. — Percorro um polegar sobre seu lábio inferior almofadado. — Desde que o mundo caiba dentro das paredes desta casa, tudo bem?

Ela acena com a cabeça. Se solta do meu aperto e roça os lábios na curva do meu pescoço. Gemo em seu cabelo, agarrando-o em sua nuca. — Não me provoque, garotinha. Não tenho tempo.

Ela para a meio caminho do meu colarinho. — Por que? Onde vai?

— Tenho uma reunião com Gabe e Rafe.

— Oh, posso...?

— Fale logo, Rory.

Ela afasta um cacho do rosto e olha para mim nervosamente. — Posso convidar uma amiga?

Meu olhar escurece. — Que amiga?

— Apenas Tayce.

— A garota da tatuagem?

Ela acena com a cabeça, e digiro isso por um segundo. — Dê a Gabe uma lista de amigos, e ele os examinará, e depois podem entrar e sair quando quiserem, mas sim, ela pode vir.

— Obrigada — suspira, iluminando-se de uma forma que me faz querer dar a ela tudo o que sempre pediu. Sei que vou, de qualquer maneira. — Posso, uh, usar seu celular?

Meus olhos se estreitam. — Onde está o seu?

— Só tenho o pré-pago que Alberto me deu.

Claro. Tinha esquecido a trela apertada que Big Al a mantinha. Tiro-o do bolso e o jogo sobre a mesa. — Vou providencia seu próprio celular, e qualquer outra coisa que precisar. Escreva uma lista.

Ela sorri, enrolando a mão em volta do meu iPhone. — Listas, listas, listas. Realmente é um homem de negócios, não é?

Deixo escapar um suspiro e torço o tecido de seu suéter. Seus olhos se arregalam quando de repente me levanto, giro-a e a prendo entre minhas coxas e a mesa, antes de enrolar minha mão em seu cabelo e curvá-la.

Foda-se, arranjarei tempo.

Meu cinto deixa minha calça com um *baque alto.* — Vou mostrá-la exatamente que tipo de homem sou, *baby*.

* * *

Buscai a esperança onde o ar é salgado e os penhascos são íngremes.

Foi o que o biscoito da sorte disse. Aquele que de *Chinatown*, em *San Francisco*. Tinha exatamente a mesma fortuna que convenceu minha mãe a se mudar para cá tantos anos atrás.

Claro, todos são feitos nas mesmas fábricas; uma coincidência e não o destino, mas isso me levou a Rory, e gosto de pensar que minha mãe teve algo a ver com isso.

Estou parado na beira do penhasco, brincando com o maço de cigarros na minha calça. De repente, me dou conta de que não fumo desde que trouxe Rory para casa. Acho que não me senti tão estressado, agora que sei que ela está segura.

Nuvens cor de carvão pairam baixas no céu, o ar estalando em antecipação abaixo delas. O vento carrega o ronronar familiar de um carro esportivo e, alguns momentos depois, o ombro de Rafe roça no meu.

O *clique-claque* de dados jogados em suas mãos acompanha suas palavras. — Todo seu agora, irmão.

Solto uma risada, seguindo seu olhar para a cidade abaixo. — Nah, trato do porto. Todo o resto é todo seu.

— Não sabe quanto tempo esperei que você dissesse isso.

Eu sei, no entanto. Apesar de ser um dos homens mais poderosos de *West Coast*, com Las Vegas inteira ao seu alcance, Rafe sempre teve uma estranha obsessão por *Devil's Dip*, em toda a sua glória melancólica. Ele é grande em família, grande em *casa.* Sempre soube que ele voltaria para a costa em um piscar de olhos. E, estranhamente, há uma excitação sombria borbulhando sob minhas costelas. Pela primeira vez, estou olhando para *Devil's Dip* e não tenho vontade de queimá-la até a porra do chão. Talvez o entusiasmo de Rafe esteja passando para mim, ou talvez seja porque a cidade agora tem algo – *alguém* - de que preciso. Parece um novo começo, o início de uma nova era.

Não posso contudo começar com segredos.

Olho de volta para a estrada, e quando vejo que a *Harley* de Gabe ainda não parou, ando os três degraus até o túmulo de nossos pais. Rafe se junta a mim.

— Preciso lhes contar uma coisa.

— Não, não precisa.

— Nah, preciso...

— Não. — A voz de Rafe é afiada e fria como um pingente de gelo, forçando-me a olhar para ele. Seus olhos estão fixos no túmulo. — Eu já sei. Sei que a Mama foi assassinada e que você matou nosso pai.

Uma sensação de afundamento se instala em meu estômago. — Como?

— Porque na noite em que o matou, você ligou para os *Sinners Anonymous.*

Franzo a testa, olhando para a igreja, tentando atormentar meu cérebro para os detalhes daquela noite. Claro, me lembro do corpo sem vida de meu pai com tanta clareza, lembro do cheiro forte de ferro e da satisfação sombria que faiscou em minhas veias. O que não me lembro é o que aconteceu depois que me sentei em sua mesa e afundei uma garrafa de *Smugglers Club*.

— Você não disse nada.

O silêncio se estende entre nós. Passa o polegar na boca, sua abotoadura de diamante brilhando. — Ligou para a linha direta porque queria que soubéssemos, não porque queria que reagíssemos a isso. Eu sabia que nos contataria em seu próprio tempo.

— Não está com raiva de mim.

Seu olhar escurece, e de repente me lembro de quão bom Rafe é ter ao seu lado. — Depois de ouvir o que ele fez com a Mama, fico feliz que tenha matado aquela filho da puta. E o garoto?

Uma mão gelada aperta meu coração. Dou um rápido aceno de cabeça. — Trabalhando nisso.

Ele concorda.

Ficamos em um silêncio satisfeito por alguns momentos, até que a moto de Gabe aparece. A mão de Rafe bate nas minhas costas. Uma risada sombria sai de seus lábios.

— Os *Angels of Devil's Dip,* juntos novamente. Foda-se cara, isto é tudo o que eu sempre quis.

36

Rory

— Porra do inferno, Rory. Está vivendo um conto de fadas gótico.

Acabei de contar tudo a Tayce, desde o momento em que assinei o contrato de Alberto, até os doces que Angelo me trouxe de Londres. Claro, deixei de fora algumas das coisas *mais sombrias,* como levar uma surra em uma igreja e o fato de que considerei seriamente empurrar Alberto de um penhasco. Acho que gosto de ter alguns pecados que só Angelo e eu compartilhamos.

Ela está sentada no sofá à minha frente, enrolada sob um cobertor e com uma pilha de balas britânicas no colo. Está boquiaberta em descrença. — Não acredito que Angelo Visconti está apaixonado por você.

Meus ouvidos fervem com o mero som da palavra. — Ele não está.

— Cala a boca, Rory. Ele deixou toda a sua vida na Inglaterra e voltou para *Devil's Dip* por você. Está tão apaixonado por você que me deixa doente.

— Ela está certa, eu estou.

Nós duas pulamos ao som da voz de Angelo. Meus olhos disparam para cima e pousam nele, encostado na porta, o humor esculpido em suas feições.

Meu rosto fica com bolhas de vergonha, mas também... *acabou de dizer que me ama?* Travamos os olhos, e engulo. O

ar muda e Tayce pode sentir isso, porque se levanta, enfia um punhado de doces em sua bolsa e me dá um sorriso astuto. — Eu... provavelmente deveria ir.

— Vou mandar alguém escoltá-la até em casa, Tayce.

Escarnece dele. — Não há necessidade, posso cuidar de mim.

Sem tirar os olhos de mim, Angelo acena a cabeça levemente. — Não é negociável.

Tayce bufa, depois revira os olhos para mim. — Viu? É por isso que deveria ter vindo até mim antes de morar voluntariamente com um *Made Man*. Teria lhe dito como são loucos! — Ao passar por Angelo, dá um tapa no seu ombro e acrescenta — Mas, falando sério, obrigada por salvar minha melhor amiga daquele grande e gordo canalha.

Seus lábios se contraem. — A qualquer momento.

— E se eu ouvir alguma coisa na loja, vou deixá-los saberem.

O olhar de Angelo fica sério. — Eu apreciaria isso.

— Oh, e se quiser o nome de Rory tatuado em um coração de amor em seu peito, sou sua garota. Vou até deixá-lo pular a lista de espera.

— Uh-huh. Parece uma oferta que não posso recusar.

Despedimo-nos e ela desaparece pela porta da frente, um dos homens corpulentos de Gabe à sua sombra.

Nossos olhares se chocam e, de repente, sou dominada pela timidez. — Venha aqui.

Balanço minha cabeça. Seus olhos brilham com diversão sombria. — Atreve-se a me dizer não outra vez.

Fingindo um suspiro, me levanto e faço a curta viagem até a porta, meu coração batendo mais rápido a cada passo. Seus olhos se estreitam em mim, mas não tira as mãos dos bolsos. Em vez disso, espera, como se esperasse que eu fizesse alguma coisa.

— Quis dizer isso? — Não consigo dizê-lo, mas não preciso, a insinuação paira pesada no ar entre nós.

Ele morde o lábio inferior e acena com a cabeça. Um movimento tão pequeno, mas que derrete todas as minhas entranhas em nada mais do que uma pilha de lama. Não sabia que era possível desejar algo e ter tanto medo disso ao mesmo tempo. Não quero nada neste mundo além de ser amada por ele, mas o mesmo pensamento me faz querer pular da janela mais próxima. Meu coração bate forte contra meu peito, meus dedos queimam com a necessidade de tocá-lo.

— Mas nem nos beijamos — sussurro. Parece patético, até para mim, porque no fundo sei que isso não mudaria nada.

— Beije-me então.

O desafio gira como um olho de tempestade em seu olhar.

Paro. — Está bem.

— Está bem.

Engolindo em seco, levo minha mão até seu pescoço e seguro-a em sua nuca grossa. Ele espera, parado e silencioso, os olhos se estreitando em mim. Ardendo de ansiedade, fico na ponta dos pés, mas ainda tenho que esticar o pescoço para chegar perto de sua boca. Pairo ali por um tempo, tão perto que não posso dizer de quem são as respirações pesadas e difíceis de quem. Um pouco mais perto, e minha boca roça a dele. Tão macia e quente. Por um momento, acho que ele não reagirá, mas então abre os lábios, pressiono os meus contra eles e deslizo minha língua dentro de sua boca. Seu gemido é

gutural, provocando faíscas quentes e elétricas entre minhas coxas. Apalpo seu peito e tento me afastar, apenas para dizer algo sarcástico, mas tenho tempo suficiente para encontrar seu olhar derretido, antes que agarre meu cabelo e me puxe de volta para ele.

Seu beijo é profundo, molhado e confuso. *Desesperado.* Como um deserto árido precisando de uma boa tempestade. Suas mãos percorrem todo o meu corpo, parando na minha bunda para segurar minhas bochechas, serpenteando até meus quadris para me puxar contra sua ereção. É rude e implacável, e não aceitaria de outra maneira. Mesmo quando raspa os dentes no meu lábio inferior, bate na minha bunda e sibila no meu ouvido com veneno estrangulado.

— Tem dez segundos para subir na minha cama antes que eu perca a cabeça.

Um olhar furtivo em sua expressão ardente, então me viro e corro para o foyer e subo as escadas. Antes que possa chegar ao seu quarto, ele me alcança, passando os braços ao redor da minha cintura e me jogando na cama. Estou sem fôlego, embriagada pela excitação do desconhecido. Ele me vira de costas, afasta minhas coxas e paira sobre mim, em toda a sua glória masculina. Seu olhar percorre suas roupas no meu corpo, e esfrega o queixo, como se estivesse tentando controlar seu desejo.

Decido contudo, dificultar as coisas para ele, porque estou viciada no jeito que me encara. Com um golpe, tiro meu suéter e levanto meus quadris para deslizar para baixo as calças. Antes que possa me deliciar com seu olhar malicioso, ele cai sobre os cotovelos em cima de mim, puxa meu sutiã para baixo e agarra um seio. O desejo atravessa meu núcleo como um raio, estabelecendo-se entre minhas coxas em uma batida inquieta. Puxo seu cabelo, *com força,* enquanto troca

de seio e se abaixa para enfiar a mão na frente da minha calcinha.

Sua mão é áspera e carente, segurando meu sexo com um desespero que faz todo o meu corpo arrepiar. Seus dedos se enrolam, arrastando-se pelos meus lábios lisos, antes de ele passar o dedo indicador contra o meu clitóris. Grito, o que o faz rir em meus seios.

— Está tão molhada, *baby*. — Desliza a mão de volta para baixo e enfia um dedo em meu buraco, e depois outro, esticando meu canal e me enchendo com a queimação mais deliciosa. — Quero provar até a última gota. — Beija uma trilha faminta pelo meu estômago, até que sua boca atinge o cós da minha calcinha. Rosnando, aperta os dentes na renda, como se fosse arrancá-los como um maldito animal dilacerando sua presa.

— Pare — sibilo, embora cada parte do meu corpo esteja gritando em desacordo.

Ele para, seu olhar fascinado. — O quê?

Ofegante, me forço a me apoiar nos cotovelos. — Eu...

Enquanto o resto da minha frase queima entre nós, ele rosna e aperta meu clitóris novamente em aborrecimento. — Fale logo, *baby*.

— Viu e tocou cada parte de mim, mas uh, eu não vi *você.* — Engulo, o coração engatando na minha garganta. — Quero vê-lo.

Faz uma pausa por um momento, seu olhar se estreita, e então uma travessura negra como breu dança em suas feições. Sem dizer uma palavra, senta-se sobre os calcanhares e se empurra para fora da cama. É que ele conhece cada curva e contorno do meu corpo, bem como todos os pecados

que estão dentro dele, e ainda não tenho ideia do que está por baixo dos ternos italianos e dos suéteres de caxemira.

Sem interromper o contato visual, afrouxa a gravata e a joga de lado. A camisa vem a seguir, revelando uma barriga bronzeada e tonificada e bíceps protuberantes, ambos esculpidos em mármore. — Santo *crow* — murmuro, mais para mim do que para ele, mas isso levanta uma pequena e ofegante risada de seus lábios de qualquer maneira. Ele tira o cinto e depois a calça. Uma erupção nervosa rasteja em meu peito ao ver sua Calvin Klein preta, sua ereção contra ela.

O desconhecido é assustador e sedutor, e estou praticamente salivando para saber o que há por baixo daquele tecido.

Ele levanta o braço e passa a mão pelo cabelo, os olhos brilhando com más intenções. — Venha me ver, então.

Primeiro o beijo, agora *isso.* É um contraste gritante com a maneira como me domina com seu cinto, mas, de repente, percebo que é porque agora ele sabe da minha inexperiência, quer que seja nos meus termos, não nos dele. *Estou* no controle, mas pela maneira como abre e fecha os punhos, posso dizer que é uma luta.

Respirando pesadamente, tiro meu sutiã e calcinha e os jogo em sua pilha de roupas. Então corro para o final da cama, rolo de joelhos e traço um caminho delicado ao longo de seu estômago com apenas um dedo. A tensão rola dele em ondas, e quando passo meu dedo sobre o horizonte de sua cintura, seus olhos se fecham e sua mandíbula cerra. Fico ali por um momento, roçando o cabelo escuro lá, mas depois rosna e agarra meu pulso.

— Não faça joguinhos — murmura. — Toque.

Ofegando com o veneno em sua voz, deslizo minha mão sob o cós e agarro sua cintura. Ele solta um silvo agudo e joga

a cabeça para trás, todo o abdômen contraído na altura dos meus olhos.

Oh, swan. No momento em que envolvo meus dedos em torno dele, sei que estou perdendo a cabeça. Sinto seu comprimento, seu calor e espessura, e minha curiosidade mórbida se pergunta como *diabos* isso caberá dentro de mim.

Mordendo em frustração, Angelo me empurra de volta para a cama e sobe em cima de mim, tirando sua ereção. Ele o agarra na base e afasta minhas coxas com os joelhos, acomodando-se como um peso pesado em cima de mim. Uma mão desliza em volta do meu pescoço, a outra pressiona a ponta contra a minha entrada.

— Peça-me um pecado, Rory — rosna em meu ouvido, beliscando meu lóbulo.

— Diga-me um pecado — gemo, inclinando meus quadris em desespero, mas ele me empurra de volta para a cama.

— O pensamento de foder com você foi tão dominante o dia todo, que tive uma ereção furiosa no carro voltando para casa.

Gemo, sentindo o seu comprimento me abrindo enquanto se empurra lentamente dentro de mim. É suave e preguiçoso, um forte contraste com a dureza de sua voz. Aperto minha mão sobre sua mandíbula e pressiono meus lábios contra os dele. Meu núcleo inferior queima, um coquetel de dor e prazer correndo em minhas veias como uma droga. — Diga-me outro — imploro.

Empurra mais fundo, preenchendo cada centímetro de mim, aumentando o ritmo de suas estocadas enquanto acaricia meu pescoço. — Aquela calcinha que deixou no meu avião, a fodi tantas vezes que perdi a conta.

— Sim?

— Sim — resmunga. — E aquela merda de sutiã combinando.

Gemo sob o seu peso, e com cada pecado sujo que sussurra em meu ouvido, seus quadris se movem contra os meus, espalhando calor branco do meu clitóris até o meu núcleo.

— Matei Max porque odiava o jeito que ele tocava em você.

— Nunca tive uma namorada, muito menos traí uma. Só precisava que me odiasse.

— No Halloween, tive que encostar e foder meu punho no meu carro só de pensar em você, porque mal podia esperar para chegar em casa.

Fogos de artifício crepitam e estouram, incendiando todas as terminações nervosas. Estou dividida, presa em um limbo desesperado entre querer que esse sentimento nunca acabe e perseguir freneticamente a libertação. Eventualmente, o último vence, e meu orgasmo explode de dentro para fora, enviando um tremor incontrolável através de cada músculo e cada membro. Angelo congela, o pau estremecendo dentro de mim, olhando-me fascinado enquanto seu nome sai da minha língua em ondas de pânico.

— Foda-se — geme em minha boca, diminuindo suas estocadas. — Essa foi a coisa mais gostosa que já vi. — Um beliscão no meu lábio inferior. — *Você* é a coisa mais gostosa que já vi.

Com seu sêmen quente e pegajoso se acumulando entre minhas coxas, me rola de modo que estou deitada contra seu peito. Seu batimento cardíaco é pesado e rápido, combinando com sua respiração difícil.

— Eu também te amo.

Debaixo de mim, ele para. Para de traçar círculos nas minhas costas. Estou tão confusa que as palavras escaparam da minha boca como chocolate em um dia quente. Meu coração bate uma, duas vezes, mas então percebo que não quero retirar as palavras de jeito nenhum.

— Bom — rosna em minha coroa. — Porque acabei de perceber uma coisa muito ruim.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam. — O quê — Sussurro.

— Não usamos camisinha.

* * *

A semana seguinte passa em um borrão de sexo e pecado. Às vezes ele me fode devagar e sensualmente, e saboreio cada impulso, lambo e chupo, guardando-os na memória. Às vezes me fode forte e freneticamente, seu cinto ou sua mão, ou ambos, deixando sua marca na minha bunda e minha garganta. Depois, é gentil, me dando banhos e esfregando loção nas partes mais cruas de mim, que amo quase tanto quanto as próprias palmadas.

Posso ir ver meu pai sempre que quiser, desde que os homens de Gabe me acompanhem. Não há limite de horas e, felizmente, Melissa e o restante da equipe de atendimento fizeram a transição perfeita para a folha de pagamento de Angelo. Quando o Angelo está trabalhando, às vezes a Tayce vem e a gente assiste um filme, ou folheia a revista *Architectural Digest* em busca de inspiração para o projeto da casa reformada. Insiste que posso fazer o que quiser com o lugar, e não tenho certeza se é porque ele quer me manter ocupada e distraída, ou se quer livrar cada centímetro da

casa de seu pai. Ainda é uma tela branca em branco, mas não parece sufocante como a mansão *Cove*. Parece uma casa em vez de uma prisão, com um armário cheio de minhas próprias roupas e nenhuma Greta amarga me forçando a usar tamanhos muito pequenos. Nada de jantares formais, apenas pizzas ou massas, enrolados no sofá; é pura felicidade.

Quando a noite de sexta-feira chega, estou sentada de pernas cruzadas na cama, criando um quadro visual para a sala de jogos, quando Angelo entra pela porta. Meu coração bate acelerado, como sempre acontece quando chega em casa. É uma mistura de alívio por ele estar de volta inteiro e empolgação por sentir seu calor contra o meu.

Ele afrouxa a gravata e se acomoda atrás de mim, inclinando-se sobre meu ombro para admirar meu trabalho. — Quando vai parar de colar e cortar e começar a encomendar alguns móveis?

— Quando você aprovar minhas ideias!

Sua risada é profunda e gutural. — Eu já te disse, amor. O que quer que você queira fazer, vou adorar.

— Mhmm. — Torço seus braços e planto um beijo suave em seus lábios. — Bom dia?

— Ainda não acabou.

Meu coração afunda alguns centímetros, mas colo indiferença em meu tom. — Não?

— Não. Tenho uma reunião com o capitão do porto no *Rusty Anchor*.

— Oh.

— Quer vir?

Minha decepção é imediatamente transformada em excitação. — Sério?

— Sim, é amiga da garota que trabalha lá, certo? É território *Dip*, e meus homens estarão lá.

— *Woohoo*! — Levanto-me, chutando a pilha de revistas para fora do caminho.

Angelo se recosta nos travesseiros, me observando divertido. — Puta merda, pensaria que eu estava levando-a para um baile.

— Sem mais bailes, *por favor* — gemo, mergulhando no armário e puxando um par de jeans da prateleira. — Nunca mais quero ver um vestido de baile.

— Combinado — fala lentamente, levantando-se e batendo na minha bunda a caminho da porta. — Encontre-me lá embaixo em cinco minutos.

Cinco minutos depois, está me esperando ao pé da escada, com uma garrafa em uma das mãos e uma trouxa de roupas na outra. — Pegue — exige, me dando o frasco. — É chocolate quente.

Trazendo para o meu peito. — Fez isso para mim?

— Sim — murmura sombriamente. — Mas não sou a porra de um chef. Precisamos de ajuda por aqui, algumas empregadas e uma assistente servirão. Lenço. — Envolve em volta do meu pescoço e puxa apertado. — Chapéu, luvas, casaco.

— Jesus, Angelo. Vamos a um bar, não esquiar.

Ele desliza o casaco sobre meus ombros e puxa a lapela, trazendo-me para um beijo profundo. — Está frio lá fora.

— Quem diria que um *don Cosa Nostra* poderia ser tão doce?

Ele mergulha para segurar minha nádega e aperta *com força.* — Use essa boca esperta de novo, e vou lembrá-la que não sou. — Rosna com um brilho nos olhos.

O carro foi aquecido e, enquanto deslizo para dentro, verifico o porta-luvas com expectativa. Com certeza, Angelo recarregou-o com algumas das gomas de vinho britânicas que gosto tanto. Sua mão é pesada e possessiva na minha coxa conforme percorremos a curta distância, flanqueados por dois carros com os homens de Gabe dentro. Subindo para o *Rusty Anchor*, a excitação formiga em meu peito; parece *quase* como estar normal novamente. Não passar uma noite de sexta-feira em uma mesa abafada com pessoas que me odeiam tanto quanto as odeio, mas em um barzinho, conversando com meus amigos. Só que desta vez, tenho um Made Man observando cada movimento meu.

O calor do fogo roça meu rosto assim que entramos. A mão de Angelo está presa na minha, mas a puxo no momento em que reconheço um rosto familiar.

— Bill!

Corro e jogo meus braços em volta do melhor amigo de papai. Ele cheira a charuto e couro, e sou atingida pela nostalgia da infância. Não o vejo há séculos. Ainda visita meu pai na Preserve quase diariamente, mas sempre em horários diferentes dos meus.

— Minha pequena Rory! Meu Deus, como está? — Diz me dando um aperto.

Quando me viro, o olhar de Angelo se estreita enquanto nos observa da porta. — Angelo, conheça Bill. Ele é o melhor amigo do meu pai.

Seus lábios se contraem. Dá um passo à frente e estende a mão para Bill apertar. — O melhor amigo de papai e capitão do porto. *Devil's Dip* realmente é um lugar pequeno.

Eu me viro, com os olhos arregalados. — É o mestre do porto agora, Bill?

Ele sorri. — Claro que sim.

Fixando Angelo com uma carranca, digo — Bem, então. É melhor ser muito legal com ele. — Com um movimento do meu dedo, ando em direção ao bar. — Estou de olho em você.

Ele balança a cabeça em descrença, provavelmente não acostumado a ser prejudicado por sua namorada no início de uma reunião. Antes que possa causar mais problemas, deslizo para um dos assentos perto do bar e toco a campainha. Alguns momentos se passam antes que Wren saia pelos fundos. Ela congela de surpresa, então seu rosto se abre em um grande sorriso.

— Rory Carter. Temos *tanto* para pôr em dia.

Soltei uma risada alegre. — Sim, pode dizer isso de novo, mas, por enquanto, pode apenas me servir meu *spritzer*[34] de vinho branco de sempre e podemos fingir que tudo está como costumava ser?

— Pode deixar. — Bate o copo no bar e aponta para a placa acima de sua cabeça. Está amarelando e ondulando nas bordas, mas todo mundo sabe o que diz, porque está aqui desde que o Wren trabalha aqui:

Mais de duas bebidas exigirão a entrega das chaves do carro a um membro da equipe.

— Isso também inclui o seu homem assustador agora. — Espalma o bar e olha para ele. — A menos que seja o dono do lugar. Ele é? É meu chefe agora?

— Honestamente? Não faço ideia, mas não se preocupe, ele é um cachorrinho mesmo. — *Mentira.*

Olho e, embora ele esteja em uma conversa profunda com Bill, seu olhar se volta para o meu. Pisca e fogos de artifício acendem no meu peito. Tentando esconder meu sorriso, tomo um gole de vinho e me viro para Wren. — Então, o que perdi em *Dip*? — Bate os dedos no balcão e pensa. — Vamos lá, você sabe de tudo!

É verdade. Não apenas porque ela trabalha no *Rusty Anchor*, mas também porque está sempre em *Devil's Cove.* É carinhosamente conhecida como a *Boa Samaritana* por aqui, porque depois de seu turno, ela pega o ônibus para *Devil's Cove* e fica na avenida principal até que todos os bares e clubes fechem, distribuindo chinelos e água para turistas bêbados e saudando táxis para quem precisa. Enxágue e repita, todas as noites.

— Ah sim! — Diz, os olhos azuis de repente se iluminando. — Lembra-se de Spencer Gravelty e sua equipe?

Forço meu rosto a permanecer indiferente. Sei que ela ouviu os rumores, mas é muito respeitosa para mencioná-los. — Uh-huh.

— Bem, todos eles desapareceram. Todos os cinco!

Minhas orelhas aquecem e olho de relance para Angelo. *Ele fez isso.* Wren continua, falando sobre seu último avistamento e um possível acampamento que deu errado, mas mal estou ouvindo. *Angelo Visconti os matou por mim como se não fosse nada.*

Santo *crow*, estou tão apaixonada por esse homem que me dá dor de dente. Não apenas porque é bonito, protetor e amoroso, mas porque é *mau.* Muito ruim, e também apela para a escuridão dentro de mim. Spencer e sua equipe podem ter sido a razão pela qual cometi meu primeiro pecado, mas acho que apenas trouxeram minha escuridão à tona. É Angelo quem atiça o fogo. O desejo de ser ruim *com ele* queima sob minha pele como uma chama.

A porta do bar se abre, deixando entrar um frio gelado. Um homem caminha por ela, passos irregulares ecoando ao redor do contêiner. Imediatamente, a inquietação me consome.

— Oh não. Não esse cara de novo.

Com o canto do olho, vejo Angelo parar de falar e olhar para ele. Arrasto meu olhar para Wren. — O quê?

Ela dá um pequeno aceno de cabeça, torcendo um pano dentro de um copo de cerveja. — Quase todos os dias desta semana, ele veio aqui, falando sobre como é bom estar de volta em casa.

— Ele é um local? Não o reconheço.

— Nem eu.

Angelo ainda está olhando para o homem. É robusto, desgastado pelo tempo, vestindo uma jaqueta de corrida e jeans, uma combinação inadequada para o frio do final do outono. Aparece no final do bar, balançando instavelmente em seus pés. Enquanto clica para chamar a atenção de Wren, Angelo se levanta.

— Ele apenas fica lá, bebendo uma *pale ale* e me dando uma aula de química. *Tão* estranho. Realmente espero que ele *não seja* um local e que esteja apenas de passagem.

O homem se vira para olhar para Angelo, revelando uma cicatriz escura e raivosa na lateral de seu rosto. Meu sangue se transforma em gelo e, antes que possa pensar nisso, deslizo para fora do balcão e vou até Angelo. Os homens de Gabe saem das sombras, mas alcanço Angelo primeiro, colocando a mão em seu peito. Seus olhos estão enlouquecidos, mas ele não olha para mim. *Não consegue* olhar para mim. Focada demais no homem. — Angelo…

— Mova-se.

O veneno em sua voz rouba o ar dos meus pulmões e tropeço para trás. Enche o bar com sua silhueta imponente e toda a fúria que sai dela. Ele se vira, apenas o suficiente para acenar na direção do homem corpulento que vem atrás do cara.

— Angelo — sibilo, olhos correndo freneticamente para Bill, que também está de pé agora. — Não aqui. *Por favor.*

Seu peito tensiona sob a palma da minha mão. Faz uma pausa. Dá um aceno de dor. — Leve-o para fora. — Ele se vira para mim, os olhos um fogo incontrolável. — Você fica aqui.

— Espere…

Ele se vira, segurando meu pulso. — Não brinque comigo, Rory. Fique. Aqui.

— Não! — Minha voz sai trêmula e patética, mas cerro os punhos e me mantenho firme. — Não. Vou com você, *preciso.* — Angelo rosna, mas quando se vira para sair novamente, agarro sua jaqueta. — Você se livrou dos meus demônios, quero ajudá-lo a se livrar dos seus.

Seu olhar estuda o meu, fúria e aborrecimento passando por ele, mas então, finalmente, me dá um aceno agudo.

Com o coração quase saindo pela garganta, corro para fora do bar com Angelo, correndo apenas para acompanhar

seus passos rápidos. — Coloque-o no porta-malas — rosna, olhando para o homem. Está bêbado demais para fazer mais do que um leve protesto, mas os homens de Angelo não discutem, dobrando-o e colocando-o na parte de trás de um de seus carros.

Em seu *Aston Martin*, a raiva o atinge em uma temperatura perigosa. Eu o deixei apodrecer, com muito medo de pronunciar uma palavra. Alguns minutos se passam até que perceba para onde vamos.

Sento-me um pouco mais ereta. Engulo o nó grosso na minha garganta. — Tem certeza que é ele? — Sussurro.

Nada além de um pequeno aceno de cabeça.

Nunca estive no penhasco à noite. Parece ainda mais perigoso, os elementos mais severos e a queda para as águas furiosas abaixo ainda mais íngremes. Angelo encosta no meio-fio e desliga o motor. Os faróis do carro atrás me ofuscam nos espelhos.

— Você ficará no carro.

— Não. Quero ver. — Com uma nova onda de confiança, levanto meu queixo e acrescento — Quero vê-lo matar o homem que matou sua mãe.

Os nós dos dedos ficam brancos no volante. Então rosna, me fazendo estremecer, mas quando sai, eu saio também e, para minha surpresa, não grita para eu voltar para o carro.

Seus homens trazem o cara para o penhasco. Está arrastando as palavras, mas o pânico está lá agora, preso em seus gritos e sempre presente em seus membros agitados. Acompanho o passo ao lado de Angelo enquanto caminha em direção à beira do penhasco. Seu perfil está mais nítido do que nunca, cortando uma sombra sinistra. Está calmo da

maneira mais assustadora, demorando para recarregar a arma e polir o cano com a manga.

— Alinhe-o.

Meu pulso dispara.

Duas figuras de terno pegam um braço cada lado e o arrastam pela lama, até que fique de costas para o céu sem estrelas. Abaixo, o mar se enfurece forte e rápido, quebrando contra as rochas. Parece um sinal de alerta, um lembrete de que nunca deve chegar muito perto da borda.

Para minha surpresa, Angelo se vira para mim e, mesmo na escuridão, posso ver o sorriso sardônico em seu lindo rosto. — O que acha, Magpie?

— O-o quê?

— Ele cairá ou voará?

Minha respiração dança entre nós em um sopro de condensação. É trabalhoso e pesado, alimentado por um zumbido mórbido de adrenalina que gira em meus pulmões. *Santo crow.* Meu corpo está vibrando com a emoção, o *perigo* de tudo isso. — Cairá. — Arfo. — Cairá até o inferno.

Ele concorda. — Esperançosamente — diz.

Com um movimento rápido, me gira para que eu fique de frente para a igreja atrás de nós. O prédio velho e murcho em que o homem que amo aprendeu a ser mau. O tiro é mais alto do que esperava, e um lampejo de luz branca cobre as paredes de paralelepípedos da igreja por uma fração de segundo, antes de nos mergulhar de volta na escuridão. Nenhum grito, nenhum baque. Apenas o fascínio da pólvora e o zumbindo em meus ouvidos.

Quando Angelo solta um longo silvo, enfio os braços sob seu casaco e o seguro com força. Apesar de estar parado e

silencioso, a forma como seu coração bate tão violentamente revela seus verdadeiros sentimentos.

— Eu te amo — murmuro para o interior de sua camisa. — Eu te amo muito.

De repente me ocorre: é irônico que Angelo me chame de *Magpie*. Porque não sou atraída pelas coisas brilhantes, sou atraída pela escuridão. E agora, posso sentir sua escuridão irradiando contra a minha, um zumbido suave sob a superfície de sua pele bronzeada. Alguns momentos se passam, e então sua mão encontra a parte de trás do meu crânio, enrolando-se em meu cabelo e inclinando meu rosto para ele.

— Eu também te amo, *baby*.

Ele me beija, desesperado e implacável, roçando os dentes no meu lábio. É o beijo de um assassino, que acaba de conseguir a maior vingança de sua vida. Quando se afasta, suas feições são um pouco mais suaves. Acaricia um polegar áspero sobre minha bochecha, seu olhar encaixando perfeitamente no meu.

— Sabe, minha mãe sempre disse que o bem sempre anula o mal. — Engole, o pomo de Adão balançando no tronco de sua garganta. — Mas o que acontece se ambos forem maus? Ambos do mesmo lado da moeda?

Roço meu nariz contra o dele, sorrindo.

— A mágica acontece, baby.

37

UM MÊS DEPOIS

Angelo

A risada de Rory flutua por baixo da porta, fazendo-me parar no meio do caminho. Em vez de bater, pressiono minha testa contra ela e sorrio, meu coração cheio *dela.* No último mês, aquela garota conseguiu preencher cada centímetro da minha alma, minha mente e minha casa. Porra, acho pedaços dela em todos os cantos; seus longos cachos loiros grudados no banco do meu carro, o fantasma de seu perfume quando entro em uma sala horas depois dela.

Sei que a guerra está chegando, mas com ela, tudo o que conheço é paz. Por mais que queira ficar aqui fora o dia todo, tenho coisas para fazer. Então bato, sorrindo quando sua risada se transforma em um guincho. Tayce enfia a cabeça pela fresta e faz uma careta.

— Não pode estar aqui! Dá azar.

Levanto uma sobrancelha e coloco meu pé entre a porta e o batente. — Bem, ela já está vestida?

Seu olhar se estreita, caindo para o meu sapato. — Não. Isso é urgente?

— Não estaria perdendo meu tempo falando com você se não fosse.

Com um suspiro dramático, grita por cima do ombro, e Rory vem saltitando até a porta.

Nossos olhos se chocam e minha garganta aperta. Porra, não sei como farei isso. Ela ainda nem está em seu vestido de noiva, mas apenas seu cabelo e maquiagem estão me fazendo querer socar a parede, porque não consigo descobrir como lidar com toda a emoção fermentando dentro de minha caixa torácica.

Lambo meus lábios. Balanço a cabeça em descrença. — Às vezes, acho que te conjurei de um sonho molhado.

Ela ri, um delicioso ruído gutural que rapidamente me viciou. — Você sabe que não tem permissão para me ver antes da cerimônia. Não é tradicional.

— Não somos exatamente um casal tradicional, baby.

Seu sorriso é onisciente, nossa pequena teia de pecados e segredos girando silenciosamente ao nosso redor. Ela sabe que estou certo. Desde roubá-la do meu tio até espancá-la por seus pecados, nunca fomos normais. Inferno, mesmo o jeito que propus não era normal. Foi na cama, depois de uma noite particularmente longa de foda, e o desejo de acorrentar essa garota a mim para sempre consumiu tudo. Não a pedi em casamento, *implorei, porra,* e então a deixei escolher seu próprio anel. Tudo o que queria fazer era dar a ela o maior diamante que pudesse obter, um sinal de alerta alto e orgulhoso de que era *minha,* mas eu sabia que ela odiaria isso. Ela queria algo simples, que combinasse com suas calças de corrida e moletons grandes.

— Vai me dizer o que quer ou ficará me encarando o dia todo? — Pergunta, os olhos brilhando sob seus cílios postiços.

Cerro minha mandíbula, deixando sua insolência passar, porque tenho coisas mais importantes para lhe dar do que uma surra hoje. — Venha. Quero mostrá-la algo.

— Mas...

— Será rápido, prometo.

Com um olhar por cima do ombro, ela sai da sala e desliza sua mão na minha, permitindo que a conduza pelo corredor e desça as escadas. A casa está lentamente se transformando em um lar, *nosso* lar, cada canto pontuado com toques de Rory. Chegamos à porta dos fundos e a envolvo em minha grande parca e a levo para o frio de meados de dezembro.

— Santo *crow* — resmunga, envolvendo os braços em volta do corpo. — Gostaria de ter escolhido um vestido com mangas agora. Lembre-me por que não esperamos por um casamento no verão, de novo?

Em resposta, a pego, envolvo-a em meus braços e a carrego para o fundo do jardim. — Não estava esperando mais uma semana para me casar com você, muito menos uma maldita estação inteira. Feche os olhos — murmuro contra a coroa de seu cabelo. Passamos pelo lago que insistiu em construir e pela pequena cabana de observação de pássaros que fica sobre ele. Quando chegamos ao nosso destino, uma pequena alcova coberta de arbustos bem no fundo do jardim, gentilmente a coloco no chão e a giro.

— Tudo bem, pode abri-los agora.

Ela abre as pálpebras. Suspira. Imediatamente, meu coração palpita com a sensação de suas costas contra o meu peito.

— É realmente…?

— Sim — sorrio, esfregando minhas mãos ao longo de seus braços. — É a cabine telefônica do penhasco.

— Mas… *como?*!

— Não se preocupe com os detalhes. Olhe. — Abro a porta e a puxo para dentro. Nossos corpos quentes e respiração imediatamente embaçam as janelas com painéis. Sem dizer

uma palavra, pego o fone e coloco em seu ouvido, observando seu rosto se derreter em pura euforia quando ouve a mensagem de correio de voz automática do outro lado da linha. — Não está conectado à linha direta real, é uma réplica com conexão privada, só para você.

Ela ri, sufocando a emoção. — Eu não sei o que dizer.

— Faça uma mudança — digo de volta, tocando seu nariz de botão perfeito.

Sei o quanto ela sente falta de confessar seus pequenos pecados, mas de agora em diante, isso é tudo que sempre serão - mesquinhos. Porque qualquer pecado real que queira cometer, eu o farei por ela. Consegui preencher um pouco o vazio deixando-a ouvir os pecados que chegam à linha direta, o que acha fascinante. Uma vez por semana, aconchegamo-nos no sofá depois do jantar e apertamos o play, com a promessa de que ela escolherá os pecados que apresentarei aos meus irmãos no último domingo de cada mês.

Ela se levanta na ponta dos pés e roça a boca na minha. Agarro a parte de trás de seu cabelo e aprofundo o beijo, roubando todas as respirações difíceis que escapam de seus pulmões; como tudo mais sobre ela, pertencem a mim agora. É insano como algo tão simples como um beijo dela deixa meu pau duro como pedra. Gemo em sua boca e relutantemente a empurro. — Preciso me trocar.

Ela me olha, uma expressão tímida no rosto. — E eu provavelmente preciso refazer meu batom. Obrigada — acrescenta com um beijo rápido, antes de sair pela porta. — Vejo-o no altar!

* * *

Uma hora depois, estou à beira do lago na *Devil's Preserve*. Sabíamos imediatamente que este era o único lugar lógico para casar; não apenas porque o parque significa muito para Rory, mas porque seu pai pode levá-la até o altar e realmente se lembrar do dia. O casamento só começa em uma hora, mas estou aqui para verificar se a segurança está firme e tudo correrá bem.

Os homens de Gabe estão por toda parte, dando ordens através de fones de ouvido e dando voltas constantes no perímetro. O próprio Gabe passa com uma expressão severa no rosto, uma AK-47 pendurada no braço. Diversão arrepia meu peito. *Cristo.* Não sei por que me preocupei com a retaliação do clã *Cove* por ter matado Alberto. Meu irmão é um verdadeiro psicopata e completamente em seu elemento liderando um exército; nem mesmo Dante seria estúpido o suficiente para ir contra ele.

Assobio para ele. Franze a testa e se aproxima, passando um olhar severo sobre meu smoking. — Precisamos cancelar o casamento.

Minha vez de ficar carrancudo. — Nem uma maldita chance. O que o leva a dizer isso?

Seu olhar percorre as fileiras de cadeiras brancas, o caramanchão coberto de rosas no final do cais e as dezenas de velas acesas flutuando no lago. — Tenho um mau pressentimento sobre isso.

Respiro profundamente e balanço a cabeça. — Puta merda. Não ouvimos um pio do clã *Cove* desde que deixei Alberto morto em seu escritório. Sei que ainda não acabou, mas as chances de algo acontecer hoje são baixas.

Sua mandíbula cerra em pensamento. Aperto a mão em seu ombro tenso. — Pode sair do modo assassino por apenas uma hora e, sabe, ser meu padrinho?

Alguns segundos pesados se passam, conflito aparecendo em seu rosto. Eventualmente, acena com a cabeça, trazendo o celular ao ouvido. — Uma hora, só isso.

Eu o vejo sair, incrédulo, antes de afundar em uma das cadeiras de convidados e estudar o caos que envolve a criação de um casamento perfeito. Os garçons fazem as entregas de última hora, os faxineiros fazem uma limpeza final e, no outro lado do lago, vejo Rafe ao telefone, falando animadamente com quem quer que esteja do outro lado da linha. Apesar de ele concordar em lidar com todo o lado de entretenimento do casamento, mal o vi no último mês. Tem estado muito ocupado fazendo planos para construir um cassino e clube exclusivo na rede de cavernas sob *Devil's Dip*. Inicialmente, concordei em dar o espaço para o clã *Hollow*, mas ficaram mais do que felizes em desistir do acordo, uma vez que souberam da rixa entre nós e os irmãos *Cove*. Sempre um homem de negócios, Cas foi firme e justo em seu raciocínio: queriam ser a Suíça - completamente neutra - e ficar de fora dela.

Posso respeitar isso.

Fico sentado até os convidados começarem a chegar. Nenhuma porra de primos distantes da Sicília, apenas pessoas que Rory e eu realmente nos importamos. O clã *Hollow* aparece, Benny e Nico me fazendo elogios cafonas nas fileiras. São seguidos pelo capitão do porto, Bill, e alguns outros rostos familiares do porto. Enquanto Rafe vem direto em minha direção, enviando mensagens de texto enquanto caminha, me levanto para cumprimentá-lo. De repente, olha para cima e para, uma expressão indecifrável em seu rosto. Com o coração acelerado, me viro para seguir seu olhar.

Tor.

Ele está sozinho, parecendo uma figura elegante em um terno azul-marinho de três peças, aquele *piercing* no nariz

brilhando sob o luar. Travamos os olhos e olhamos um para o outro por alguns segundos.

Ele acena, eu aceno de volta, e quando me viro para Rafe, tem um sorriso de tubarão no rosto.

— Ele nos escolheu.

— Dante pode tê-lo enviando. Gabe, quero que ele seja revistado.

O rosto de Rafe pisca em aborrecimento. — Tor não faria isso conosco.

— *Faça.*

Com meu comando severo pairando pesado no ar, me viro e corro em direção à área do bar. Espero em Deus que ele tenha nos escolhido, mas nada nem ninguém estragará esta porra de noite para Rory. Respiro fundo na esperança de extinguir um pouco do mal-estar em meus pulmões. Desacelerando até parar, observo distraidamente a fila de garçons carregando taças de champanhe nas bandejas para os convidados que chegam.

A garota no final do bar chama minha atenção, porque é imediatamente óbvio que nunca serviu uma taça de champanhe em sua vida. Nem está inclinando a taça, e então xinga alto quando as bolhas se espalham pela borda. Olho escurecendo, vou direto para ela. O Clã *Clove* não arruinará este casamento, e com certeza também não deixarei um empregado de merda arruiná-lo.

À medida que pega a bandeja trêmula, o cristal tilintando perigosamente, passo na sua frente. — Está demitida. — Sibilo. — Abaixe isso e vá para casa.

O veneno em minha voz a faz estremecer, e as taças caem como um castelo de cartas. Outro palavrão alto escapa de seus lábios, e então franze a testa para mim.

— Pelo amor de Deus, de onde sai assustando as pessoas assim?!

Meu coração para de bater quando nossos olhos se encontram. — Você.

Ela se acalma. Seu olhar se dilui. — Eu te conheço?

Grandes olhos azuis. Cabelo vermelho selvagem. Sardas que se acumulam quando torce o nariz para mim.

Reconheceria essa garota em qualquer lugar. Sob o silêncio pesado, sua expressão se suaviza, passando de aborrecimento para pânico mal disfarçado. Uma batida passa. Então, sem dizer uma palavra, larga a bandeja, vira e sai correndo. Não vai muito longe, porque Rafe sai das sombras e ela bate em seu peito. Sua mão dispara, agarra o braço dela e a arrasta de volta para mim.

— Saia de cima de mim! — Diz, tentando se livrar de seu aperto.

— Está assustando meus empregados, Angelo? — Fala lentamente. — Sei que é o seu casamento, mas caramba, tente não fazer uma cena antes mesmo de a cerimônia começar.

— Contratou a garota? — Pergunto.

Ele franze a testa com a raiva passando pelo meu tom. Mal consigo contê-lo, e se fosse um homem parado a minha frente, minha mão já estaria em sua garganta.

— Por que? Você a fodeu?

— Não, é ela. A garota que me vendeu o biscoito da sorte em San Francisco — digo, balançando minha cabeça em descrença. Não tenho dúvidas de que é ela, mas, naquela época, estava com os olhos arregalados e assustada, desesperada por quaisquer moedas que pudesse juntar

vendendo biscoitos da sorte quebrados em *China Town*. Entrou na porra dos meus bolsos com uma história triste sobre a necessidade de comer.

Rafe fica imóvel, estreitando o olhar para a garota. — Isso é verdade?

Ela dá outro puxão infrutífero para recuperar o braço, mas os nós dos dedos de Rafe apenas embranquecem em sua manga. — Não sei, tive muitos empregos. Agora saia *de cima de* mim!

Ele a puxa para mais perto, cuspindo veneno em seu ouvido. Ao nosso redor, convidados e empregados estão olhando para a cena. — Vendia ou não vendia biscoitos da sorte em San Fran? Pergunta simples, garota. Não me faça quebrar seus dedos para obter uma resposta.

— Sim! — Grita.

— Então, o que diabos está fazendo aqui? — Resmunga. — Para quem está trabalhando?

— O quê? Acabei de me mudar para cá! Consegui um emprego em uma agência de eventos e me colocaram nesse casamento! Jesus — cospe, o rosto ficando vermelho. — Nunca ouviu falar de uma coincidência?

— O que é uma coincidência é que tenho uma pirralha mentirosa em minhas mãos e apenas uma bala restante em minha câmara. — Rafe olha para cima e me dá um aceno severo. — Cuido disso.

— O que isso significa? — Arfa, os olhos correndo entre mim e meu irmão. — Por favor, deixe-me ir, eu vou...

— Deixe-a ir, Rafe.

Ele para. Alfineta-me com um olhar que sugere que sou louco.

Bufo uma risada amarga, meus olhos piscando para o céu azul marinho. — Mama sempre acreditou no destino. Foi um biscoito da sorte que a trouxe a *Coast* em primeiro lugar, e exatamente a mesma porra da sorte também me trouxe de volta aqui. Achei que era para encontrar o filha da puta que a matou, mas agora percebo que não foi. Era para me levar até Rory. Esta é a maneira de Mama me dizer que está aqui hoje.

Ambos olham para mim como se eu tivesse perdido o enredo. Reprimo um sorriso, aceno para a garota. — Deixe-a *ir,* Rafe.

Relutantemente, solta o braço dela. Ela alisa o uniforme e dá alguns passos trêmulos para longe do meu irmão. Ele a encara, ainda não convencido de que seja uma coincidência. — Deixe a Preserve. Inferno, se tivesse algum bom senso, garota, sairia de *Devil's Dip*.

— O quê, você gosta, possui, ou algo assim? — Revida.

Um sorriso demoníaco surge em seus lábios. — Ou algo assim.

Suas palavras a fazem recuar. Com um último olhar superficial em minha direção, se vira e sai correndo, desaparecendo na espessura das árvores.

Rafe se vira para mim, balança sua cabeça. — Você amoleceu, meu irmão.

Rory

— Vão chamá-la de Signora Aurora Visconti em breve.

Uma risada delirante escapa de meus lábios, formando uma nuvem de vapor contra o céu escuro. É uma loucura pensar que apenas alguns meses atrás, o pensamento de ser chamada fez meu estômago gelar. Agora, acende pequenos

fogos de artifício de alegria em meu peito. Deslizo meu braço para o de meu pai e dou um beijo em sua bochecha fria.

— Eu sempre serei uma Carter de coração, pai.

Ele sorri, os olhos brilhando. — Sempre.

Tayce vem atrás de mim, ajustando a cauda do meu vestido. É apenas um pequeno, e é simples, como o resto da minha roupa. Um elegante vestido de cetim que abraça as curvas do meu corpo sem ser muito revelador. Claro, também estou usando uma jaqueta branca acolchoada, porque acontece que os casamentos em dezembro são incrivelmente frios. Quando me viro para agradecê-la, algo atrás das árvores chama minha atenção.

Minha respiração fica superficial. — *Amélia?* — Sai das sombras, os olhos correndo nervosamente pela clareira. Em frente ao cais, os convidados começam a se sentar e o oficiante está sob o caramanchão, repassando seu discurso. — Com licença por um momento — digo a meu pai e Tayce, saindo para encontrá-la.

Ela respira com dificuldade e agarra meu antebraço. — Oh, Aurora, você está linda — murmura. Passo um olhar sobre o seu comprimento; vestindo uma jaqueta grande e jeans, definitivamente não está vestida para um casamento. Não que tenha sido convidada, ninguém do clã *Cove* foi. Na verdade, não a vejo desde que usava um vestido de noiva *muito* diferente.

— O que está fazendo aqui?

— Não se preocupe, não ficarei. Aqui. — Empurra um presente lindamente embrulhado em minhas mãos. — De mim e de Donnie. Só passei para dar os parabéns e pedir desculpas.

Minha mandíbula funciona. — Pelo quê? — Pergunto.

— Por fechar os olhos para o que estava acontecendo com você. No fundo, eu sabia que não se casaria com Alberto por amor, mas já vi tantos horrores enquanto membro dessa família que me agarrarei a qualquer lasca de esperança que puder. — Engole. Limpa uma lágrima de sua bochecha. — Você merecia coisa melhor.

Fico em silêncio por alguns momentos, pesando minhas emoções. Chego à conclusão de que não odeio Amelia e nunca odiei. Ela é apenas mais uma vítima do clã *Cove*. Em uma sala cheia de pessoas que me desprezavam, sempre foi o farol de luz. Eu a trago para um abraço. — Obrigada. Você também merece coisa melhor, Amelia.

Quando se afasta, me dá um aceno firme. — Tem razão. Donatello também pensa assim, e finalmente deixaremos *Coast*! — Com um pequeno sorriso, esfrega a barriga e acrescenta — Eu, Donnie e o bebê. Começando uma nova vida no Colorado!

— Parabéns!

— Obrigada, Aurora. Oh, e ele também quer que eu agradeça Angelo por ele.

— Pelo quê?

Seu olhar escurece. — Matar Alberto. Ele nunca quis ser um *Made Man*, e agora esta é a sua saída.

Eu sorrio, meu coração disparando de felicidade. — Agora que o vilão está morto, espero que tenha seu final feliz.

Sua risada é abafada pelo som da orquestra ganhando vida ao longe, marcando o início da cerimônia. — E você está prestes a ter o seu. — Com um último aperto do meu braço, me dá um pequeno sorriso e começa a caminhar de volta para a floresta. — Aproveitem, são perfeitos um para o outro.

Eu a observo desaparecer e voltar para o lago.

Sim. Sim, somos.

* * *

— Talvez usar salto alto em uma noite úmida de dezembro não tenha sido a ideia mais inteligente — Angelo murmura, me pegando novamente para me carregar por outro pedaço de lama.

— O que mais eu usaria?

— Seus tênis? Aquelas botas Wellington estúpidas com meias fofas?

— No dia do nosso casamento?

— Seu vestido é longo o suficiente, ninguém saberia.

Rio à medida que ele gentilmente me deixa cair em um terreno mais firme e desliza sua grande mão sobre a minha. Atrás de nós, o burburinho jovial da festa de casamento fica mais silencioso enquanto atravessamos a floresta e voltamos para a estrada principal.

— Agora que estou casada com o chefe da máfia de *Devil's Dip*, suponho que terei que usar vestidos e saltos altos o tempo todo.

— Não. Seus moletons e tênis servirão.

— Sim?

— Sim. — Os lábios de Angelo encontram minha coroa, sua voz ficando mais sombria. — Mas se quiser usar aquele vestido de couro para dormir que usou no Halloween, não reclamaria.

Uma luxúria quente e pontiaguda se espalha entre minhas coxas, aquecendo minha pele apesar do frio no ar. Na estrada, atravessamos para a igreja e serpenteamos pelo cemitério, até estarmos mesmo à beira do penhasco. Fechando meus olhos, descanso minha cabeça contra seu peito, e me aqueço na mistura de seus batimentos cardíacos e as ondas quebrando abaixo. A recepção do casamento está ótima, mas ter alguns momentos roubados com meu marido, exatamente onde nos conhecemos, é ainda melhor.

O som de um isqueiro *Zippo* acendendo. O gosto de fumaça na minha língua. Abro a tampa e ergo o pescoço bem a tempo de ver Angelo enfiar um cigarro aceso entre os lábios.

— Não me lembro da última vez que te vi fumando.

— Pelos velhos tempos — ronrona, deslizando-o entre meus lábios e segurando-o lá. Ele me observa fascinado enquanto dou uma tragada longa e lenta. Quando expiro, captura a fumaça em sua boca. Minha respiração e a sua respiração, o seu coração e o meu são intercambiáveis agora.

Seu olhar dispara para o céu. — Será você, em breve.

Sigo a linha de seus olhos para o avião voando acima. Um sorriso divide meu rosto em dois, excitação zumbindo em minhas veias. Há alguns dias, Angelo me surpreendeu com uma carta. Era da *Northwestern Academy of Aviation*, informando que minha vaga na escola ainda era válida, com a condição de que passasse no exame final e nunca consegui fazer. Não sei quantas pessoas meu marido teve que subornar ou intimidar para conseguir isso, mas o meu lado sombrio não se importa.

Acima da minha cabeça, Angelo dá uma última tragada e joga a bituca no mar lá embaixo.

— Sabe, isso não é muito bom para o meio ambiente.

— E você não é muito boa para *mim.* — Diz, beliscando minha orelha. Ele me gira e apalpa minha bunda, puxando meus quadris contra os dele.

— Está duro — sorrio, esfregando contra sua ereção.

— Viu? Não é boa para mim. Desde que a conheci, ando por aí com uma ereção permanente. — Roça seus lábios nos meus, me envolvendo em tabaco, couro e uísque quente. — Tenho uma pergunta para você.

— Outra? Já disse sim.

Ele ri em minha boca separado meus lábios com um golpe de sua língua.

— Espera cair ou voar?

Eu me afasto dele e olho por cima da borda. Ele aperta minha cintura com mais força, como se estivesse preocupado que uma forte rajada de vento pudesse me derrubar.

— Voar — anuncio.

Viro-me para ele, amando como seus olhos brilham sob o luar. — Sim?

— Uh-huh, já caí. — Faço uma pausa para efeito dramático. — Apaixonei-me por você.

Ele para, então balança a cabeça em descrença. — Puta merda, acho que essa é a coisa mais cafona que já disse.

Rindo, pressiono meus lábios contra os dele novamente, puxando sua nuca para aprofundar o beijo. Um rosnado lascivo vibra em seu peito, e pressiono minha mão contra suas costelas para senti-lo melhor. De repente, o interior das minhas pálpebras fica branco. Uma explosão ensurdecedora ocorre uma fração de segundo depois.

Angelo me puxa violentamente para longe da beira do penhasco e para a minha frente.

— O que...?

Minha pergunta porém desaparece quando meus olhos pousam na porto abaixo. Chamas laranja furiosas lambem o porto, gavinhas de fumaça nebulosas subindo e derretendo no céu negro. Meu coração bate forte na minha garganta, a percepção do que estamos vendo se estabelece na minha pele.
— Alguém explodiu o porto. — Sussurro.

Angelo está parado e silencioso, um forte contraste com os gritos que vêm da cidade abaixo. A tensão trava seus ombros, e quando se vira lentamente, o olhar em seu rosto rouba meu fôlego.

É escuro e perigoso. *Vicious.* O reflexo das chamas lambe as paredes de suas íris.

— Está pronta para a guerra, baby?

Um coquetel de luxúria e adrenalina escorre pela minha espinha.

— Pronta como nunca estarei.

Fim...

Notas

[←1]

-Pecadores Anônimos.

[←2]

-Pardal, pássaro. Ela usa a espécies de pássaros como se fosse um palavrão. Como não faz muito sentido em português, mantivemos o original.

[←3]

-Termo que caracteriza aquele tipo de calçado com furinhos, cuja costura forma um “W” na ponta.

[←4]

-Em italiano: Anedotas, piadas.

[←5]

-Em italiano: menina, senhorita, garota.

[←6]

-Em italiano: Senhor, garoto.

[←7]

-É o maior guia de viagem do mundo.

[←8]

-Considerado um dos hotéis mais luxuosos do mundo, é parte fundamental na paisagem da nova Dubai; construído para simbolizar a transformação urbana e ao mesmo tempo imitar a vela de um tradicional barco árabe.

[←9]

-Corvo, gralha.

[←10]

-Cruel, perverso, depravado, feroz, terrível.

[←11]

-Em italiano: meu amor, minha amada.

[←12]

-Em italiano: primo.

[←13]

-No Brasil, A Família Addams.

[←14]

-É uma revista mensal estadunidense fundada em 1920.

[←15]

-Em italiano: Acalme-se primo.

[←16]

-Em italiano: Filhos da puta, bastardos, desgraçados, malditos, cretinos.

[←17]

-Em italiano: Obrigado.

[←18]

-Ave, uma das poucas espécies animais capazes de se reconheceram em um teste do espelho. Pessoa que fala com aves e sem parar, muitas vezes não se fazendo entender. Na tradução significa “pega”.

[←19]

-Águia de cabeça branca, águia careca é uma ave nativa estadunidense.

[←20]

-Parque nacional com quase 6 mil quilômetros de área selvagem e de recreação.

[←21]

-Águia pescadora ou pesqueira.

[←22]

-Torda miúda marmorada.

[←23]

-Raposa prateada.

[←24]

-Qualquer tipo de bebida alcoólica feita secretamente para driblar a proibição de bebidas e os altos impostos.

[←25]

-Pessoa que distribui as cartas aos jogadores e gerencia a ação em uma mesa de pôquer.

[←26]

-Aperitivo pequeno para uma única mordida, são servidos de graça e de acordo com escolha do chef.

[←27]

-Demonstrações Públicas de Afeto.

[←28]

-Série britânica de romances populares para crianças.

[←29]

-Homem pássaro.

[←30]

-Fiorde é uma grande estrada de mar entre altas montanhas rochosas, originadas por erosão causada pelo gelo glacial.

[←31]

-Modelo desportivo compacto da Pontiac.

[←32]

-Naturalista britânico.

[←33]

-Em francês: O salão privado.

[←34]

-Bebida alta e gelada, normalmente feita com vinho branco e água gaseificada.